
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAPOEIRA, DESOBEDIÊNCIA E EDUCAÇÃO

MARCIO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA



**Rio Claro – SP
Agosto – 2018**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CAPOEIRA, DESOBEDIÊNCIA E EDUCAÇÃO

MARCIO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Câmpus de Rio Claro – SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Débora Cristina Fonseca

**Rio Claro – SP
Agosto – 2018**

O48c

Oliveira, Marcio Custódio de
Capoeira, desobediência e educação / Marcio Custódio de
Oliveira. -- Rio Claro, 2018
202 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Débora Cristina Fonseca

1. Educação. 2. Capoeira. 3. Desobediência. 4. Cosmovisão
africana. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: CAPOEIRA, DESOBEDIÊNCIA E EDUCAÇÃO

AUTOR: MARCIO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: DEBORA CRISTINA FONSECA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. DEBORA CRISTINA FONSECA
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER
Departamento de Comunicação Social / UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Bauru / SP



Prof. Dr. DEIVISON MENDES FAUSTINO
Departamento de Saúde, Educação e Sociedade / Universidade Federal de São Paulo - Baixada Santista - Santos / SP

Rio Claro, 23 de agosto de 2018

Dedico à memória de Elis Regina Feitosa do Vale que, entre tantas riquezas divididas, foi a maior incentivadora do meu ingresso na faculdade. E ao nosso filho Cauê, a maior de todas as preciosidades que ela nos deixou na terra.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Louvação:

lê viva os ancestrais. lê os meus voduns. lê que me deu forças. lê Ilê Axé de Yansã. lê Doné Oyacy e Tata Quejessy. lê meus mais velhos e meus mais novos. lê quem zelou por mim. lê que me en-sinou a zelar.

lê viva meus Mestres. lê Mestre Besouro. lê Mestre Cobrinha Verde. lê Mestre Gato Preto. lê Mestre Góes. lê Mestre Zeca. E principalmente: lê Mestre Pinguim. lê que rezou minhas pernas. lê que me ensinou a vadiar.

lê Grupo de Capoeira Angola Guerreiros da Senzala. lê Núcleo de Arte Afro-Brasileiras da USP. lê que se mantêm firmes nesta cultura a cultuar.

lê viva papai e mamãe. lê que me puseram nesse mundo pra causar. lê meus irmãos. lê que me en-sinaram a causar.

lê Elis. lê que dividiu um sonho. lê que me deu uma jóia. lê que me en-sinou que a academia também é nosso lugar.

lê Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca. lê que teve paciência. lê que acreditou. lê que me en-sinou a academizar.

lê Prof. Dr. Juarez de Paula Xavier. lê que me batizou na roda da academia. lê *Mójubá*.

lê Prof. Dr. Deivison Faustino. lê meu mano véio. lê que veio mais eu, nessa roda brincar.

lê Equipe da seção de pós-graduação. lê que estão sempre dispostos a ajudar.

lê “*meus*” povo todo. lê povo daqui. lê povo de lá.

*Nesse mundo camará,
mas não há, mas não há,
mas não há quem me mande*

*eu só sei obedecer
se mandar, só se for
São Bento Grande*

*É de angola, é de angola, é angolá
É de angola, é de angola, é angolá
(Paulo César Pinheiro. In:
"Capoeira de Besouro", 2010).*

RESUMO

Este estudo buscou refletir sobre as relações entre Capoeira, desobediência e educação. Partimos do pressuposto de que a Capoeira é “mandinga de escravo em ânsia por liberdade”, com seus jeitos e trejeitos de lutar contra a escravidão. Mesmo no período pós-abolição houve intensa repressão às culturas negras e ao povo preto e figura do lendário Besouro Mangangá aparece como um valente insubmisso, neste contexto. Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender o que é desobediência e qual o seu potencial educativo, na visão de Mestres de Capoeira contemporâneos, da linhagem de Mestre Gato Preto. Para isso, nos servimos do escopo teórico da cosmovisão africana e a metodologia de história oral de vida. Os participantes da pesquisa são Mestres da linhagem de Capoeira acima referida. Pudemos, então, identificar as influências das histórias de lendários capoeiras na trajetória destes Mestres, a partir de suas narrativas. Pudemos, ainda, compreender como eles concebem e lidam com a questão da desobediência e a relacionam com a educação. Sob um olhar capoeirano, pensamos sobre a necessidade de fazermos em nossas mentes uma descolonização, para podermos elaborar uma epistemologia afrocêntrica, que discuta a partir de termos próprios, ampliando, assim, nossa visão.

Palavras-chave: Cosmovisão africana. Capoeira. Desobediência. Educação.

ABSTRACT

This study sought to reflect on the relationships between Capoeira, disobedience and education. We start from the assumption that Capoeira is “mandinga of slave in desire for freedom”, with his ways and ways of fighting against slavery. Even in the post-abolition period, there was an intense repression of black cultures and black people and the figure of the legendary Besouro Mangangá appears as a valiant insubstantial, in this context. Thus, this research aims to understand what disobedience is and what its educational potential, in the view of contemporary Capoeira Masters, of the lineage of Mestre Gato Preto. For this, we use the theoretical scope of the African worldview and the methodology of oral life history. The research participants are Masters of the Capoeira lineage mentioned above. We were then able to identify the influences of the stories of legendary capoeiras in the trajectory of these Mestres, based on their narratives. We were also able to understand how they conceive and deal with the issue of disobedience and relate it to education. Under a capoeiristic look, we thought about the need to make a decolonization in our minds, in order to be able to elaborate an Afrocentric epistemology, which discusses from our own terms, thus expanding our vision.

Keywords: African worldview. Capoeira. Disobedience. Education.

SUMÁRIO

IÊÊÊ! EU VOU LER O ABC... ENTRANDO NA RODA	9
1. VEM JOGAR MAIS EU: SAÍDA PRO JOGO	15
1.1. Campo de mandinga	25
2. QUEM NUNCA VIU, VENHA VER: ALGUNS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA COSMOVISÃO AFRICANA E AFRO-AMERÍNDIA	31
3. RESPONDO O CORO CONFORME O REFRÃO: UMA NARRATIVA HISTÓRICA DA CAPOEIRA	57
3.1. Solto o jogo conforme a razão: características de uma linhagem	69
3.2. O voo de Besouro Mangangá.....	75
3.3. O bote do Cobrinha verde	82
3.4. O pulo do Gato Preto	87
4. IÊ VIVA MEU MESTRE: HISTÓRIA ORAL DE VIDA E CONCEPÇÕES DE DESOBEDIÊNCIA	92
4.1. O início da caminhada	92
4.1.1. <i>Iniciação na Capoeira</i>	96
4.2. Referência e reverência.....	100
4.2.1. <i>Trajetórias dos Mestres</i>	104
4.3. Na roda da vida: as instituições e autoridades	110
4.3.1. <i>Ainda estamos vivos</i>	116
4.3.2. <i>Entre a escola e o trabalho</i>	126
4.3.3. <i>Sobrevivência entre a cultura e o mercado de trabalho</i>	132
4.3.4. <i>Entre a cruz e o berimbau</i>	137
4.4. Conceito de desobediência.....	139
4.4.1. <i>Pensando a desobediência com os Mestres</i>	142
4.5. Capoeira, desobediência e educação.....	148
4.5.1. <i>Desobediência e educação Capoeirana</i>	159
5. A SAGA DO CAPOEIRA NA UNIVERSIDADE, EM: REFLEXÕES DERRADEIRAS DE UM BOM MENINO	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188
ANEXOS	196

IÊÊÊ! EU VOU LER O ABC... ENTRANDO NA RODA

Os capoeiristas se benzem, religiosamente e saem, na posição em que se encontram girando o corpo no sentido do adversário, iniciando o “jogo de baixo” com seus movimentos rasteiros característicos.
– PASTINHA, 1988, p. 36.

A Capoeira¹, quando manifestada na roda, desenvolve um jogo, jogado por dois, de perguntas e respostas do corpo. O corpo fala e responde aos desafios postos. O desafio desta pesquisa nasceu de um Trabalho de Conclusão de Curso que expôs o título **Anum não canta em gaiola: Estudo sobre Educação em Arte-Cultura e Privação de Liberdade**, no qual discutimos as potencialidades da *Capoeira* em seu modo de arte-educação com adolescentes em conflito com a lei e cuja liberdade estava em privação. O local escolhido foi um Centro de Atendimento Socioeducativo – CASA.

Na ocasião, pudemos observar que, entre capturas e esquivas, as atitudes dos adolescentes de confronto às normas impositivas estavam em consonância com as propostas das aulas de uma *Capoeira* viva – que trazia todo seu histórico de luta por libertação de negros e negras cativas, suas concepções e anseios de liberdade, que também confrontava aquele sistema e buscava alternativas. Com isto, a temática da desobediência passou cada vez mais a nos instigar, num convite à reflexão, num jogo mental de responder e perguntar – semelhante ao que fazemos no jogo de Capoeira, em seu modo próprio de raciocinar.

Aguçamos, assim, nosso olhar para os aspectos libertários dessa brincadeira, com foco nas histórias de *desobediência* de velhos Mestres e *lendários capoeiras*, presentes em *narrativas ancestrais*, expressões mítico/históricas² da nossa maneira³.

¹ Neste trabalho, valeremo-nos das mesmas acepções explicadas por Vale (2012) acerca do termo “Capoeira”: “[...] quando a inicial é maiúscula, o termo “*Capoeira*” é um **substantivo próprio** que diz respeito à arte, à Mãe-Capoeira; quando com letra minúscula, o termo “*capoeira*” diz respeito, tanto ao **adjetivo** – referenciando a qualidade, o modo capoeira de ser, estar e fazer-saber e ensinar – como também enquanto **substantivo comum** – referenciando a pessoa *capoeirista*, numa androginia que carrega simultaneamente o feminino e o masculino em sua acepção. (VALE, 2012, p. 45, nota de rodapé).

² “De uma forma ainda mais profunda, certas cosmogonias [africanas, e diríamos também, ameríndias] atribuem a um tempo mítico os progressos obtidos num tempo histórico que, não sendo recebido como tal por cada indivíduo, é substituído pela memória histórica do grupo”. (HAMA E KI-ZERBO, 1979, s/p.). Disponível em: <<http://afrologia.blogspot.com.br/2008/03/o-lugar-da-histria-na-frica.html>>. Acesso em: 08 mai. 2016.

³ Este texto está escrito na terceira pessoa porque foi composto por diversas vozes e não apenas a do autor. Sempre que nos expressarmos como “nossas maneiras”, “nossos modos”, etc., estamos nos

Passamos, com isto, a pensar como personagens de uma *mítico/historicidade* podem ter influenciado a *história de vida*⁴ de alguns Mestres da atualidade. Assim, refletimos sobre *Capoeira, desobediência e educação*, com bases teóricas da cosmovisão africana e da afrocentricidade.

A princípio, a figura de Manoel Henrique Pereira, conhecido como *Besouro Mangangá*, é quem mais nos chama a atenção, pela sua persistente postura de lutar e pelo fato de seus feitos serem narrados, para além do seu tempo e seu lugar. Em diversas cantigas de *Capoeira*, quer se manifestem na oralidade transpassada de Mestres aos alunos, quer na literatura, no teatro, no cinema, na música brasileira e nas artes, a narrativa ancestral toma seu rumo, além de documentários e escritos acadêmicos que nos revelam sua importância neste mundo.

Em nosso lamento-guerreiro profundo, acreditamos que sua presença no universo capoeirano, sobretudo suas características de *capoeira “destemido” e “desobediente”*, valente guerreiro de invejar qualquer espartano; exerça influências na trajetória destes Mestres da atualidade, originários de um universo cultural baiano. Nesta levada, nossa pesquisa caminhou no sentido de refletir com os recursos da oralidade na história: *como Mestres de Capoeira da atualidade significam a desobediência ao longo de sua trajetória? Sem o apego às comprovações arquivistas oficiais, valorizando muito mais a memória.*

A partir desta problemática, fizemos uma reflexão no caminho de pensar capoeiranamente em desobediência e educação, num diálogo com teorias epistemológicas africanas no Brasil e sua cosmovisão. Bem como seus conhecimentos originários, atitudes e valores, trazidos por africanos de diferentes etnias e que, no Brasil, uniram-se sem pudores para lutar contra sua condição de escravos – a qual eram subjugados pelos “senhores”, preservaram sua bagagem cultural africana e criaram uma cultura afro-ameríndia, numa utopia por tempos melhores (SODRÉ, 1988).

Neste passo, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar o que é desobediência, seu potencial educativo e o que, sobre isso, os Mestres têm a nos

referindo aos povos africanos e indígenas, que são nossas origens e nosso local de fala. Apenas em “campo de mandinga” optamos por escrever na primeira pessoa devido à força da experiência ontológica que tivemos quando fomos a campo, causadora de uma transformação pessoal marcante.

⁴ O sociólogo americano Denzin propôs, em 1970, a distinção das terminologias: *life story* (a história ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. (SPINDOLA & SANTOS, 2003, p. 121) Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

dizer. Mas as concepções de desobediência desses Mestres não apresentavam necessariamente um *potencial educativo*. Isso, logo pudemos perceber. *Na verdade*, este potencial educativo da desobediência está mais ligado a um entendimento nosso do que à concepção de um Mestre e seu saber. Trata-se de uma ousadia traquina de menino novo que quer se desafiar à busca por conhecimento e se põe a teste, como uma criança que faz perguntas inusitadas aos adultos, ainda que os adultos a contestem. Neste jogo de perguntas e respostas, chegamos com nossas ideias postas, que foram derrubadas por uma rasteira de Mestre.

Outro objetivo foi identificar as influências das histórias de desobediência de lendários capoeiras na trajetória de Mestres da atualidade. Contudo, percebemos, a partir das conversas, que haviam fatores mais relevantes à vossa identidade do que as histórias de desobediência, a saber: o preparo que os mais velhos tinham para se tornarem Mestres, preparo esse movido por princípios da ancestralidade.

Tivemos a intencionalidade de *compreender* como esses Mestres lidam com suas histórias de *desobediência*, na relação com as autoridades e instituições, a partir de suas próprias experiências para, então, refletir como a *desobediência* pode potencializar os processos de educação e pode ser emancipadora através dessa cultura de resistência. Para esses objetivos, nos foram cedidos ensinamentos fundamentais, durante as longas conversas que tivemos com os Mestres, que permitiram de fato essa compreensão, reflexão e muito mais. No entanto, vale ressaltar que a concepção de uma “potencialidade” da desobediência na educação não compõe necessariamente as concepções ancestrais.

Ao idealizar o projeto, lembramos que a *Capoeira* tem suas origens em práticas culturais dos africanos escravizados no Brasil e que, devido à necessidade de libertação, (re)criaram e desenvolveram mecanismos de defesa pessoal sem uso de fuzil, mas com a força de uma coletividade solidária a partir da bagagem cultural que trouxeram consigo desde sua terra natal (ABREU, 2005) – que o europeu invadiu. Assim, a arte da *Capoeira* foi perseguida desde sua prática inicial, no cativo e em “zonas libertas”⁵ conquistadas pelo povo negro para sua prática cultural. A *Capoeira* foi criminalizada, sobretudo em 1890⁶, com a criação de um código penal. No final do século XIX, as elites escreverem na legislação “*Dos vadios e capoeiras*” que previa

⁵ Expressão utilizada pelo movimento negro nos anos 1980 para se referir a espaços de cultura negra, como escolas de samba, casas de candomblé ou centros de Capoeira.

⁶ DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 – CAPÍTULO XIII: DOS VADIOS E CAPOEIRAS.

pena de dois anos de prisão para praticantes de “destreza corporal” que fossem surpreendidos pela repressão. Conforme esse contexto, os Mestres costumam relatar que capoeiras do passado resistiram às repressões policiais, às prisões e assassinatos, praticando sua arte escondidos e em segredo, de modo a produzir e manter seus conhecimentos culturais, assim como preservar a arte da *Capoeira* para que as novas gerações pudessem praticá-la, em memória e continuidade do legado dos ancestrais.

Entre os vários que resistiram à repressão, pode-se dizer que *Besouro Mangangá* é o mais conhecido e respeitado. Por sua vez, Mangangá tem um exemplo clássico de *desobediência*, comumente propagado no meio capoeirano. Trata-se de um caso de injustiça que foi cobrado por Besouro. Ele se candidatou, propositalmente, a uma vaga de emprego numa fazenda onde diziam que o fazendeiro colocava, na ponta da espingarda, o que seria dos empregados: a renda. Quem se atrevesse a pegar o dinheiro levaria um tiro nas ventas. *Besouro* foi lá, pegou o dinheiro dele, distribuiu aos demais, depois de quebrar o patrão numa contenda. (SODRÉ, 1988a).

Inspirados por histórias como essa, trouxemos uma convicção da pertinência de estudar as relações entre *Capoeira*, *desobediência* e *educação*. Isto se deve também ao fato de que, ainda hoje, há muitas concepções tradicionalistas, autoritárias e colonialistas que permeiam a educação (LEÃO, 1999). Embora essa discussão tenha avançado, compreendemos que a *Capoeira*, como uma arte afro-ameríndia, tem muito a ensinar ao professorado, bem como oferecer outras filosofias e caminhos para um modelo de educação descolonizado.

Isso porque, se por um lado a questão da *desobediência* está comumente atrelada à indisciplina, desrespeito, desordem, entre outros aspectos negativos, por outro, nossa ideia inicial foi poder refletir sobre *desobediência* a partir de um olhar positivo, com a noção do questionamento, da criticidade, da insubmissão, da luta antiautoritária, do devir combativo, como os exemplos clássicos de ícones da *desobediência civil* como Martin Luther King, Steve Biko e Nelson Mandela, entre outros revolucionários que não se renderam ao “povo da caravela”. Assim, nos propomos a pensar nos aspectos libertários da *desobediência*, presentes nas narrativas ancestrais da *Capoeira*, com alguns Mestres dela.

Desse modo, ao perguntar “*Como Mestres de Capoeira da atualidade significam a desobediência ao longo de sua trajetória?*”, foi aberto um caminho para se compreender: como esses Mestres concebem a desobediência nas suas próprias

histórias e nas histórias dos *lendários capoeiras* que eles trazem na memória; os percursos educacionais de seus discípulos, em processos de *ensinanças e aprendenças*⁷ e na caminhada para receberem seus títulos, proporcionando uma discussão sobre respeito e disciplina sob um olhar capoeirano; as relações com instituições e autoridades, no sentido de permitir uma reflexão sobre as potencialidades da desobediência para uma educação como prática da liberdade (FREIRE, 1967).

Ademais, entendemos que o estudo da questão da *desobediência* sob perspectivas da *cosmovisão africana no Brasil*, a partir das histórias de vida dos Mestres de Capoeira e a epistemologia que emergiu, trouxe contribuições para o campo da educação – com uma outra cara, com o nosso feitio. Por isso, enfatizamos a importância de o conceito de *desobediência* ser estudado e debatido no campo da ciência, diferente das formas convencionais, sob outras óticas, outras referências.

Afinal, esse conceito consagrado, elaborado e propagado pela imprensa, leva a população a clamar cada vez mais por punições como respostas a atos de *desobediência*, que vão desde um simples conflito geracional intrafamiliar, passando por *desobediências civis* de movimentos politizados, à *delinquência*. Todos esses tipos de *desobediência* provocam um desconforto social e, em certos momentos, são colocados no mesmo pacote e até mesmo usados como argumento pelo apelo social que reivindica o endurecimento de políticas repressivas, como a *redução da maioria penal*. Por esse motivo, esta pesquisa procurou discutir a *desobediência* como ato político, distanciando-se da classificação de delinquência impregnada neste sistema crítico e defendido na escolarização brasileira, desde o modelo jesuítico.

Além disso, este estudo pretende colaborar com a difusão de conhecimentos construídos e preservados por Mestres de *Capoeira* em suas inteligências. Conhecimentos estes que muitas vezes ficam restritos aos que se dedicam ao aprendizado da *malemolência* e defendidos por esses Mestres como um modo de fazer ciência. Por isso, trazer para o campo acadêmico as vozes desses Mestres que cumprem o papel de educadores da cultura popular é valorizar estas pessoas que, ao longo da história, foram excluídas dos espaços formais do pensar. Foram impedidas de avançar com uma produção de conhecimento peculiar. Contudo, conseguiram difundir nossa arte em mais de cem países, em todo o mundo, em todo lugar.

⁷ Termo utilizado por Vanda Machado (2006) numa elaboração epistêmica de educação sob uma cosmovisão africana.

*Olho para um lado vejo Capoeira,
Olho para o outro capoeira é...⁸*

Outra questão importante – que diz respeito a uma função social deste trabalho que a gente fez – é oferecer suporte teórico e colaborar com os processos de implementação da lei 10.639/03 (BRASIL, 2003)⁹, que visa combater o racismo escolar e fortalecer a autoestima das crianças negras outra vez.

⁸ Cantiga de capoeira. Domínio público.

⁹ Altera a LDB e obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no ensino básico.

1. VEM JOGAR MAIS EU: SAÍDA PRO JOGO

Mandinga de escravo em ânsia por liberdade. Seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio dos Mestres.

– Mestre Pastinha, frase disponível num cartaz no CECA¹⁰.

Mestre Pastinha, um dos maiores ícones da Capoeira Angola, tinha o hábito de, sobre a Capoeira, filosofar. Não ter método, ao contrário do que parece, diz respeito à variedade de modos como a Capoeira pode se estudar/praticar/ensinar. Jamais a ausência disso, é o que podemos afirmar. Esta variedade mostra que a Capoeira tem princípios, mas não se enquadra numa padronização metodológica. Mostra, ainda, que propicia a criação a partir dos fundamentos – essa é a lógica. Esses caminhos abertos para a criação lhe dão infinitas possibilidades de elaboração gnosiológica.

Contudo, para fins acadêmicos, procuramos nos adaptar aos preceitos da universidade e fazer a escolha adequada de uma metodologia que bem se adeque a este estudo de natureza qualitativa. Segundo Bogdan (1994), as pesquisas qualitativas caracterizam-se, dentre outros fatos, por dar maior ênfase aos processos e não aos resultados. Deste modo, nossa análise se reportou à *trajetória* dos Mestres de *Capoeira* e aos seus processos preparatórios. Nestes processos, nos atentamos às concepções atribuídas por eles com seus repertórios em relação às questões relacionadas à educação e desobediência, a partir de seus saberes notórios. Neste estudo, devido às características subjetivas – também concernentes às características da pesquisa qualitativa –, nossas considerações não foram nem poderiam ser mensuradas de forma quantitativa.

Vale ressaltar que esta arte compôs nossa trajetória de vida num período em que passamos cerca de quinze anos afastados das instituições escolares, até o ingresso no curso de Pedagogia e, hoje, no programa de pós-graduação, de difícil

¹⁰ Centro Esportivo de Capoeira Angola

acesso aos populares. Deste modo, a Capoeira Angola tem sido, desde o primeiro contato, elemento fundamental em nossos processos constitutivos singulares.

Assim, no momento em que definimos nossos objetivos de pesquisa, nos remetemos a todo o nosso processo de *en-sinanças* e *aprendenças*, às concepções de educação que apreendemos ao longo deste processo e às nossas principais referências, que no universo da Capoeira são, justamente, os Mestres Pinguim e Góes, a quem sempre pedimos licença. O primeiro, por ter batizado nossas pernas e ensinado a caminhar na capoeiragem, enquanto o segundo por dar continuidade ao legado do seu pai, nosso Mestre Gato Preto, que já fez sua passagem. Acompanhando e orientando de forma intensa desde 2002, ano de falecimento do saudoso Mestre, a eles prestamos nossa homenagem.

Menino quem foi teu Mestre?
 O meu Mestre foi Pinguim.
 Aprendeu com Mestre Gato
 e ensinou para mim.
 E também com Mestre Góes
 que é filho de Gato Preto.
 Ensina a filosofia
 e a magia do instrumento.
 Lê viva meus Mestres...
 Lê viva meus Mestres camará...
 (Hino improvisado: Marcio Folha).

Nesta entoada, o tema Capoeira, des-obediência e educação – que é tema desta pesquisa e também o título desta dissertação – surge a partir das narrativas ancestrais sobre Besouro Mangangá, conterrâneo de Mestre Gato, natural de Santo Amaro da Purificação. Esse lendário capoeira é apresentado nas narrativas como um homem insubmisso, uma das grandes referências que influíram na trajetória dos Mestres da atualidade e, por isso, é preciso ser lembrado e louvado. Não podemos, não queremos e não iremos fugir disso. Portanto, para fins desta pesquisa, a primeira etapa foi o levantamento de uma revisão bibliográfica que buscou aprofundar o entendimento dos conceitos de desobediência e ampliar nossas fontes teóricas, fundamentalmente, a partir de uma cosmovisão centrada na cultura de África.

Assim, na seção intitulada: “*Quem nunca viu, venha ver: alguns aspectos da cosmovisão africana*”, enumeramos aqueles que julgamos mais significativos. Embora esteja sob uma ordem numérica, não foi nossa intenção classificá-los, muito menos hierarquizá-los em graus de importância. Acreditamos que a consolidação teórica dessa cosmovisão foi possível ao longo do tempo por conta das influências de uma

movimentação de militantes e ativistas do movimento negro, que viram a necessidade da liberdade intelectual e de expressão. Deste modo, podemos compreender melhor o porquê do crescimento recente de pesquisas acadêmicas no campo da filosofia, história, educação, por estudantes e docentes, de modo a propiciar a descolonização intelectual de nossas mentes.

Por isso, apoiamo-nos em autores como Sodré (1988, p.132), a partir do que ele chamou de *reposição brasileira*: “(...) a ordem original (africana) foi repostada, sofrendo alterações em função das relações entre negros e brancos, entre mito e religião, mas também entre negros e mulatos e negros de umas etnias com de outras.” Essa ordem original seria todo o complexo cultural dos povos africanos, sobretudo aqueles que foram trazidos para estas terras.

Assim, essa ideia vem sendo aprofundada por outros autores, como Machado (2010), com seu pensamento verdadeiro, que contribui para uma epistemologia da *cosmovisão africana*, reitero, ao afirmar que “foi construída com sabedoria e arte pela tradição e atualizada com sagacidade e coragem por seus herdeiros (MACHADO, 2010, p. 8)”. Esta autora ainda vai exemplificar características desta *cosmovisão* ao dizer que, no pensamento africano, “Corpo, mente, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências [do cotidiano], tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos (MACHADO, 2010, p. 8).” Como o princípio da *criatividade infinita* no viés capoeirano.

Se, por um lado, a *cosmovisão africana* se caracteriza como o aporte teórico fundamental, por outro, a desobediência é, nesta pesquisa, o tema central e será buscado nas narrativas de história de vida oral. Uma vez que estamos escrevendo em uma língua europeia, somos forçados a utilizar termos que não são nossos. Assim, sob o princípio da afrocentricidade dedicamos nossos esforços à reconstrução dos nossos termos e modos de escrita apropriados à cultura africana, porém a modo grosso. Isto porque, embora conheçamos, não dominamos o contexto dos termos africanos utilizados, impossíveis de se aprender no curto tempo de uma pesquisa de mestrado. Porém, fica como ponto de partida, para estudos posteriores, este que aqui temos iniciado.

A afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam. Em termos teóricos é a colocação do povo africano no

centro de qualquer análise de fenômenos africanos. Assim é possível que qualquer um seja Mestre na disciplina de encontrar o lugar dos africanos num dado fenômeno. Em torno de ação e comportamento ético. Finalmente a afrocentricidade procura consagrar a ideia de que a negritude em si é um tropo de éticas. Assim, ser negro é estar contra todas as formas de opressão, racismo, classismo, homofobia, patriarcalismo, abuso infantil, pedofilia e dominação racial branca. (ASANTE, 2014a, p. 3).

Feita a devida revisão bibliográfica e, enfim, definidas as principais referências da nossa teoria, o segundo passo foi a coleta de dados, que fizemos como dissemos, dividindo em duas etapas: levantamento documental e entrevistas. A princípio, fizemos um levantamento de diversos materiais que continham *narrativas ancestrais* sobre os *capoeiras lendários*, como textos em verso e prosa em livros literários, cantigas de *Capoeira* e músicas brasileiras, teatros e filmes e que, para a coleta documental, estavam todos no itinerário. Também utilizamos documentos que apresentam elementos para a elaboração da biografia desses Mestres antigos, como documentários, dissertações, teses e registros oficiais de delegacias de polícia e artigos, onde aparecem alguns casos de desobediência de lendários capoeiras que, por sua vez, até sofreram com castigos.

Após esse levantamento inicial, fizemos uma primeira análise (PIMENTEL, 2001) de cunho seletivo. Ela serviu para organizar os materiais que foram de fato utilizados como fonte de dados, dentre os que estavam em nossos arquivos. Fizemos fichamentos que contêm as seguintes informações: título, resumo, referências e trechos para possíveis citações feitas de modo assertivo. Além disso, como propõe André (2013), levantamos algumas questões sobre os materiais selecionados que nos deram condições para compreendermos melhor os contextos que estavam sendo narrados e, assim, elucidar alguns questionamentos que à desobediência estavam relacionados.

Foram feitas indagações, como: Quem é o lendário capoeira que aparece na narrativa? Onde e quando nasceu? Quais as características de sua terra natal e do tempo seu? Qual sua formação e profissão, principais atividades e legados que nos deu? Como sua relação com as instituições e autoridades da época se sucedeu? No que suas atitudes influenciaram a sociedade vigente? Por que tanta gente nos tempos de hoje o conheceu? Isto porque foi preciso localizar os atos de *desobediência* destes personagens no contexto seu.

Nesta sequência, como falamos acima, a segunda parte desta etapa foi a gravação das conversas, sem perder de vista que, em nosso projeto de pesquisa, havíamos definido as entrevistas como instrumento de coleta de dados. Porém, recebemos dos participantes da pesquisa ensinamentos dignos de Mestres capoeiristas. Após uma longa jornada repleta de dificuldades para realizar esta parte do trabalho, seguindo os protocolos acadêmicos e as normas do conselho de ética para não sofrer retalhos, percebi a relutância dos Mestres em dar entrevista neste formato comum às pesquisas científicas, por isso se caracterizou como um método falho.

Sem delongas, compreendi que, para estes Mestres, a relação com a academia sempre foi tensa. Em primeiro lugar, pelas barreiras inerentes a esta universalidade pretensa, que impossibilitou o ingresso dos mesmos, numa exclusão extensa. Em segundo lugar, porque não é a primeira vez que recebem esse tipo de proposta e, nas experiências anteriores, alguns pesquisadores se aproximaram montados no alto do pedestal da sua arrogância acadêmica e se colocaram de forma imposta, trataram os Mestres como objeto, sugaram os conhecimentos e foram embora sem dar nenhum tipo de retorno, após conseguirem suas respostas.

Para conseguir gravar os depoimentos, tive que fazer diversas visitas e conversas informais. Nessas conversas, muitas das falas poderiam ser usadas na pesquisa mas, como ainda não haviam sido realizados os preceitos formais, os ensinamentos adquiridos ali não foram registrados e, então, ficarão para nossos futuros memoriais. Gravamos apenas as falas mais significativas que a memória conseguiu apreender. Num certo dia, Mestre Gato Góes sugeriu que, em vez de uma entrevista, deveríamos outra coisa fazer, uma conversa como aquelas que poderia ser gravada, num diálogo horizontal onde não há a obrigação de perguntar e responder.

Nessa perspectiva, abandonamos a metodologia de entrevista semiestruturada, fenomenológica (MANZINI, 2004), e procuramos conciliar essa conversa gravada aos fundamentos da entrevista de pesquisa (auto) biográfica (DELLORY-MOMBERGER, 2012), que traz uma peculiaridade na coleta de história de vida em sua forma metodológica. Ainda assim, fizemos uso das perguntas que havíamos elaborado, sem nos prender ao roteiro de entrevista como havíamos pensado, mas apenas para que o rumo da conversa não escapasse ao tema pesquisado.

Desse modo, suas participações foram imprescindíveis para colaborarmos para uma reflexão sobre desobediência, para a elaboração de uma epistemologia da educação capoeirana. Para isso, nos apropriamos e ressignificamos o conceito de “entrevista de pesquisa (auto)biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2012), onde passamos a chamar de “conversa de pesquisa (auto)biográfica”. Segundo essa autora:

[...] a finalidade da entrevista [ou conversa] é mesmo colher e ouvir, em sua singularidade, a fala de uma pessoa num momento x de sua existência e de sua experiência. O fato de esta fala (e a experiência que relata) ser atravessada pela história, pelo social, pelo político, de ser em grande parte feita de representações, crenças coletivas, de discursos alheios, em suma, o fato de ela ser uma fala de sua época e de sua sociedade é plenamente reconhecido pela pesquisa biográfica que vai mais além: faz dela uma dimensão constitutiva da individualidade. Em decorrência disso, o investigador em pesquisa biográfica deve ter o conhecimento mais preciso possível do campo e dos contextos em que desenvolve sua observação: não com o objetivo de distinguir, na fala dos seus entrevistados, o que seria da ordem do coletivo e o que seria da ordem do individual, para distinguir e separar o que seria exterioridade social e interioridade pessoal, e sim para darem-se os meios de apreender e compreender as biografias individuais, isto é, os espaços-tempos singulares que cada um configura a partir da conjugação de sua experiência (e da historicidade de sua experiência) e dos mundos-de-vida, dos mundos de pensar e agir comuns de que participa. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

Com isso, mantivemos esses pressupostos para a compreensão do que se chama, na academia, de coleta de dados. No entanto, ao substituir a palavra “entrevista” por “conversa”, não se trata de um jogo retórico que está dado, estamos nos colocando de fato numa posição horizontal com o participante da pesquisa, como mais adiante será mostrado. A partir do questionamento que Mestre Góes nos fez¹¹, relembramos que as “entrevistas”, por sua vez, remetem a uma memória ligada à opressão outra vez – como os interrogatórios policiais, os sensores estatísticos, triagens médicas, depoimentos judiciais, que se apresentam para setores da população como recursos desumanizados, tratando-os como animais. Essa levada da investigação de problemas, na qual os depoentes são sempre tratados como objetos, não serve para

¹¹ “Por isso que eu falei sobre a entrevista. Você entrevistou quem? Não. Eu conversei com fulano. Porque a conversa é uma coisa e a entrevista é outra. A entrevista é exata e a conversa é ampla.” (Mestre Góes, durante a conversa gravada para esta pesquisa).

esta pesquisa qualitativa – que tem por objetivo a busca do conhecimento de Mestres de Capoeira, não por contrato, mas por afeto.

Assim, nessas conversas, assumimos e enfatizamos também as subjetividades intrínsecas às conversas entre Mestre e discípulo, zelando muito mais pela qualidade do que mensurações categóricas de análises frias das quantidades. Afinal, nessas conversas, percebemos que os participantes ficaram à vontade para falar, sem o compromisso de responder certo ou errado, sem se colocarem na defensiva e sem sentirem a necessidade de agradar. Entretanto, isso é o que costuma acontecer em certas entrevistas, quando os pesquisadores não constroem essa noção participativa, sucumbindo o protagonismo do narrador e tornando coadjuvantes os protagonistas.

Então, ligamos a câmera, sentamos à frente do Mestre e a conversa aconteceu. Na primeira oportunidade, pedimos para ele falar dos caminhos seus, sua trajetória de vida e o que de importante nela aconteceu. Aos poucos fomos fazendo perguntas, introduzindo nossas questões, às vezes em forma de um caso, conforme cada uma das ocasiões. A sabedoria contida nas falas nos remetem aos velhos anciões. Assim, fomos incentivando a fala sobre as possíveis influências dos atos dos lendários capoeiras em atitudes de desobediência, em sua trajetória enquanto educadores da cultura popular, para então entender sua procedência. Procuramos saber sobre suas relações com as instituições e as autoridades, bem como sobre seus processos de aprendizado e constituição da identidade, enquanto Mestres de Capoeira, desde sua mocidade.

Realmente, nesses relatos apareceram informações importantes sobre os *lendários capoeiras*, preservadas através da tradição oral, coisa dos tempos de antes. Importa dizer que o conhecimento previamente adquirido nos documentos nos ajudou bastante. Pois no diálogo com os Mestres e na compreensão do que estava sendo dito, houveram falas complexas reveladas por esses eruditos, entre mitos e histórias, as quais nenhuma cai em descrédito. Por exemplo, conhecer nomes de pessoas e lugares que foram citados por eles. Assim, na posição de *narratários*, procuramos desenvolver a conversa na perspectiva de nos dispormos a ouvi-los, os *narradores*, e fazer ecoar as vozes deles:

A ordem canônica e quase ontológica da pergunta antecedente e da resposta consecutiva só pode ser, então, invertida. Em se tratando de seguir os atores, o narratário não pode mais anteceder o narrador, só

pode correr atrás dele e tentar ficar o mais perto possível dele nas sinuosidades, nas bifurcações, nas rupturas dos seus caminhos e dos seus desvios, sem nunca ultrapassá-lo. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 528).

Em outras palavras, usamos o nosso conhecimento prévio no campo da capoeiragem para realizarmos algumas intervenções cuidadosas com precisão, que puderam colaborar na criação de condições ideais para essas conversas, mergulhando em tempos passados, como numa viagem.

É importante falar que o critério de seleção dos participantes da pesquisa foi baseado em uma linhagem específica de *Capoeira*, que tem seus modos e formas precisas. Essa linhagem foi desenvolvida por seu percussor – o saudoso Sr. José Gabriel Góes, conhecido por Mestre Gato Preto – o Berimbau de Ouro da Bahia, linhagem pela qual vestimos a camisa. A escolha dessa linhagem se deve ao fato de esse Mestre ser oriundo da cidade de Santo Amaro da Purificação, o berço da *Capoeira Angola* e de *lendários capoeiras*, como Mestre Cobrinha Verde e Besouro Mangangá, com quem aprendeu a lição. Cobrinha quem ensinou à Mestre Gato Preto, entregando-lhe um legado nas mãos. Assim, conversamos com dois Mestres em plena atividade. Mestre Góes, filho mais velho de Mestre Gato Preto, e Mestre Pinguim, mandingueiro na arte e o mais novo discípulo na cidade de São Paulo, responsável pela preservação dessa linhagem da qual fazemos parte.

Ressaltamos, aqui, que tivemos o cuidado de minimizar os riscos de possíveis constrangimentos que pudessem ser causados ao longo das conversas, reservando o direito ao participante de, caso julgasse necessário, não nos dar o argumento. Ou até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Nessa perspectiva, também foi reservado o direito de anonimato ou não, conforme a declaração de interesse do entrevistado, segundo a Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, do Plenário do Conselho Nacional de Saúde – este foi o combinado.

Importa dizer que não faz sentido, nesse caso, a normativa do comitê de ética em zelar pelo anonimato dos participantes. Se, por um lado, esse direito tenha sido garantido por lei, com o intuito de proteger a integridade das pessoas e deixá-las mais confiantes – sobretudo em pesquisas com a temática da violência e afins, em que realmente identificá-las seria preocupante –, por outro, entendemos que um caráter de nossa pesquisa é o reconhecimento dos saberes desses Mestres enquanto sujeitos protagonistas e mantenedores de conhecimento que a academia negou sem pudores. Assim, com a autorização prévia dos participantes, fizemos questão de manter os seus

nomes no texto. Para não cometer erros de antes, conscientes de que esta pesquisa tem esse contexto, de modo que nem mesmo essa regulamentação pode impedir o reconhecimento de quem tem nome e não apelido, fica aqui meu manifesto.

Neste jogo, a quarta etapa foi de tratamento do material colhido com o uso dos recursos da transcrição. Esta é uma técnica comumente utilizada em pesquisas de história oral, por isso escolhemos esta opção, uma vez que estamos ressaltando a oralidade conforme nossa tradição.

A tradição oral é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos. Pode parecer o caos àqueles que não penetram em seu segredo; pode confundir o espírito cartesiano habituado a separar todas as coisas em categorias bem definidas. Na verdade, o espiritual e o material não se dissociam na tradição oral [...] É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação de ofício, história, divertimento e recreação, e cada minúcia sempre pode ajudar a remontar à Unidade primordial. (HAMPATÉ BÂ, 1979, p. 17).

Segundo Caldas (1999 s/p.), a transcrição é uma “concepção e visão de mundo, não somente de como se produz um texto, mas sobre o fundamento da própria realidade e de como podemos compreendê-la e modificá-la”, sem fugir ao contexto:

O conceito de transcrição para nós quer dizer uma ação criativa geral que busca tanto as ficcionalidades pessoais, grupais e coletivas quanto o presente como nossa matéria fundamental, nossa ficcionalidade básica. É recriar, através dos artifícios de diálogos gravados, tanto as possibilidades do significado (o que no fundo é dizer que não traduzimos nenhum significado), quanto as flutuações até mesmo físicas daquilo que é o outro: dar vida ao presente do outro: transcriar: fazer viver uma vivência de uma outra maneira, isto é, fazer fluir a vivência da interioridade, da voz, para o mundo da escrita: buscar o espírito da vivência, jamais um reflexo do vivido: criamos em conjunto um texto aberto que possa dialogar com as aberturas das vivências, com a polissemia, as multiplicidades próprias do ser social. (CALDAS, 1999, s/p.).

Com isto, fizemos essa *transcrição* através de algumas fases. A primeira é a da *transcrição* bruta, a simples passagem da palavra oral para a escrita, frase por frase. Nesse momento, fizemos atenção às entonações, escolhendo a pontuação que melhor case. Em seguida, a *textualização*, ao retirar as perguntas e colocar elementos de coesão que permitiram que a entrevista se tornasse um texto corrido, e só depois a *transcrição*. Nossa transcrição foi bastante simples, apenas juntamos as falas simulando uma conversa entre os participantes. Esses diálogos foram devolvidos aos

participantes, que nos deram sugestões de alterações diversas. Como a oralidade dos Mestres é por si poética, procuramos não alterar muito suas palavras, pensando: em nossas considerações a gente versa.

Sabemos que, nas culturas negras africanas e das diásporas, em diversos povos e tradições, a oralidade é a grande responsável pela preservação de conhecimentos ancestrais através das gerações. Trazer, nesta pesquisa, as histórias de vida dos lendários capoeiras e Mestres da atualidade, fazer uma ponte direta de diálogo entre o passado e o presente, foram algumas de nossas intenções. Por isso, um texto versado como no cordel ou no repente, no samba, no rap e na capoeira de repente, nos pareceu mais próximo de um modo de expressão verbal da nossa gente.

Nessa entoada, pudemos observar alguns aspectos fundamentais dessa cultura que irá nos ajudar a refletir sobre a questão da pesquisa. *“Como os Mestres de Capoeira da atualidade significam a desobediência ao longo da sua trajetória?”* Não tivemos exatamente uma resposta precisa. Zelamos por uma razão sensível para interpretar um texto que, a nosso ver, não se analisa.¹² O que procuramos fazer foi aprender, com os Mestres, concepções que não conhecíamos bem, num movimento de interpretação sensível às falas e informações que ali contêm. A partir do entendimento precário, somar ao escopo teórico da cosmovisão africana e poder ir além.

Também não se pode categorizar e separar em fatias o conhecimento que nos foi passado. Por isso, para as narrativas transcritas, encontramos um modo do texto ser organizado, de modo a zelar pela Unidade primordial, da qual Hampate Bá (1979) já havia nos falado. Num primeiro movimento, trazemos uma conversa sobre a *“Trajetória dos Mestres”*, os dois baianos que viveram fora da Bahia, um na Europa, o outro na capital de São Paulo, zona oeste. Eles falaram sobre seus aprendizados e a convivência com Gato Preto, nosso Mestre. Sobre os *“Fatos ocorridos na relação com as instituições e autoridades”*, nos contam muitos casos que aconteceram de verdade, abordando temas como polícia, escola, trabalho e religiosidade. Quando

¹² Uma vez que estamos fazendo uma pesquisa capoeirana, seguimos os preceitos da Capoeira, o respeito à hierarquia numa perspectiva afrocêntrica, de modo que se torna inadequado “analisar” a fala dos Mestres, pois são eles os detentores dos saberes aos quais estamos buscando compreender. A obsessão acadêmica pela análise e categorização nos soa arrogância intelectual. Trata-se de um erro grosseiro muito comum aos diversos antropólogos que construíram verdades acadêmicas sobre a cultura negra pelo mundo, em análises equivocadas, quando não maldosas, sem a sensibilidade necessária e o tempo de assimilação para o aprendizado e entendimento das palavras dos Mestres da cultura popular, fonte na qual esses pesquisadores beberam, se beneficiaram, mas não souberam valorizar.

chegada a hora de falar especificamente sobre a “*Concepção de desobediência*”, nos deram uma aula sobre disciplina, hierarquia, ordem e poder, com discursos de profunda consciência. Enfim, todas essas questões anteriores são trançadas em “*Ensinos da Capoeira em relação à educação e desobediência.*”

Realizamos a conversa com dois Mestres. O primeiro é o Mestre Góes, filho mais velho de Mestre Gato Preto da Bahia, o Berimbau de Ouro. Mestre Gato Preto, sete dias antes de “alcançar o caminho das boas aventuras”¹³, entregou ao filho mais velho a responsabilidade de dar continuidade ao legado que deixou, seu tesouro, confiante de tê-lo preparado como um grande Mestre – que há muito deixou de ser calouro. O segundo é Mestre Pinguim, o discípulo mais novo de Mestre Gato e que, entre os irmãos de Capoeira, foi ele quem teve maior convivência com Mestre nos últimos tempos, isso é fato. É hoje o mantenedor dessa linhagem de Capoeira na cidade de São Paulo, um Mestre sábio e sensato.

Embora as conversas tenham sido feitas individualmente, consideramos interessante intercalar as falas, num processo de transcrição valorizando a voz de quem não se cala, e mobilizando o axé dessa roda para que estas filosofias não sejam jogadas na vala. Assim, para dar esse caráter de diálogo fictício, introduzimos alguns elementos de coesão que julgamos propício e colocamos nossas reflexões em seguida, compondo a conversa como pensamentos, sem fragmentar ou perder as falas dos Mestres e, assim, sem causar o desperdício. A seguir, falaremos sobre os passos dados para a gravação das conversas, relatando como foi desde o início.

1.1. Campo de mandinga

Lidar com a Capoeira requer manha. Tem a manha de ir devagar, na manha. Tem a manha de ter as manhas. Tem a manha de ser manhoso, malicioso ou moroso. E tantas outras manhas, que cada um tem a sua. Lidar com a Capoeira requer todas elas. Bom, já faz mais de 20 anos que conheço meu Mestre Pinguim e, através dele, a figura e os ensinamentos de Mestre Gato Preto.

Mestre Gato Góes, o filho do homem, conheço há exatos 17 anos. E, ao longo desse tempo, eles vêm me ensinando alguma coisa sobre as artimanhas da Capoeira. Com certeza não ensinaram tudo sobre isso. Primeiro, porque não há quem saiba

¹³ Forma de se referir à morte, usada por Mestre Cobrinha Verde. (SANTOS, 1991, p. 18).

mesmo tudo de algo. Segundo, porque talvez não seja possível ensinar, nem mesmo, o tudo que eles sabem sobre algo dessa natureza. E terceiro, porque ousou dizer que nenhum Mestre de Capoeira ensina tudo o que sabe. O que me faz desconfiar, com todo respeito, até mesmo de Mestre Pastinha, que disse ter ensinado aos seus discípulos João Pequeno e João Grande, tudo. Até o pulo do gato¹⁴.

Devido ao meu envolvimento e comprometimento com a cultura negra e a Capoeira e devido à minha boa relação com esses Mestres, me propus a pesquisar uma temática que me parece tanto complexa quanto interessante, a *desobediência e educação*, numa visão da *Capoeira*. Eu tinha certeza de que não teria problemas para realizar as entrevistas, pois sabia que poderia contar com a colaboração de ambos. E realmente estava certo, só não foi assim tão simples.

Faz alguns anos que saí da capital de São Paulo para seguir meus estudos acadêmicos pelo interior. Entre todos os prós e contras, essa escolha teve uma consequência terrível, estar fisicamente distante do meu ponto de partida, das minhas origens na Capoeira, do meu Mestre. Mas isso tanto já era sabido por mim desde que fiz a escolha, quanto era de conhecimento dos Mestres, que me apoiaram e apoiam na trilha deste caminho.

No entanto, mantive contato e prossegui com meus estudos, treinos, prática e filosofia de vida da Capoeira, conforme os fundamentos dessa linhagem, inclusive dando continuidade ao desenvolvimento do grupo Guerreiros da Senzala na cidade de Araras. Algum tempo se passou até que eu retornei, já formado pedagogo. Agora, numa nova etapa, dando seguimento aos estudos no programa de pós-graduação. Voltei modificado pelo tempo e pelo meio, no meu jeito de andar, de falar e de pensar. Com a proposta de convidá-los para participarem desta pesquisa de mestrado, o convite foi aceito de pronto. Mas daí... até se concretizar o planejado, o mundo deu algumas voltas e muita água correu embaixo da ponte.

Devido à distância, enviei mensagens ao meu Mestre Pinguim, que está um pouco mais perto e seria de mais fácil acesso. Reforcei a ideia da pesquisa, o tema, problema, questão, objetivo, metodologia, etc. Combinamos de nos encontrar num sábado às 10h na sede do grupo Guerreiros da Senzala na Universidade de São Paulo. Fiz questão de chegar um pouco antes, para poder descansar e me preparar

¹⁴ O pulo do gato se refere a uma fábula em que a onça pede ao gato que lhe ensine suas habilidades. O gato se dispõe a ensinar-lhe tudo, mas seu pulo ele guarda para si, para garantir que sempre terá uma carta na manga.

para os trabalhos. Levei a filmadora, tripé, bateria, TCLE¹⁵, questões da entrevista por escrito, caneta e bloco de anotações, enfim... tudo o que eu precisava para realização dessa etapa da pesquisa. Às 10h, o Mestre ainda não havia chegado. Às 10h30 também não, nem mesmo às 11h.

Enquanto eu pensava num jeito de entrar em contato com o Mestre, ou de adentrar o espaço, um rapaz chegou. Eu não o conhecia, nem ele me conhecia. Nada devia a ele nem ele a mim. Ao me ver, manteve uma certa distância e ficou discretamente observando o que eu fazia. Eu, que já havia ganhado seu movimento, continuei fuçando as janelas, como se não o tivesse percebido. Ele não se aguentou e veio até mim. Perguntou o que eu fazia lá e se eu conhecia alguém da Capoeira. Era um aluno novo do grupo e estava preocupado com a pessoa estranha olhando pela janela, que era eu. Achei graça e respondi na manha, sem dizer exatamente quem eu era.

Menino atento, reconheceu meu rosto numa das fotos que está num mural da sede do grupo Guerreiros da Senzala. Ficou feliz e desconcertado ao perceber que o estranho era, na verdade, um irmão mais velho que ele ainda não conhecia pessoalmente. Fizemos uma boa amizade ali mesmo. Infelizmente, ele não tinha como falar com o Mestre. Como eu havia viajado de longe, não podia fazer viagem perdida, então fui até a casa do Mestre, e o menino me acompanhou. Mas o Mestre também não estava em casa. Levamos cerca de uma hora andando pelo bairro, os moradores estavam preocupados com aqueles dois homens estranhos à procura insistente de um outro. Esse tipo de coisa não costuma acabar bem nas periferias. Mas antes de encontrar o Mestre, ele nos encontrou. Chegou sorrateiro, em silêncio, e nos surpreendeu com sua presença repentina.

Pelo horário, convidei-os a almoçar. Fomos juntos num estabelecimento local. Enquanto esperávamos a comida, o Mestre Pinguim, na sua sabedoria de Mestre, começou a falar. E com a força de suas palavras consagradas pela maestria de Exú, o orixá patrono da comunicação, com jeito matreiro, jocoso, manhoso, malicioso e de clareza oculta, questionou o meu comprometimento com esta pesquisa e com a Capoeira. *“Qual o objetivo disso? Você tem que ver se vai mesmo querer fazer algo sério, ou se é só mais um textinho para ficar empoeirado nas prateleiras, pra você*

¹⁵ TCLE é a sigla para Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento exigido burocraticamente para a permissão do Comitê de Ética em pesquisas, que regulamenta as pesquisas que envolvam entrevistas. Trata-se de um documento padronizado, que este trabalho traz em anexo.

pegar seu diplominha.”, dizia ele. Essa foi uma das frases que ficou *tinitando*¹⁶ em minha cabeça. Já havia se passado alguns anos que não tínhamos uma longa conversa como aquela, por isso a necessidade de retomar velhas lições. E parece que quanto mais velhas, mais primitivas¹⁷, ou seja, as primeiras ensinanças básicas, do início da aprendizagem e dos primórdios da Capoeira, mais significativas e importantes são.

A lição a que me refiro é que lidar com a Capoeira requer ter a manha de lidar com ela. Requer ser manhoso e agir num tempo moroso, sem pressa. Requer ir na manha. Ser manhoso sem fazer manha. Jogando com suas artimanhas. Então, retornei várias vezes e situações como essa se repetiram. Cada viagem, cada conversa, foi um intenso aprendizado.

O mesmo se deu com Mestre Góes. Porém com ele tinha uma dificuldade maior, pois mora na Bahia e tentei aproveitar suas vindas a São Paulo, como na ocasião do evento de 20 anos do grupo Guerreiros da Senzala na USP¹⁸. Todas as visitas e encontros foram importantes para esta pesquisa e esse dia, em especial, foi marcante. Além de reencontrar esses mestres, havia outros Mestres da nossa linhagem, como Mestre Zeca, ou Gato III, segundo filho de M. Gato Preto; Mestre Zé Baiano de Caraguatatuba, e Mestres Cupim e Jaime de Sorocaba, dos quais cheguei a cogitar a participação.

A grande encruzilhada estava entre o tempo da Capoeira e os prazos do programa de pós-graduação, e o segundo estava me apertando sem me abraçar. Foi quando decidi ir a São Paulo e retornar somente com as entrevistas feitas. Saí numa segunda à tarde, após o trabalho que realizo no meu município, numa escola de educação infantil. Cheguei a tempo do treino. Treino de segunda-feira. Puxado. Após a aula, Mestre Pinguim se despediu sorrateiramente dizendo: *“Amanhã estou aí velhinho.”*

Não me incomodei. Estava em casa. Havia feito um belo treino de Capoeira Angola e só queria mesmo descansar. Ali estava, ali fiquei. Vi o quanto o espaço do grupo Guerreiros da Senzala está bonito, conservado, decorado, estruturado com banheiro e cozinha, havia colchões e alimento. Não precisava de mais nada naquela hora. Olhando o mural de fotos, recordei os caminhos que traçamos para conquistar

¹⁶ Linguajar popular: martelando, batendo ou cutucando persistentemente.

¹⁷ Primitivo como primeiro e não como primário.

¹⁸ II Encontro de Artes Afro-Brasileiras – Organizado pelo Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP. Em setembro de 2017.

aquele território ocupado dentro da Universidade de São Paulo. Fiquei escrevendo por algumas horas e dormi. No dia seguinte, acordei cedo, tomei um café, escrevi mais um pouco e me preparei para o treino de terça de manhã. Treinei.

Após o treino, combinei com Mestre Pinguim algo sobre a entrevista. Expliquei a questão dos prazos e que agora não poderia adiar mais, além da dificuldade com a distância e gastos da viagem. O combinado ficou assim: “*Tamos aí.*” Foi quando vi que dessa vez daria certo. Depois do almoço, Mestre Góes, que estava em São Paulo, chegou ao local para fabricar seus berimbaus. Tive o privilégio de ajudá-lo. Privilégio porque nem todo mundo teria acesso ao modo de fabricação desse Mestre, que herdou esses conhecimentos de seu pai e que, por sua vez, aprendeu muito com Mestre Valdemar da Paixão, o maior fabricante de berimbau da história da Capoeira. Aprendeu segredos, fundamentos e técnicas que são restritos a poucas pessoas.

Além de poder aprender as técnicas de fabricação do instrumento, evidentemente noções básicas, conversamos muito. Foi quando Mestre Góes respondeu diversas questões da entrevista sem que eu precisasse perguntar. Mas nada foi gravado. Não estávamos ali para isso. Quando retomei a ideia de fazer uma entrevista, gravada, com TCLE assinado, seguindo o roteiro, ele chamou a atenção para uma questão que foi primordial para avançarmos nas questões metodológicas. Disse que não daria entrevista.

Disse que não daria entrevista, mas estava disposto a conversar e que essa conversa poderia ser gravada, porque segundo ele: “*A entrevista é exata e a conversa é ampla*”. Disse, ainda, que eu deveria respeitar a hierarquia e conversar primeiro com meu Mestre Pinguim, que embora seja mais novo que Mestre Góes, foi quem rezou minhas pernas. Assim, ele orientou que eu conversasse com Mestre Pinguim antes e combinasse de fazer a conversa gravada para a pesquisa com os dois juntos.

Naquele dia de Ogum¹⁹, à noite, houve aula de dança-afro ministrada por Mestre Pinguim. Toquei percussão e também dancei um pouco. Após a aula, Mestre Pinguim se dispôs a conversar, combinando de nos encontrarmos no dia seguinte. Sugeri que fosse junto com Mestre Góes, ele disse que daria certo porque ambos estariam ali pela manhã. Confesso que fui dormir feliz. E no dia seguinte meu Mestre chegou. “*Bora rapaz, não tenho muito tempo.*” Já conheço o homem. Sei que sua conversa costuma ser curta, mas sempre reta, forte e verdadeira. Apresentei o roteiro

¹⁹ Todas as terças-feiras.

de entrevista para que tomasse conhecimento do assunto que conversaríamos, de modo que não me prendi a ele. A conversa fluíu. Após uma hora: “*Já deu?*” Insisti mais um pouco até que chegou Mestre Góes.

“*Qual é Pin? Já estão aí?*” – Nessa hora, Mestre Pinguim parece ter feito sua oração e desapareceu no vento, como o lendário Besouro, dizendo que conversaríamos mais tarde. Os Mestres trocaram olhares de cumplicidade e, após a saída de um, tive uma longa conversa com outro. Mestre Góes, com muito zelo, se dispôs, de fato, a fazer este trabalho comigo e dar toda a atenção necessária. Além de uma conversa de duas horas gravadas para esta pesquisa, mantivemos contato à distância, de modo que ele pôde acompanhar de perto todo o processo de escrita. Já Mestre Pinguim, um homem mais matuto, não voltou ao espaço da Capoeira naquele dia, deixando pra mim a responsabilidade de dar a aula. Deu sim, posteriormente, o retorno necessário no processo de transcrição, porém acompanhando de longe.

Foi como se ele me desse um presente. Como se me entregasse aos cuidados de Mestre Góes, para que este pudesse cumprir esse papel fundamental junto a mim. Meu entendimento foi que Mestre Pinguim fez questão de me ensinar de novo o valor da hierarquia, que embora seja ele o Mestre que me fez na Capoeira, reconhece a função de Mestre Góes nesta linhagem, e sabe bem da parceria, amizade, cumplicidade e união quem eles têm. Afinal: “*Camarada bom é irmão do outro, enquanto um arranca o pau, o outro arranca o toco.*”²⁰ Por isso, promoveu o estreitamento dos laços entre mim e o filho do Mestre Gato Preto. Enfim, após essa jornada, veremos adiante o resultado dessas conversas.

²⁰ Cantiga de caboclo.

2. QUEM NUNCA VIU, VENHA VER: ALGUNS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA COSMOVISÃO AFRICANA E AFRO-AMERÍNDIA

As versões oficiais da história da humanidade, bem como as diversas formas de conhecimento filosófico, religioso, artístico ou científico, sistematizados sob a perspectiva eurocêntrica, foram impostos como verdades universais. Sobretudo com o surgimento da ciência, que assume um papel legitimador dessas verdades. Essas epistemologias vêm, há séculos, negando a existência da civilidade e de todo o conhecimento desenvolvido pelo povo africano no continente e na diáspora²¹.

Partindo desses pressupostos, Oliveira (2003) alerta sobre a barreira epistemológica, promovida pela ideologia racista perpetuada pelo modelo acadêmico de origem europeia e por outros sistemas de educação e comunicação colonialistas, que tentam colocar o continente africano fora da história do universo num discurso hegemônico, ao apontar que:

[...] monumentos bem como outras manifestações artísticas, assim como estruturas arquitetônicas que revelavam bom nível de desenvolvimento social e político em África, foram construídos por outros povos que não africanos, e, de preferência, povos brancos advindos do ocidente (fenícios, persas etc.). Ou seja, segundo essa concepção, os africanos são essencialmente passivos, incapazes de, por si mesmos, construir a história. (OLIVEIRA, 2003, p. 2).

Foi assim, através desse modelo de ciência, que intelectuais produziram discursos nocivos, como o da eugenia, higienismo e degenerescência. Numa negação²² atenta, Nascimento (1982) alerta sobre a barreira epistêmica, promovida pela ideologia racista e perpetuada por uma classe acadêmica branca, rica, masculina e adulta, nesta sociedade epidêmica. Frente a isso,

A história dos povos negros registra a falsidade do chamado “universalismo” e da “objetividade” das ciências que nos rotularam como inferiores e nos fizeram “escravos por natureza”. A ideia de uma ciência pura e universal já é algo obsoleto, mesmo o conceito da ciência europeia [...]. O povo negro requer um conhecimento científico que o permita formular, teoricamente de maneira consistente e sistemática, sua experiência de quase cinco séculos de opressão e de resistência. Através destes séculos temos carregado o peso dos crimes e erros do eurocentrismo científico. Agora devolvemos a

²¹ Diáspora é uma palavra de origem grega que significa dispersão. Refere-se à dispersão de povos que foram deslocados à força para longe do seu território de origem.

²² Movimento de defesa, característico da Capoeira.

sociedade branca brasileira suas mentiras, sua ideologia do supremacismo branco, a lavagem cerebral com que tentou destruir nossa humanidade, nossa identidade, dignidade e liberdade. (NASCIMENTO, 1982, p. 35).

Respondendo a esse coro ancestral de denúncia e anúncio²³, Rosa (2013) aponta a hierarquização de valores atribuídos às diversas culturas existentes nesse território que foi invadido, onde a cultura colonial é exaltada e o povo originário, diminuído. São inferiorizadas e criminalizadas nossas culturas sagradas e comunitárias, como o samba, o candomblé, a Capoeira, a cultura do povo, coisa nossa. Um povo que sabe e gosta do que faz, e faz mesmo que não possa. Assim resiste a cultura do Abassá²⁴, diante do preconceito e discriminação e dos caminhos da fossa.

As manifestações citadas acima (sagradas e comunitárias) são alguns dos exemplos nos quais floresce a cosmovisão africana no Brasil, alimentada também por diferenças regionais e perspectivas variáveis de diálogo com a cultura hegemônica. Nutriz de referências negras que ainda estão longe de serem aceitas no mesmo patamar de respeito que modelos e nortes judaico-cristãos ou anglo-saxões. Presença afro-brasileira que, espalhada nas baixas e ladeiras, nos sertões e nas costas litorâneas, tem em si um manto, largo céu na pele dividido. Muitos pontos em comum, pontos cantados, pontos louvados e lavrados em terra espiritual de matriz africana, cultivados em primaveras e outonos, enfrentando tempestades de inverno e longos verões. E pontilhamentos da ancestralidade cotidiana de casa e de bairro, de entender comunicação, tempo e ética, intervenção e acolhida. (ROSA, 2013, p. 33).

Ao modo do racismo brasileiro, na tensão das relações étnico-raciais, da dissimulação cordial aos ataques fatais, de um genocídio projetado, planejado e executado, embasados por essas supostas verdades branco-ocidentais. Em oposição a isso, além dos recursos próprios da cultura ancestral, o povo preto produziu epistemologias que derrubam a ideologia racial, reproduzidas pelos meios de comunicação em massa, nas artes, nas literaturas, na TV e no jornal.

A título de exemplo, podemos citar Anta Diop como um dos precursores na elaboração de uma epistemologia africana que fala de África a partir de seu chão.

²³ “A denúncia e o anúncio criticamente feitos no processo de leitura do mundo dão origem ao sonho por que lutamos. Este sonho ou projeto que vai sendo perfilado no processo da análise crítica da realidade que denunciemos está para a prática transformadora da sociedade como o desenho da peça que o operário vai produzir e que tem em sua cabeça antes de fazê-la está para a produção da peça”. (FREIRE, 2000, p. 21).

²⁴ Do bantu: casa.

Diop buscou respostas científicas a partir da teoria da evolução. Baseado em Darwin e outros cientistas brancos, sua teoria deu resposta para a questão de o continente africano ser o berço da humanidade e da maior civilização, cujas margens do Rio Nilo eram a sua localização, e foram pessoas negras que constituíram essa nação, “com exceção de uma infiltração de nômades brancos no período proto-dinástico.” (DIOP, 1983, p. 41).

Embora essa teoria seja reconhecida cientificamente, ela é pouco difundida e estudada. Esse fato não é um acaso. Trata-se de uma opção colonialista acadêmica estruturada, que prioriza a manutenção do conhecimento ocidental em detrimento de epistemologias não europeias inferiorizadas. Desse modo, compartilhamos das agonias de muitos pesquisadores que, ao optarem por uma elaboração epistemológica afrocentrada, vivenciam dificuldades em encontrar autores e referenciais teóricos reconhecidos pela academia.

O que nos chama a atenção é o epistemicídio que, segundo Carneiro, “É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta.” (CARNEIRO, 2005, p. 97). Devido a essa exclusão da produção científica negra, e os impedimentos para o negro ter uma atuação protagonizadora, partilhamos da ideia de Mignolo (2008) quando diz que, desde as teorias libertárias até a direita mais conservadora, constituem, na UNiversidade do pensamento ocidental, facetas de uma ideologia colonizadora.

Assim, por conhecimento ocidental e razão imperial/colonial compreendo o conhecimento que foi construído nos fundamentos das línguas grega e latina e das seis línguas imperiais européias (também chamadas de vernáculos) e não o árabe, o mandarim, o aymara ou bengali, por exemplo. Você pode argumentar que razão e racionalidade ocidentais não são totalmente imperiais, mas também críticas como Las Casas, Marx, Freud, Nietzsche, etc. Certamente, mas crítica dentro das regras dos jogos impostos por razões imperiais nos seus fundamentos categoriais gregos e latinos. (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Assim, não há resposta consistente para o povo negro no mundo a partir da epistemologia branca-ocidental. Por isso, a elaboração de uma teoria da cosmovisão africana, bem como a busca por uma produção de conhecimento ancestral no âmbito da academia, endossam as palavras desse negro intelectual. Seu nome é Abdias do Nascimento (1982), um guerreiro quilombista. Ele conheceu pelo mundo afora os

militantes e as ideias pan-africanistas e desenvolveu teorias para a luta do povo negro nessas terras tomadas por colonialistas. Abdias do Nascimento não demorou para perceber que, mesmo a esquerda branco-ocidental, não deu conta de dar respostas consistentes aos processos de colonização e exploração da África e dos africanos, e que essa resposta está justamente numa perspectiva quilombista que tem suas bases de pensamento na cosmovisão africana. Logo:

Não temos mais a necessidade de imitar nosso opressor, ou de pedir emprestadas as suas filosofias, teorias ou ideias. Chegou a hora em que os africanos podem substituir os sistemas de pensamento eurocêntricos pelos seus próprios. Qualquer povo soberano, qualquer cultura genuína, tem instalado dentro de si mesmo seu centro de gravidade. Nós como descendentes de africanos desalienados do supremacismo branco, assumimos a África como o nosso ancestral centro vital. Esta perspectiva, essa visão do mundo, elaborada desde um ponto focal africano e afro-brasileiro, não só constitui uma resposta à violência cultural, econômica e física cometida contra nós pela expansão colonial-imperialista do eurocentrismo, como também constitui um sistema de valores, autoctones, gerados e desenvolvidos independentemente de qualquer outra matriz cultural. (NASCIMENTO, 1982, p. 32).

Essa ideia é um grito! Entoadado por quem não está anuviado pelo ópio. Importa ressaltar que, quando o autor fala do negro “*substituir os sistemas de pensamento eurocêntrico pelos seus próprios*”, não se trata de tornar a cosmovisão africana hegemônica. As questões postas aqui são referentes à autoidentificação do negro diante de sua cultura, no sentido inverso ao genocídio cultural, ou etnocídio, e a compreensão de que, para essa autoidentificação individual/coletiva, é necessário que o negro venha a assumir para si essa cosmovisão e desenvolver epistemologias que partam dos pressupostos apresentados por ela. Esse posicionamento vai ao encontro de uma perspectiva teórica da opção descolonial.

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento. (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Isto posto, para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, não seria adequado nos embasarmos nas epistemologias ocidentais. Uma vez que se trata de uma pesquisa que buscará compreender as concepções de desobediência de Mestres de Capoeira da atualidade, consideramos mais adequado um estudo de base teórica da cosmovisão africana que, por sua vez, é descolonial e afrocêntrica e utiliza dos recursos gnosiológicos, ontológicos e axiológicos da cultura africana e afro-brasileira para a elaboração de uma epistemologia própria.

As opções descoloniais e o pensamento descolonial têm uma genealogia de pensamento que não é fundamentada no grego e no latim, mas no quechua e no aymara, nos nahuatl e tojolabal, nas línguas dos povos africanos escravizados que foram agrupadas na língua imperial da região (cfr. espanhol, português, francês, inglês, holandês), e que reemergiram no pensamento e no fazer descolonial verdadeiro: Candomblés, Santería, Vudú, Rastafarianismo, Capoeira, etc. (MIGNOLO, 2008, p. 292).

Utilizamos o termo cosmovisão africana referindo-nos à relação congênita entre as pessoas negras e o continente africano, bem como todo o legado que saiu dali para o mundo. No entanto, vemos a necessidade de um olhar local para pensarmos os aspectos da cosmovisão africana nas terras deste lado do Atlântico.

[...] matuta-se que o hífen na expressão “afro-brasileiro” abre uma fresta semântica, traz o sopro que desanuvia o estático e o essencialista, mostrando uma distinção necessária entre o latente (afro) e o patente (brasileiro). Não deixando cair o buquê que indica o cheiro dessas tantas flores diferentes que, por si, colore o jardim negro da história de nosso país. O hífen permite a abordagem de formas diferentes de passear e de galopar a partir desta cavalaria de elementos simbólicos de nascente afro, de nobre crina e majestosa peia (mas também de cascos experimentados nos charcos mais podres), que é alicerce milenar de hábitos, crenças, linguagens e articulações sociais. (ROSA, 2013, p. 43).

Assim, para identificar as peculiaridades da cultura africana nestas terras e as marcas deixadas pelos donos da terra que aqui já estavam antes da chegada dos colonizadores, contrariamos essas ideologias racistas que inferiorizam as culturas africanas no Brasil, atribuindo-lhes, em alguns momentos, o título de cultura nacional e mestiça, ou simplesmente folclore. Em outros, o título de primitiva, criminosa e doente. Frente a isto, nosso contragolpe segue aninhado na ideia de Vale (2012):

Por outro lado, e com muito mais veemência, prescindiremos da influência do *brasileirismo*, irradiado das políticas de *branqueamento*

da *cultura nacional*, que trabalham por mestiçar, mestiçar... até embranquecer o adjetivo “brasileiro”. E, assim, seguem tentando escamotear a herança matrial *afro-ameríndia* nos símbolos do que chamam *identidade nacional*, como acontece com a Capoeira. E, além do mais, diante do fato de que, na literatura da Capoeira, em especial nas cantigas em momentos de *Maculelê*²⁵, quando se canta a palavra “brasileiro” faz-se referência, e reverência, aos índios, caboclos, ancestrais desta terra, fortemente presentes na Capoeira. (VALE, 2012, p. 46).

Portanto, ao falarmos de uma cosmovisão africana no Brasil, trata-se de uma cosmovisão afro-ameríndia, localizada nos limites das fronteiras e bandeiras dos continentes parentes: o africano e o americano. Assim, a autoidentificação mútua desses povos oprimidos no contexto da colonização se deu principalmente pelas semelhanças em suas concepções de mundo. Seguindo esse bonde, reproduzimos uma síntese criada por Ferreira-Santos (2005), que ilustra, de forma comparativa, aspectos primordiais presentes nas cosmovisões africanas e indígenas, mostrando como ambas se assemelham e, então, diferenciando-as da matriz branco-ocidental:

- comunitária (não-oligárquica) — baseada na partilha de bens e na preponderância do bem-estar comunitário e, depois, do bem-estar pessoal; entendida a noção de pessoa como o resultado do embate entre as pulsões subjetivas e as intimações comunitárias;
- matrial (não-patriarcal) — assentada nas formas mais anímicas de sensibilidade em que a figura da grande mãe (*mater*), da sábia (*sophia*) e da amante (*anima*) são equivalentes simbólicos e cujas características básicas são: a junção e a mediação, a religação, a partilha, o cuidado, as narrativas e a reciprocidade (senso de pertença); seu atributo básico é o exercício de uma razão sensível;
- coletiva (não-individualista) — estruturada sob a herança agrícola-pastoril da importância da aldeia (comunidade) e partilha da colheita na defesa afroameríndia do aspecto comunal-naturalista: das relações com a natureza da paisagem onde se habita e da estrutura fraterna de sobrevivência;
- afetual-naturalista (não-contratualista) — estruturada no afetualismo das relações entre as pessoas como forma de cimento social (nos termos de Maffesoli, 1985). Neste sentido, as relações sociais são originadas da necessidade pragmática de sobrevivência e do afeto gerado pelas relações parentais e pelas amizades construídas, na defesa da liberdade, das heranças e da fraternidade. (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 226-227).

Com isso, podemos dizer, grosso modo, que *cosmovisão africana* trata-se de

²⁵ Dança de guerra, geralmente ao som de atabaque e agogô, com bastão de madeira (esgrima) nas mãos.

uma visão cosmogônica a partir de África, assim como o termo sugere. Aqui, entendemos África como um território negro dotado de história, conhecimentos científicos, religiosos, filosóficos, culturais, políticos e econômicos peculiares que se diferem dos modelos originários dos demais continentes. Entendemos que haja uma diversidade cultural ampla no continente africano que, no entanto, gozam de fundamentos semelhantes, os quais identificamos como elementos, aspectos e características da cosmovisão africana. Em outras palavras:

Evidentemente, não se deve ignorar que cada sociedade negro-africana possui seus traços culturais, cujo estudo permite conhecer a infindável riqueza civilizatória do continente. Entretanto, deve-se considerar que determinados valores manifestam-se mais decisivamente dentro da multiplicidade, aparecendo como elemento histórico comum a essas sociedades. É uma convergência que nos faz deparar com uma grande civilização milenar africana. É essa singularidade dentro da multiplicidade que interessa observar, pois é nela que a África negra revela à humanidade a sua identidade mais verdadeira e suas propostas de organização da existência. (SÃO PAULO, 1988, p. 16).

Respondendo a esse coro, todo o legado originário desse continente e de seu povo é, fundamentalmente, o ponto de partida para a visão, indagação, explicação e compreensão de todo o cosmo. Assim, procuramos aqui identificar e pontuar alguns aspectos fundamentais da cosmovisão africana que, embora estejam enumerados, não há uma classificação ou hierarquia entre eles, pois todos compõem a unidade primordial desta cosmovisão.

Ademais, para pensar em cosmovisão africana no Brasil, é necessário compreender quais são as grandes matrizes africanas que vieram para estas terras e quais as influências das mesmas numa elaboração dessa cosmovisão no contexto local. Nesse percurso, podemos dizer que os primeiros povos a serem escravizados no Brasil eram de origem Bantu (SODRÉ, 1988, p. 166). Os europeus não demoraram a identificar que diversas línguas africanas ao sul do continente tinham palavras semelhantes, e que muitas delas utilizavam “Ntu”, o princípio da força vital, acompanhado do prefixo “Mu”, que indica o singular para se designar a “pessoa”, ou do prefixo “ba”, que designa o plural, ou “conjunto de pessoas”.

Deste modo, designa-se, ao indivíduo, o nome de “mu-untu” ou “muntu”, e o coletivo, “Ba-untus” ou “bantus”, formado por um grande grupo de línguas africanas, como casanjes, quimbundos, kicongos, entre outras. Os Bantus foram os primeiros e os maiores responsáveis pelas influências culturais no Brasil no campo da

musicalidade, das técnicas de olaria, de agricultura e da nossa língua portuguesa. Além disso, uma filosofia originária peculiar. Sobre essa matriz cultural, Sodré (1988) vai nos dizer:

O bantu não é um ser sozinho. E não é um bom sinônimo para isso dizer que ele é um ser social. Não, ele se sente e se sabe como uma força vital, como estando em relação íntima e pessoal com outras forças que atuam acima e abaixo dele na hierarquia das forças. Ele sabe que ele próprio é uma força vital, capaz de influenciar algumas forças e de se influenciar por outras. Fora da hierarquia ontológica e da interação de forças, não existe ser humano, nas concepções dos bantus. (SODRÉ, 1988, p.131).

Por outro lado, as últimas embarcações do tráfico escravagista trouxeram ao Brasil africanos de origem sudanesa, entre eles os nagô-yorubá, originários da região que, hoje, conhecemos como Nigéria. Eles falavam a língua Yorubá e trouxeram um legado cultural que influenciou as tecnologias de forja de ferro e as artes plásticas. Também vieram os Jejes, do antigo Dahomé, atual Benin. Esses povos que falavam a língua Fon, e que trouxeram consigo uma cultura do silêncio, eram tidos como misteriosos. Até hoje, existem poucas pesquisas sobre esta matriz cultural, se comparada aos nagôs e bantus. Afinal, as casas da matriz Jeje continuam preservando a tradição do segredo e não se abrem para jornalistas, pesquisadores e curiosos em geral.

Ao passo que chegavam negros dessas etnias, os bantus, que aqui estavam, morriam gradativamente por sequelas da escravidão. Com isso, a cultura jeje-nagô ficou muito difundida a partir do século XIX, sobretudo na Bahia, que se tornou um dos grandes pontos de referência da cultura africana no Brasil e afro-brasileira. Embora não seja possível – e nem mesmo nossa intenção – atribuir à cultura nagô todo o fundamento da cosmovisão africana, temos alguns motivos relevantes para adotar essa matriz cultural como **uma** das nossas principais referências para a (re)elaboração de nossos termos em conformidade com uma cosmovisão africana no Brasil.

Em primeiro lugar, diz respeito ao nosso local de fala, uma vez que somos iniciados na cultura Jeje-Nagô. Vale ressaltar que Jeje-Nagô é uma matriz cultural que se consolidou no Brasil a partir da fusão entre os povos de origem Fon-Gbé, vindos da região do antigo Dahomé, atual Benin, e a cultura Yorubá, majoritariamente da atual Nigéria. Desse modo, algumas casas Jêje-Nagôs deram origem ao que se

conhece hoje no universo do candomblé e às casas de nação Ketu como o Gantois, o Opó Afonjá e a Casa Branca²⁶

Em segundo lugar, a cultura Yorubá tem uma posição de destaque na cultura afro-brasileira devido à expansão dessas casas da nação Ketu. Desse modo, passou a influenciar as práticas religiosas de outras nações, até mesmo as casas de origem Bantu. Sabemos que essa questão envolve um problema, uma vez que houve uma construção histórica que resultou numa suposta superioridade da cultura nagô em detrimento das outras matrizes africanas que chegaram ao Brasil. Segundo Negro e Bellini (2009):

Em geral, desde os primeiros estudos sobre as religiões africanas no Brasil, muito influenciados pelos trabalhos de Nina Rodrigues e outros autores, instaurou-se uma tradição de estudos religiosos que defendem a superioridade nagô – e afirmam que as religiões de origem banto seriam inferiores, em termos de organização, estrutura, fundamento dos cultos, práticas, chegando até mesmo a definições raciais que alegam a inferioridade dos bantos com relação aos africanos provenientes do Benin, da Nigéria, e de outras regiões da costa ocidental. (NEGRO & BELLINI, 2009, p. 47).

Ainda assim, entendemos que a crítica a essa construção de uma espécie de nagôcentrismo não reduz a relevância dessa matriz africana para a elaboração de uma cosmovisão africana no Brasil. Acreditamos que, nestas terras, as diversas matrizes se fundiram e, por isso, não é possível se falar em purismo, como muitas casas antigas e alguns estudiosos passaram a defender. Segundo o ensinamento de nossos Mestres, participantes desta pesquisa, *“toda casa Jeje tem um pouco de Angola, toda casa Angola tem um pouco de Ketu e toda casa Ketu tem um pouco de Jeje”*.

Em suma, essas três grandes matrizes culturais Bantus, Nagôs e Jejes, constituíram as três chamadas *nações de candomblé* mais difundidas no país: Angola, Ketu e Jeje, respectivamente. Desse modo, procuraremos falar prioritariamente da cosmovisão africana preservada a partir das comunidades de terreiro no Brasil, onde se resguardaram muitos elementos culturais como em nenhum outro espaço, nem mesmo em muitas comunidades remanescentes de quilombos que se tem registro hoje.

Nas comunidades de terreiros, foram preservadas as línguas africanas, a

²⁶ Três das maiores casas de candomblé da Bahia.

culinária, as vestimentas, a forma de organização social, a musicalidade, os saberes e as artes. Vale ressaltar que o candomblé foi criado no Brasil e é uma cultura que sincretiza essas matrizes africanas que para cá foram trazidas. Ainda que se preserve características próprias em cada nação, entendemos que os povos tradicionais de comunidades de terreiro são, todos juntos, os grandes responsáveis pela manutenção de uma cosmovisão africana no Brasil. Segundo Sodré (1988), na cultura negra no Brasil,

Já se evidencia aí a estratégia africana de jogar com as ambiguidades do sistema, de agir nos interstícios da coerência ideológica. A cultura negro-brasileira emerge tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente. (SODRÉ, 1988, p.124).

Isso porque os colonizadores tinham como estratégia impedir a organização de motins e africanos da mesma etnia eram propositalmente separados de seus semelhantes nas senzalas (SLENES, 1999). No entanto, negros de diversos povos aprenderam a se comunicar e se uniram para lidar com aquela situação adversa. Nessa perspectiva, não só as comunidades de terreiro, mas também todas as escolas de samba, as maltas e os grupos de Capoeira, os clubes e irmandades negras e evidentemente os quilombos, foram responsáveis pela manutenção dessa cosmovisão.

Porém, Sodré (1988, p. 123) explica que *“não se tratou jamais de uma cultura negra fundadora ou originária que aqui se tenha instalado para, funcionalmente servir de campo de resistência.”* Ou seja, a cultura negra-brasileira não existe meramente em função da escravidão e do sistema opressor a que os povos negros foram subjugados. Sodré diz que *“Para cá vieram dispositivos culturais correspondentes às várias nações e etnias”* (1988, p. 132) que, em um período muito anterior à colonização, já tinham suas cosmovisões vivas.

Portanto, a cosmovisão africana se trata de um legado cultural vivo, constituído e preservado por homens e mulheres livres. Assim, procuraremos ressaltar alguns aspectos dessa cosmovisão que consideramos fundamentais para a nossa discussão sobre educação. O **1º aspecto** que observamos como característica fundamental da cosmovisão africana **é a ancestralidade**. Segundo Oliveira:

Alojada no útero da ancestralidade está a cosmovisão africana, isto é, sua epistemologia própria que, por ser absolutamente singular e absolutamente contemporânea, partilha seus regimes de signos com todo o mundo, enviesando sistemas totalitários, contorcendo esquemas lineares, tumultuando imaginários de pureza, afirmando multiplicidade dentro da identidade. Fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem. Experiência do passado ela atualiza o presente e desdenha do futuro, pois não há futuro no mundo da experiência. A cosmovisão africana é, então, a epistemologia dessa ontologia que é a ancestralidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 40).

Nessa levada, a ancestralidade está relacionada aos laços familiares com os antepassados mais próximos e mais distantes e é perpetuada por meio da herança cultural. Sendo assim, podemos dizer que o **2º aspecto** da cosmovisão africana que identificamos seria essa **hereditariedade iniciática**. O iniciado passa a fazer parte do grupo, do bando, da família, da aldeia e recebe a herança cultural desse meio. Mas isso tudo depende imprescindivelmente do interesse, da convivência, do envolvimento e do compromisso de cada um. Segundo Sodré (1988),

A herança cultural repassada, a tradição é uma forma de comunicação no tempo e faz dela um pressuposto da consciência do grupo e a fonte de obrigações originárias, que se reveste historicamente de formas semelhantes a regras de solidariedade.” (SODRÉ, 1988, p. 95).

Essa herança cultural é um complexo de signos e segredos que ora esconde, ora revela. Assim, o processo iniciático, que por sua vez é um processo educativo, implica uma relação de ensinanças e aprendenças, onde o iniciado será fortalecido pela profundidade daquilo que está aprendendo. Essa profundidade é gradual, cíclica e contínua. Aprofunda-se em conformidade com aquilo que já se conhece, buscando, insistentemente, os fundamentos mais profundos. Nas palavras de Araújo (2004):

Como na maioria das organizações culturais-religiosas de matrizes africanas, enquanto comunidades de pertencimento, seus códigos estruturantes, entendidos como *fundamentos*, encontram-se atualizados pela transversalidade de uma identidade mais próxima, primária, ainda que inserida num tronco e/ou numa rede. Ou seja, se é *angoleiro* de determinado grupo e discípulo de determinado Mestre, para a partir daí reconhecer-se *irmão, primo, sobrinho*, etc. de determinado Mestre/organização, numa alusão à família mais ampla, a exemplo da chamada “família de “santo” [...] cada comunidade regulamenta o entendimento que faz dos *fundamentos*, e o seu uso na constituição e manutenção desta identidade autônoma é, de certa

forma, apresentado como um dos exercícios da própria diversidade dentro da unidade. (ARAÚJO, 2004, p. 37).

Nessa sintonia, ao modo como ocorre nas casas de candomblé, a iniciação representa um renascimento do iniciado, condição fundamental para a consolidação da hereditariedade. Ao passar pelos devidos rituais e celebrações, ele deve ter aprendido uma série de coisas, que vão desde a alimentação adequada e cuidados com a saúde, até ensinamentos teóricos sobre ética, moral, política, entre outras coisas, a partir da mitologia dos orixás. Ferreira-Santos vai dizer que:

As ressonâncias ancestrais não são coincidências, mas a fidelidade a um trajeto iniciático de autoconhecimento através do conhecimento do mundo. O percurso envolve uma descida ao centro desconhecido de nós mesmos (simbolizado em *país dos mortos*, gruta, sonhos, poço, porão) e, depois de refrescada a memória (re-ligados), retornamos com nossa alma (*anima*), re-animados, subindo para nossa aldeia novamente, re-nascidos. (FERREIRA-SANTOS, 2006, p. 174).

Neste compasso, podemos dizer que a cosmovisão africana tem a ligação direta com o passado, entendendo esse passado como construções históricas de memoráveis façanhas do mundo e como fonte inesgotável de experiências e saberes. Ainda com Oliveira, que nos diz: “A Cosmovisão Africana não surge fora do espaço e do tempo. Pelo contrário, é analisando a história da África que podemos identificar sua dinâmica civilizatória e a formação de sua Cosmovisão”. Assim, a oralidade assume papel fundamental de mantenedora da memória e narrativas mítico/históricas²⁷, de fonte de conhecimento e de mobilizadora de uma força vital com o poder de criar, construir, mover, preservar e modificar.

De uma forma ainda mais profunda, certas cosmogonias atribuem a um tempo mítico os progressos obtidos num tempo histórico, que não sendo recebido como tal por cada indivíduo, é substituído pela memória histórica do grupo. (HAMA E KI-ZERBO, 1975, p 18).

Mesmo em povos do Gana dotados de uma cultura escrita, como os símbolos Adinkra²⁸, a oralidade manteve-se ao longo do tempo como uma forma de preservação da memória dos povos africanos. Através da oralidade, mantem-se um

²⁷ Disponível em: <<http://afrologia.blogspot.com.br/2008/03/o-lugar-da-histria-na-frica.html>>. Acesso em: 08/05/2016.

²⁸ Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou ideias filosóficas. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. (SANKOFA, 2013, p. 4).

elo entre o presente e o passado, sendo as pessoas mais velhas as grandes preservadoras e socializadoras dos conhecimentos ancestrais milenarmente constituídos.

Essa cosmovisão de mundo se reflete na concepção de universo, de tempo, na noção africana de pessoa, na fundamental importância da palavra e na oralidade como modo de transmissão de conhecimento, na categoria primordial da Força Vital, na concepção de poder e de produção, na estruturação da família, nos ritos de iniciação e socialização dos africanos, é claro, tudo isso assentado na principal categoria da cosmovisão africana que é a ancestralidade. (OLIVEIRA, 2003, p. 71).

Além disso, podemos identificar a **oralidade** como o **3º aspecto** da cosmovisão africana que, além de seu papel de comunicação e manutenção do conhecimento, é responsável pela mobilização do Axé²⁹. Segundo a cultura yorubá, Axé é a força vital e o poder de realização que está presente em tudo o que há no mundo e permite que a vida se dinamize. Não apenas a oralidade, mas a palavra em si é viva. A palavra se transforma, não apenas com o tempo, mas no ritmo, no tom, na intenção.

A cosmovisão africana redefine as concepções filosóficas a partir de sua própria dinâmica civilizatória, de acordo com o escopo de sua forma cultural. Assim, o universo é pensado como um todo integrado; a concepção de tempo privilegia o tempo passado, o tempo dos ancestrais, e sustenta toda a noção histórica da cosmovisão africana; já a noção de pessoa é vista de modo muito singular, cada qual possuindo seu destino e procurando aumentar a sua Força Vital, o seu axé; a Força Vital que é a energia mais importante dentre esses povos, insufla vitalidade ao universo africano. A palavra, por sua vez, é tida como um atributo do preexistente, e por isso mesmo, promotora de realizações e transformações no mundo, veículo primordial do conhecimento. (OLIVEIRA, 2003, pp. 173-174).

Assim, identificamos a **força vital** como o **4º aspecto** da cosmovisão africana. Esse entendimento a partir do Axé sobre a força vital é de um conhecimento ancestral de origem nagô. Assemelha-se à matriz bantu, em que a energia vital “Ntu” tem sentidos e significados semelhantes com o “Axé”. Essa semelhança é uma pequena mostra da existência de uma cosmovisão africana, que não se limita a uma pretensa matriz dominante, como ficou estigmatizada a cultura nagô, entre aquelas que foram trazidas para o Brasil.

NTU é a força do universo, que sempre ocorre ligada a sua manifestação em alguma coisa existente no campo material ou do

²⁹ Do Yorubá: força vital.

simbólico ou do espiritual, nomeados nas formas de muntu, kintu, hantu e kuntu. O NTU embora não existe por si próprio, ele transforma a tudo que existe com elementos tendo uma mesma natureza em comum. Tudo tem o seu NTU. O NTU não expressa a força da natureza em si, mas a sua existência. Importante que Deus é a única categoria a parte que não tem necessidade de se expressar pelo NTU. O Deus é único é não é um NTU, mas os ancestrais e Inquices são parte de um dado NTU. O NTU é uma expressão de energia. Tudo é composta da combinação ou transformações da energia em qualidades diversas. Cada categoria tem um NTU em determinada qualidade ou modalidades. (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 87).

Por esse rastro, seguimos na direção de compreender melhor essa matriz cultural africana, na qual:

Preza-se o vitalismo, a força vital. A cultura bantu orienta-se no sentido do aumento desta força e da luta contra sua perda ou diminuição. Mais do que “bem” ou “mal”, as noções de energia “positiva ou criativa” contrapõem-se às de energia “negativa ou destrutiva”, que é tudo que diminui o poder da comunidade, que ameaça a paz de si ou do outro. Há aí um valor supremo da criação e a noção de que todo criador é aquele que detém a vida e a forja em si mesmo, que não a recebe de ninguém, mas que efetua trocas defendendo-a, movimentando e aumentando seu poder, já que a noção de “precisar” é igual a de “querer” e de “dever fazer”. A força do movimento é cultuada e louvada, agraciada, porque nada no mundo pode ser estático. Até um objeto inerte é animado por um movimento cósmico que se exerce segundo o ritmo que o artista, o ser humano criativo, busca exprimir. (ROSA, 2013, p. 42).

Com isso em mente, outra forma da expressão oral africana é o canto, assim como a musicalidade africana em si – presente em todo o continente, cada local ao seu modo. Como bem observa Biko (1990), os cantos africanos, de um modo geral, são compostos para serem cantados coletivamente, assim como se manifesta as cantigas de candomblé, samba e Capoeira, onde sempre há um “puxador” responsável pelos versos variados e o “coro” que responde os versos repetitivos do refrão.

Ele enfatiza a importância dada pelo africano à **comunicação**, que seria o **5º aspecto** da cosmovisão africana. Assim, o contato e a troca de ideias não têm necessariamente o objetivo de chegar a alguma conclusão, o interesse é na complexidade e singularidade dos seres humanos. Biko (1990) fala, ainda, de características da música africana que expressa o sentimento do povo, seja em situação de trabalho, de festividade, de luta ou de lamento.

Nesse ritmo, a palavra é mais que uma forma de expressão e comunicação, ela

é sagrada. Na tradição oral africana, as pessoas responsáveis pela produção, manutenção e difusão do conhecimento são conhecidos como “tradicionalistas”. Entre eles existem diversas classes que diferem-se pelo preparo que tiveram para assumir seu papel e pelas características principais de cada um desses papéis. A classe mais conhecida e prestigiada são os “Domas”. Esses sacerdotes da palavra têm um compromisso vital com ela. Para assumir esse papel, ele deve aprender, num rito de iniciação, os fundamentos dessa função. Outra classe de tradicionalistas são os “Griots”. Estes diferem-se dos primeiros porque não têm o mesmo compromisso e responsabilidade com a palavra como os Domas têm. No entanto, podem, um dia, tornarem-se Domas, na medida em que ganham experiência em contação de histórias. (HAMPATÉ BÂ, 1977, p.12).

Compreender o pensamento africano passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos cósmicos. A cosmovisão africana, destacadamente a mitologia, serve como reflexão para aproximação ou reconciliação da tradição com a ciência, com a filosofia, com a psicologia moderna e com a vida numa outra perspectiva de mundo. (MACHADO, 2006, p. 76).

Uma vez que a ancestralidade assume um dos aspectos primordiais da cosmovisão africana, a religiosidade e/ou a manutenção do sagrado se manifesta em todos os aspectos fundamentais da cultura negra. Embora a religiosidade africana não tenha o sentido literal de origem latina, sob o princípio do *religare*, pois as culturas africanas originárias nunca se desligaram de sua ancestralidade e, logo, do seu PLURiverso sagrado. Essa **religiosidade** pode ser considerada o **6º aspecto** da cosmovisão africana, manifestada artisticamente pela devoção à vida, e está presente em todos os aspectos dela:

[...] concepção africana tradicional a arte não se separa da vida. Antes, abrange todas as suas formas de atividade, conferindo-lhes sentido [...] Lá, ao contrário do que se passa em nossa sociedade moderna, não existia separação entre o sagrado e o profano. Tudo se inter-relacionava porque tudo se baseava no sentido profundo da unidade da vida, da unidade de todas as coisas no seio de um universo sagrado onde tudo era interdependente e solidário. (HAMPATÉ BÂ, 1977, p.12).

Por isso, a relação que diversos povos africanos têm com a **vida e a morte** seria o **7º aspecto** da cosmovisão africana preservado pelas comunidades de terreiro no Brasil. Em religiosidade africana acredita-se que, após a morte, há o encantamento

do nosso ser em ancestral, por isso não é lamentada e sim comemorada, ao menos em situações trágicas como as milhares de mortes provocadas pelo genocídio. Estamos nos referindo, aqui, às mortes naturais e à morte como conceito filosófico.

A morte, por seu turno, não significa o fim da vida, mas parte do processo cíclico da existência que tem como referência maior os ancestrais. A morte é restituição à fonte primordial da vida, a lama que está situada no orun. A família é a base da organização social. Os processos de socialização forjam coletivamente o indivíduo, fundamentando o objetivo a ser atingido socialmente: o bem-estar da comunidade. Por fim, o poder, que é vivido coletivamente, tem o objetivo de promover a comunidade e garantir a ética africana. (OLIVEIRA, 2003, p. 220).

Assim, vida-morte estão inter-relacionadas e interdependentes. São partes de uma dinâmica cíclica. Desse modo, a questão da ancestralidade e a relação vida/morte nos remetem à questão do tempo. A cosmovisão africana fala de um tempo espiral e contínuo, não-linear. A relação com o **tempo** seria, portanto, o **8º aspecto**.

Nesta situação o tempo não é a duração capaz de dar ritmo a um destino individual; é o ritmo respiratório da coletividade. Não se trata de um rio que corre num sentido único a partir de uma fonte conhecida até uma foz conhecida. Nos países tecnicamente desenvolvidos, os próprios cristãos estabelecem uma nítida demarcação entre "o fim dos tempos" e a eternidade. Isto talvez porque o Evangelho opõe nitidamente este mundo transitório ao mundo futuro, mas também porque, por esta visão distorcida e por outras razões, o tempo humano é praticamente laicizado. Ora, em geral o tempo africano tradicional engloba e integra a eternidade em todos os sentidos. As gerações passadas não estão perdidas para o tempo presente. À sua maneira, elas permanecem sempre contemporâneas e tão influentes, se não mais, quanto o eram durante a época em que viviam. Assim sendo, a causalidade atua em todas as direções: o passado sobre o presente e o presente sobre o futuro, não apenas pela interpretação dos fatos e o peso dos acontecimentos passados, mas por uma irrupção direta que pode se exercer em todos os sentidos. (HAMA & KIZERBO, 2010, p. 24).

O **9º aspecto** da cosmovisão africana seria **terra/território**. Afinal, assim como os povos indígenas das Américas, a relação com a terra é uma relação congênita³⁰. Há uma relação de pertencimento que é parental e ancestral. Diversos povos africanos, bem como os Tupinambás no Brasil, acreditam que, ao morrermos, nos

³⁰ Termo utilizado por Carlos José Ferreira Santos (Casé Angatu Xukuru Tupinambá), professor da UESC, durante o seminário "Decolonialidade da Psicologia Social no encontro com saberes indígenas e da diáspora negra afro-brasileira", realizado no Congresso Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – Abrapso. Uberlândia, novembro de 2017.

tornamos ancestrais da terra, por isso a importância dada ao enterro e aos rituais funerários. A terra e todo o meio ambiente não são meramente fontes de recursos naturais que podem ser exploradas até que esses recursos se findem. A terra é como o ventre materno que acolhe e provê. Assim como a oralidade, mobiliza a força vital, o *axé* ou *ntu*, e dispõe de todos os recursos para manutenção da vida, pois dá possibilidade de sustento para tudo o que é vivo.

É neste sentido de forças, de proteção, de alimentação, de vida-morte-ancestralidade, de arte e de sentimento, que falamos aqui em *cabaça-ventre-roda* da Mãe-Capoeira. É o princípio feminino da criação, da durabilidade, dos segredos e da morte e da cura. Um princípio matrial de poder intimamente relacionado com a Mãe-Terra. (VALE, 2012, p. 149).

O princípio da **matrilinearidade** é, portanto, o **10º aspecto** da cosmovisão africana. O princípio de uma noção de mundo matrial se contrapõe à forma patriarcal de regência. Enquanto o patriarcado se impõe pela força de dominação da terra e das pessoas, a matrilinearidade acolhe e nutre, protege e provê a comum-idade, fortalecendo as pessoas e não subjugando-as. Em suma, diferentemente das sociedades patriarcais – propulsoras do machismo, da propriedade privada, do militarismo e do capital –, as sociedades matrilineares são igualitárias, comunistas, guerreiras e comunitárias.

Nesta levada simultaneamente terna e intensa, temos imagens festeiras das afinações entre as filosofias da carne, as filosofias da matéria e as forças matriciais afro-ameríndias. Nessas afinações percebemos a maestria feminina nos encaminhamentos para as profundidades, nos adentramentos pela espiral numinosa do tempo-espaço circular. Desse modo, desfrutamos de imagens da malícia brincalhona e protetora que tem o poder de *obrigar* à rendição pelos en-cantos da doçura que *alucina fazendo a “mente rolar”* nas ondas que trazem alegria e levam a tristeza pra lá. Nestas imagens protetoras festeiras da entrega a um amor matrial-filial, temos imagens copulativas das forças que se requisitam e se complementam. (VALE, 2012, p. 338 [grifo da autora]).

Sem perder isto de vista, para os povos tradicionais africanos, a terra e os elementos da natureza precisam ser preservados. Uma questão vital para as comunidades tradicionais é ter seu território garantido e preservado, onde seja possível vivenciar sua cultura. *“Sem terra, sem água e sem as matas a humanidade*

não sobrevive".³¹ Deste modo, diversas sociedades da África subsaariana, ainda que constituídas hierarquicamente, assumem uma organização comunalista, que não considera a terra como propriedade privada e sim um bem comum.

Não seria inexacto afirmar que a consciência política das massas africanas nasceu, de certo modo, das estruturas socioeconômicas tradicionais. Na sociedade de tipo comunitário, por exemplo, a terra e os meios de produção pertenciam à comunidade. Era a época da propriedade pública. O trabalho era não só uma necessidade, mas também um hábito. Quem quer que alugasse uma parcela de terra para seu uso pessoal não era livre de fazer o que lhe apetecesse com ela, porque, na realidade, a terra pertencia à comunidade. Os chefes estavam submetidos ao controle rigoroso dos conselheiros e podiam ser demitidos. (N'KRUMAH, 1977, p. 74).

O **comunalismo** seria, então, o **11º aspecto** da cosmovisão africana. Aninhado nesta compreensão comunal, Nelson Mandela (1987), ao fazer sua própria defesa diante de um tribunal formado totalmente por homens brancos, acusado de incitar o ódio e o comunismo, apresenta argumentos baseados na sua cultura originária. Ou seja, nos conhecimentos preservados milenarmente através da oralidade e da vida social, com que ele teve contato ao longo de sua vida, e na relação com os anciãos do seu povo em Transkei, antes da chegada do homem branco:

Então nosso povo vivia pacificamente, sob o governo democrático de seus reis e suas "amapakati"³², e se trasladava livremente e com confiança pelo país sem estorvo ou obstáculo. Então o país era nosso, em nosso nome e direito. Ocupávamos a terra, os bosques, os rios; extraíamos os recursos minerais do subsolo e todas as riquezas deste lindo país. Tínhamos e exercíamos nosso próprio governo, controlávamos nossos próprios exércitos e organizávamos nosso próprio intercâmbio e comércio. Os anciãos contavam histórias das guerras livradas pelos nossos antepassados em defesa da terra natal, assim como as façanhas valentes dos generais e soldados daqueles dias históricos. Os homens de Dingane e de Bambata, entre os zulus, de Hintsa, Makana, Ndlambe, dos amaxhosa, de Sukhukhuni e outros no norte, eram mencionados como o orgulho e a glória de toda a nação africana [...] A estrutura e a organização das primeiras sociedades africanas neste país me fascinavam muito, e influenciaram na evolução da minha perspectiva política. A terra, então o meio principal de produção, pertence à todo o povo e não havia propriedade privada individual de nenhum tipo. Não havia classes, nem ricos nem pobres,

³¹ Essa frase está escrita no busto de Doné Runhó, matriarca do Terreiro do Bogum, localizado no bairro Engenho Velho da Federação em Salvador. Ela faz alusão ao ditado yorubá: *Ko si ewe, ko si omin, orixá ko si*. Tradução: não há folhas, não há águas, Orixá não há.

³² Etimologia: De Xhosa ama- (marcador de classe de substantivo plural) + -phakathi (conselho) ; compare pagati . Atestado em inglês a partir do século XIX. Substantivo amapakati (plural amapakatis) O conselho ou círculo interno de conselheiros de um chefe de uma sociedade Nguni.

e nem exploração do homem pelo homem. Todos os homens eram livres e iguais e este era o fundamento do governo. O reconhecimento deste princípio geral se expressava na constituição do conselho, chamado Imbizo, ou Pitzo, ou Kglota, que governa os assuntos do povo. O conselho era tão absolutamente democrático que todos os membros do povo poderia participar em suas deliberações. O chefe e o súdito, o guerreiro e o feiticeiro, todos participavam e tratavam de influir em suas decisões. Era um corpo tão sério e de tal influência que nenhum passo de alguma importância podia ser dado pelo povo sem referir-se a ele. (MANDELA, 1987, p. 40 [tradução nossa]).

De forma semelhante, Steve Biko (1990) não apenas dá exemplos do que seriam as características dessa cultura africana como, através de uma comparação, enfatiza as diferenças entre a cultura europeia e a cultura africana. Nessa perspectiva, vai dizer que um dos primeiros aspectos fundamentais dessa cultura é a importância que se dá ao homem. Seja nas relações sociais, políticas ou interpessoais, ocorre sempre o interesse na humanidade do outro, não como uma relação utilitarista, tal como na cultura europeia, em que as relações humanas têm algum objetivo de troca ou de exploração.

Como N'krumah e Mandela, Biko ressalta a relação da população com a propriedade comunitária, bem como a ausência de pobreza – ou uma classe social pobre –, pois sempre que ocorria de um membro da comunidade passar por alguma dificuldade, ele era acolhido pela mesma. Biko chega a falar de aspectos da cultura africana moderna, adaptada aos tempos atuais, mas com as características antigas citadas. (BIKO, 1990, pp. 55-63).

Sou contra a opinião de que a cultura africana está presa ao tempo, à noção de que, com a conquista do africano, toda a sua cultura foi apagada. Também sou contra a ideia de que, quando falamos de cultura africana, nos referimos necessariamente à cultura pré-Van Riebeeck³³. Sem dúvida a cultura africana vem suportando golpes duros e é possível que tenha sido tão espancada pelas culturas agressivas com a qual colidiu que quase perdeu sua forma; entretanto, em sua essência, até hoje percebemos no africano contemporâneo os aspectos fundamentais de sua cultura pura. Por isso, ao examinar a cultura africana, estarei me referindo também àquilo que chamo de moderna cultura africana. (BIKO, 1990, pp. 56-57).

Contudo, um aspecto da cultura africana, observado por Biko, me soa de extrema relevância, pois se aproxima de um devir capoeirano. Seria, então, o que arriscamos chamar de **mediações conflituais**, o **12º aspecto** dessa cosmovisão. Ele

³³ Médico Colonizador holandês.

vai defender que, para os povos africanos, não há uma pré-ocupação em enfrentar os problemas, e sim em experimentar a situação, em viver a vida em sua plenitude. Podemos dizer que distancia-se da orientação judaico-cristã do “livrai-nos do mal”, porque o mal pode ser um aspecto da vida que se fará presente em alguns momentos dela, e por isso deve ser vivenciado como meio de aprendizagem e de crescimento.

Em outras palavras, ele quer dizer que os africanos permitem que “[...] tanto os elementos racionais como os não racionais provoquem um impacto sobre eles, e qualquer ação que empreendem pode ser descrita mais como uma resposta a totalidade do seu ser a uma situação específica que o resultado de algum exercício mental.” (BIKO, 1990, p. 54) Por outro lado, ele evoca as palavras do Dr. Kaumda para dizer que:

O ocidental tem uma mentalidade agressiva. Quando vê um problema, não descansa enquanto não formular uma solução para ele. Não consegue viver com ideias contraditórias na mente; precisa concordar com uma ou com outra, ou então desenvolver em sua mente uma terceira ideia que harmoniza ou reconcilia as outras duas. E ele é rigorosamente científico ao rejeitar soluções para as quais não há fundamento na lógica. Faz uma distinção clara entre o natural e o sobrenatural, entre o racional e o não racional, e com muita frequência descarta o sobrenatural e o não racional como superstição. (KAUMDA, ano, *apud* BIKO, 1990, pp. 59-60).

O princípio da **unidade primordial** de Hampaté bá (1979), seria, então, o **13º aspecto**. Por sua vez, Oliveira (2003) faz uma defesa de que a não separação entre natureza e política e outras camadas importantes da vida em sociedade é outro aspecto importante da cosmovisão africana, de modo que não são privilegiadas as dicotomias, pois:

Tudo é visto de acordo com o princípio da integração, onde os vários elementos se comunicam e se complementam. Outra realidade que gostaríamos de identificar é o caráter da integração social que a visão de mundo africana possibilita. Exemplo disso é que a urbanização não é anti-ecológica – veja que os palácios centrais se situavam no meio das florestas sagradas -; outro exemplo, é que nesse tipo de organização social-religiosa, o sujeito não é individuado – como vemos por exemplo, no ocidente, a partir do esquadrinhamento da ciência –, mas faz parte de um todo integrado, isto é, o sujeito é visto como parte do todo. (OLIVEIRA, 2003, p. 37).

Nessa entoada, Vale (2012) discute os princípios da dialogicidade e da complementariedade, presentes na cosmovisão africana – ou nesse caso, afro-

ameríndia –, em que o saber não se concentra na massa encefálica; o conhecimento, o saber e inteligência caminham juntos com a sensibilidade, de modo que não se pode separar o que se pensa do que se sente como fatores destacáveis de um mesmo corpo:

[...] percebemos a importância das concepções matriciais afro-ameríndias-capoeiras numa dinâmica copulativa e incessante dos modos de saber com corpo, alma e coração. Alimentamo-nos dessa educação *de sensibilidade* numa partilha de *em-sinamentos* que privilegie este espaço trajetivo, de entremeio, crepuscular, entre “o pólo racional” e o “pólo sensível” no dito ato de conhecimento. Sem que a razão deixe de ser a razão, e nem os sentidos deixem de ser os sentidos. O desafio posto está justamente em pervagar na trajetividade e recursiva entre os “polos”, de modo que nenhum deles se absolutizem em detrimento do outro. Esta trajetividade, cursiva, recursiva e ressonante, pede por um exercício da *razão sensível*. (VALE, 2012, p. 44).

Observamos, ainda, que a experiência ontológica da inter-relação nos traz o princípio ético da alteridade. O conceito de alteridade também deve ser estendido, haja visto que, aqui, o Outro também somos nós. Embora a expressão preta/periférica “é nós” seja julgada como uma mera expressão errada pelos bedéis da norma culta, que talvez esqueçam-se (seletivamente) que a língua portuguesa e suas parentas surgiram do latim vulgar, e que a língua, como produto da cultura, se transforma com o tempo.

Essa expressão, como outras – bem como pronúncias de determinadas palavras –, a despeito do preconceito linguístico, são modos peculiares de determinados povos expressarem a língua do colonizador, estruturada em fonéticas de pronúncia impossível por outras línguas, de modo que, no sotaque e nas gírias, se preservam aspectos de uma africanidade que teve diversas das suas línguas maternas exterminadas. Ainda assim, deixaram marcas permanentes na língua hegemônica. Nesse caso, “é nós”, ao referir-se ao sujeito coletivo (nós) com um verbo flexionado no singular (é) nos remete à filosofia do Ubuntu – ou, como diria Vasconcelos,

A conversa que se estabelece ali serve para explicar o significado de Ubuntu, isto é, “Cada um de nós é parte do outro”. Essa assertiva ajuda a entender ainda melhor o espírito de Ubuntu. Ela esclarece o sentido do “Eu”, nessa corrente filosófica africana. Ele é incompreensível sem a figura do “Outro”. Sua constituição ocorre a partir desse “Outro”. Devemos lembrar, conforme foi posto acima,

quem é o “Outro”. Trata-se tanto da outra pessoa (muntu) quanto da própria natureza (kintu). Há também um provérbio do povo xhosa que reforça essa compreensão. Ele diz: “Cada humanidade individual se expressa idealmente na relação com os demais”. Portanto, fica claro que a filosofia Ubuntu aponta para a intersubjetividade, mas uma subjetividade em profunda sintonia e dependência com a natureza. (VASCONCELOS, 2017, p. 102).

Desse modo, podemos dizer que o princípio da **alteridade** seria o **14º aspecto** da cosmovisão africana. Essa filosofia africana da alteridade propõe modos de relações sociais e pessoais baseada em princípios éticos, cuja proposta filosófica é vivenciada através das gerações de determinados grupos étnicos. O que nos toca é a possibilidade de pensar os processos educativos norteados por essa concepção de alteridade, tanto na manutenção das culturas tradicionais africanas, quanto na inovação de concepções educacionais escolares, por uma educação antirracista, como explana Oliveira (2003):

O Outro, excluído ou não, é o critério da ação ética, pois nele reside o elemento ontológico que nos vincula ao mundo e não que nos subtrai dele. O Outro é o Mundo! Esse é o fundamento ontológico de uma epistemologia antirracista que tem na ancestralidade africana sua forma cultural privilegiada. Esse também é o fundamento de uma educação antirracista alicerçada na cultura de matriz africana recriada no Brasil e na América Latina, base de nosso programa filosófico educativo. Esta a proposta da Filosofia da Ancestralidade em diálogo fecundo e criativo com a educação das relações étnico-raciais, baseada na experiência africana ressemantizada no Brasil e, desde o Brasil diaspórico negro conectar-se com o mundo contemporâneo. (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

Nas relações que as pessoas e a comunidade estabelecem com o mundo, a natureza – uma das mães protetora e provedora, considerada senhora do mundo e da vida – e cada elemento da natureza e os elementos da cultura, que dialogam, se complementam, coexistem e se fundem, têm seus donos e donas, seus pais e mães, seus mestres e mestras. Ressaltando que a relação não é de propriedade nem de posse, é de sentimento de pertença, de apropriação e empoderamento. Assim, a **senioridade** é o **15º aspecto** da cosmovisão africana:

Deste modo, as noções vivas de *ancestralidade* e de *donas* e *donos*, nos auxiliam a compreender uma lógica interna à formação das *hierarquias* nos modos afro-ameríndios de saber se relacionar. Isto, para descontentamento dos *idealistas de plantão* que, da sacada da casa-grande, insistem em afirmar que nas sociedades indígenas e africanas, e aldeãs em geral, não existem líderes e autoridades do

poder, e sim uma idealizada horizontalidade absolutamente simétrica de relações. Talvez por estarem encabrestados pela visão branco-ocidental da ordem *oligárquica, patriarcal, individualista e contratualista*, as formas hierárquicas afro-ameríndias passem despercebidas aos olhos destes “estrangeiros” deslumbrados. (VALE, 2012, p. 92).

A partir destes pressupostos, podemos dizer que os modos de ensino/aprendizagem num olhar da cosmovisão africana e afro-ameríndia acontece, prioritariamente, na relação entre mestre/discípulo no interior de uma comunidade filiada a outra comunidade maior, como uma linhagem de capoeira, família de santo, etc. Essa relação tem um caráter hereditário, que diz respeito aos laços consanguíneos com os antepassados próximos e distantes, e remete à ancestralidade, a ligação espiritual que se tem com o passado, envolvendo as heranças históricas e de legados.

Nesse sentido, o processo de *aprendença* ancestral, numa perspectiva da cosmovisão africana no Brasil, pode ser pensado como nos sugere Machado (2006), que vem a tencionar:

[...] outras possibilidades para formação, numa perspectiva de ensinar colocando o que en-sina e o aprendente na mesma condição de desvelamento de caminhos de autonomia e solidariedade. Neste caso, considera-se a sina, o *odu* ou o *caminho* não como uma predição fatalista. Trata-se de fazer emergir todas as possibilidades criadoras que podem ser alcançadas pelo sujeito na sua condição de aprendente e ensinante. (MACHADO, 2006, pp. 2-3).

Com isso, estamos defendendo a ideia de que a *aprendença* é um processo contínuo, um caminho a ser percorrido e que se diferencia da formação que se pretende finita.

Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirada nos princípios básicos que regem a convivência na comunidade, encontramos outros paradigmas para se compreender a educação como outra forma de en-sinar. Educação como possibilidade quando se oportuniza aprender pela necessidade de ser, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a busca de ser antes de aprender para ter. (MACHADO, 2006, p. 23).

Assim, o processo de ensinanças e aprendenças se dá num movimento hierárquico que empodera os Mestres como autoridades legítimas, não autoritárias, reconhecidas pela sabedoria e respeitadas pelo tempo de vida e de exercício da

maestria. Nesse compasso, Vale vai dizer:

No entanto, a rigidez do sistema afro-ameríndio de hierarquia, e capoeira, aparece pautada pelas *forças vitais do saber*, atuantes nas sensibilidades extensivas, nas vidências *perspectivistas*, nas relações de *domínio e maestria* e no princípio da *senioridade*. Estas forças estão assentadas e são definidas pela centralidade da *ancestralidade* enquanto uma força decisória, organizadora destas relações sensivelmente assimétricas. (VALE, 2012, p. 92).

Diante dessa **hierarquia**, que é o **16º aspecto** da cosmovisão africana, organizadora da posição de cada um nos caminhos das ensinanças e aprendenças, se faz necessário que haja disciplina. Contudo, o conceito de disciplina ensinado na Capoeira, por exemplo, difere-se do conceito foucaultiano, onde o autor trata de uma “tecnologia” que visa a “docilização dos corpos” para que estes se tornem úteis ao sistema dominante.

Os controles referentes à rotina diária servem para condicionar um padrão de comportamento institucionalmente aceitável (FOUCAULT, 1987). A disciplina presente na Capoeira, e também nas práticas religiosas das comunidades de terreiro, tem como propósito o empoderamento ético/moral e físico, nunca a docilização. Aqui, os resultados de uma dedicação disciplinada visa o crescimento pessoal, a serviço de si e não de um poder instituído. Até porque a relação é afetual e não contratualista.

Desse modo, aplicamos nossa esquivas aos amordaçamentos branco-ocidentais, primando pela materialidade artista nos modos afro-ameríndios de *en-sinar* e *fazer-saber*. Estes modos exigem a força viva das corporeidades presentes numa disciplina afetual compondo elos vitais entre mestre e discípulo, numa relação familiar maternal-filial ou paternal-filial. Um laço de vida. (VALE, 2012, p. 37).

Gingando nessa conversa, a cosmovisão africana no Brasil – ou cosmovisão afro-ameríndia –, será nosso norte para pensarmos os aspectos de uma educação capoeirana, como indica Vale (2012):

Nessa levada, podemos perceber as vitalidades dos saberes e das relações capoeiras que, em muito, transcendem os princípios cartesianos, exclusivistas e historicistas dos modos escolares de conhecer. Ao passo em que, numa matriz afro-ameríndia a ligação umbilical entre as pessoas, os outros seres animais, vegetais e minerais, e a ambiência, é uma ligação matrialmente *iniciática* e não *humanocêntrica-racional*. É nesse sentido que não nos dedicaremos aqui a uma sociografia ou historiografia da Capoeira, mas sim às filosofias ancestrais e às filosofias da carne em histórias capoeiras. (VALE, 2012, p. 81 [grifos da autora].).

Enfim, defendemos que a cosmovisão africana, em sua natureza e especificidade, apresenta uma desobediência³⁴ inerente aos sistemas políticos vigentes, embasados por epistemologias que nascem da cosmovisão eurocêntrica. Mesmo a esquerda branco-ocidental não deu conta de dar respostas consistentes aos processos de colonização e exploração da África e dos africanos, e essa resposta está justamente numa perspectiva quilombista que tem suas bases de pensamento na cosmovisão africana.

Além disso, encontramos conhecimentos ancestrais nos depoimentos dos Mestres de Capoeira da atualidade, oriundos da cosmovisão africana e dos movimentos de resistência negra antiescravagista, como o foi a própria Capoeira. Afinal, segundo Nascimento:

Existe outra condição da vida africana que nunca se modificou durante a história do meu povo: nossa resistência contra a opressão e nossa vitalidade e força criativas. Trouxemos conosco, desde África, a força do nosso espírito, das nossas instituições socioeconômicas e políticas, de nossa religião, arte e cultura. É essa a essência do nosso conceito de quilombo. Historiadores convencionais do Brasil (brancos) e os dicionários, informarão que quilombo significa reduto de escravos fugidos. Nossa tradição afrocêntrica nos diz outra verdade. Quilombo, derivado da língua kimbundu da África austral, significa comunidade, no mais elevado sentido: comunidade em solidariedade, em convivência e comunhão existencial. (NASCIMENTO, 1982, p. 26).

Assim, as ideias quilombistas trazem propostas de luta e organização social pautadas no comunitarismo dos antigos quilombos. Segundo esse autor, o quilombismo nos ensina que “[...] precisamos construir nossas próprias instituições independentes e progressistas, consolidar nossa coesão e força política, reconstruindo e fortalecendo a nossa comunidade”. (NASCIMENTO, 1982, p. 32).

Isto posto, ele desenvolve sistematicamente uma teoria de cunho pan-africanista, onde sua elaboração epistemológica está intrinsicamente ligada à sua prática militante e à sua vivência na cultura afro-ameríndia. Na busca por respostas para a comunidade negra em relação ao racismo, Nascimento vai encontrar referências na história de resistência dos africanos escravizados no Brasil e nos modos peculiares de organização social que estes negros trouxeram consigo, de modo que os quilombos e as comunidades de terreiro são suas principais referências.

Nesse sentido, há, nas práticas comunitárias de origem africana, bases sólidas

³⁴ Até aqui, estamos trabalhando com a acepção do dicionário: desobediência = insubmissão.

de organizações sociais igualitárias, solidárias e livres. Contudo, percebemos que, devido às influências dos movimentos políticos de esquerda e seus modelos de organização política, esse autor não escapou de uma noção hierarquizante entre as massas e pequenos grupos intelectuais. Ainda assim, essa proposta política pode ser caracterizada por uma opção descolonial, pois carrega em si uma produção epistêmica que não obedece aos pressupostos eurocêntricos. Desse modo, sua desobediência epistêmica altera a geopolítica do saber, possibilitando olhares e reflexões a partir de outros horizontes que não o europeu. Com isso, pensamos que uma educação capoeirana traz estas características da proposta quilombista, inspirada pelos conhecimentos ancestrais, ao seu próprio modo, nos seus próprios termos, lançando mão de seus próprios recursos e territórios, da sua cosmovisão.

3. RESPONDO O CORO CONFORME O REFRÃO: UMA NARRATIVA HISTÓRICA DA CAPOEIRA

*Não vi Capoeira nascer
Mas ouvi os mais velhos falar
Capoeira nasceu na Bahia
Na cidade de Santo Amaro
– Cantiga de capoeira.*

Cantigas como esta que trazemos na epígrafe são modos de narrativas capoeiranas. Este é um dos jeitos e trejeitos de narrativa fundamental da Capoeira e que compõe o leque de recursos da tradição oral, transmitida cotidianamente através da convivência duradoura e intimista. Esses são modos através dos quais se preservam o conhecimento histórico das origens da Capoeira e sua práxis filosófica. Conhecimento, esse, que passa a inspirar a composição de novas cantigas, através das gerações de praticantes dessa arte, desde o tempo do ancestral.

Nessa entoada, seguiremos a versão preservada na linhagem de Mestre Gato Preto, pela história oral, transmitida a este Mestre por seus mais velhos. Além das narrativas ancestrais e das histórias orais, apresentaremos, nesta seção, outras narrativas tecidas por Mestres de Capoeira que produziram uma bibliografia própria do universo capoeirano, em termos históricos e filosóficos.

De fato, há diversas versões sobre a história da Capoeira. Entre as mais comuns, variam entre a defesa de ser uma arte de origem africana, especificamente bantu (CARNEIRO, 1937), afro-brasileira (REGO, 1968) ou “genuinamente” brasileira (BURLAMAQUI, 1928). Por isto, apresentaremos algumas questões levantadas por conceituados historiadores e antropólogos, que contribuíram para a elucidação de fatos referentes à história da Capoeira. Pois bem, essa história tem sido sistematicamente estudada desde o início do século XX. Mas na segunda metade do século é que a produção acadêmica sobre a Capoeira foi ampliada, em diferentes áreas, como na história, antropologia, educação, educação física, artes, psicologia, entre outras.

Num estudo sobre a produção acadêmica com a temática da Capoeira, Araújo (2005, p. 18) optou por não dar atenção à questão cronológica destas produções, mas em classificar quatro tipos de bibliografias básicas, definidas por ele como “aquela que

durante um determinado espaço de tempo proporcionou, a uma temática específica, informações pioneiras ou relevantes nos aspectos de natureza antropológica, sociológica, histórica, técnica e outros.” Seriam elas: crônicas, etnográficas, pedagógicas e técnicas.

Entre as obras estudadas, ele cita Moraes Filho (1901), Costa (1907), Querino (1916) Edmundo (1932), Carneiro (1937), Pastinha (1961), Cascudo (1967), Rego (1968), Araújo (1973), Areias (1983), Santos (1990), Bretas (1991), entre outros trabalhos de Mestres de Capoeira, antropólogos, africanistas, escritores literários e folcloristas a escrever sobre as tradições africanas no Brasil. Entre elas, a Capoeira. Araújo (2005) também cita as obras de Burlamaqui (1928) e de Marinho (1945), ambos no campo da Educação Física. Chamaram a Capoeira de “luta brasileira” ou “ginástica brasileira” E, de forma semelhantemente, associaram a prática da Capoeira ao discurso do esporte já contaminado por ideologias militares, higienistas e eugênicas.

Contudo, não compreendemos os motivos pelos quais esse autor não citou Soares (2004), que realizou uma pesquisa pioneira sobre a Capoeira carioca na primeira metade do século XIX. Ainda assim, a quem se dispuser a fazer uma meta-pesquisa – como a citada acima – nos dias de hoje, sugiro que não deixem de incluir estas e outras, mais atuais, e de inegável pioneirismo, como as obras de Pires (2002, 2007), Vasconcelos (2009), Vale (2012) e Araújo (2004, 2015).

Entre estes trabalhos citados, escolhemos aqueles que julgamos indispensáveis ao diálogo com as narrativas da tradição oral, preservada na linhagem de Mestre Gato Preto. Nosso ponto de partida é a vivência entre os anos de 1997 e 2009, após as aulas de Capoeira na ocupação de um prédio abandonado da USP, quando pudemos acompanhar cotidianamente o Mestre Pinguim a caminho de casa, já que residíamos em bairros vizinhos. Íamos andando e, na maioria das vezes, parávamos no meio do caminho, ao breu da noite, embaixo de uma árvore, para prostrar. Eram momentos em que algumas histórias e filosofias da Capoeira eram narradas. De um modo muito peculiar, cheio de expressões corporais, gestuais e faciais, o então Contramestre Pinguim partilhava das riquezas que Mestre Gato Preto havia lhe transmitido. Ele contava histórias como essa, narrada por Mestre Pastinha:

Os negros africanos, no Brasil colônia, eram escravos e nessa condição tão desumana não lhes era permitido o uso de qualquer espécie de arma ou prática de meios de defesa pessoal que viessem pôr em risco a segurança de seus senhores. Viu-se, nestas circunstâncias, a Capoeira, tolhida em seu desenvolvimento, sendo

praticada às escondidas ou disfarçada, cautelosamente, com danças e músicas de sua terra natal. (PASTINHA, 1988, p. 22).

Em seu livro *Capoeira Angola: ensaio socioetnográfico*, Rego (1968) compilou categoricamente informações sobre diversos aspectos da Capoeira, inspirada na fonte de Mestre Pastinha entre outros Mestres da época, inclusive Mestre Gato Preto, sua narrativa acadêmica defende a seguinte versão da história da Capoeira:

No caso da capoeira, tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros. Portanto, minha tese é de que a capoeira foi inventada no Brasil, com uma série de toques e golpes comuns a todos os que a praticam, e que os seus próprios inventores e descendentes, preocupados com seu aperfeiçoamento, a modificaram com a introdução de novos toques e golpes, transformando uns, extinguindo outros, associando-se a isso o fator tempo que se incumbiu de arquivar no esquecimento muitos deles e também o desenvolvimento social e econômico da comunidade onde se pratica a capoeira (REGO, 1968, p. 31).

Em trabalhos mais recentes, vemos narrativas que falam sobre a história da escravidão e a resistência negra, atribuindo à Capoeira um elemento fundamental da luta corporal, mas também enfatizam a africanidade da Capoeira como meio de preservação do conhecimento ancestral africano na diáspora, como em Munanga e Gomes (2004):

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade. [...] A capoeira constituiu-se numa possibilidade para os escravizados diante das adversidades e dificuldades colocadas pelo regime escravista; em uma prática para cultivar as tradições, as crenças e a dignidade humana de homens e mulheres negras. (MUNANGA & GOMES, 2004, p.152).

Nessa levada, Areias (1983), conhecido como Mestre Anande – um dos Mestres baianos que se estabeleceram em São Paulo na década de 1970 –, argumenta que, devido ao contexto da escravidão, a necessidade de libertação do povo negro resultou na formação dos quilombos e nas práticas africanas preservadas nesses quilombos e através da observação da natureza, utilizando o próprio corpo como arma, imitando golpes de animais. Desse modo, criaram a luta Capoeira, que

recebeu este nome por ser o mato ralo, ou capoeiras, local de prática da luta, longe dos olhos do patrão. (pp. 10-20). Enfim, Areias defende em sua narrativa que:

Por esses e outros fatores citados, é que acredito ser a capoeira uma invenção dos africanos no Brasil, por necessidade e circunstâncias próprias da situação em que aqui se encontravam, embora grande parte dos elementos extraídos para a sua criação tenha origem nas manifestações culturais africanas. (AREIAS, 1983, p. 19).

Nessa entoada, Mestre Pinguim também falava dos negros revoltosos que não aceitavam a escravidão – desde as senzalas rurais até os diversos quilombos, locais onde eram armados os planos, na calada da noite. Eles eram negros bons de pernas e, pra hora da defesa pessoal, eram negros guerreiros. Clóvis Moura (1988), após longas pesquisas, escreveu sobre as rebeliões negras e as formações de quilombos. Segundo ele, a última rebelião organizada por negros nagôs na capital baiana:

Demonstrará que os escravos já haviam sedimentado um certo nível organizativo e assimilado uma tradição de luta contra seus senhores, através do longo rosário de lutas que foi levantado durante o transcurso da primeira metade do século XIX. (MOURA, 1988, p. 153).

Se ali os negros escravizados já possuíam organização e planejamento para a luta, acreditamos que em seu meio já haviam expressões diversas de capoeiras, caracterizadas pela luta corporal, pelas estratégias, pelas fugas do cativeiro, pelas práticas culturais africanas do comunitarismo e das relações intergeracionais, entre outras. Estudos recentes trazem em sua narrativa a teoria de que a Capoeira não é um fenômeno rural, ou seja, que se desenvolveu nas senzalas e quilombos, e sim um fenômeno urbano. Soares (2004) diz que a Capoeira carioca do século XIX era uma prática de escravos que conviviam nos centros urbanos, escravos de ganho e alforriados. Segundo ele:

Mas não resta dúvida de que a capoeira era um fenômeno urbano. Bastasse que as hostes policiais deixassem por um instante sua vigília para que as ruas centrais, como a da Vala, ou o Largo da Carioca, fossem testemunhas dos passos do jogo. Tão rápido quanto eles surgiam, eles sumiam, a pesar de alguns, mais lentos, acabarem nas mãos da repressão. (SOARES, 2004, p. 77).

No entanto, acreditamos que a Capoeira seja uma arte afro-ameríndia e tenha seus primórdios nas interações entre os diversos povos de culturas distintas, que foram aglomerados nas senzalas e fortaleceram sua união na luta por sobrevivência,

nas rebeliões e fugas para os quilombos – assim como se desenvolveu nas cidades com a presença de escravos de ganho e negros alforriados. Ademais, neste contexto urbano, há uma parte significativa da história da Capoeira que esteve presente em diversos lugares e momentos, de modo a causar grandes impactos na sociedade – desde as desordens e atos violentos, até as práticas culturais de origem africana, ou a imposição da participação de negros escravizados nas trincheiras da Guerra do Paraguai, onde os mesmos eram muitas vezes oferecidos por seus senhores para evitar o próprio alistamento ou o alistamento de um filho, por exemplo. Segundo Toral (1995, p. 292.), *“Os mais aquinhoados, utilizavam-se de doações de recursos, equipamentos, escravos e empregados à Guarda Nacional e aos Corpos de Voluntários para lutarem em seu lugar.”*

Assim, ao passar do tempo, os discursos oficiais sobre a Capoeira, registrados na imprensa e em boletins de ocorrência da polícia – principais fontes utilizadas nas pesquisas históricas –, variavam entre o que Leal (2008, p. 17) chamou de *“tolerância relativa”* e *“perseguição rigorosa”*:

Nesse sentido, os capoeiras tiveram seus momentos de “valorização” nos últimos anos da Monarquia, devido à participação na Guerra do Paraguai (a capoeiragem, no Rio de Janeiro, até chegou a ser associada ao Partido Conservador). Mas logo que a República foi proclamada a situação se inverteu. A capoeira passou a ser considerada como um crime no então recém elaborado Código Penal republicano. Deportações em massa ocorreram no Rio de Janeiro e no Pará, mesmo que em proporções diferentes. Assim, se ao longo do Império a prática da capoeira no Brasil foi criticada, mas não fortemente perseguida, com o advento da República ela foi criminalizada e até mesmo apontada como uma organização de resistência ao novo regime. (LEAL, 2008, p. 17).

Nas narrativas orais da Capoeira através de cantigas, encontramos uma ladainha que narra a história das maltas de Capoeira. Esta é uma passagem importantíssima da história da Capoeira e da política brasileira. Durante a pesquisa, pudemos perceber que essa narrativa pode ser qualificada como uma síntese artístico-capoeirana, da história escrita por Areias (1983, pp. 28- 37), a ladainha é de autoria de Mestre Mão Branca de Belo Horizonte.

Oi no Rio de Janeiro, Pernambuco e velha Bahia
 Chegaram os ex-escravos à grande periferia
 Vagando pela cidade, oi então o negro ia
 Oi para os portos e mercados, oi as feiras e ferrovias
 Sem ninguém pra lhe ajudar, colega vai e sem ter informação

Sem dinheiro pra gastar, ai meu Deus, às vezes sem ter o pão
 Negro ia vadiar, na capoeira meu irmão
 Falava alto o berimbau, colega véio e o pandeiro acompanhava
 Reco-Reco de mansinho, ai meu Deus e o joga começava
 Rabo de arraia, na cabeçada e na rasteira,
 Os turistas vinham ver e davam Dinheiro ao capoeira
 Mas, o passado escravo, oi fez o negro inferior
 Sem condições de viver, colega véio marginal ele virou
 Assaltando casas nobres, oi mercenário sim senhor
 Até se vestia de mulher pra roubar seja quem for
 Manhosos e traiçoeiros, eram Guaiamuns, eram Nagôs
 Maltas do Rio de Janeiro foi verdadeiro terror
 E nem mesmo a polícia Podia nada fazer
 Pois se ficassem frente a frente, colega véio era certo alguém morrer
 A navalhada afiada, faca envenenada,
 bengala de lado e lenço no pescoço
 Malandro de branco descia a ladeira
 o povo dizia: – Ai vem o capoeira
 Mas isso tudo é passado hoje melhor posso entender
 Mas se eu fosse daquele tempo
 Eu Também queria ser das maltas de capoeira
 oiaia que lutaram para viver
 Maltas de capoeira não existem mais
 Mas o negro ainda luta por seus ideais
 Maltas de capoeira não existem mais
 Malandro capoeira ficou para trás
 Maltas de capoeira não existem mais
 Obrigado por Deus não somos marginais
 (Cantiga de Capoeira, Mestre Mão Branca).

Segundo Soares (1994), as maltas de Capoeira surgiram no Rio de Janeiro no período da independência do Brasil. Inicialmente, eram vários grupos que, ao passar do tempo, conquistaram espaço na cidade e se associaram a duas grandes federações que, já na república, ficaram conhecidas como Guaiamuns e Nagôs: *"[...] nagô teria relação com africanos e baianos, seguidores da religião dos orixás, ou pelo menos próximos. Guaiamum seria uma tradição nativa, crioula, natural da terra, ligada aos escravos nascidos no Brasil"* (SOARES, 1994, p.48).

Como relatado na ladainha, esses grupos vagavam pelas cidades em busca da sobrevivência e muitas vezes agiam de forma violenta. Diante disto, homens brancos de poder político na sociedade viram nas maltas a possibilidade de apoio para embates corporais, em meio às disputas políticas entre os partidos conservador e liberal. Assim, os nagôs se associaram ao partido conservador e os guaiamuns ao partido liberal.

Durante todo o período imperial o capoeira vai percorrer a imprensa e os registros policiais como grandes ameaças à segurança nas ruas, atacando e navalhando estrangeiros incautos ou escravos bem comportados. As maltas – bando de capoeiras – tomam parte nos grandes eventos da vida urbana: desfilam sempre à frente das bandas de música e procissões, exibindo sua destreza e provocando tumultos, e são também, pouco a pouco, incorporadas à atividade política, produzindo segurança ou insegurança, dependendo de quem seja o dono do comércio e da eleição. Exército das ruas disponível para liberais e conservadores, os capoeiras se incorporam ainda – através das práticas do favor – nas filas das forças regulares, agentes de polícia exímio navalhistas, celebrando a identidade entre ordem e desordem. (BRETAS, 1991, p. 240).

Outra narrativa, que sempre se fez presente nos ensinamentos de Mestre Pinguim, falava sobre as perseguições policiais, os conflitos cotidianos, as lutas, os jeitos de se defender e de se esconder, desenvolvidos pelos capoeiras sobretudo num tempo em que a Capoeira passou a ser criminalizada. Em 11 de Outubro de 1890, o novo Código Penal da República, Capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras:

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou inculcando temor ou algum mal.: Pena: De prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 - No caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400 (pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes). Parágrafo único - Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Art. 404 - se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranquilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (BRASIL, 1890).

Com a implementação dessa lei, houve um aumento do contingente carcerário. Vemos, então, alguns movimentos de capturas que, por vezes, visam perseguir, prender, torturar e violar, bem como outros movimentos que pretendem cooptar a Capoeira e torná-la útil para a sociedade. Intelectuais cariocas da área de educação física passam a estudar a Capoeira na perspectiva de desenvolver uma ginástica nacional que fosse enquadrada às tais ideologias militaristas, disciplinadoras e eugenistas.

Assim, foi sob esta ótica marcadamente militarista, disciplinadora e eugenizadora que a capoeira se esportizou, no investimento oficial do governo na capoeira-esporte houve, como já disse um privilegiamento da capoeira baiana. Nesse sentido, o interventor federal na Bahia daria início a discriminação da luta, conforme evidencia-se no divertido episódio narrado a seguir, desejando propiciar um espetáculo à autoridades e amigos, o interventor convidou os capoeiras do grupo de Mestre Bimba (cujo escola de capoeira funcionava clandestinamente à época, em virtude da proibição então em vigor) a comparecer ao palácio governamental para fazer uma exibição. Corria o ano de 1937, momento conturbado politicamente devido ao golpe do Estado Novo. (REIS, 1997, p. 108).

Segundo Rego (1968), na década de 1930, Mestre Bimba recebeu, das mãos de um militar, um envelope convocando-o para se apresentar no palácio do governo. Nessa ocasião, ele teve a certeza de que era uma intimação para seu encarceramento. Afinal, a prática da Capoeira era crime. Para sua agradável surpresa, não passaria de uma apresentação cultural para autoridades da época. Com isso, Mestre Bimba foi o primeiro capoeira a abrir uma academia legalmente autorizada pela polícia. Estava sendo dada a continuidade de um plano de esportização da Capoeira, fundamentado nas teses de Burlamaqui (1928) e Marinho (1945). Segundo Reis, *“Nesta obra, de certa forma encontramos aquele jeito branco erudito da capoeira-esporte que já se anunciara em princípios do século no Rio de Janeiro. As três representações da capoeira como “mestiça”, “nacional” e “esporte” reaparecem então atualizadas.”* (REIS, 1997, p. 109).

Nesse contexto, Mestre Bimba idealizou uma metodologia de ensino da Capoeira, misturando golpes de outras lutas, como o greco-romano, e formas de organização de academias de lutas orientais, como o sistema de graduação por cordéis³⁵. Além disso, sua prática foi limitada ao espaço privado, uniformizada e, principalmente, direcionada à elite branca baiana. Sua ideia era criar um estilo de Capoeira próprio da Bahia, de modo que outras regiões poderiam desenvolver seus estilos próprios. Por isso, deu o nome *“Luta Regional Baiana”*, que posteriormente passou a ser chamada de *“Capoeira Regional”*. Segundo Silva:

Mestre Bimba criou um método singular de ensinar capoeira; aflora a vertente marcial [...] revestida da ideia de esportivização; conjuga-se a capoeira com o momento sociopolítico e cultural do país. Pode-se

³⁵ Cordão amarrado na cintura de cores variadas, conforme a graduação do praticante, assim como o sistema de faixas do karatê, kung fu e judô.

aceitar com facilidade que, em termos gerais a capoeira regional estabeleceu um novo conceito de capoeira; depois dela a noção de capoeira se transformou. (SILVA, 2008, p. 20).

Assim, a Capoeira passa a ser legalizada em 1936, a partir de uma autorização cedida a Mestre Bimba para a abertura de sua academia (REIS, 1997). Mas é somente com o decreto do código penal de 1940 que ela passa a ser oficialmente descriminalizada.

Havia, na época, uma nata de velhos Mestres que já vinham se organizando no sentido de afastar a Capoeira da marginalização. Esses Mestres orientavam seus pares a manter uma conduta aceitável na sociedade, como não se envolver em brigas e confusões nas ruas, andar bem vestido, ter hábitos de cortesia. Neste sentido, alguns dos Mestres de Salvador, pioneiros da Capoeira Angola – como era chamada a Capoeira tradicional anterior à criação da Regional de Bimba –, fundaram o “Centro Nacional de Capoeira de origem Angola” na capital baiana. (COUTINHO, 1993, p. 16).

Esse Centro era dirigido pelos Mestres Amorzinho, Noronha, Livino e Totonho de Maré. Preocupados com a crescente aceitação da Capoeira Regional e a insistente perseguição à Capoeira Angola, mesmo depois de retirada do código penal, convidaram Mestre Pastinha, um respeitado Capoeira da época – conhecido por suas habilidades físicas e seus conhecimentos profundos desta arte –, a se tornar o “*Guardião da Capoeira Angola*”. Esse fato é narrado pelo próprio Mestre Pastinha:

Aberrê então me convidou para ir aprecia-lo jogar no Jinjibirra, com o que eu concordei, em 23 de fevereiro de 1941. Fui a esse local como prometeira a Aberrê. E com surpresa o Sr. Amorzinho dono daquela capoeira, apertando a minha mão disse: Há muito que o esperava para lhe entregar esta capoeira; para o senhor ensinar. Eu ainda tentei me esquivar desculpando, porém, tomando a palavra do Sr. Antônio Maré, disse-me: Não há jeito não Pastinha. É você mesmo que vai ensinar isto aqui. (PASTINHA, s/d., s/p.).

A partir desse momento, Mestre Pastinha ficou conhecido como o guardião da Capoeira Angola, porque assumiu, de fato, esse papel, uma responsabilidade que lhe foi dada por Mestres mais velhos do que ele, e formou o “Centro Esportivo de Capoeira Angola”. Neste centro, Mestre Pastinha reuniu a galanteria da capoeiragem soteropolitana e formou uma nova geração de capoeiras. Essa formação implicava no aprendizado prático da Capoeira, sua história e filosofia, bem como orientações de conduta que o capoeira deveria procurar manter, para não ser mal visto pela sociedade e deixar de ser marginalizado. Dias (2012) vai dizer que:

Assim como Mestre Bimba, Pastinha abriu uma academia, instituiu uniformes para seus alunos, deu um caráter institucional à prática do jogo. É interessante observarmos o fato de que, a prática da capoeira sai das ruas e passa a ocupar locais socialmente destinados para aquela técnica corporal. Talvez a busca por construir uma nova compreensão em torno da capoeira e de seus praticantes, fomentado pelo discurso populista de Getúlio Vargas em seu projeto de modernização cultural, tenha favorecido essa mudança territorial da prática da capoeira, que se afastou cada vez mais das ruas, dos vícios e das confusões, para afirmá-la enquanto "esporte nacional" (DIAS, 2012, p. 36).

Por isso, estes se tornaram os dois grandes nomes da história da Capoeira no século XX. A partir do passo dado por Mestre Bimba, ao se dispor a dialogar com o poder político, conseguir a autorização para abrir sua academia e provocar a descriminalização da Capoeira – a sua retirada do código penal –, abriu caminhos para a universalização da Capoeira. Mestre Pastinha, por sua vez, fica incumbido de manter a tradição da Capoeira Angola como uma manifestação da cultura africana no Brasil, preservando os seus valores tradicionais. Pode-se dizer que

Ambos, Bimba e Pastinha, buscavam a superação da pecha pejorativa que envolvia a capoeira e cada um, à sua maneira, desenvolveu estratégias para tal. Bimba, com sua luta regional baiana, torna a capoeira mais combativa, e registrou sua escola como sendo de educação física, uma fachada para atuar livremente, surge assim o Centro de Cultura Física Regional. Pastinha procurou criar uma diferenciação entre o que ensinava em sua academia e a “capoeira de rua”, tida como prática de indivíduos de mau caráter, e para isso lançava mão dos fundamentos da capoeira, na religiosidade africana, no caráter lúdico e teatral do jogo. (CORDEIRO, 2013, p. 79).

Mestre Pastinha aprendeu com seu Mestre Benedito, um africano, que a Capoeira era uma mistura do batuque, do candomblé e da dança dos caboclos. No entanto, seu encontro com o artista Angolano Albano Neves e Souza modificou sua compreensão sobre as origens da Capoeira. Este pintor retratava a cultura Angolana e, em um de seus quadros, havia imagens que se assemelhavam à Capoeira Angola. Ao conhecer o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) de Mestre Pastinha, deduziu que aquela prática dos negros brasileiros tinha origens na dança da zebra, o N'Golo.

O N'golo, disse Neves e Souza ao velho capoeirista, é dançado por rapazes nos territórios do Sul de Angola, durante o ritual de puberdade das meninas. Chamado de Mufico, efico ou efundula, esse ritual marca

a passagem da moça para a condição de mulher, apta a namorar, ter filhos. É uma grande festa em que se consome macau, bebida feita de um cereal chamado massambala. O objetivo do N'golo é vencer o adversário tocando seu rosto com o pé. A dança é marcada pelas palmas, e como na roda de capoeira, não se pode pisar fora de uma área demarcada. N'golo significa zebra e, de fato, alguns movimentos, em particular o golpe dado com o pé, de costas e com as duas mãos no chão, parecem mesmo com o coice de uma zebra. (ASSUNÇÃO & PEÇANHA, 2008, p. 16-17).

Essa versão sobre a origem da Capoeira passou a ser defendida pela escola pastiniana³⁶, principalmente após o falecimento de Mestre Pastinha em 1981. Nesta época, a Capoeira Angola estava enfraquecida. Muitos mestres estavam sumidos, afastados do cenário capoeirano, que foi se esvaziando após o adoecimento de Mestre Pastinha. Diante disso, Mestre Moraes, discípulo da escola de Mestre Pastinha, fundou em 1982 o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP). Este Mestre, com seu grupo, passou a defender um discurso e uma prática da Capoeira Angola com teor político, influenciado pelo movimento negro de denúncia ao racismo e afirmação das origens africanas e do orgulho negro.

O GCAP, se autodefinia como guardião, zelador e divulgador das tradições da Capoeira Angola, imprimia sua marca fundamental na formação do capoeirista, em oposição ao “jogador” ou “lutador” de Capoeira percebendo que na Capoeira Angola incidem valores contundentes, de reafirmação da pequena roda (a roda de Capoeira) na grande roda (o mundo e suas relações pessoais e institucionais). (ARAÚJO, 2015, p. 59).

Essa postura de guardião da tradição trouxe um discurso “purista” referente às origens e aos fundamentos filosóficos da Capoeira Angola, numa construção particular de uma concepção que, de certa forma, se tornou hegemônica entre os novos angoleiros. Inegavelmente, a atuação desse grupo influenciou o retorno de diversos Mestres que estavam afastados do cenário capoeirano, bem como o surgimento de um novo cenário da Capoeira Angola num aumento significativo de grupos por todo o Brasil – inclusive da conversão de diversos praticantes da Capoeira Regional para a Capoeira Angola.

Por outro lado, Mestre Gato Preto foi um dos Mestres que nunca deixou de lecionar Capoeira nem de se fazer presente nas rodas e no cenário da Capoeira nacional e internacional. E sempre defendeu a versão da história oral que ouviu de

³⁶ Termo utilizado por Mestra Janja (Rosângela Costa Araújo) em sua tese de doutorado, intitulada **Iê viva meu Mestre! A Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. (2004).

seus Mestres, que diz que a Capoeira Angola nasceu em Santo Amaro da Purificação na Bahia, uma mistura de lutas africanas de diversos povos com o batuque dos caboclos dessa terra e a dança dos orixás, assim como acreditava o próprio Mestre Pastinha, antes de conhecer o pintor Angolano.

Mestre Gato Preto não acreditou que o N'golo pudesse ser a origem da Capoeira Angola, mesmo tendo vivenciado por alguns anos no CECA de Mestre Pastinha. Isso, provavelmente, porque sua vivência e aprendizado na Capoeira iniciam-se em Santo Amaro da Purificação, sua terra natal, onde conviveu com as primeiras gerações de capoeiras, como os Mestres Leó, Alípio, Catarino, Siri de Manguê, Besouro, Cobrinha Verde, entre outros. Naquele tempo e região, dizia-se que a Capoeira era uma dança de negro nagô, como o próprio Mestre João Grande, um dos sucessores de Mestre Pastinha diz num documentário sobre seu Mestre³⁷.

Enquanto a escola pastiniana defende que a Capoeira Angola é uma prática cultural de origem bantu, Mestre Gato Preto se posiciona contrariamente a essa versão e mantém um discurso desde a década de 1950 que afirma que a origem da Capoeira é baiana, quando cria a sua “*Academia de Capoeira Baiana*” (ACB). Afro-brasileira (ou ameríndia), da Bahia, nascida e criada em Santo Amaro por negros nagôs. Em entrevista à antropóloga Helina Hautavaara, em 1956, ele diz:

Aqui é Capoeira Baiana, eu aprendi com Pastinha, lá era Angola, mas eu acredito que a Capoeira não é de Angola, ela é baiana. Então, eu explico porque ela é baiana: Porque naquela época, os africanos vieram para o Brasil, e aqui tinha um número de nagôs. Eles jogavam Capoeira. Então, eles chegaram aqui e se uniram, quer dizer, e se uniram e começaram a brincar, então eles não ensinaram aqui os nagôs aos baianos, porque eles já sabiam e aí ela foi crescendo. Então, para não desprestigiar os africanos ficou a Capoeira com nome Angola, mas acredito que ela é baiana, vamos dizer, descendente de africano. Ela é baiana porque os africanos já sabiam e quando eles chegaram os baianos já sabiam, eram os nagôs. Então por isso que eu explico e acredito que a Capoeira é Baiana.³⁸

Com isso, acreditamos que há no mínimo uma forte influência dos negros nagô do recôncavo, ainda que em menor número que os Jêjes e Angolas, nas origens da Capoeira da Bahia. E assim, devido ao fato de esta pesquisa dedicar-se a entender os significados de desobediência para Mestres de Capoeira da atualidade, além de buscar esse entendimento em uma linhagem específica – a linhagem de Mestre Gato

³⁷ MURICY, Antônio Carlos. Pastinha, uma vida pela Capoeira. Documentário. Rio de Janeiro. 1998.

³⁸ Entrevista realizada à Hautavaara, em 1963, em Salvador.

Preto –, farei uso prioritário dos conhecimentos adquiridos oralmente ao longo da minha trajetória de dedicação à aprendizagem com Mestres desta linhagem, desde 1997, na sede do Grupo Guerreiros da Senzala, liderado por mestre Pinguim e localizado na Universidade de São Paulo.

Desse modo, apresentaremos a seguir o conceito de linhagem de Capoeira e o histórico da linhagem de Mestre Gato Preto para, a partir disso, elaborar nossa compreensão sobre as concepções pedagógicas presentes nessa linhagem. Em suma, falar dessa linhagem é falar de uma Capoeira que tem “*nome, sobrenome e endereço*”, ou seja, Capoeira Angola de Santo Amaro da Purificação (Bahia), como uma prática cultural dos africanos de origem nagô.

Com isso, não temos a menor intenção de negar a presença, influência e protagonismos dos povos Bantus na história geral da Capoeira, porém continuaremos na defesa da tradição oral dessa linhagem, enaltecendo os protagonismos do povo nagô na história da Capoeira santamarense. Enfim, acreditamos que seja necessário ampliar os estudos em *histórias* da Capoeira, identificando as peculiaridades locais e temporais de seu desenvolvimento e a participação da matriz africana na história da Capoeira. Em suma, nossa defesa parte da história oral, sobre uma capoeira baiana, santamarense, afro-brasileira, expressada no campo e na cidade e protagonizada por negros de origem Nagô no Brasil, conforme aprendemos na linhagem de Mestre Gato Preto.

3.1. Solto o jogo conforme a razão: características de uma linhagem

Acredito que, para continuar essa prosa, é preciso entender algumas coisas como, por exemplo, o que é e como se forma um Mestre de Capoeira, ou o que chamamos de linhagem nesse universo e os aspectos da linhagem de Mestre Gato. Nessa perspectiva, apresentaremos, aqui, a definição de Mestre de Capoeira e sua formação:

Para começar não existe formatura em capoeira. Um ponto final, porque a capoeira não tem fim. Onde quer que você vá, irá vê-la. O mesmo vai acontecer com seu filho, seu neto, ou bisneto: onde quer que eles forem, irão vê-la. Ela é universal, ela anda, é dinâmica, não tem formatura como o médico que aprende tudo, se forma e vai cuidar da profissão.

O doutor da capoeira é a sabedoria. Para conseguir tem que prolongar a vivência na arte. Como? Dando um cordão ao menino e deixar ele treinar durante quatro anos, para se preparar e para se acostumar com

a realidade. Para conseguir a sabedoria. Com dez anos, ele pode ser contramestre, através de pesquisas e estudos. Então, aos vinte anos de experiência ele pode ou não ter condições de ser Mestre. Tudo depende da sabedoria e sabedoria nada tem a ver com a idade. Daí pode vir o título, dado pelos Mestres, de "passou a estar pronto". Não significa estar formado, pois o trabalho e o aprendizado continuam. A capoeira não para, não morre (SPOCK, 1999, p. 9).

Nessa perspectiva, Mestre Gato aponta a dinâmica de reconhecimento daquele que “passou a estar pronto” e poderá ser chamado de Mestre – inicialmente por outros Mestres e depois pela comunidade em geral. Essa dinâmica é diferente das formas de graduação criadas por Mestre Bimba na Capoeira regional. Num sistema semelhante às faixas de karatê, Mestre Gato usa cordas de cores diferentes, e cada cor indica a graduação do praticante. Na capoeira Angola não é assim, você será discípulo a vida toda, enquanto estiver vivo estará aprendendo, e passa a Mestre conforme o conhecimento adquirido e reconhecimento do grupo. Isto posto, vamos entender, agora, o que significa linhagem de Capoeira.

Em conversa com Mestre Gato Góes, filho mais velho de Mestre Gato, o mesmo explicou que a Capoeira do tempo de Tio Alípio, Besouro e Benedito – por volta da segunda metade do século XIX – de fato não possuía linhagens. Segundo o próprio Mestre Gato Preto:

Meu pai era filho de africano, como eu acabei de falar, e meu avô treinava e não queria que ele dissesse o que ele estava aprendendo. Era um segredo que ele tinha que saber e eu não sei de onde veio. Não tinha aquela coisa de hoje eu sou Mestre e quero falar pra todo mundo que eu sou Mestre e estou ensinando. Não. Naquele tempo não. Ele aprendia e ensinava para o cara ter a defesa não para mostrar quem que é e o que aprendeu. O que aprendeu, aprendeu ali dentro da tribo, dentro do culto, na aldeia, no grupo³⁹.

Ademais, é a partir dos ensinamentos dos Mestres do tempo de Mestre Gato, como Mestre Paulo dos Anjos, Mestre Canjiquinha, Mestre Bobó e o próprio Mestre Pastinha, que seus discípulos passam a se declarar pertencentes às linhagens de seus respectivos Mestres. Nesse tempo, a Capoeira estava passando por um processo de auto-organização e sistematização para uma possível inclusão social. Ao longo desse processo, Mestre Gato Preto, ao fundar sua “Academia de Capoeira

³⁹ Este é um trecho de uma entrevista realizada para a elaboração de uma biografia de Mestre Gato que nunca foi editada. O áudio da entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZnNiVktCLCE&t=146s>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

Baiana”, passa a criar modos próprios de organização interna, que definiriam sua peculiaridade, criando, assim, o que seriam os aspectos da sua linhagem. Nesse sentido, Gomes (2012) sugere que

Educar-se em uma linhagem específica recai em aprender as técnicas básicas, que Gato chama de fundamentos, implícitos na técnica corporal, as músicas, as formas desse tocar o berimbau, os toques, o processo criativo em um estágio avançado, dentre outros [...]” (GOMES, 2012, p. 97).

Ao trazer esta breve definição, gostaria de dar uma contribuição a fim de ampliar a compreensão sobre o que é a linhagem de Capoeira, segundo os conhecimentos adquiridos ao longo da minha vivência nessa arte. Assim, compreendo que essa questão está muito além de “técnicas básicas”. Entendo que uma linhagem de Capoeira caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos que foram preservados. Alguns deles, criados e transmitidos por um Mestre de Capoeira específico aos seus discípulos, que também se tornaram Mestres com o tempo, e que transmitem esses conhecimentos – através de gerações, do mesmo modo que aprenderam, ou da maneira mais próxima possível. Assim, mantiveram-se características fundamentais, apoiadas primordialmente pela oralidade. Esses conhecimentos são chamados de fundamentos. Entre eles estão: os modos específicos de organização, práticas, didáticas, filosofias e historicidade.

Alguns desses fundamentos podem, por exemplo, ser identificados publicamente nos modos de organização da roda de Capoeira, desde a formação do conjunto de instrumentos – que chamamos de bateria –, até o andamento rítmico, as regras de entrada e saída do jogo da Capoeira, a moralidade que rege a conduta dos jogadores⁴⁰ – dentro e fora da roda –, assim como os nomes dados aos toques de berimbau, aos instrumentos e aos movimentos da Capoeira, bem como a sua didática e execução. Por outro lado, há outros fundamentos que são transmitidos de forma restrita aos discípulos de uma respectiva linhagem e são aprofundados na medida em que se amplia o grau de compromisso assumido por eles.

Assim, podemos dizer que um primeiro aspecto fundamental da linhagem de Mestre Gato é a musicalidade. Além da destreza técnica com a qual a conduzia,

⁴⁰ No universo da Capoeira, chama-se de jogadores todos os participantes diretos do ritual da roda de Capoeira, sobretudo aqueles que estão prostrados “aos pés do berimbau”, prontos para iniciar um jogo. Vale ressaltar que jogo é uma das palavras utilizadas para se designar a prática da Capoeira, assim como vadiagem e brincadeira.

sobretudo o som do berimbau, a variedade de toques deste instrumento que ele tinha em sua bagagem eram surpreendentes. Nem todos os Mestres de Capoeira de Salvador conheciam os toques tradicionais da cidade de Santo Amaro, sem falar nos toques criados pelo Mestre Gato. Outra característica do aspecto musical dessa linhagem é o modo de organização e classificação desses toques, que se difere de outros modelos. Rego (1968, pp. 60-61) listou um total de 18 toques de Mestre Gato. Segue a reprodução dessa que foi a maior lista de toques de berimbau dentre os capoeiras que participaram da pesquisa:

Angola;
São Bento Grande;
Jogo de Dentro;
São Bento Pequeno;
São Bento Grande de Compasso;
São Bento de Dentro;
Angolinha;
Lúna;
Cavalaria;
Benguela;
Santa Maria;
Santa Maria Dobrada;
Samba de Angola;
Ijexá;
Panhe a laranja no chão tico-tico;
Samongo;
Benguela Sustenida;
Assalva ou Hino.

O segundo aspecto fundamental dessa linhagem está no modo de jogar a Capoeira Angola. Segundo Passos (2009),

Dentre os toques considerados para o jogo na roda de capoeira, há uma divisão entre três grupos chamados cortes – os três cortes da capoeira. São três grupos de conduções musicais que devem proporcionar expressões corporais e intenções de jogo diferentes. São chamados corte baixo, corte médio e corte alto. Atualmente, poucas linhagens de capoeira Angola reconhecem e praticam os três cortes de toques argumentando, inclusive, que o terceiro corte, mais corrido e festivo, seja uma influência da capoeira regional. Estas características são, segundo Mestre Gato Preto, de uma tradição do Recôncavo muito anterior à dicotomia entre os estilos de capoeira, Regional ou Angola. (PASSOS, 2009, p.2).

Em outras palavras, essa linhagem é diferente de outras, pois não se limita ao jogo de Angola, que seria o corte baixo; um jogo caracterizado de forma grosseira, por ser jogado próximo ao chão e, na maioria das vezes, num ritmo lento. Ademais, também aprendemos, na linhagem do Mestre Gato Preto, o jogo de São Bento Grande, o corte médio, que, grosso modo, também pode ser explicado de modo semelhante ao jogo de Angola, mas não como jogo de chão e lento e sim um jogo que alterna entre o jogo de chão e o jogo em pé, num ritmo mais cadenciado. Nessa perspectiva, podemos explicar o jogo de dentro, o corte alto, que seria um jogo jogado em pé e num ritmo um pouco mais acelerado, porém nunca rápido demais.

Além dessas características diretamente ligadas à prática da Capoeira, um terceiro aspecto dessa linhagem – e também muito significativo – é a importância dada à prática de todas aquelas manifestações culturais advindas do abacá, a dizer: maculelê, samba de roda, percussão, danças afro-brasileiras e o próprio candomblé, como partes indissociáveis da cultura negra, tendo a Capoeira como carro chefe, afinal estamos falando de uma linhagem de Capoeira. Segundo Passos (2009),

Mestre Gato Preto foi também exímio instrumentista no atabaque. Era ogã huntó no tradicional terreiro da nação gêge, Zogodô Bogum Malê Rundó, o Terreiro do Bogum, desde a época da antiga mãe Runhó. Sempre ensinou e preservou toques e manifestações do atabaque; ritmos do candomblé, samba, maculelê, puxada de rede e dança. (PASSOS, 2009, p. 2).

Para além disso, um quarto aspecto, não menos importante, mas não tão ressaltado, é o fato de termos Besouro Mangangá como um ancestral dessa linhagem. Isso se dá não somente porque Besouro é um dos maiores ícones da Capoeira de Santo Amaro, mas também devido à ponte com seu discípulo Cobrinha Verde, outro ancestral dessa linhagem e um dos Mestres do Mestre Gato. Ainda assim, não falamos em linhagem de Besouro, pois soa pretencioso, até porque não conhecemos tantas especificidades da Capoeira de Besouro como tivemos a oportunidade de conhecer e preservar a Capoeira de Mestre Gato – logo, de preservar sua linhagem. Gomes (2012) confirma a informação que passamos aqui:

Gato remete a um estilo de Capoeira Angola muito tradicional. E isto quer dizer que a sua Capoeira carrega elementos que talvez só se encontrem na Capoeira do Recôncavo Baiano, de Santo Amaro e arredores. Aprendeu com Mestre renomados e dentre eles Mestre Cobrinha Verde. Este Mestre foi primo carnal do lendário Besouro, portanto, a linhagem de Gato provém tanto da Capoeira que aprendeu

em família, com seu pai, tio, com conterrâneos como Mestre Leó, e com a Capoeira que teve relação com Besouro, igualmente filho de Santo Amaro. (GOMES, 2012, p. 97).

Devido a esse aspecto, nos importa falar um pouco mais sobre Besouro (1895 – 1924). Ele era um desses grandes Mestres antigos que aprendeu os fundamentos da cultura no abaçá, vivenciando todo aquele caldeirão cultural. Era um candomblezeiro⁴¹, filho querido de Ogum⁴², sambadeiro e também batia maculelê. Famoso por suas histórias de bravuras e valentias, foi criminalizado e perseguido pelas instituições sociais e autoridades da época. Diante dessa realidade, sua postura foi desobedecer a todos eles. Desobedecer a tudo e a todos que tentassem, de certa forma, lhe impor qualquer coisa que fugia a seus princípios éticos. Segundo Vasconcelos (2009):

Besouro tinha seu próprio conceito de justiça, vivia entre o limite do justo e injusto, a ordem e a desordem. O filho querido de Ogum, guerreiro de Santo Amaro, não se entregava aos sinais de ordem e a imposição da lei. Ele se contrapunha à lei dominante da República Velha, ultrapassando a norma do direito positivo. Seu modo de fazer “[...] justiça, era própria de sua cultura de resistência ou dos caminhos encontrados para vazar a justiça da cultura dominante” (VASCONCELOS, 2009, p. 31).

Essa postura de Besouro é o que nos inspirou a iniciar uma pesquisa que nos desse elementos para discutirmos a questão da desobediência como forma de resistência ao poder senhoril, relacionando a Capoeira como portadora de elementos que permitam a prática de uma postura que pode ser desenvolvida através de uma educação emancipadora, uma educação capoeirana. Assim, devido à ligação histórica entre Besouro, Mestre Cobrinha Verde e Mestre Gato, optamos por pesquisar o significado de desobediência e seu possível potencial educativo, na visão de Mestres da atualidade que seguem a linhagem em questão. Seguiremos adiante com uma tentativa de sistematização das concepções pedagógicas presentes nessa linhagem e, em seguida, com a reconstrução da história de vida dos seus três ancestrais, citados acima.

⁴¹ Frequentador de candomblé, devoto dessa religião.

⁴² Orixá regente da Guerra e da forja do ferro.

3.2. O voo de Besouro Mangangá

*No Estado da Bahia,
existiu um cidadão.
É por demais conhecido
e todo mundo ouviu falar.
No Besouro Mangangá...
– Anjos, 1991.*

Eu também ouvi falar no Besouro Mangangá. Mas, como não o conheci, a única coisa que posso fazer é *vender o peixe que comprei*⁴³. Ainda assim, com um certo cuidado. Falar desse homem é mexer em histórias que não foram resolvidas até hoje. *É mexer em casa de marimbondo, é cutucar onça com vara curta, é botar o dedo na ferida*⁴⁴, pois suas histórias contêm muitos mistérios preservados pela tradição oral. Por isso, faço aqui a atenção que meus Mestres fizeram a mim, ou seja, tomo o cuidado de não dar minha palavra em vão, pois quem fala demais acaba *dando bom dia ao cavalo*⁴⁵.

Ainda que esta pesquisa busque valorizar as narrativas originárias da oralidade e seus aspectos fundamentais, como a transmissão de saberes e a intergeracionalidade, farei uso que já foi registrado a respeito deste lendário capoeira, pois já não é mais segredo, tampouco informação nova. Isso é importante porque é justamente nas velhas e repetitivas histórias que moram as características principais exaltadas nesse personagem mítico/histórico, como um homem valente, justiceiro e insubmisso. Essas características foram fonte de nossa inspiração para realizar esta pesquisa.

O jovem Manoel Henrique Pereira ficou mundialmente conhecido como Besouro Mangangá, Besouro Preto de Santo Amaro, ou simplesmente Besouro. Há controvérsias sobre sua data de nascimento. Afinal, em um documento que trata da sua expulsão do exército consta um possível ano de nascimento que seria 1895. Por outro lado, o atestado de óbito, datado 8 de julho de 1924, diz que ele morreu com 24 anos de idade. (PIRES, 2007, p. 47). De todo modo, nos chama a atenção o fato de ele ter falecido com menos de 30 anos de idade, seja qual fonte esteja certa em relação à data de nascimento. Ademais, até onde se sabe, Besouro é natural da cidade de Santo Amaro:

⁴³ Contar a história do jeito que ouvi.

⁴⁴ Situações perigosas.

⁴⁵ Acaba falando o desnecessário, ou a quem despreze informações importantes.

Foi lá perto do distrito
de Oliveira de Campinho
no quilombo do Urupe
que nasceu Manoelzinho
e lá o menino foi
recebido com carinho.
(GARCIA, 2006, p.4).

Segundo o relato de seu irmão, Caetano Pereira, ao capoeira e pesquisador conhecido como Lampião, Besouro saiu de casa aos 13 anos, em companhia de uma madrinha, para viver na estrada, atual Rui Barbosa. Mangangá ficou poucos meses e ganhou o mundo. Sua família carnal somente recebia notícias quando ele aparecia nas rodas de capoeira das feiras, no Trapiche de Baixo, e nas rodas do Cruzeiro. (ABIB, 2006).

Trapiche de Baixo, rodas do Cruzeiro
Tinha jogo floreado, em roda de mandingueiro
(Cantiga de Capoeira. Domínio Público).

Seus pais eram Maria José, conhecida como Maria Haifa, e João Matos Pereira, conhecido por João Grosso. Tinha alguns irmãos, porém apenas sabemos o nome de Caetano Pereira. Sua tia materna e mãe de criação, chamava-se Maria Narcisa Bispo. Ela era mãe carnal de Rafael Bispo dos Santos, o Mestre Cobrinha Verde. Por isso os dois foram criados juntos e Besouro se tornou Mestre de seu irmão de criação. (SANTOS, 1991, p. 12).

Besouro era analfabeto, mas aprendeu na escola da vida a domar gado, cuidar da roça e pescar. Essa escola propiciou o seu encontro junto ao Tio Alípio, um africano que viveu as amarguras da escravidão no Engenho de Pantaleão. Após esse período, ensinou a Besouro as mandingas da Capoeira e da magia. (GARCIA, 2006, p. 5). Mas não foi só com Tio Alípio que ele aprendeu a ser mandingueiro. Além das habilidades e artimanhas da Capoeira, as narrativas ancestrais contam que Besouro tinha poderes de rezas e orações, que mantinham seu corpo fechado e lhe dava a capacidade de se transformar em animais, insetos e plantas.

[...] quando menino, entre ouvira de uma conversa de doutor que o besouro era avesso às leis da ciência – com os recursos que tinha, não deveria voar. Entretanto, voava, voava muito. Desde então, afeiçoara-se aos bichinhos, costumava sussurrar pra eles, pedindo que lhes ensinassem o extraordinário. Como eles, gostava de contrariar as leis, gostava de voar. (SODRÉ, 1988a, p. 18).

Na verdade, a cultura negra na época era vivenciada por todos aqueles africanos e seus descendentes, no seio da comunidade, nos abaçás, onde cada manifestação cultural era parte de um todo, onde todos praticavam de tudo um pouco, juntos. “Os capoeiras do Recôncavo baiano também foram produtores da cultura do samba, do samba de roda, do batuque e, alguns, mantiveram relações com as crenças relativas aos cultos aos orixás, inquices, voduns, caboclos, etc. (PIRES, 2007, p. 46).

Outra característica marcante de Besouro é a de ser trabalhador, apesar de ele ser historicamente criminalizado. Porém, não há relatos de seu envolvimento em atividades ilícitas. Besouro trabalhou em vários lugares, geralmente em fazendas e engenhos, lugares onde ele foi vaqueiro, zelador, pescador, entre outras atividades de ganhos. Dos lugares e atividades com a qual trabalhou, podemos citar o Engenho Sant’Antônio do Rio Fundo, do Coronel Zeca Teixeira, e em Maracangalha, na fazenda do Heliodoro.

Besouro vivia de “deu em deu”. Onde ele achava uma pousada para trabalhar ele ganhava. Até a hora que irritavam ele, que criavam caso, ele brigava, deixava dois quebrado, tinha que ir embora, tinha que fugir pra ir pra outro lugar pedir emprego, em outro lugar. Para sobreviver, para se manter e ter pelo menos o que comer. (ABIB, 2006).

De fato, seus conflitos diretos eram com os aparatos da opressão e com as figuras de poder hegemônico, salvo algumas confusões com outros valentes que o provocavam e sempre perdiam. Como no caso narrado por Garcia (2006) sobre a peleja com um homem chamado Caetano na fazenda do Coronel Zeca Teixeira. Besouro trabalhava como zelador do local quando Caetano chegou, acompanhado de seu ajudante, Conrado. Os dois passaram pela porteira deixando-a aberta. Esse foi o motivo do desfecho envolvendo uma grande confusão que virou caso de polícia. Besouro foi processado por agressão. O documento dessa ocorrência veio à tona no dia da morte de Besouro, quando o médico legista precisou fazer o registro de óbito e precisava dos dados dele. Ali, provavelmente constava uma possível data de nascimento e, por isso, o registro de óbito informa a idade de 24 anos (ABIB, 2006, s/p.). Ainda assim, insistimos em defender que

Besouro foi um trabalhador por toda sua vida. Suas práticas não podem ser confundidas com o banditismo. Besouro nunca foi preso por roubo, furto ou outra atividade criminal comum. Suas prisões

estiveram relacionadas a ações contra a polícia, principalmente no período de sua passagem pelo exército baiano. (PIRES, 2007, p. 47).

Para os homens negros, no século XIX, o ingresso às forças armadas foi um recurso de ascensão social. Na guerra do Paraguai, por exemplo, foram oferecidas cartas de alforria aos escravizados que aceitassem preencher as fileiras do exército. Entre eles, muitos eram capoeiras.

Dentro desse contingente, muitos eram “voluntários involuntários”, arrancados de suas famílias ou seus trabalhos pela força do recrutamento, à moda dos tempos imperiais, o que chegou a despertar duras críticas da imprensa. Contudo, para muitos escravos ou mesmo negros livres pobres, servir em um corpo militar ou mesmo partir para a batalha poderia ser um caminho para atingir um nível acima do que ocupava dentro da sociedade. A farda trazia status e a experiência bélica abria brechas na hierarquia social. (CUNHA, 2011, p. 121).

Nessa lida, não sei se Besouro também arriscou esta forma de ascensão social ou se foi mesmo recrutado pelo serviço militar que, no Brasil, é obrigatório desde 1906⁴⁶. Para todos os defeitos, ele serviu o exército no 31º Batalhão da Infantaria, local de onde foi expulso por “conduta inadequada” após uma, dentre várias, pelepas que travou contra a polícia. Um fato popularmente conhecido nas narrativas ancestrais e que também aparece em um boletim de ocorrência, disponível hoje no arquivo histórico de Santo Amaro:

Aos dez dias de setembro de mil novecentos e dezoito, nesta capital do estado da Bahia [...] Argeu Cláudio de Souza, com vinte e três anos de idade, solteiro, natural deste estado, praça do primeiro batalhão da brigada policial [...] foi interrogado pelo doutor delegado que lhe perguntou o seguinte: como foi feita a agressão de que foi vítima no posto policial de São Caetano? [...] Ali apareceu um indivíduo mal trajado, e encostando-se a janela central do referido posto, durante uns cinco minutos, em atitude de quem observava alguma coisa, que decorrido este tempo, o dito indivíduo interpelando o respondente, pediu-lhe um berimbau que se achava exposto juntamente com armas apreendidas... (PIRES, 2001, p. 27).

Me reservo a desconfiar do registro que se refere a Besouro como “*indivíduo mal trajado*”, porque as narrativas orais contam que este, assim como os demais capoeiras, eram *finos desordeiros*⁴⁷ e gostavam de se vestir bem, sempre que

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2012/04/alistamento-militar-e-obrigatorio-a-todo-brasileiro-de-18-anos>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

⁴⁷ Termo usado pelos capoeiras para referirem-se aos camaradas de vadiagem, que tinham conhecimento da luta e costumes refinados com o andar, o vestir, o falar, ainda que fossem

possível, com sua roupa branca – ou terno –, chapéu de lado e sapato bico fino. Ainda assim, ele aproveitou sua posição de soldado do exército para se impor frente aos praças da polícia. Isso – pelo que aparece no documento elaborado pela polícia e ao nosso ver – se confirma nas narrativas ancestrais, fonte que tem a nossa maior credibilidade e é mais adequada a esta pesquisa.

Como o seu pedido de ter o berimbau foi negado, Besouro pulou a janela para pegar o instrumento. Argeu, junto a dois policiais, pensaram que dariam conta do recado, mas não sabiam que aquele homem era Besouro. Também não sabiam que ele estava acompanhado de mais dois comparsas do batalhão. O capoeira direcionou sorrateiramente a briga para fora, onde contou com a participação dos camaradas. Mas como dizem nas ruas de São Paulo, “*zé povinho*”⁴⁸ é a imagem do cão”, então um grupo de civis, vendo que se tratava de Besouro, interferiu a favor da polícia com paus e pedras. Recuados, os três voltaram ao 31º Batalhão e, com apoio de um sargento, recrutaram cerca de 30 soldados para uma revanche. Ciente de que eles se aproximavam, Argeu comunicou rapidamente o ocorrido ao comandante do 31º Batalhão, ao general da região, ao chefe de polícia e ao comandante da brigada policial que interferiram a favor da polícia.

Como Besouro comumente não aceitava e se opunha fisicamente às injustiças direcionadas a si e aos seus, ficou conhecido não apenas como valente, mas como justiceiro, e passou a ser perseguido pela polícia. Afinal, mesmo que ele tenha feito uso de sua posição de soldado do exército, nesse caso, sua intenção era recuperar um instrumento musical sagrado para os capoeiras, que possivelmente foi apreendido num conflito entre estes e a polícia num período de repressão e criminalização dessa arte.

As narrativas ancestrais dizem que ele tinha certo gosto por brigar com a polícia, principalmente quando topava alguns policiais oprimindo outro trabalhador. Chegava, inclusive, a soltar pessoas detidas pela polícia e, como se não bastasse, tomava-lhes as armas e quepes, uma prática comum a ele e que acabou se tornando uma marca.

Chefe de polícia
O barulho está formado
Tem um cara lá na praça

considerados desordeiros pela sociedade. Mestre Noronha, em seu livro “O ABC da Capoeira Angola”, refere-se à arte como uma “fina desordem”.

⁴⁸ Sinônimo de cidadão de bem, atualmente conhecido como “coxinha”. Tem como prática a defesa de ideologias elitistas.

batendo nos seus soldados

(...)Por favor traga reforços
Se puder uma guarda inteira
Ele é filho do demônio
É Besouro o capoeira

Zum zum zum Besouro Mangangá
Bateu na polícia, na polícia militar...
Zum zum zum Besouro Mangangá
Bateu na polícia, de soldado à generá...
(Cantiga de Capoeira – domínio público).

Há muitas histórias de Besouro brigando, batendo, desmaiando um, vencendo o batalhão. Sua disposição para a guerra declarada lhe rendeu muitas perseguições e uma fama que se estende até os dias de hoje. Contudo, na maioria dos relatos de envolvimento de Besouro num confronto corporal, fica evidente que houve uma situação de injustiça, ou desafio, que o motivou a tomar certas atitudes.

Dizem que Besouro geralmente brigava se fosse provocado. Do contrário, costumava ser uma pessoa educada e tranquila. Sabia manter o respeito aos patrões que pagava os trabalhadores e não os tentasse humilhar. Caso contrário, não baixava a cabeça e usava sua força e habilidades corporais.

História conhecida: o capoeira tinha mania de tomar partido da gatinha contra a polícia. Brigava com donos de engenhos e fazendas. Permanece acesa na memória a feita em que ele arrumou trabalho na usina Colônia, cujo dono, doutor Abreu, se lhe desse na veneta, dizia a esse ou aquele empregado, no dia do pagamento, que o salário havia “quebrado pra São Caetano”. Reclamar era pior, o atrevido terminava amarrado a um tronco e surrado com cipó caboclo. Era o tipo de hábito que dava orgulho a fazendeiro, era motivo de conversa nos salões, era o que se chamava a tradição do doutor Abreu. Besouro acabou com ela. Já na palavra “Caetano”, segurou o doutor Abreu pelo cavanhaque, moeu-lhe os ossos de pancada e obrigou-o a pagar. (SODRÉ, 1988a, pp. 19-20).

Embora fosse respeitador com quem não o maltratasse, como já dissemos, ele sabia que os padres e as igrejas funcionavam sob uma ordem elitista que menosprezava seu povo, como bem ilustra uma narrativa no livro de Carvalho (2002, p. 131), que descreve um padre, que atende pelo nome de Vito, como “um italiano de barba e batinas pretas”, “um homem agrandalhado, de voz forte de cantar lamentos e glórias, sempre para um deus que nunca dançava.” Besouro, como personagem e narrador, vai dizer: (não entendi o que sugeriu).

Tanto na igreja aquela, quanto na capoeira – aprendi naqueles dias entre velas e berimbaus – é sempre grande a alma de quem canta. Apesar do tamanho da alma, que fazia dele um homem tolerante, o padre nem nunca tinha gostado muito dos capoeiras, pelas zoadas e arruaças, e menos ainda dos da outra fé, que também tinham atravessado um oceano e outras mais tormentas, antes de rebrotar aqui e se desdobrar em tantas falanges. (CARVALHO, 2002, p. 131).

Em outra narrativa, no conto de Sodré (1988a), aparece a figura de outro padre que, embora respeitasse e tivesse o respeito de Besouro, foi conivente com seu assassinato.

Padre Júlio viu atirarem em Besouro. Passeava de charrete pela usina maracangalha, quando avistou o cerco por um grupo de soldados e, logo depois, a fuzilaria. Como padre, não deveria aprovar violências, e ainda por cima covardes como aquela. Mas, afinal, o que ia o mundo perder? Um negro, rebelde, dado às artes da valentia e a ritos primitivos. Carregava fetiches no pescoço, e dizia-se filho de um deus pagão. (SODRÉ, 1988a, p. 18).

Conta-se, ainda nesta narrativa, que, para derrotá-lo, armaram uma cilada, já que ninguém conseguia vencê-lo numa luta franca. No conto, é o próprio Zeca, homem branco e rico e proprietário de terras, quem assume que “mandou liquidar Besouro”, e deixa claro que a letra foi usada como uma arma nesta empreita:

Trama das boas – apanhei-o no ponto fraco do negro, a letra. Assim: como Besouro estava trabalhando por temporada em uma das minhas fazendas, mandei-o entregar uma carta ao meu amigo Cosme, administrador da usina Maracangalha, e aguardar a resposta. O negro (que não sabia ler nem escrever) conduziu a própria sentença de morte, pois a carta pedia que se desse fim ao seu portador. Ao buscar resposta, na manhã seguinte, encontrou a tropa com os dedos firmes nos gatilhos. Ou melhor, os dedos não eram lá essas coisas, sabedor que sou de que nenhuma bala chegou ao alvo. No entanto, o homem acabou morrendo. Foi em boa hora: era um inimigo dos cristãos, das leis, da polícia, dos proprietários, dos herdeiros, ninguém poderia chorar por ele. (SODRÉ, 1988a, p. 20).

Os cristãos, as leis, a polícia, os proprietários e os herdeiros já não eram inimigos de Besouro somente, mas de toda a população negra. Ainda hoje, são eles os responsáveis pela perpetuação de um sistema social desigual. Mas no tempo e espaço por onde pairou a áurea de Besouro Mangangá, ele foi uma das grandes figuras que preocupavam essa elite, num contexto histórico de pós-abolição. Esta abolição mal feita, que fez apenas modificar os modelos de escravidão, onde o povo negro manteve-se muito passivo, devido à imposição da força e por estratégia de

sobrevivência. A figura de Besouro vem para contrariar essa lógica e acabou relegando-o a uma perseguição de proporções maiores do que o ser humano que ele era, com suas limitações humanas, apesar da fama dos seus poderes extraordinários.

Assim, o golpe final foi dado pela negligência médica, também a serviço dos cristãos, das leis, da polícia, dos proprietários e dos herdeiros. Besouro chegou ferido às 10h30 e veio a falecer somente às 19h, segundo o registro da Santa Casa, que aponta que a causa da morte foi uma perfuração (ABIB, 2006). Durante oito horas e meia, agonizou na pedra fria do hospital, esperando a morte chegar, pois provavelmente sabia que doutor nenhum chegaria, como não chegou, para socorrê-lo.

Enquanto a elite comemorava a morte de Besouro, a comunidade chorava a perda de um Mestre que, embora tenha deixado uma marca na história da Capoeira – de Santo Amaro da Purificação e do Brasil –, não teve tempo de construir seu legado, não pôde envelhecer, aprender mais, realizar mais. Besouro é figura importante porque foi exemplo de valentia, coragem, senso de justiça e insubmissão. Retrata características de luta de um povo que, mesmo forçado à rendição, utilizou muitas vezes o silêncio e a passividade como estratégias de sobrevivência, mas foi idealizado como um herói com força sobrenatural, capaz de se impor em situações que comumente a maioria não se importaria.

3.3. O bote do Cobrinha verde

Meu Mestre foi Besouro
 Barba na cara não tem
 Polícia tem medo dele
 Paisana passa bem
 Meu Mestre foi preso
 Além de preso amarrado
 Se meu Mestre fosse solto
 Brigava com dez soldados
 Vou brigar com caranguejo
 Que é bicho que não tem sangue
 Polícia se quer brigar
 Vamos pra dentro do manguê⁴⁹

Besouro conseguiu plantar algumas sementes em seu pouco tempo de vida – ainda que não tenha sido tempo suficiente para construir o legado que poderia, se

⁴⁹ Ladaíinha de capoeira feita por Cobrinha Verde em homenagem a Besouro.

tempo de vida tivesse. Entretanto, Besouro teve um grupo de discípulos que aprenderam tudo o que ele pôde ensinar enquanto tempo teve, aqui entre os vivos. Dentre seus discípulos, vamos lembrar e saudar Samuel, Paulo Barroquinha, João Catarino, que foi Mestre e tio materno de Mestre Gato Preto e Nóca de Jacó, que esteve próximo a Besouro nos seus últimos dias de vida e só veio a falecer em Santo Amaro com mais de 105 anos de idade. Entre estes, vamos falar, agora, daquele que teve uma importância peculiar na história da Capoeira, quiçá do Brasil, o saudoso Rafael Alves França, chamado por seu Mestre e irmão de criação, de Cobrinha Verde, devido à sua agilidade e *“por ser um homem pequeno que se fazia enorme”*⁵⁰. Era essa a mensagem que ele passava com seu apelido, ou porque não dizer, nome de capoeira.

Sou filho da cobra verde
 neto da cobra coral.
 Quem quiser saber meu nome,
 meu veneno é de matar.
 Valha-me Deus nossa senhora,
 mãe de Deus o criador.
 Nossa senhora me ajude,
 Nosso senhor me ajudou.
 (Cantiga de capoeira, domínio público).

Rafael nasceu no ano de 1917 em Santo Amaro e faleceu em 1983 em Salvador. Media apenas 1,56 metro, franzino, de uma agilidade surpreendente. Filho de João Alves França e Maria Narcisa Bispo, tia de Besouro e mãe de criação. Analfabeto, nunca foi à escola. Como Besouro, aprendeu a sobreviver na escola da vida e com ele aprendeu as artimanhas herdadas do velho africano, conhecido por Tio Alípio. Com Tonha Rolo do Mar, aprendeu a maestria de jogar faca e navalha amarrados num cordão, uma técnica bélica da capoeiragem santamarense. O atacante jogava a arma de corte e a mesma voltava para suas mãos. Já com Neco Canário Pardo, aprendeu a brincadeira de bater facão, brincadeira essa que passou a ser treinamento de ataque e de defesa. Mas foi com Tio Pascoal que aprendeu as mandigas do patuá, das orações e do corpo fechado, assim como Tio Alípio havia ensinado Besouro (SANTOS, 1991, p.12).

⁵⁰ Mestre Gato, em entrevista com Contra Mestre Dourado Cajueiro. Disponível em: <<https://soundcloud.com/dorado-cajueiro/entrevistas-sobre-a-vida-do-1>>. Acesso em: 10 Jan. 2018.

Além da Capoeira, Rafael dominava a cantoria do samba chula⁵¹ de Santo Amaro. Era também homem de candomblé, filho de Nanã Burucu⁵² e Oxalufã⁵³, fé esta, que professou até os últimos instantes de sua vida. Dominava também a cura através de remédios caseiros, feitos de ervas nativas. Cuidava muito bem da saúde, pois se alimentava de frutas, verduras e carnes frescas, típico da vida na roça.

Os alimentos de hoje em dia são todos podres. E as extravagancias de hoje? Os jovens começam a tomar cachaça, quando chegam em casa não se alimentam e se, se alimentam, o alimento não presta. Também as pessoas que moram dentro de Salvador mesmo com dinheiro não acham o alimento que os outros achavam; se é o peixe, leva dois meses no gelo. Qual a proteína que tem? Se é a carne, é a mesma coisa. Até a própria farinha, quando chega aqui já perdeu a força. Na minha época eu comia farinha tirada do forno. Dava vontade de fazer um escaldado, um sobe e desce que é como se dizia no interior. Chegava assim no quintal, pegava uns quiabos, tirava a abóbora no talo, descascava tudo aquilo e botava no fogo fervendo... (SANTOS, 1991, pp. 21-22).

Assim, seu estilo de vida é parte da sua Capoeira: uma vida saudável, com certos cuidados que fizeram parte do seu preparo físico e espiritual. Atuava profissionalmente como pedreiro. Assim como seu Mestre, era dedicado a formas lícitas de sustento. Mesmo assim, logo cedo, ainda moço, foi provocado por um tal delegado Veloso, avô de Caetano Veloso e Maria Bethânia. O delegado, que tinha por costume espancar jovens negros pela rua, armou uma peleja pra cima de Cobrinha Verde, que se viu obrigado a dar-lhe uma surra com seu facão 18 polegadas. Não apenas o delegado, mas dois dos seus subordinados, apanharam com a lapa do facão. Depois disso, viu-se obrigado a abandonar a terra natal, com o apoio de uma sinhazinha, por nome Batista, e de seu padrinho, o Padre Acelino. Ambos deram a ele cem mil réis e então seguiu sem destino. (SANTOS, 1991, p. 12).

Cobrinha Verde chegou em Lençóis aos 17 anos de idade e se integrou ao bando de Horácio de Matos⁵⁴, onde passou três anos brigando. Saiu após um sonho que teve com seu pai, pedindo que assim o fizesse. E o fez. Fugiu pra Manaus, depois

⁵¹ Espécie de samba de roda caracterizado pela presença da viola e pela cantoria peculiar.

⁵² Orixá feminino regente do lodo, da lama e da saúde.

⁵³ Orixá masculino regente da vida na terra e da paz. É considerado o pai de todos os orixás.

⁵⁴ Um dos mais famosos coronéis mandões do sertão baiano. Começou a se destacar a partir do ano de 1913, quando surge, por anos a fio nessa região, uma série de guerras declaradas entre coronéis (e entre oligarquias locais), disputando o poder nos municípios. Esteve envolvido na “Revolta Sertaneja” (1920), ocorrida no final da administração do governador Antônio Muniz, declarada pelos proprietários de terra do São Francisco contra a eleição de J.J. Seabra para um novo período de governo do Estado da Bahia. (SANTOS, 1991, p. 44).

para Rio Branco, mas retornou com medo de uma epidemia de febre amarela. Em Manaus, casou-se com uma índia do povo juçara, mas quando chegou notícia de que os revoltosos⁵⁵ estavam indo para o Ceará, abandonou a família e foi lutar. (SANTOS, 1991, pp. 13-14).

Cobrinha Verde também lutou na “Revolta constitucionalista de São Paulo, em 1932. Essa revolta foi uma tentativa de reação da velha oligarquia paulista contra o governo de Vargas, acusado de dar cobertura aos tenentes e de estabelecer uma ditadura no país.” (SANTOS, 1991, p. 46). Retornando de lá, praticamente surdo devido às bombas – mas menos debilitado que os demais –, foi promovido a Terceiro Sargento por ser “herói em combate”. Não podia ir além na hierarquia porque não dominava a letra. Sua função foi cuidar dos cavalos do quartel. “No quartel tinha um Tenente conhecido por Querido. Era rio-grandense. Na guerra, porque eu não temia nada, ele deu pra me botar de sentinela perdida todo dia e toda noite. Aí, um dia eu me revoltei e disse que não ia. E não fui. Aí ele tomou raiva de mim.” (SANTOS, 1991, p. 15).

Numa certa feita, este Tenente caluniou Rafael, causando-lhe uma prisão que durou cerca de 15 dias. Ao sair, quis vingar-se. Pegou em seu armário uma arma que havia retirado de um defunto na guerra em São Paulo e a guardava escondida. Entrou sorrateiramente na chefia do quartel e se preparou para matar o Tenente. O mesmo borrou as calças e se entregou, assumiu a calúnia. Os Coronéis Aleixo, Herculano e Ladislau intercederam, evitando o pior. Dispensado do exército, voltou para a profissão de pedreiro, em Salvador. (SANTOS, 1991, p. 15).

Se, em Santo Amaro, Besouro já tinha seu grupo de discípulos, em Salvador, Mestre Cobrinha Verde passou a dar aula antes de Mestre Bimba, criador da capoeira regional, que modificou, sistematizou e levou o ensino da capoeira para a elite, junto ao Mestre Pastinha, que foi reconhecido por um grupo de Mestres como aquele capaz de organizar a Capoeira Angola de Salvador. Pois bem, antes destes grandes nomes da Capoeira, Cobrinha já ensinava a um grupo no bairro Fazenda Garcia. (SANTOS, 1991, p. 16). Na verdade, tanto o Mestre Bimba, quanto alunos importantes da academia de Pastinha, como João Grande, tomaram aulas com Cobrinha Verde.

⁵⁵ Referência ao movimento militar, desencadeado simultaneamente no Sul e no Nordeste, que deflagrou a revolução de 1930. Seu potencial chefe político foi Getúlio Vargas, que assumiu o cargo de chefe do Governo Provisório da República. (SANTOS, 1991, p. 45).

Sem dúvida, Cobrinha Verde foi um capoeira respeitado. Era muito amigo de outros personagens importantes, como os Mestres Noronha, Livíno, Valdemar, Najé, Traíra e um jovem conterrâneo que logo se tornou seu aluno, Mestre Gato Preto. Com estes dois últimos, gravou um disco de músicas de Capoeira, a convite do cineasta Roberto Batalin, produzido em 1963. No ano seguinte, com a instauração da Ditadura Militar, este ator passa a ser perseguido pela repressão e seu nome é retirado da produção, em uma nova edição, intitulada “Capoeira da Bahia, Mestre Traíra.” Nessa gravação, Mestre Cobrinha Verde toca berimbau e canta as faixas 3 (São Bento Grande), 4 (Angolinha) e 8 (Angola miudinha).

Ele também participou de outra produção musical em 1976, produzida por Jim Metzner, com o título “BAHIA. Traditional music and moments of Brazil”. Trata-se de três faixas de samba de roda do Recôncavo, onde o Mestre Cobrinha Verde atua como 1ª voz e tocador de pandeiro. Com ele, participam Roque, Amém, Mestre Nelito, Marcelino e 6 baianas no coro, sendo uma delas a sua esposa. Ao longo de sua trajetória na capoeiragem de Salvador, teve grandes alunos, como o Didi Cabeludo, o Gardino, o Tiburcio, Marrom e Gato Preto, que foi o primeiro a se tornar contramestre dele. Estes foram os primeiros. Já das últimas gerações de alunos, Marcelino dos Santos, conhecido por Mestre Mau, foi o seu discípulo que esteve próximo dos seus últimos anos de vida. Marcelino pôde gravar um depoimento que se tornou um livro autobiográfico, principal fonte utilizada nesta seção.

A importância de Mestre Cobrinha verde na história da capoeira se dá pelo fato de ele ser uma ponte direta com um passado que vem se perdendo na memória. Ele é remanescente daqueles capoeiras de Santo Amaro que tinha toda uma peculiaridade, como a briga de chapéu, onde o chapéu era usado para desarmar a faca, jogo de facão, a luta com navalha no pé, ou amarrada a um cordão. Sua influência na capoeiragem de Salvador é pouco defendida. “Mas o Cobrinha estava sempre dando força a Capoeira Angola, onde ele chegava fortalecia demais com o nome dele, pelo conhecimento e o trabalho que ele já tinha colocado, na face da terra. Então esse era o Cobrinha.”⁵⁶

⁵⁶ Trecho de uma entrevista realizada para a elaboração de uma biografia de Mestre Gato que nunca foi editada. O áudio da entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZnNiVktCLCE&t=146s>>. Acesso em: 10/01/2018.

3.4. O pulo do Gato Preto

O Mestre sempre dizia,
 Vá com calma menino
 Pra que tanta agonia?
 Eu também to aprendendo.
 Quando chegar numa roda
 procure se guardar,
 não vá pegando no gunga
 e começando a tocar,
 nem com tanta euforia
 entrando logo pra jogar.
 Traíra, Cobrinha Verde
 e Mestre Valdemar,
 homens de fundamento,
 chegavam de vagar.
 Às vezes desconfiados
 soldavam o ambiente,
 se não fosse decente
 desistiam de brincar...
 – Homenagem ao pai e Mestre - GOÉS, 2004.

Besouro já não andava pelas bandas dessa terra, nem batia mais na polícia, quando o garoto José Gabriel Góes nasceu em Santo Amaro da Purificação, no dia 19 de março de 1930. Góes morava na rua do Pilar com sua mãe e seu irmão Carlos, chamado de Casosa. Seu pai, Eutíquio Lúcio Góes, um fino malandro boêmio, morava no Trapiche de Baixo e dedicava-se às artimanhas da Capoeira que aprendeu com aqueles velhos africanos, recém libertos da escravidão. Entre eles, Oleriano de Góes, seu pai (avô de Mestre Gato) e Severiano de Góes, seu tio.

Ali onde morava, o menino era louco por futebol. Gostava de ser goleiro e seu sonho era jogar como um profissional num grande time. Habilidade pra isso ele tinha, tanto que foi por conta de seus pulos ágeis no gol que passou a ser chamado de Gato Preto. Mas parece os caminhos da vida lhe apresentaram outras possibilidades, que estavam mais próximas. Na verdade, adormecidas em sua hereditariedade, sua ancestralidade.

Já aos oito anos de idade, Eutíquio passava na Rua do Pilar para buscar o pequeno Gato Preto para ensinar umas coisas. Essas coisas eram ensinadas em segredo, num quarto pequeno, sem janela, de uma porta só e que permanecia fechada. Lá dentro, em cima de uma tarimba,⁵⁷ eles praticavam a Capoeira nua e crua como a verdade das suas vidas. Bruta.

⁵⁷ Espécie de cama construída com quatro forquilhas fortes enfiadas no chão, cobertas com travessas de madeiras igualmente fortes e mato seco.

Comecei aos oito anos, com meu pai, Eutíqueo Lúcio Góes. Ele foi meu Mestre. Aos doze anos de idade, achavam que eu já não tinha mais nada para aprender. Os treinos eram num quartinho fechado. Ele atacava com uma grima (bastão de maculelê) ou facão, para eu me defender. Quando eu errava, ele acertava minha munheca (pulso). Até um dia que dei uma cabeçada forte e ele caiu. Quando se levantou, saiu correndo atrás de mim, ameaçando me cortar, e gritando: "Vem cá, moleque"! Aí parou de me ensinar. (SPOCK, 1999, p. 9).

Próximo aos doze anos, Gato se mudou para o subdistrito de Santo Amaro, chamado São Brás. Na época, era um pequeno arraial. Lá, construíram uma casa de taipa⁵⁸ para morar. Aos doze anos, sua mãe faleceu. Gato e seu irmão Casosa, com dez anos, foram criados por pessoas conhecidas da comunidade. Nesse tempo, Gato aprendeu tudo o que precisava sobre pescaria e passou a sobreviver da pesca. Conheceu seu tio materno, João Catarino, discípulo de Besouro e Mestre de um homem pequeno de voz grossa chamado Leó. Após ensinar algumas daquelas coisas que Gato aprendia com seu pai, Catarino passou a missão a Leó de dar continuidade aos ensinamentos do garoto. Naquele lugar, Mestre Leó formou uma boa turma de jovens capoeiras. Além de Gato, tinha o Chumbinho, Messias e outros.

Aos 17 anos de idade já era considerado Mestre e migrou para a capital baiana em busca de mais conhecimento e novas aventuras. Aos 20 anos, seu primeiro filho nasceu, Sinésio Souza Góes, o Gato II. Chegando em Salvador, conheceu um conterrâneo que o iniciaria na capoeiragem da cidade grande. Mestre Cobrinha Verde, que já havia girado por esse mundo afora, estabelecido em Salvador, conhecia toda a *nata*⁵⁹ da capoeira local. Através dele, Mestre Gato conheceu os Mestres Noronha, Livino, Pastinha, Valdemar, Traíra, Najé e muitos outros que já eram homens mais velhos e formavam um cenário de Capoeira, onde o jovem Mestre Gato levou um tempo para se familiarizar e ser reconhecido como Mestre, até mesmo por conta da sua idade.

Ao adotar Cobrinha Verde como Mestre, Gato passou a lecionar Capoeira na academia dele, até que passou a Contramestre de Bateria. Ele teve o mesmo reconhecimento na academia de Mestre Pastinha, onde ocupou esse posto por cerca de 20 anos. Na metade do século XX, mesmo depois de a Capoeira ter sido retirada

⁵⁸ Casa de barro com cobertura de palha.

⁵⁹ O alto escalão.

do código penal, ainda era perseguida e ninguém a tinha como profissão. Segundo Mestre Gato Preto, em entrevista à revista capoeira,

Todos eles eram operários, tinham sua profissão. Pastinha era tarefeiro, depois foi tomar conta de jogo; Daniel Noronha trabalhava na estiva; Canjiquinha e Caiçara, na Prefeitura; Paulo dos Anjos, como motorista; Mestre Ferreira e eu, como armador. Ninguém vivia da Capoeira. Eu vivi nela durante 40 anos sem ganhar um tostão!

Mas naquela época, se aprendia muito. Um grupo da Liberdade era levado para me visitar em Itapuã e um grupo jogava com o outro. O que tomasse uma rasteira e caísse de bunda no chão, perdia o jogo. Também não se podia sujar a roupa do adversário. Era falta de educação. Os Mestres ficavam abraçados, conversando. Brincávamos a tarde toda! (SPOCK, 1999, p. 9).

Após o tempo que ficou como Contramestre na academia de capoeira de Mestre Cobrinha Verde no Chame-Chame, Mestre Gato fundou a sua Academia de Capoeira Baiana e passou a dar aula em vários lugares. Mestre Cobrinha Verde sempre presente. Foi quando, no dia 31 de dezembro de 1963, Gato recebeu em sua academia a visita da antropóloga Helinä Rautavaara, durante a Festa da Boa Viagem, que acontecia na cidade. Essa visita rendeu a gravação, em áudio, de uma breve entrevista e sete faixas de toques de berimbaus e cantigas, publicados pela primeira vez em julho 2016 no blog “ABC dos Velhos Mestres da capoeira.” No ano de 1963, Mestre Gato já havia participado da gravação do disco de músicas de Capoeira com Mestre Traíra, Cobrinha Verde e outros, que foi regravado em 1964 com o título “Mestre Traíra – A Capoeira baiana”.

Através da relação que manteve com Mestre Pastinha, Mestre Gato compôs a comitiva de capoeiras para representar o Brasil no 1º Festival de Arte Negra em Dacar, de 1 a 24 de abril de 1966. Entre os capoeiras, foram Mestres Pastinha, Gato, João Grande, Gildo Alfinete e Camofeu de Oxossi. Ainda representando o Brasil: Elton Medeiros, Paulinho da Viola, Clementina de Jesus, Elisete Cardoso, Raul de Barros, Ataulfo Alves e sua escola de samba. A comitiva de Capoeira trouxe para o Brasil o 1º prêmio do Festival. Sem dúvida, esse festival deu uma visibilidade ao aspecto artístico da Capoeira e abriu algumas portas.

Mestre Gato, conhecido capoeirista de Salvador, Bahia, encontra-se em Brasília, com seu conjunto folclórico, representando a “Bahia de Todos os Deuses”, e se tem exibido por diversas vezes, oferecendo ao público números de capoeira, maculelê, samba de roda e capoeira no

samba. Professor da arte que remonta aos tempos de escravatura, Mestre Gato mantém em Salvador a Academia de Capoeira Angola, ensinando a um grupo de 60 môças: ao todo são 250 alunos, entre esses, americanos, franceses, alemães. Ensina também na Escola de Dança da Universidade da Bahia e a um grupo de crianças, na Escolinha de Artes Plásticas. A universidade de Brasília propôs a Mestre Gato sua contratação para ensinar a capoeira. A FAUNE declarou que nesse sentido, está fazendo gestões junto ao conhecido artista bahiano, devendo proceder à sua contratação no segundo semestre deste ano, com um ordenado entre 900 a 1,200 cruzeiros novos. Mestre Gato (José Gabriel Góes) está quase decidido a trocar a Bahia por Brasília, em caráter definitivo. Contudo, ainda não deu sua palavra final sobre o assunto. Hoje, no Teatro Martins Penna, às 21 horas, Mestre Gato e seu conjunto, composto de sete elementos, entre eles: Almir Barros, conhecido por Tião do Pandeiro; Sinésio Souza Góes, o Gatinho (Gato II), fará sua última exibição. (SANTOS, 1969, s/p.).

Com esse formato de apresentação artística, Mestre Gato viajou por diversos estados Brasileiros e países. Foi chamado por esse mesmo jornal de “embaixador” e “Papa” da Capoeira. Em 1970, houve o “Festival Folclórico de Capoeira e Toques de Berimbau”, em Salvador. Mestre Gato ganhou o 1º prêmio de melhor tocador de berimbau da Bahia. Os 2º e 3º lugares ficaram, respectivamente, ao Mestre Vermelho 27 de Pastinha e Mestre Canjiquinha. Este não aceitou o resultado, chegou a questionar a decisão dos juízes. De todo modo, desde então, Mestre Gato Preto ficou conhecido como o “Berimbau de Ouro da Bahia”.

Mestre Gato além de capoeira é o melhor tocador de berimbau do mundo. No duro. Primeiro prêmio no Festival de Arte Negra realizado em Dacar, concorrendo com doze países. E, o que é mais importante, primeiro lugar como tocador de berimbau no Festival de Folclore promovido em setembro em Salvador, quando concorreu com os cobras de nossa terra, que modéstia à parte, são bem melhores que os africanos. Aliás nem o berimbau nem a capoeira existem na África. É nosso mesmo, como é nosso o Mestre Gato. (CARDOSO, 1970, s/p.).

Em suas viagens, Mestre Gato Preto passou por São Paulo. Em contato com a capoeiragem paulista, cumpriu um papel de divisor de águas. Segundo depoimento informal de Mestre Risadinha de Zambi, um dos primeiros discípulos de Mestre Gato em São Paulo, é possível falar em uma Capoeira paulista antes e outra depois da chegada de Gato. Entre várias características desta transformação, destaca-se a importância dada por ele à organização e qualidade musical das rodas de Capoeira. Zambi diz que, nos primórdios da Capoeira em São Paulo, com a chegada dos primeiros Mestres baianos, usavam-se os instrumentos que tinham em mãos nas

rodas. Assim, havia muita variação entre um, vários ou até mesmo nenhum berimbau, e o toque executado era o mesmo. Mestre Gato mostrou a importância da presença do trio de berimbaus, gunga, médio e viola (de timbres grave, médio e agudo, respectivamente), e cada qual deve executar um toque. Esse modelo foi difundido para o Brasil e o mundo a partir da intervenção de Mestre Gato.

Outra questão apontada por Mestre Zambi é a indumentária do capoeira. Ele diz que muitos capoeiras tinham, por costume, jogar descalços e sem camisa, soados e sem se preocuparem com o odor. Mestre Gato Preto sempre se apresentava bem vestido, com uma bata africana, um filá⁶⁰ na cabeça, sapato de bico fino e perfumado. A simples presença do Mestre nessas condições influenciou a mudança de postura da maioria dos capoeiras na época.

Outra questão fundamental era a presença de roda com a qual Mestre Gato se colocava. Ao contrário de muitos outros, ele participava, do começo ao fim das rodas, sem se distrair com quaisquer outros assuntos fora dela, como conversas paralelas, namoro, bebida, etc., influenciando, assim, a mudança de comportamento dos camaradas. A partir dessa relação com a capoeira em São Paulo, Mestre Gato teve alguns discípulos, entre os quais podemos citar os Mestres Risadinha de Zambi, Meíinha, Milton Fotógrafo, Barba, Zé Baiano, Prego, Pedro Feitosa⁶¹ e, entre estes, o mais novo, Mestre Pinguim –, que hoje é um dos poucos que tem preservado essa linhagem no Estado, e conta com a presença e orientação constante do Mestre Gato II, filho mais velho do Gato Preto.

⁶⁰ Espécie de chapéu africano sem aba.

⁶¹ Mestre Gato Preto e Mestre Pedro Feitosa gravaram um CD musical em conjunto, em 1999, em Sorocaba – SP.

4. IÊ VIVA MEU MESTRE: HISTÓRIA ORAL DE VIDA E CONCEPÇÕES DE DESOBEDIÊNCIA

Nesta seção, desenvolveremos a nossa conversa com os Mestres da atualidade. Como vimos, ela se iniciou nos primeiros contatos feitos para combinar o dia da gravação específica para a pesquisa, e continuou durante todo o período de escrita desta dissertação. Os Mestres que aceitaram ser participantes deste estudo nos falaram sobre sua história oral de vida, sobre seus processos de iniciação na Capoeira, as influências dos lendários capoeiras nesta trajetória, suas relações com instituições e autoridades e suas concepções sobre Capoeira, desobediência e educação. Numa elaboração em transcrição (CALDAS, 1999), desenvolvemos um diálogo textual a partir do qual ouvimos as palavras dos Mestres. Nessa entoada, discorreremos sobre nossas impressões, pensamentos e reflexões que nos ocorreram durante a escuta.

Ao ler essas histórias, uma após a outra, identificamos diversas semelhanças presentes nas narrativas dos dois Mestres que receberam as *en-sinanças* e *aprendenças* de Mestre Gato Preto. Não se trata de estudo comparativo, mas de uma busca de compreensão de sentidos que se dá na comunicação humana. Ao longo desta conversa, evocaremos outras vozes de autores que já dissertaram sobre algumas questões aqui postas, inclusive alguns velhos Mestres. No mais, esta conversa foi apoiada por um roteiro de questões condizentes com os objetivos da pesquisa.

4.1. O início da caminhada

Aqui, o primeiro relato da citação abaixo, intitulado “**Passei a pronto**”, mostra que o processo iniciático da Capoeira, presente em outras manifestações da cultura afro-brasileira – como no candomblé –, garante o reencontro de muitos negros com sua ancestralidade, que não conseguiram manter esse ciclo originalmente em suas famílias consanguíneas, mas encontraram na Capoeira o seu egbé⁶², herdando, assim, todo um legado cultural. Com isso, ressaltamos que, em nossos termos, a

⁶² Do yorubá: comunidade.

herança cultural se dá nesta hereditariedade construída no processo iniciático. Um não é possível sem o outro.

O segundo relato, “**Aprendi com meu pai e Mestre**”, apresenta o processo hereditário e marcante na educação de M. Góes. Mestre Gato Preto conseguiu manter um ciclo de continuidade que, em muitas famílias negras, foi quebrado, em decorrência da escravidão. (SLENES, 1999). Ademais, reforçamos a ideia de que o processo hereditário ao qual nos referimos, aqui, pode trazer o aspecto das relações familiares construídas pelos laços biológicos, porém vai essencialmente além disso. Trata-se de uma herança cultural deixada pelos mais velhos para as gerações seguintes. Isso se dá fundamentalmente pelas relações Mestre/discípulo construídas pelos laços de ensino/aprendizagem – logo, pela iniciação.

Na terceira passagem, “**Meu primeiro amor**”, M. Pinguim faz uma declaração de amor à arte, reconhecendo nela toda a força e as possibilidades que recebeu em sua história de vida. Enfatiza, ainda, a relação dos velhos Mestres com o candomblé, como parte fundamental do preparo dos mesmos para serem reconhecidos como tal.

Passei a pronto⁶³

M. Pinguim: Boa tarde, já a minha trajetória dentro da Capoeira é uma coisa conturbada, uma coisa muito... que foi se criando sem pretensão nenhuma. Não sou Mestre, sou um Contramestre, ganhei um certificado de “passei a pronto” para ensinar a Capoeira Angola. Meu nome é Luiz Antônio do Nascimento Cardoso, vou fazer 50 anos, já tenho trinta e poucos enfiado dentro dessa magia da Capoeira, e o que a gente tá fazendo aqui é fundamento.

Nasci em Salvador, no São Gonçalo do Retiro, perto do Ilê Axé Opó /Afonjá. Uma das grandes casas de candomblé de lá. Um dos primeiros também. E ali eu já tinha visto Capoeira, quando criança, já tinha visto. Os caras andavam de pirrô, botavam aquele pirrô e saíam, capoeiristas tudo amigo da minha comunidade. Pirrô é uma roupa que se veste parecido com aquele pessoal da Ku Klux Klan. Daí colocava aquilo lá e saía, o pessoal saía no carnaval com aquilo. Hoje acho que não tem mais, tem poucos blocos que usam isso. Aí o pessoal saía, os Capoeiras saíam vestido com aquilo, uns para roubar, outros para brigar...

E aconteceu lá que minha mãe discutiu com meu pai, ela veio embora pra São Paulo, e agente ficou lá com meu pai, baiano. Seu José, José é o nome do meu pai, e aí veio a falecer. Minha mãe já estava aqui. Mandaram uma carta pra ela, que foi buscar a gente lá. E estou saindo pra São Paulo, a gente começou a trabalhar. Vender quitute, vender doce, vender bolo, nas construções. Porque minha mãe trabalhava

⁶³ Termo utilizado por Mestre Gato. Ao ser indagado sobre a formação de um Mestre, em entrevista à revista Capoeira, ele diz que não se forma Mestre, o capoeira “passa a pronto”. Para ser Mestre, terá que receber o reconhecimento. (SPOCK, 1999, p. 10).

com isso e de empregada doméstica. E pra gente não ficar parado, a gente começou a trabalhar isso.

Agradeço muito isso aí porque hoje nós temos uma casa própria, foi comprada com isso, e nesse tempo, vai pra lá, vai pra cá, bora, mora de aluguel aqui, vai pra lá, bora pr'alí, então eu vim conhecer Capoeira em 1983/1984 com Mestre Pato, Valdenor... e comecei a treinar, fiz um ano, dois anos, quatro anos e aí pega e me dá um cordão de professor. E aí foi um tempo que eu me questioneei, o que é ser professor? Sem saber o que é ser professor. Ah, você é professor de Capoeira de quê? Professor de quê?

Então, já estava correndo por aí, já estava andando pelo universo da Capoeira, um universo que todo dia tem coisa para ir, todo dia tem roda, e aí, 1983, 1984, 1985, 1986 correndo, treinando, e em 1990 montei o Guerreiros da Senzala, falei, vou começar a fazer um trabalho. Comecei lá no Jd. D'abril onde eu moro, na EMEI, num colégio, aí arrumei um espaço lá no Maria Luíza, Jd. Ester, comecei a montar um espaço, o primeiro lugar sério assim que comecei a trabalhar com pessoas. Em final de 1991 essas correrias que eu já estava dentro da Capoeira, através de um rapaz que me ajudou, hoje ele é o Mestre Baiano, a gente treinava junto, era um pessoal lá da Fonte do Gravatá, da Malungos. E foi através dele que conheci Seu Firmino Pitanga⁶⁴, era pra ele trabalhar, mas não queria porquê ele estava ocupado, ele mandou, falou Pinguim vai lá, eu fui, e começamos a trabalhar juntos e aí me envolveu na companhia de dança Batá Kotô, em 1991, começo de 1990/1991.

Comecei me envolver, onde conheci seu Firmino Pitanga, aí comecei a trabalhar, depois veio o Mestre Gato, tomar conta dos professores, para orientar os professores, ajudar a tocar, na coordenação. E daí, Seu Firmino arrumou um espaço pro Mestre Gato no SESC Ipiranga, aí eu fui lá tomar conta e aí minha trajetória com Mestre Gato começou aí. Começou pro lado da Capoeira, já treinava. Mas, com uma pessoa mais antiga, nunca tinha... com outra filosofia, com outro preparo, com outra mentalidade, com outra visão, dentro da Capoeira.

Aprendi com meu pai e Mestre

M. Góes: Bom gente, a coisa é dessa forma. A coisa é dessa forma, que não veio como forma, a coisa veio de *jeitos e trejeitos*. Que coisa é essa que eu falo? Essa coisa que eu falo foi o ensinamento que eu recebi, durante alguns anos, lá na minha, praticamente, na minha época infantil né. Nos meus nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove anos, mais ou menos por aí, que eu tive a convivência com meu pai e Mestre.

Eu era assim, bem fechado, eu era assim bem... não vou dizer sério porque eu nem sabia bem o que era seriedade, ou brincalhão, espalhafatoso, aberto, não. Eu era bem mais fechado, era bem mais sisudo. Só que o meu pai teve, como se diz? Ele teve esse tanto de virtudes, que eu acho que essa foi a principal, foi me *colocar dentro desse mundo* que era um universo totalmente desconhecido, eu não fazia a menor ideia, o que era.

No dia que ele chegou pra mim e disse: "A partir de hoje você vai pra academia." Ele não falou que eu iria aprender, ele falou: "Você vai pra academia." E esse ir pra academia pra mim foi praticamente novo.

⁶⁴ Um dos mais conceituados dançarinos e coreógrafos de dança-afro do Brasil. Fundador da companhia de dança e Instituto Batá Kotô.

Bateu uma alegria, uma alegria que eu não sabia me contentar. Nossa eu vou pra academia, vou pra academia. Fiquei feliz e satisfeito, mas não fazia a menor ideia do que era. Aí numa segunda feira, que era o início, o primeiro treino da semana ele aí pegou e me deu um conga, eu me lembro muito bem o número desse conga, número 38, um conga branco, porque não tinha tênis, basqueteira, não. Aquele conga bem humilde. Me deu um conga, uma calça curta, que não chamava bermuda, chamava calça curta. E uma camiseta, uma camiseta da academia. Chamava-se “Academia de Capoeira Baiana - ACB”.

Me levou pra academia e foi tudo muito estranho. Mas, nos meus nove. Então, vendo todo aquele papel que ele desempenhava, participando no dia a dia com ele, precisava fazer os berimbaus, eu estava lá. Estava lá de braços cruzados nas costas. As pernas não podia virar que ele com todo cuidado dizia: “Senta rapaz.” Ele lá raspava a beriba, a cabaça, e eu sentado esperando, sem tocar minhas mãos. Ele ali sempre perguntava? “Cansou?” No dia que eu disse que tinha cansado ele disse: “Agora você vai ficar até o final.” Ele me fez entender.

Me fez entender que ali, além de uma ordem, tinha uma disciplina. E que aquela disciplina ia me levar a algum lugar. Lugar esse que eu não sabia qual que era. Mas, eu entendia muito bem. Porque ele não estava me impondo um castigo. Mas, a minha atenção, pelo gosto que ele tinha de passar pra mim... também eu era a única pessoa, que ficava sentado ali com ele. A única. Era eu. A única pessoa ali. A minha madrasta não, meus primos não, ninguém também se achegava, porque tinha um respeito além do normal com ele. E eu sentado ali. As pernas começavam a doer, o bumbum começa a doer, eu começava a me mexer no banco, que não era cadeira era um banco. Chegou o dia. Chegou o dia dele chegar pra mim e dizer, eu vou trabalhar hoje, eu vou fazer meus berimbaus hoje e você não vai. O primeiro sentimento que meu deu foi: “Será que meu pai não quer que eu aprenda?” Eu estava com nove ou dez anos, será que ele não quer que eu aprenda? Não. Não era isso. Então, ele estava tentando me fazer entender novamente que havia uma disciplina que seria bom pra mim seguir aquilo, e eu trago isso comigo. Entendeu?

Meu primeiro amor

M. Pinguim: A Capoeira me deu tudo, rapaz! A Capoeira me deu tudo o que eu tenho! A Capoeira me deu minha casa que eu já comprei, a Capoeira me deu um espaço próprio que já está lá no Estado da Bahia, eu migrei da Bahia pra São Paulo, remigrei de São Paulo pra Bahia, e estou de novo aprendendo outras coisas que eu não sabia que existia. Conversar com meu primo o maculelê, minha tia o samba de roda, minha vó o candomblé, quem sou eu nesse meio? Capoeira me tirou disso, me tirou dessa... me ressocializou, me reeducou, meu primeiro amor, nunca me pediu nada e me deu tudo o que eu tenho ai. Não tenho nada a reclamar da Capoeira, só agradecer.

E estou no meio estudantil, dentro de uma instituição educacional, eu só tenho que zelar. No meio de doutores, mestrados, TCCs, pesquisas e é um doutorado, minha universidade Capoeira é um doutorado, o que faço aqui é um doutorado, só que não tem certificado no fim do ano, eu vou sair agora eu vou estudar, vou ficar quieto? Não. Estou pensando Capoeira, estou estudando, estou vendo, estou conversando, então eu estou estudando, eu sou um pesquisador que a universidade não dá diploma. A universidade vê que não tenho título

universitário. Então você tá pesquisando todo momento, todo momento, toda ciência. A Capoeira é uma ciência porque ela estuda a ciência. Que zorra de ciência? A Capoeira é uma ciência. Dizem que a Capoeira é uma luta, a Capoeira é uma dança, a Capoeira é um balé, e aí? Então só estão repetindo discursos. Quero saber o que é esse negócio que fuuuu... que me leva. Só tenho a agradecer a Capoeira.

4.1.1. Iniciação na Capoeira.

Interessante ouvir Mestre Góes falar com seus *jeitos e trejeitos*, em contraponto à *forma*. Ao ouvi-lo dizer que “*não vem como forma*”, nos sugere que a Capoeira não cabe em fôrma, e que os jeitos e trejeitos da Capoeira provocam movimentos que não cabem em uma formação, dessas que pretendem ter uma finalização. Nossa impressão é que os jeitos e trejeitos se modificam constantemente e referem-se ao movimento, à dinâmica. Afinal, a “coisa” a que o Mestre se refere é a cultura e educação ancestral, que vivem através dos tempos, de geração em geração, se transmutando e preservando características fundamentais.

Desse jeito, nos faz pensar na elaboração do discurso que relega às culturas populares, de forma sutil e real, um patamar inferior à educação *formal* e as chamam de educação *não-formal*. Isso nos lembra que os termos informal e não-formal não servem para se referir a estas culturas, porque são detentoras de suas próprias formalidades. Por outro lado, os termos *jeitos e trejeitos*, em contraponto à *forma*, nos parece um caminho de reelaboração dos nossos próprios termos, num direcionamento mais profundo sob o olhar da afrocentricidade, ou seja, um modo de pensamento e ação centrados em valores e ideias africanas. (ASANTE, 2014a).

Nesse gingado, ter a consciência e o domínio dos nossos jeitos e trejeitos, e professá-los, é mais interessante do que tentar um espaço conforme as formas estabelecidas. Contudo, uma possibilidade não exclui a outra. A Capoeira tem a malemolência de circular em espaços diversos e adversos, mantendo características peculiares, seus próprios jeitos e trejeitos.

Afinal, muitos termos que foram usados para depreciar a comunidade negra e sua cultura – como a própria palavra negro, ou vadiagem, carregadas de preconceitos, provocadoras de complexos de inferioridade –, foram resinificados e incorporaram um sentido positivo. Também podemos citar aqui os termos baderna e desordem, utilizados para designar a Capoeira e outras práticas culturais negras como algo imoral e criminal. Porém, Mestre Noronha, um dos pioneiros da Capoeira Angola de

Salvador, se referiu à Capoeira, em alguns momentos, como “*uma fina desordem*”, ou “*uma baderna de muito valor*”. (COUTINHO, 1993).

O Ministro da Educação que procurou concentrar nos educat6rio do Brasil a Capoeira porque 6 defesa pessoal. 6 esta e n6o outra. E assim eu digo, Mestre Noronha, vem nesta baderna desde os 8 anos de idade nos meios bons, ruins e maus. Por isso procurei saber o fundamento deste esporte que era t6o odiado pelo governador como a pol6cia. Foi muito perseguido pela pol6cia. (COUTINHO, 1993, p. 17).

Acreditamos que ele dizia assim porque sabia que a Capoeira, uma *fina* e valiosa *arte*, desestabilizava a ordem imposta. Contudo, havia, entre os capoeiras, alguns finos desordeiros e outros desordeiros que n6o tinham essa fineza. Extrapolavam atitudes inconscientes que, vez ou outra, poderiam ser usadas como justificativa para a repress6o. Por isso, embora se respeitassem, os finos Capoeiras assumiram uma postura de se afastar gradativamente dessas desordens, da marginalidade e da criminaliza6o da Capoeira, que embora j6 estivesse fora do c6digo penal, ainda era reprimida. Sobre os capoeiras e desordeiros Mestre Noronha diz:

Todos jogadores de Capoeira Angola n6o sabe o valor que tem um berimbau, 6 uma arma de grande utilidade para os capoeiristas que andam pensando na maldade. N6o 6 quest6o de valentia 6 quest6o de preven6o da vida, porque um assalto pode se dar a qualquer momento, porque a vida est6 dif6cil para quem trabalha e para o marginal est6 f6cil. Quando ele encontra um ot6rio sai bem e quando ele encontra um capoeirista recebe nalf6⁶⁵ pela cara. A6 a interven6o da pol6cia imediatamente. N6o sei porque a pol6cia toma logo essa delibera6o. Dei alguma navalhada porque fui assaltado por um marginal. 6 esta a origem que o capoeirista anda na maldade para esse fim. N6o que ele seja desordeiro, todos os capoeiristas s6o oper6rios e n6o vagabundo. (COUTINHO, 1993).

Como vimos na se6o hist6rica, da d6cada de 1950 para c6 – com a cria6o do Centro Esportivo de Capoeira Angola de Mestre Pastinha, assim como diversas outras academias de Capoeira Angola, inclusive a de Mestre Gato Preto –, os capoeiras se organizaram para que essa arte resistisse vivamente longe das persegui6es e repress6es, organizando-a em espa6os privados, criando formas de identifica6o coletiva, como uniformes, carteirinhas, entre outras.

⁶⁵ Linguajar popular: navalha.

Nessa sintonia, Pinguim é um Mestre da atualidade que alcançou um tempo em que as questões da marginalidade e da valentia estavam muito presentes na Capoeira. Na verdade, foi o primeiro contato que teve com essa arte, ainda em Salvador, através daqueles membros da sua comunidade. Por outro lado, em São Paulo, seus primeiros Mestres lhe apresentaram uma ideologia, construída historicamente por uma elite intelectual carioca que buscava associar essa arte aos esportes. (REIS, 1997).

Ao conhecer Mestre Gato Preto, Mestre Pinguim passa a ter contato com uma filosofia da ancestralidade e, ao ser iniciado por ele na Capoeira Angola, passa a ser um membro da família, a ser tratado como filho, a tratar seu Mestre como pai e a compor o processo hereditário de continuidade dessa cultura ancestral.

Nessa levada, esse processo que se estende da família biológica de Mestre Gato a seus filhos e discípulos, é expandido, a partir da iniciação, à família biológica dos iniciados. Isso porque, no processo iniciático, a busca por reconhecimento da família biológica é parte do fortalecimento da ancestralidade. Segundo Sodré (1988, p. 129), “*Os conhecimentos iniciáticos passam pelos músculos do corpo, dependem, ritualizados que são, do contato concreto dos indivíduos (...).*” Ou seja, são internalizados na subjetividade das pessoas. Nessa sintonia, Ferreira-Santos vai dizer que:

As ressonâncias ancestrais não são coincidências, mas a fidelidade a um trajeto iniciático de autoconhecimento através do conhecimento do mundo. O percurso envolve uma descida ao centro desconhecido de nós mesmos (simbolizado em *país dos mortos*, gruta, sonhos, poço, porão) e, depois de refrescada a memória (re-ligados), retornamos com nossa alma (*anima*), re-animados, subindo para nossa aldeia novamente, re-nascidos. (FERREIRA-SANTOS, 2006, p. 174).

Assim, nos nossos termos – termos afrocêntricos –, a hereditariedade iniciática caracteriza-se pelas andanças e caminhos percorridos nos processos de ensinamentos e aprendências no universo da cultura. Neste caso específico, da Capoeira que, embora tenha sua peculiaridade, dialoga e caminha junto a outras expressões da cultura negra no Brasil e na África-mãe. Essas expressões, que também aparecem nestes relatos, são: *disciplina, ordem, hierarquia e obediência*. Segundo conceituações já consagradas no pensamento branco-ocidental, remetem aos modos autoritários de organização social.

Por outro lado, nas diversas culturas negras do Brasil e de outros países, esses são elementos fundamentais que sustentam as práticas culturais, desvinculadas desse autoritarismo, como vimos na seção teórica sobre a cosmovisão africana no Brasil. Pensando nisso, podemos dizer que Mestre Gato Preto soube preparar seu povo com a maestria dos Mestres de Aruanda⁶⁶, os ancestrais desencarnados. Isso porque suas orientações sempre foram no sentido de dar caminhos e não de impor uma caminhada. Eis um dos papéis do Mestre de Capoeira, iniciar o discípulo na arte com a ciência.

Ele sabia que a iniciação de um novato numa relação de *ensinança/aprendença* requer um ritual. Por isso, preparou, ambientalizou, cuidou, ofereceu os recursos básicos e necessários para o primeiro momento e, assim, construiu um processo gradual e contínuo. Nesse processo gradual, Mestre Gato Preto começou ensinando, ao seu filho, um princípio básico da Capoeira: a observação. Ficar ali com o Mestre, parado, não era o mesmo que não fazer nada. Era o início de um processo longo e lento, e a primeira lição era exercer a observação e também a paciência, ou seja, a lidar com a atenção e com o tempo. Esse jeito de ensinar requer uma disciplina. O conceito de disciplina na Capoeira: “É ser pleno de si mesmo. A força da Capoeira está muito na disciplina. Na plenitude do ser humano.” (VALE, 2012, p.37). Essa perspectiva nada tem a ver com docilizar os corpos. Ao contrário, a disciplina da Capoeira prepara o corpo para se movimentar e se expressar livremente e não para atender comandos.

Já o conceito de hierarquia está diretamente ligado com o tempo e a função. A hierarquia da Capoeira, assim como no candomblé, é organizada por esses dois critérios, o tempo vivido na cultura e a função que exerce. No candomblé, isso aparece de um jeito ainda mais interessante e intenso, porque acontece de crianças e adolescentes assumirem um cargo no sacerdócio que os coloca numa posição hierárquica à frente de um adulto, e esse adulto deverá lhe prestar reverência. Isso porque esse cargo lhe foi entregue por direito, conforme manda sua ancestralidade. Por outro lado, ela não deixa de ser criança e nem o adulto deixa de ser adulto e, em alguns momentos da convivência, a criança terá que ouvir o adulto, ainda que este seja um abyan⁶⁷.

⁶⁶ Do Bantu: terra dos ancestrais.

⁶⁷ Do yorubá: iniciante.

(...) quem tem pouca idade nessa religião pode também ter muita experiência e ser considerado velho. Em minhas visitas aos candomblés observava que, em muitos momentos, algumas moças ou rapazes ensinavam a pessoas mais velhas (biologicamente) elementos da religião, seja uma dança, uma comida, um itã, entre outras coisas. Percebi então que ser jovem ou ser velho no candomblé não era determinado pela biologia ou idade, mas perpassava pelo campo da experiência, do saber, do processo iniciático de cada pessoa. (SANTOS, 2015, p. 94).

Agora, um conceito de *ordem* conforme a cosmovisão africana, muito presente na Capoeira, nos parece estar ligado à *ordem natural das coisas*, uma noção de que o mundo está em movimento e ele segue diversas ordens. Em outras palavras, na Capoeira e no candomblé, ninguém pode ensinar o que ainda não aprendeu, ninguém pode dar o que ainda não recebeu, ninguém pode falar o que ainda não viu, ouviu ou viveu. Esta é a ordem natural das coisas.

Assim, a inegável relação dos Mestres com a religiosidade africana mostra a profundidade dos seus aprendizados, que não se restringem à prática física, corporal. A Capoeira Angola é assumida como uma filosofia de vida, como já havia nos falado Mestre Janja (ARAÚJO, 2004), na seção histórica.

Os fios condutores da Capoeira Angola nos aproximam do entendimento sobre o valor e o lugar do jogo na atividade humana, sendo ele próprio um espaço de construção que se faz com o outro. Na capoeira, o debate sobre esta questão aprisiona, de foram a enquadrá-la, o seu entendimento a das práticas desportivas, suscitando um mal estar entre os angoleiros, sempre prontos para rebatê-lo como justificativa a possíveis rupturas ao seu entendimento de filosofia de vida. (ARAÚJO, 2004, p. 129).

Como filosofia de vida, a Capoeira Angola pode e deve ser tomada na mais ampla concepção do jogo. Como tal, apraz-nos as possibilidades de concebe-lo nas estruturas interpretativas do saber local. (ARAÚJO, 2004, p. 136).

4.2. Referência e reverência

Nesta parte, os Mestres aprofundam-se sobre o preparo para se chegar a Mestre. A partir de suas referências, reconhecem que os antigos passaram por outros processos, que só eram possíveis no contexto dos respectivos tempos e locais onde aprenderam a Capoeira. Após terem convivido com Mestres como Gato Preto e Cobrinha Verde, não se consideram Mestres, ainda que sejam reconhecidos pela comunidade como tal. Segundo eles, isso ocorre porque, para sua geração e as

posteriores, não há condições ontológicas de atingir o desenvolvimento daqueles antigos Mestres. Afinal, muitos conhecimentos se perderam com o tempo, e os contextos de ensino/aprendizagem no universo da Capoeira, de um modo geral, evoluíram com intencionalidade maior na corporeidade e menor na espiritualidade. Assim, ser Mestre, hoje, implica em outras exigências que se diferem muito das exigências do passado ao qual os participantes desta pesquisa têm como referência.

Em **“Mestres são reconhecidos”**, Mestre Góes relata como seu pai e Mestre entrega-lhe o legado da linhagem em seu leito de morte. **“O cabeça do barco”** é o relato do Mestre Pinguim, que não se assume como Mestre, mas aceita o reconhecimento da comunidade e assume a responsabilidade de continuar a caminhada, preservar o legado e construir novas possibilidades para as futuras gerações.

Em **“Hereditariedade vem antes da hierarquia”**, Mestre Góes nos fala com detalhes sobre a presença da Capoeira em sua vida, assumindo sua herança cultural no seio da família biológica. Já em **“Preparo dos velhos Mestres”**, Mestre Pinguim enfatiza a proximidade entre Capoeira e Candomblé como manifestações culturais irmãs, desenvolvidas no Abaçá, no terreiro, na comunidade. Desde o tempo de Besouro que, por seu envolvimento nessa religião, tinha suas percepções aguçadas. Por isso a busca dos Mestres da atualidade por esse preparo.

Mestres são reconhecidos

M. Góes: Então, sempre que chega o momento de dizer ou dizerem que sou Mestre, me arremeto diretamente a ele. Não tem como me perguntar, chegar pra mim e dizer: “Poxa Góes, você agora é considerado Mestre.” E eu fico assim às vezes, fico até um pouco... eu balanço o corpo pra lá e pra cá. Mas eu sempre lembro de uma frase que eu falei pra ele: “Meu pai, enquanto o senhor estiver vivo eu não vou me considerar Mestre de Capoeira.”

E é como uma reciprocidade que teve entre a gente nesse fato, que ele estava internado, no hospital em cima da cama com o batimento cardíaco oscilando trinta e cinco pra noventa e poucos, de uma hora pra outra. Descia e daqui a pouco subia novamente. E eu cheguei pra dois médicos que estavam acompanhando ele e falei: “Olhe, eu acho que meu pai não vai viver mais de uma semana.” Não sei, bateu na mente e eu falei isso. Ele disse: “É, porque a gente já tem mais ou menos uma ideia de que a coisa é por esse caminho aí.”

No dia seis, certinho, do dia 29... sete dias depois, no dia 6 ele faleceu. E ali eu lembrei dessa frase que eu tinha dito pra ele. “Eu só seria, eu só gostaria que as pessoas me chamassem de Mestre, a partir do momento que ele já não estivesse mais fisicamente entre a gente.”

Mas não tem condição não velho. Não tem condições. Me chamou Mestre, eu lembro do meu pai.

Aí fica difícil. Fica difícil falar literalmente do assunto sem fazer uma abrangência, porque é coisa que vem se construindo... eu tenho 65, vou fazer 66 anos, se isso aconteceu a 15 anos atrás, eu estava com 51 anos de idade. Ou seja, estava com a estrada... estava com minha estrada formada praticamente, mas eu não tenho, eu não acho que eu tenho uma formação que o meu pai teve pra mestria, eu não tenho essa formação.

Mas, aí é que está o negócio, como é que eu te respondo? Como é que eu falo sobre a minha labuta, a minha estrada com a Capoeira? Pra mim me considerar Mestre, eu não tenho, se o meu próprio ponto de partida para chegar a Mestre de Capoeira foi meu próprio pai e Mestre, vê bem, a coisa é duplo sentido. Né velho? É muito forte. É muito forte pra você chegar e dizer assim, eu sou Mestre de Capoeira. Eu não considero. Eu não me considero.

Respeito o termo, porque Mestres na Bahia nunca foram condecorados Mestres, foram reconhecidos pelo ofício com a Capoeira e a se dar na lida da Capoeira, é diferente o cara chegar e dizer: “Hoje eu vou ser Mestre de Capoeira. Ou, você é Mestre.” Eu aceito sim que me chamem de Mestre, me considerem Mestre de Capoeira, mas eu não me vejo o Mestre que as vezes as pessoas colocam em mim. Porque este respeito ainda está comigo, este respeito com meu pai ainda vai ficar comigo até o fim do mundo. Emociona até falar sobre isso porque eu me arremeto sempre ao meu ponto de partida.

O cabeça do barco

M. Pinguim: Para ganhar o certificado de “passou a pronto”, eu tive que pegar confiança dele e mostrar que eu era uma pessoa capaz de tomar conta da academia dele. “Pinguim por aqui, Pinguim por aqui...”, e peguei confiança dele. Aí mostrei, e aí foi que ele me deu esse certificado, em 2001, passei a pronto, me passou a pronto. Não me deu cordão de Mestre. Não me considero Mestre.

Tomava conta da academia dele, quer dizer, é um barco, eu sou o que toma conta do barco, eu sou a cabeça do barco.⁶⁸ Olhando o horizonte, olhando pra ver se o barco não bate, quando navega, mas só que esse barco, quando estou sozinho é uma coisa, mas só que esse barco agora, ele tem gente! Então eu tenho que me preocupar com essa formação desses que vem atrás, tenho que estar olhando a proa do barco e olhando as pessoas que estão dentro desse barco. Zelando, pra manter uma tradição, pra manter uma história, que está acontecendo.

O que está acontecendo, que a 500 anos a gente está nessa *resistência*? E eu não tenho pretensão nenhuma de nada na Capoeira. Eu cheguei sem pretensão, queria só trabalhar e um lugar pra treinar, e estou aqui dentro aqui, reconstruído. Sem pretensão, e hoje eu não tenho pretensão de ser nada, não quero. Eu quero é zelar sem ninguém me encher o saco. Negócio de comparar meus alunos com

⁶⁸ A expressão “barco” é utilizada nos terreiros de candomblé para se referir ao grupo de novatos que está passando pelo processo de iniciação. Aqui, M. Pinguim possivelmente faz uma alusão a um cargo que M. Gato Preto assumiu quando trabalhou de pescador em São Brás, durante sua juventude, como conta o próprio: Mestre de Canoas.

outros, que o outro é melhor, que fulano... não quero saber disso. E aí, tô aí. Tentando me olhar dentro desse calabouço⁶⁹, todo dia...

Hereditariedade vem antes da hierarquia

M. Góes: O que a Capoeira significa pra mim é outra coisa. Aí é outra coisa, porque o processo é primeiramente hereditário, o hierárquico veio bem mais tarde, no processo hereditário meu, a Capoeira vem comigo como, sei lá, como ponto de partida de vivência. Mas pra todas as vivências você precisa de convivência. Então, eu convivi primeiramente com meu pai, depois não tinha outro capoeirista na família, pra você ver como a coisa vem se desenhando pra mim. Mas meu pai falava sempre sobre o meu avô. O Seu Eutique, porque ele não sabia falar Eutíqueo. Ele falava sempre Eutique, né. Que Eutique tava sempre tentando passar umas coisas pra ele. Coisas essas que ele nunca especificava quais as coisas. Aí meu pai fala tanto em Eutíqueo, meu pai fala tanto em Alípio, meu pai fala tanto em Leó, meu pai fala tanto em Catarino, Catarino foi parente da minha avó, e eu não conseguia associar quem eram esses personagens.

Mas ele sempre estava falando sobre essas pessoas, ou seja, ele queria dizer, depois eu comecei a entender, que era um processo hereditário que eu tinha na minha família que começava com meu avô, meus avós, meus tios, então era um processo hereditário, mas eu não via os meus tios, irmãos dele, praticando Capoeira também. Ou seja, então a coisa ficou assim, (risos) você tem uma hereditariedade nisso mas, como que isso se explica? Como você vai conseguir falar sobre isso? Então com o tempo eu fui entendendo com ele, que era uma coisa que estava na gente, que eu só passei a conhecer, a começar a conhecer e praticar por causa da existência dele. Se eu não estivesse com ele eu não praticaria, isto estava claro pra gente. Eu não praticaria. Tanto que veio o Zeca depois, ele começou a passar pro Zeca com sete anos. Ele falou: *“Oh José, Hugo já está indo na academia e você vai ter que ir também.”* Ou seja, ele queria simplesmente passar os ensinamentos, com o tempo os fundamentos e depois a construção desse legado que ele deixa.

Você entende bem, eu tenho mais apego à musicalização da Capoeira e Zeca tem mais apego ao jogo da capoeira, desde criança nós somos assim. Então ele conseguiu nos colocar dentro desse universo, mas como se fosse uma coisa assim que vinha da família, mas da família partida da família paterna, não da família materna, mas tinha gente também da minha família materna praticando Capoeira lá em São Brás. Mas eu não sabia quem era, pois eu estava ainda molequinho, eu não sabia quem era. Então o valor que isso trouxe tanto pra mim quanto pra Zeca a gente tá professando até hoje. Entendeu? Ele faleceu mas deixou essa hereditariedade pra gente.

Preparo dos velhos mestres

M. Pinguim: É... Mestre Gato teve outro preparo, o pai dele teve outro preparo, mestre Bimba teve outro preparo, Mestre Bimba é até falta de respeito, Seu Manoel dos Reis Machado, Seu José Gabriel Góes, Seu Otique Lucio Góes, Seu Vicente Ferreira Pastinha, esse pessoal teve tratamento, velho. Coisa que a gente que tá aqui na cidade não temos. Outro preparo espiritual. Outra forma de ver o mundo. Essas pessoas foram os primeiros que migraram pra cidade. Saíram do recôncavo, e

⁶⁹ Alusão a local profundo.

foram pra cidade atrás de condições melhores, chegaram na cidade e foram trabalhar de outras coisas, mestre ferreiro, mestre carpinteiro... então, eu não posso falar desse pessoal, porque eu não convivi, convivi com Mestre Gato esses doze anos, ele tinha outro preparo, outra visão do tempo dele, o saber viver, pouco estudo, mas muita sabedoria, pouca escrita, mas muito conhecimento, pra além do seu tempo com a mente, entendeu? Então, aquilo era um Mestre mesmo pra ensinar a como, sei lá, a sobreviver. A lidar com essas pessoas. E eu... estamos se preparando...

Mestre Gato era Ogan, Bimba Ogan, Pastinha casado com uma mulher que era também do negócio, entendeu? Então, essa gente tinha outro preparo. Nós estamos atrás desse preparo, o fundamento. Não estamos aqui na superstição não, estamos no fundamento. Superficial você fica só ali, mas quando você começa a entrar nesse xirê⁷⁰, é complicado. Os lendários Mestres tiveram suas decepções, suas alegrias, muitos morreram desgostosos, muitos não viveram da Capoeira, porque *a Capoeira evoluiu da exploração*, o aluno veio, explorou, o Mestre deu de coração, aí depois... vamos aqui falar do Mestre Pastinha, foram chamar de Mestre, Mestre: “Eu não sou mestre não menino. Esse título que vocês estão me dando de Mestre se servisse pra alguma coisa eu ia vender, para botar comida dentro de casa.” Esse sentido de Mestre não me interessa. Dá para vender? Quer comprar? Preciso colocar comida dentro de casa. Pega pra você esse título.

Besouro era Ogan, Besouro era Axogum⁷¹, Axogum está com a vida na mão. Tem outra visão. Tem outro preparo. Não posso falar dele, só o que eu escutei e o que eu estou pesquisando. Ele tinha vários padrões, trabalhava em vários lugares e não gostava de injustiça. A época dele era outra, tinha muito valentão, tinha que ser valente, mas ele tinha um cargo e esse cargo dava pra ele visibilidade maior, percepção maior. E não gostava da covardia, não gostava de ver um maltratar o outro. Então, era Capoeira, tinha o corpo fechado, tomava os seus banhos, tinha seus preceitos, mas é aquilo, a época era outra época, que época era essa aí? 1920? 1930? Então, era outro momento dentro da Capoeira, era outro momento. Ele de repente nem sabia que o nome dele ia rodar tanto dentro da Capoeira. Porque ele morreu novo, morreu num samba de esparro⁷², não é isso? Armaram pra ele.

4.2.1. Trajetórias dos Mestres

Vimos, nesses relatos autobiográficos, um pouco da trajetória dos Mestres, seu processo de absorção e incorporação de conhecimento. Embora tenham sido criadas diversas graduações e ritos de passagem para que fosse possível adquiri-las,

⁷⁰ Do yorubá: do verbo brincar, se divertir, bailar. Utilizado no candomblé para se referir à sequência ritualística do culto aos Orixás. Também utilizado por alguns velhos Mestres para fazerem referência aos rituais da Capoeira.

⁷¹ Do yorubá: refere-se a um cargo de sacerdócio no candomblé.

⁷² Tocaia, emboscada.

chamadas de batizado, convidamos para a roda o próprio Mestre Gato Preto para pensarmos juntos a ausência de formatura na Capoeira Angola.

Como vimos na seção histórica, esse Mestre afirma que “*não existe formatura em Capoeira.*” Evidentemente, ele fala de sua concepção de Capoeira e não pode generalizar a todo o universo dela. No entanto, é essa concepção, viva nesta linhagem, que defendemos. Afinal, como diz o próprio Mestre, “*O doutor da Capoeira é a sabedoria.*” E, para adquiri-la, é necessária uma longa vivência na arte – até que, após muitos anos vivência que requer, entre outras coisas, estudo e prática, o discípulo pode “passar a pronto”, o que não significa, segundo Mestre Gato, estar formado.

Nesse balanceio, as narrativas sobre as trajetórias dos Mestres mostram que os caminhos da *aprendença* capoeirana não se trata exatamente de formação. Acreditamos que seja muito mais um processo contínuo de transformação do indivíduo. Enquanto formação remete à chegada de um estágio que se encerra, a transformação remete ao movimento contínuo de mudança. Pensando nisso, retomamos a fala de Mestre Góes, quando ele diz que “*a coisa não vem como forma, vem como jeitos e trejeitos*”, sendo que essa coisa nada mais é do que a *aprendença* ancestral que ele teve na (com)vivência com seu *pai e Mestre*. Nesta levada, retomamos a discussão sobre as definições de educação formal, informal e não-formal, chamando pra roda o menino Danilo Silva (2017), um jovem pesquisador treinel⁷³ de Capoeira Angola:

Essa forma poética de ver e expressar o mundo atravessam, transpassam pelos su-postos limites entre vida-escola-trabalho, entre sonho-realidade, enfim, entre jogo-luta-dança-brincadeira da roda da vida, o que faz o capoeirista (praticante de capoeira) se torne capoeira, com todos os valores, “sabores” e aprendizados introjetados na sua vida, nas suas ações cotidianas, na sua relação com o mundo e com os outros, estando “sempre envolvido” com sua arte. Assim, apontamos para o caráter trans-formal da capoeira, uma vez que seu aprendizado perpassa entre todos esses âmbitos educacionais (formal, informal e não-formal), possibilitando a transformação social dos sujeitos que participam do processo. Consequentemente, essa trans-formação interfere na história e no próprio processo educativo, por meio de reflexão e de conscientização social, atuando no seu meio de maneira coerente com os valores e ideais de libertação e emancipação, imanentes à capoeira. (SILVA, 2013, pp. 58-59).

⁷³ Iniciado na Capoeira Angola que já tem condições de puxar treinos para novos iniciantes.

Assim, gostaríamos de refletir, com o camarada citado acima, esse caráter trans-formal da Capoeira, chamando atenção a esse “trans-formal”, com hífen, que remete a dinâmica de escolarização e profissionalização da Capoeira. São tensas estratégias de resistência e sobrevivência da arte, ao expandir sua atuação – já que a Capoeira, em nossos tempos, é ensinada em diversos espaços de educação (escolas, ONGs, associações de moradores, sindicatos, etc.) e em seus próprios espaços, sejam eles privados, como: escolas, casas, academias ou centros de Capoeira, ou públicos, como: ruas, praças e feiras. Assim, vão trans-passando pelas categorias educacionais (formal, informal, não-formal), consagradas e hierarquizadas numa perspectiva branco-ocidental. Também pretendemos observar seu aspecto “transformal”, sem hífen, que está mais ligado à transformação do ser. Ou seja, aos processos de subjetivação que movimentam e dinamizam o ser.

Acreditamos, ainda, que esses processos estão diretamente vinculados a uma ideia de ancestralidade que pode ser pensada com apoio no conceito de sankofa. Sankofa⁷⁴ é um símbolo Adinkra que, por sua vez é uma forma de escrita africana, mais especificamente dos povos de Gana. Esse símbolo, chamado sankofa, é um desenho de um pato olhando para trás. Ele significa o retorno ao passado, no sentido da memória. O símbolo transmite a mensagem da importância de aprendermos com o passado para seguirmos nosso caminho. Neste caso, um passado mais longínquo que remete às gerações anteriores e tem sua continuidade nas gerações futuras.

Nesse repente, o processo de *aprendença* ancestral, numa perspectiva da cosmovisão africana no Brasil, pode ser pensado como nos sugere Machado (2006), que vem a tencionar:

[...] outras possibilidades para formação, numa perspectiva de ensinar colocando o que en-sina e o aprendente na mesma condição de desvelamento de caminhos de autonomia e solidariedade. Neste caso, considera-se a sina, o *odu* ou o *caminho* não como uma predição fatalista. Trata-se de fazer emergir todas as possibilidades criadoras que podem ser alcançadas pelo sujeito na sua condição de aprendente e ensinante. (MACHADO, 2006, pp. 2-3).

⁷⁴ O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. (SANKOFA, 2013, p. 4).

Com isto, estamos defendendo a ideia de que a *aprendença* é um processo contínuo, um caminho a ser percorrido e que se diferencia da formação que se pretende finita. E ensinar e aprender desses jeitos e trejeitos é dividir o conhecimento num processo em que o ensinante e o aprendente possam encontrar a *sina*, o *odú*, o caminho, um caminho transformador – que, por sua vez, não inicia nem se encerra na vida de um indivíduo. É a constância da relação e o elo entres mais velhos e mais novos, Mestres e discípulos, pais e filhos, entre outros, que seguem juntos até certo ponto quando, em alguma encruzilhada da história, cada um irá por vias peculiares, mas levarão consigo uma parte um do outro que foi compartilhada e poderão acessar através da memória. A memória se faz viva no corpo como um todo, sem a separação cartesiana de corpo-mente. Segundo Vale (2012):

Nessa via, os modos matriciais afro-ameríndio de ensinar e fazer-saber aplicam seu contragolpe aos modos escolares de *transmissão de conteúdos*. E mostram que o processo de construção de conhecimentos não é um dispositivo computacional na nossa cabeça, mas sim nossas afinações com a materialidade e os mistérios do mundo. Não é um atributo meramente cerebrino, mas está pulsante nos corpos das pessoas, da matéria e das relações. Não se trata de conhecimento que nos foi sisudamente comunicado, mas sim de uma intimidade profunda e artista das partilhas iniciáticas de forças vitais. (VALE, 2012, p. 294).

Nessa sintonia, retomamos a hereditariedade como a ponte inter-geracional desses caminhos de *ensino/aprendença* ancestral que, por sua vez, se dá nos processos iniciáticos. Esses processos de iniciação envolvem o convívio contínuo, a dedicação ao aprendizado gradual, o envolvimento e o compromisso com a cultura. Eles resultam na herança cultural que compreendemos, aqui, pela continuidade de um legado e não pela manutenção da propriedade. É manter e zelar para e pelos outros que virão. É também prepará-los para fazer o mesmo em consideração aos que virão depois destes, de modo que tudo vai depender do envolvimento e compromisso dos aprendentes ou iniciantes-iniciados. Segundo Sodré (1988),

A herança cultural repassada, a tradição é uma forma de comunicação no tempo e faz dela um pressuposto da consciência do grupo e a fonte de obrigações originárias, que se reveste historicamente de formas semelhantes a regras de solidariedade. (SODRÉ, 1988, p. 95).

Seguindo esse raciocínio, temos o exemplo de Mestre Góes, que viveu toda sua juventude ao lado do pai. Num contexto cultural efervescente, conviveu com

diversos Mestres antigos, protagonistas da Capoeira Angola de Salvador e, mesmo depois de ter vivido 30 anos na Europa, manteve o elo com sua cultura originária através dos trabalhos com a arte negra que realizava. Ainda assim, acredito que Mestre Gato Preto escolheu seu filho mais velho, o Mestre Góes, para entregar a responsabilidade de manter o legado, porque foi o que passou mais tempo aprendendo com ele e o que estava mais preparado entre tantos bons discípulos, não exclusivamente pelo laço consanguíneo – embora não se exclua as questões de sangue e de afetos construídos nesta relação familiar.

Ao mesmo tempo, vimos que os caminhos da família de Mestre Pinguim foram semelhantes ao de centenas de nordestinos que migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Nesse processo de distanciamento geográfico, houve também um distanciamento cultural e, de certa forma, perderam um vínculo com a cultura baiana. Somente com o envolvimento na Capoeira é que ele passa a redescobrir suas origens étnico-culturais e, ao buscar isso na história da família, acabou por provocar um movimento que atingiu os demais. Mestre Pinguim iniciou sua *aprendença* na Capoeira de um jeito e deu continuidade de outro. A princípio, seus primeiros Mestres, Pato e Valdenor, apresentavam uma filosofia que buscava associar a prática da Capoeira aos esportes, ao desporto, à competição (REIS, 1997). Ao conhecer Mestre Gato, ele passa a ter contato com uma filosofia da ancestralidade.

Nesse sentido, podemos dizer que, nessa linhagem de Capoeira, o aprendizado de ambos os Mestres segue essa característica da partilha de conhecimentos na *en-sinança/aprendência* ancestral. Desse modo, na medida em que o tempo passa e o conhecimento seja imprescindivelmente adquirido, o aprendiz poderá ser ou não reconhecido como Mestre. Mas a partir do momento do seu reconhecimento, a contrário do que possa parecer a palavra Mestre, ele não recebe um status de poder: ele tem suas responsabilidades ampliadas. Ele passa a ser o “cabeça do barco”, a estar à frente do barco.

Perceba que a expressão “barco” é utilizada nos terreiros de candomblé para referir-se ao grupo de noviças que está passando pelo processo de iniciação. Em seu relato, Mestre Pinguim possivelmente faz uma alusão a um cargo que Mestre Gato Preto assumiu quando trabalhou de pescador em São Brás, durante sua juventude, como conta o próprio:

M. Gato Preto: Mestre de remo significa o primeiro da canoa, é aquele que puxa forte, aquele que puxa fraco. Sabe? Aquele que para, aquele que vê primeiro tudo o que está na frente. Para dizer depois, é isso. Então passei a ser o Mestre de proa. Chama Mestre de proa, na canoa. São duas canoas, uma canoa grande levando a rede e outra pequena com duas pessoas chama socorro, é onde coloca o peixe.⁷⁵

A responsabilidade de estar à frente de um barco, ou seja, de um grupo de aprendentes, implica em cuidado. Cuidado é o papel do ritual. Lidar com o desenvolvimento, ou melhor, a transformação do ser humano é algo muito delicado. Você mexe com a subjetividade alheia e certos erros, comuns em instituições educacionais, podem ser fatais. Esses erros de que falamos estão ligados ao autoritarismo dos professores e às imposições institucionais que regem a atuação docente nesses espaços. A escola, por exemplo, tem o papel de formar. E é isso o que ela tem feito desde sempre, colocando as crianças e também os adultos, educandos e educadores, em formas.

E, então, quando topamos com memórias negras da escolarização branca, encontramos uma recorrência de imagens de amordaçamento e amputamento, do enquadramento institucional branco-ocidental ferindo e amordaçando as ligas vitais entre pessoa, comunidade, saber e ancestralidade afro-ameríndias. (VALE, 2012, p. 53).

Diferente disso, a educação capoeirana propõe jeitos e trejeitos de *ensinanças e aprendenças* para transformar as pessoas. Para que o movimento de absorção e incorporação de conhecimentos e sabedoria seja contínuo e cíclico: contínuo nos processos do indivíduo e da comunidade, cíclico em relação à ancestralidade e ao futuro das novas gerações. Essas ensinanças assumem um compromisso com o passado e o presente que transforma a realidade, sem deixar de preservar o que há de importante no antigo, que seriam as experiências passadas, as vivências.

Nesta teimosia da permanência, ao caminharmos em visita às concepções *materiais afro-ameríndias*, nossas passadas impulsionam um esquiva-contragolpe às dinâmicas de poder patriarcal branco-ocidental dono do discurso formatador dos *paradigmas escolarizatórios*. Assim, buscamos escapar das amarras deste paradigma com sua obsessão pela abstração e fixidez dos conceitos; com sua noção *humanocêntrica* de indivíduo individualizado no

⁷⁵ Este é um trecho de uma entrevista realizada para a elaboração de uma biografia de Mestre Gato que nunca foi editada. O áudio da entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZnNiVktCLCE&t=146s>>. Acesso em: 10/01/2018.

mundo; e com seu distanciamento diagnosticador nas análises sisudas dos “objetos”. (VALE, 2012, p. 35).

Apesar de notarmos todas essas questões referentes às *en-sinanças* de Mestre Gato Preto a esses dois Mestres da atualidade, percebemos uma questão importantíssima para compreendermos as concepções de desobediência que eles nos apresentaram. Diz respeito à influência dos lendários capoeiras nessa transformação do ser. Estamos falando especificamente nos caminhos transformativos de *en-sinança* e *aprendença*, os quais Mestre Gato Preto trilhou na convivência com Mestres anteriores a ele.

M. Gato Preto absorveu muito dos princípios antigos, dos fundamentos filosóficos e do poder de concentração. Por sua vez, soube adequar essa sabedoria ancestral às mudanças eminentes em seu tempo. Veremos, a seguir, como se deu a relação dos participantes da pesquisa com algumas instituições e autoridades e algumas dicas das influências dos velhos Mestres em suas concepções de desobediência.

4.3. Na roda da vida: as instituições e autoridades

Nesta subseção, os Mestres falam de suas relações com instituições e autoridades, como polícia/policiais, escola/professores, trabalho/patrão e religião/sacerdotes. Começando pelos “**Causos de polícia**”, fica nítida a diferença entre o tempo de vivência deles e dos lendários capoeiras. Essa conversa nos traz imagens das pelejas, as fugas, as práticas em segredo e os movimentos de descriminalização.

Já em “**Causos de escola**”, por mais difícil que possa ter sido, houve, para esses Mestres da atualidade, oportunidades de estudo que a maioria dos velhos Mestres não tiveram. Com isso, poderemos fazer uma reflexão sobre as relações de poder imbricadas no acesso à educação para a população negra e a forma dos Capoeiras lidarem com isso nos percursos entre as gerações.

Em seguida, veremos, em “**Causos do trabalho**”, que a maioria dos capoeiras, assim como os participantes da pesquisa, são trabalhadores. Porém, é a partir dessa geração de novos Mestres que, após algumas poucas experiências em (sub) empregos, encontraram na Capoeira e arte-negra a possibilidade de um trabalho autônomo e prazeroso. E enfim, em “**Causos dos templos**”, numa conversa sobre

religião, eles tratam de críticas ao racismo religioso, bem como críticas internas a sérios problemas das nossas comunidades religiosas.

Causos de polícia

Aqui, M. Góes nos relata situações diferentes na relação dos capoeiras com a polícia. Primeiro, em **“Opressão nos tempos de Besouro e Cobrinha”**, ele narra as artimanhas dos capoeiras ao lidar com essa adversidade e como eles se adaptaram àquela realidade violenta. Em seguida, fala sobre as medidas protetivas que seu pai tomou para com seus discípulos da Academia de Capoeira Baiana - ACB, num momento em que a Capoeira da Bahia estava se expandindo para o mundo, abandonando cada vez mais as ruas e se organizando em espaços privados.

Ainda havia perseguição policial, e os capoeiras vinham construindo um caminho de integração social e reconhecimento de sua cidadania há mais de 30 anos, após a descriminalização dessa arte com a criação da Capoeira Regional. Nessa tensão, Mestre Gato anunciou aos seus discípulos que estavam proibidos de jogar Capoeira na rua, como veremos em **“Será punido pela polícia.”** Essa perseguição não era somente à cultura negra, mas principalmente à população negra. Nessa sintonia, Mestre Pinguim, com suas respostas curtas e contundentes, resume o que seria não somente a sua, mas a relação do povo preto com a polícia em, **“Quem nunca...?”**. Com esses relatos, faremos uma reflexão sobre as perseguições policiais e as estratégias de enfrentamento e esquivas que os capoeiras lançaram mão e modificaram ao longo do tempo, conforme as necessidades de cada época.

Repressão nos tempos de Besouro e Cobrinha

M. Góes: Então, essas tomadas de decisões de defender suas próprias coisas, com esses caras nessa época, eram advindas da opressão. Se eu não posso te enfrentar desse jeito, eu vou te pegar de outro. Bom, um delegado por exemplo, todos os capoeiras sabiam, que os delegados, esses ditos delegados, eram coniventes com os senhores de engenho, com os fazendeiros, tinha essa convivência e essa convivência com eles. Então pra eles eram pessoas negativas, para o universo deles. A gente quer brincar, quer vadiar, então esses caras ficam querendo por uma imposição que não era exatamente os senhores de engenho, aqueles senhores, aqueles caras, vamos falar no popular que pagavam eles naquela época. Eles mesmo tomavam no poder hierárquico, depois deles: “Podemos porque somos...” como é que chamavam? Os investigadores não, que somos os samangos⁷⁶, por isso que tem o toque chamado samango⁷⁷, somos os samangos,

⁷⁶ Do bantu: polícia.

⁷⁷ Toque de Berimbau utilizado como uma forma de aviso à chegada dos samangos: policiais.

ou seja, nós estamos abaixo deles, mas na ausência deles somos nós, então vai bater em fulano, vai mandar prender ciclano, vai falar para beltrano que não tá legal, que ciclano está fazendo isso, que fulano está fazendo aquilo, ficavam naquela opressão, justamente pra mostrar serviço para aqueles que tinham. Que eram donos dos canaviais, de gado, isso e aquilo, e aquilo outro. Mas só que tem o seguinte. Os caras que estavam lá, os cativos que viviam em cativeiro, não tinham acesso ao frande, o que que é o frande? É o facão. Quando botaram o palantão nas mãos deles, veja só, pra cortarem cana. O palantão quase não tinha corte. E tinha um gavião na ponta. Na parte superior, e ele era dessa largura mais ou menos, uns doze centímetros de largura, quando eles cutilavam no pé da cana, com o palantão, lógico, sem corte, porque cutilavam na cana madura, bateu cortou, então eles batiam aqui, puxavam por cá. Aqui mesmo eles já cortavam no olho, puxavam a cana para o outro lado, era a prática. Então eles não tinham acesso, mas quando os caras conseguiram se libertar, se liberar daquele, daqueles motins e se encontrar no outro canto, aí sim, que veio o processo do cangaço. Ali eles tiveram acesso ao facão, primeiro o de doze polegadas, depois o quatorze polegadas, e depois o dezoito polegadas. E era um cara da altura do Seu Rafael, com 1.56m, pra um facão de 60cm, ele colocava do lado, a ponta do facão ficava no chão (risos). Agora virou valente, porque o facão era para o dia a dia da labuta, pra cortar, pra roçar, até pra roçar servia, mas aí virou, eles andavam o dia todo, andavam o dia inteiro, levantavam da tarimba, da cama, o facão estava na cintura. Tanto que eu escrevi:

Meu avô não usava corda não
 Meu avô não usava corda não
 E sim na cintura um facão
 Quando tinha a brincadeira
 Brincava com muita perfeição

Eutiqueo também jogou facão, mas esse jogo de facão era brincadeira. Era brincadeira entre eles. Diversão entre eles. Mas quando o bicho pegava. Ele ia pra defesa, ia para a autodefesa. E qual era a defesa que eles tinham a não ser o pé, que as vezes entrava mas não causava muito estrago, a cabeçada voadora, como o Pastinha gostava muito da cabeçada voadora, as vezes entravam também quando pegava no externo alguém ficava fora de si, mas quando ele aguentava o facão, que jogava aqui, jogava lá e puxava o corte ficava ali. Porque a ponta era hiper, hiper afiada, e tinha muitos que usavam o facão vasado. Corte com dois gumes. E aí esses delegados, que não foi um só que eles enfrentaram não, foram muitos. Porque a opressão contra a prática da Capoeira era muito grande. A opressão queria aniquilar aquilo, tirar mesmo do meio social. Desde quando a roda é um meio social. A roda da capoeira é um círculo social.

Então eles não queriam, porque os capoeiras escondiam o que estava acontecendo ali naquele meio. Os samangos passavam e não sabiam o que estava acontecendo naquele meio. Tem violência ali, será que alguém não vai matar alguém ali, não sei o que, mas a Capoeira nunca matou capoeira, nunca. Se derrubava, se dava uma cabeçada, se em alguém pegava um golpe e sangrava alguma coisa, não era o propósito. Era um incidente. Eles diziam: “Não menino foi casuar.” Casuar né. Que é o casual. “Mas ele entende. Ele entende que a vadiagem tem desses negócios. Ele entende.” Então, não era o

enfrentar como se fosse com confronto. Era um enfrentar, simplesmente para dizer, fica lá e deixa a gente com a nossa brincadeira pro lado de cá. Então de qualquer forma tinha que bater de frente. Não era um enfrentamento, era simplesmente a gente dizer que se tá com a roda de Capoeira na festa da Purificação de Santo Amaro, onde ia toda a gente do Recôncavo pra festa da Nossa Senhora da Purificação, aí botava aquela roda de Capoeira, todo mundo de branco, aparecia uns outro de calça preta, camisa vermelha, chapéu de lado, isso e aquilo, e tem alguns sambadores que usam chapéu preto ainda, capoeirista parou de usar. Mas o sambador usa ainda o chapeuzinho dele preto. E aí chegava na roda, jogava capoeira o tempo todo com aquele chapéu na cabeça o chapéu não caía, porque não ia dar pra ninguém segurar, tinha que jogar com ele na cabeça. E aí? Aí quebrava ele aqui, quando folgava aqui com o suor ele quebrava do outro lado. E ficava naquela, chegava no pé do berimbau, arrumava o chapéu e (risos) né?

Então quando aparecia um desses samangos, que eles chamavam de samango o policial, eles diziam: “Viu? Vi” – o outro. Eles já sabiam o que que é. “Chegou o...” então paravam aquela roda ali, disfarçavam, fazia em outro lugar. Tudo isso, acontecia dentro de um contexto da capoeira, da Capoeira no Recôncavo que em Salvador não acontecia assim. Quando eles chegaram em Salvador eles tinham lá o ponto, o local de trabalho deles. Quem estava trabalhando na estiva brincavam entre os sacos de cereais. Escondidos. Ou chegavam no mercado e faziam aquela brincadeirinha no mercado. Vai lá menino, que não sei o que, tal e isso aqui, tá perere, jogava daqui, jogava dali, mas esse jogo de facão, não foi criado por eles, a brincadeira, criado para brigar. Era como um instrumento de defesa que eles usavam como vadiagem. Dentro do corpo da Capoeira, porque eram os capoeiras que estavam praticando, as outras pessoas como se diz, não se interessavam. Então eles chegavam na roda, estavam jogando, estavam com o facão na cintura. Quando um puxava, puxava com jeito para não cair por cima do facão e malemolência pra lá, malemolência pra cá, mas aí é que está: *Um não desobedecia o outro de jeito nenhum.*

Será punido pela polícia

M. Gato Góes: Eu comecei logo a aprender lá na academia com meu pai. E foi, sei lá velho, impressionante, impressionante como ele ensinava. A sutileza dele e as coisas exatas. Ele migrou, a gente estava já com o terceiro ou quarto endereço de academia de Capoeira, migrou muito, sempre colocava em clubes sociais, que tinha times de futebol e tal, e ele sempre colocou a Capoeira lá ao lado. Mas não se metia em nada de futebol, ele se eximiu total do futebol, quando nós chegamos na sede do Unidos em 1963.

Quando é um dia ele chamou o Zé e disse: “Zé, você vai fazer uma carteirinha pra gente, vai fazer uma carteirinha pra mim.” A carteirinha tinha mais ou menos uns 5 cm de altura e mais ou menos uns 10 cm de comprimento, horizontal. Ele colocou lá, Academia de Capoeira Baiana, tal-tal, tal-tal, tal-tal, e lá em baixo no pezinho da página, ele colocou: “É proibido jogar Capoeira na rua, que será punido pela polícia.” Não teve exclamação não, ponto. *“É proibido jogar Capoeira na rua, que será punido pela polícia.”*

Ou seja, o que ele queria dizer com isso? Que era pra gente não entrar em roda de Capoeira de rua, continuar trabalhando na academia, o que tiver que fazer, pedia pra ele. Se quisesse treinar um dia que não tinha treino, ele falava com o Marião que era o presidente lá, o Marião

dava a chave, entrava, treinava, até a hora que fosse, depois até fechava, devolvia a chave mas, quer brincar? Vai brincar na academia. Mas Capoeira na rua deixa pra mim.

Porque, ele só chegava nas rodas, tocava seu berimbau, e as vezes. Então meu pai praticou muito pouco Capoeira na rua. No meu tempo, eu falo no meu tempo em 1970, que eu comecei a entender melhor da coisa pra cá. Então, com relação a polícia, a gente tinha o seguinte, quando a gente é tido como inimigo a gente toma distância do local. Você se distancia dali onde a inimidade está. Então ele dizia o seguinte: *“Roda de Capoeira, só é amigo fora da roda, entrou na roda a amizade termina.”*

E quando a polícia chega, mete o pau em todo mundo. Em quem é capoeira e quem não é. Quer dizer, o pau era o que? O cassetete. Porque ainda teve resistência. Com a Capoeira em Salvador ainda tinha a opressão, ainda era oprimida, estou falando dos anos 1960, ainda tinha isso. A não ser se fosse jogar Capoeira lá embaixo no mercado, lá na praça Cairú, que não era a roda de Capoeira do Mercado Modelo, era a roda dos caras da praça Cairú, tinha outra roda lá no Mercado do Ouro, e outra na Ribeira, três rodas de Capoeira, tinha lá em baixo no Mercado em Salvador.

Dizia-se que quem estava nas rodas lá embaixo no mercado eram *capitães de areia*, e os capitães de areia eram o que? Aqueles entre aspas “meninos de rua”, que não tinham onde dormir, que não tinham onde morar, não tinham família pra educar, não iam à escola. E ficavam na Preguiça⁷⁸, ali do lado do União, o tempo todo brincando, chegavam no mercado pra roubar alguma coisa e puft, se picavam⁷⁹ lá pra Preguiça que ninguém pegava.

A polícia foi isenta de chegar na gente, porque a gente não chegava a ter muito contato. Não tinha muito contato com a polícia porque a gente não jogava muito Capoeira na rua. Então quando eles chegavam, chegavam atrás de algum moleque daquele que tinha feito um ganho, que tinha aquele dadinho de baixo, dentro do copo, que ficava ali pela montanha, pelo baixo meretrício, e tal.⁸⁰

Ou seja, a gente não frequentava aquele círculo, aquele centro da cidade, centro histórico no sentido lá do pelourinho, ali era. Ali era baixo meretrício todo. Pelourinho, Gameleira, é... tudo ali, Taboão, aquilo tudo ali era meretrício, então a galera barra pesada, ninguém tinha arma de fogo, mas andava todo mundo com sua navalhinha, que cortava e você não percebia a hora que tinha tomado o corte. A polícia chegava em busca dessa rapaziada aí.

Aí meu pai, conhecendo esse mundo em Salvador, ele dizia sempre o seguinte: *“Em vez de ficar falando todo dia pra vocês... não fiquem andando por aí.”* Então, sobre a polícia ele construiu isso na gente principalmente em mim que andava colado com meu pai, tomei os exemplos dele, aí ficou difícil velho, ficou difícil chegar e ter qualquer tipo de atrito que a polícia tivesse que chegar e tomar qualquer tipo de atitude qualquer. Aí eu não consigo, não consigo porque eu só tive um atrito com a polícia. Não foi nem diretamente com a polícia.

⁷⁸ Ladeira da Preguiça, localizada na Cidade Baixa em Salvador.

⁷⁹ Da gíria: saíam fora, picavam a mula, davam linha no pipa, pegavam o caminho da roça, vazavam, iam embora.

⁸⁰ Refere-se aos jogos realizados pelos garotos moradores de rua e que andavam por regiões do centro velho de Salvador, marcadas pela forte presença de malandros, prostitutas e pessoas marginalizadas em geral.

Quem nunca...?

M. Pinguim: Polícia? Quem não teve problema com a polícia que atire a primeira pedra. Mas nunca fui preso, já tomei meus “enquadros”, quando saía pra matinê, já fui pro distrito, você toma seus puxão de orelha, você toma suas botinadas, seus sermão, mas graças a Deus a Capoeira me tirou desse universo. Nunca fui preso, nunca fiquei, nunca. Enquadrado? Não. Faz é tempo que eu não sei o que é isso. As vezes passo por eles. Ando com minha cabeça erguida. Não vejo mais autoridade não. Não estou devendo nada. Ando com minha consciência tranquila. E aí foi só isso.

4.3.1. Ainda estamos vivos

Vimos, na seção histórica e nas passagens narrativas da história oral de vida dos velhos Mestres, que os mesmos viviam num contexto de opressão constante, onde as relações sociais escravagistas ainda se faziam presentes, mesmo depois da abolição. A cultura negra era perseguida e criminalizada. Vimos como se davam os conflitos entre os capoeiras e policiais, patrões e proprietários. Evocamos aqui as palavras de Mestre Canjiquinha, contemporâneo de Mestre Gato Preto: “Canjiquinha é de um tempo em que capoeira, filosofia e putaria era aprendido na rua.” (CANJIQUINHA, 1989, p. 3).

A polícia não me pegava porque eu corria. Corria [...] Nossa Senhora, já vi muito atrito entre capoeiristas e a polícia [...] Marginal dentro da capoeira? Naquela época não tinha. A coisa mais difícil era ser ladrão de galinha. Nossa senhora, era a maior novidade. Não tinha marginal. Podia ter sim pessoa ignorante que não sabia ler, escrever. Mas marginal não tinha. (CANJIQUINHA, 1989, p. 14).

Assim, quando Mestre Gato Preto migrou para Salvador, na década de 1950, a Capoeira já havia sido retirada do código penal. Mas ainda havia perseguição à sua prática na rua. Embora os conflitos com as autoridades da sociedade da época fossem eminentes e muitas vezes inevitáveis, Mestre Gato Preto fez parte de uma geração de capoeiras que estavam num movimento por integração social. Conheciam a história de seus mais velhos e presenciaram, ainda, uma fase de perseguição em seu tempo.

Esses capoeiras, desde Mestre Bimba, se dedicaram a organizar a Capoeira em espaços físicos privados e a mostrar para a sociedade que essa arte não era criminosa, que a vadiagem era benéfica e poderia ser ensinada para todos, como uma expressão artístico-cultural, como um esporte brasileiro e como uma forma de educação. Para isso, foram organizadas apresentações de Capoeira na casa do governador, nos quartéis do exército e da polícia, em espaços públicos fechados, onde havia a presença de políticos, doutores, homens ricos de condição socioeconômica elevada, detentores de poderes políticos, monetários e bélicos.

Tudo o que eu fazia e faço numa apresentação de rua eu fazia para o governador e os turistas. Nada melhor ou pior. Eu já fiz shows para aqueles homens todos. A capoeira na época, era tida para vagabundo: pessoas que não tinham o que fazer. Mas, eles riam quando eu

explicava para o público: este aqui é motorista; este aqui é sapateiro; este é pedreiro; este é estudante; porque na capoeira tem várias profissões. (CANJIQUINHA, 1989, p. 23).

Ao mesmo tempo, a perseguição continuava pelas ruas. Três quartos de século depois da abolição, os descendentes e remanescentes do povo negro escravizado sobreviviam à sua própria sorte, sob restrições diversas. Nesse movimento, Mestre Gato Preto e outros Mestres, como o próprio Mestre Pastinha, começaram a pôr em prática e a defender uma postura que veio se firmando desde os lendários capoeiras, no sentido de se afastarem sistematicamente da marginalização, de enfatizar o fato de sempre terem sido trabalhadores, que tinham família, que eram pessoas comuns. Com isso, podemos dizer que a questão da desobediência, na perspectiva da insubmissão – como estávamos compreendendo a partir do insistente enfrentamento direto de Besouro às instituições e autoridades de sua época –, deixou de ser a estratégia mais evidente entre os capoeiras, a partir da geração à qual pertenceu Mestre Gato Preto.

Se, por um lado, tínhamos a convicção de que os atos de desobediência, de revolta, rebeldia e luta eram fortes influências na trajetória dos Mestres da atualidade, por outro, pudemos ver, nas histórias orais de vida deles, que nem tanto. Em outras palavras, as influências dos lendários capoeiras, como Besouro, nas trajetórias destes Mestres, estão muito mais ligadas aos caminhos de ensinança e aprendizagem pelo qual eles “passaram a pronto” e foram reconhecidos como Mestres.

Nossa visão aponta que, desde sempre, os capoeiras tiveram que criar estratégias para se defenderem da opressão. Opressão esta que foi delegada aos capitães do mato no período escravagista e, no final do século XIX, aos samangos, que nada mais eram que capatazes contratados por homens brancos, ricos e cristãos, proprietários de terras e seus herdeiros, para reprimir os populares e manter a ordem na cidade após a abolição. De todo modo, sempre estiveram à disposição das elites, servindo e protegendo a propriedade privada e o patrimônio das classes mais abastadas.

Se, no tempo da escravidão, os cativos não tinham acesso a armas e tiveram que desenvolver suas técnicas de luta e defesa pessoal a partir de seu próprio corpo e dos conhecimentos trazidos da terra mãe, utilizavam pés, mão e cabeça como arma. Após a abolição, entretanto, o acesso ao facão se tornou comum, e muitos pretos passaram a utilizá-lo como arma de defesa pessoal. Passa a surgir a categoria dos valentões, como eram chamados pejorativamente aqueles pretos que enfrentavam a

opressão. Nas palavras de Mestre Cobrinha Verde, um relato sobre a opressão policial, a valentia e o uso do facão:

Existia em Santo Amaro um delegado chamado Veloso. O velho Veloso. Era avô de Caetano Veloso e Maria Betânia. Só andava com dois ordenanças. Um de um lado, e um outro do outro. Usava uma bota perneira e andava com redengue. Qualquer coisa, ele como delegado, batia em qualquer um no meio da rua. Ele não me conhecia, mas andava me procurando. Um dia eu vinha de um samba em Catolé. Quando chego embaixo de uma amendoeira, na margem do rio, passo por ele, o coronel Veloso. Não sei se foi Baraúna ou Tamborete, ordenanças dele, quem me apontou. Aí ele deu psiú. – Ô rapaz, venha cá! E aí eu guentei. – É você que é o Cobrinha Verde, o valentão daqui, que anda dando na polícia? – Eu não sou valentão não: nunca matei, nunca desonrei, não posso ser valentão. Aí ele disse: se prepare prá apanhar. Aí ele meteu a mão no redengue. Quando arrancou o redengue, meti a mão no dezoito polegadas (o facão que eu andava aqui por dentro) e dei um panaço de facão nele. Ele aterrissou, os dois ordenanças entraram... Eu escorracei os dois. Correram. Dei no delegado da panaço de facão que deixei ele mole, mas sem nenhum arranhão. (SANTOS, 1991, pp. 12-13).

Como bem disse M. Góes, a opressão tinha por objetivo aniquilar aquele círculo social, ou seja, todas as práticas culturais de origem africana praticadas por seus descendentes. Por isso, não só a Capoeira, mas também o samba, o candomblé e diversas outras culturas negras foram criminalizadas, assim como as pessoas que as vivenciavam. Nessa levada, uma forma de resistência era simplesmente a prática cotidiana dessas manifestações culturais em locais públicos ou privados, como as rodas de Capoeira de rua, os barracões, terreiros e abaçás. Eram os samangos quem buscavam o confronto e não o povo. Os capoeiras só queriam vadiar e viver a sua cultura em seu círculo social e em seus próprios espaços. Tamanha era a repressão que, como disse Mestre Góes, “de qualquer forma tinha que bater de frente”, porque vez ou outra o conflito era inevitável.

[...] covardia amedrontada dos “atraiçoados”, cães de guarda, coronéis e herdeiros do patriarcado branco-ocidental. Covardia amedrontada diante das *brincadeiras* mandingueiras que traziam a postura altaneira da *navalha* matreira e do *facão* sorrateiro, e não se curvavam diante da pretensa e fracassada onipotência branca. E, nesse medo branco despeitado com o poder-capoeira, com a sabedoria e a vadiação negra, os *samangos* e *senhores* se dedicavam às rupturas pretensamente irreversíveis, buscavam recursos para o extermínio como o corte da *faca de ticum* e do *esquartejamento* por temerem os poderes misteriosos da mandinga do *corpo-fechado*. (VALE, 2012, p. 199).

Nas festas de largo, como a festa da Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro, os capoeiras, os sambadeiros, a turma do maculelê, o *povo do santo*, todos se reuniam para suas práticas culturais em celebração e homenagem à padroeira da cidade. Quando o samango chegava, todos paravam a roda, disfarçavam, mudavam de lugar. Segundo Mestre Góes, por algum tempo foi um pouco diferente em Salvador. Lá, a Capoeira era praticada em locais de trabalho, como na estiva “entre os sacos de farinha”, escondidos, longe da repressão. Porém, quando os capoeiras iam para a rua, a elite branca racista-higienista soltava seus “cães de guarda”: a polícia.

Evidenciam-se as estratégias de resistência e esquivas da opressão, bem como estratégias de enfrentamento e luta pela descriminalização e reconhecimento da cidadania, como a posterior tentativa de retirada da prática da Capoeira nas ruas, priorizando espaços privados. Nesse contexto, Mestre Gato Preto, ao protagonizar em seu tempo os modos peculiares de organização, sistematização da didática e dos fundamentos que resultaram nesta linhagem a qual seguimos, teve evidentemente algumas influências de uma elaboração mais ampla que estava se constituindo no universo da Capoeira Angola. O uso de carteirinhas, por exemplo, já era uma prática de Mestre Pastinha no Centro Esportivo de Capoeira Angola. Na verdade, ele tinha um sistema de cadastro onde constava o nome, endereço, idade e profissão de todos que tiveram aula. Inspirado nessa forma de organização, Mestre Gato passa a utilizar o recurso das carteirinhas de identificação dos membros do grupo, como uma estratégia de proteção.

Sua proibição aos alunos, em relação às rodas de rua, me remete à postura de um pai que não deixa um filho pequeno pôr veneno na boca, ainda que use de sua autoridade, ou até mesmo a força, para tirar o veneno da mão da criança. Nesse sentido, entendemos que não está exercendo autoritarismo. Ele sabiamente compreende sua função protetora. Não o faz porque é pai, o faz porque, do contrário, a criança morre. Ele não pode simplesmente deixar a criança morrer em nome de uma ideia equivocada de liberdade individual. Na questão do grupo de Capoeira, ele estava protegendo seus discípulos e a prática da Capoeira, uma vez que esse processo de sair das ruas para espaços privados era uma prática que estava acontecendo, desde Mestre Bimba. Isso fez parte de uma estratégia de sobrevivência da arte pelo fim da repressão. Os velhos Mestres só queriam praticar a brincadeira em paz, não queriam brigar com a polícia o tempo todo, buscavam uma reestruturação da Capoeira e uma moralização dos capoeiristas. Assim dizia Mestre Pastinha:

Agora o capoeirista procura objetivos diferentes, também, é interessante se todos jamais para receberem a aclamação do triunfo. Sem ambição, sem despeitos, sem decepções, sem tomar jogo antes de sua vez, se todos companheiros compreender e encontrar estes erros em si, só assim, somos felizes. Note bem, destruir? É ser covarde, é mostrar sua fraqueza. Se fugir é ser fujão do que é seu. Os mestres não podem ensinar com descortesia, nem de modo agressivo. Não devemos procurar ficar isolados porque nada podemos fazer; sem amor ao esporte. O bom capoeirista nunca se exaltar, procura estar sempre calmo para poder refletir com precisão e acerto; não discutir com camaradas e alunos, não tomar o jogo sem ser sua vez, para não aborrecer os companheiros, e vai surgir uma rixa; ensinar os alunos sem procurar fazer exibição de modo agressivo, e nem apresentar-se de modo descortês sem amor a nossa causa que é a causa da moralização e aperfeiçoamento desta luta tão bela quando útil a nossa educação física, na capoeira, não devemos procurar ficar isolado, porque nada podemos fazer, é muito certo o trocado popular que diz: a união faz a força; portanto só devemos ter em mente a prosperidade do nosso Centro, e isto só podemos adquirir com perseverança, desprendimento e força de vontade para alcançarmos o nosso ideal de uma capoeira perfeita, eximida de erros, de uma raça forte e sadia que num futuro próximo daremos ao nosso amado Brasil. (PASTINHA, 1960, p. 50).

Por outro lado, nas rodas de rua, haviam muitos capoeiras desordeiros que parecem não ter se rendido a imposições legalistas e burocráticas ou se importado com o reconhecimento de sua cidadania. Eram pessoas revoltadas com sua condição social e não faziam questão de negociar com o sistema hegemônico. Nessa entoada, alguns conflitos foram gerados entre aqueles que desejavam acabar com as perseguições policiais e fazer da Capoeira uma arte respeitável universalmente. Acreditamos que, por este motivo, M. Gato orientava seus alunos a não frequentar rodas de rua, mas caso fossem, que estivessem cientes de que “na roda amigos são amigos, o jogo à parte”. As malícias e manhas do jogo refletem as complexas relações humanas num confronto corporal, com-frontal, dois corpos frente a frente. Ora negociando, ora disputando espaços. Ou, como diria Abreu (1993, p. 119) *“Na barra pesada todo mundo estranha todo mundo, todos se respeitam porque todos são perigosos. Nisso se sustenta o equilíbrio e a harmonia do grupo, tornando a camaradagem essencial.”*

Podemos ver isso na mudança do discurso de Mestre Noronha em seu livro. Se, em um determinado momento, se refere à capoeira como uma fina desordem, em outros, agradece a atuação da polícia em expulsar os desordeiros das festas de largo. (COUTINHO, 1993). No entanto, era de conhecimento geral que a repressão policial

era para todos (pretos e pardos), capoeiras ou não. Eram reprimidas principalmente as rodas de rua do centro histórico e das festas de largo, onde a elite se sentia confrontada pela presença negra que se negava a se esconder.

Por outro lado, na cidade baixa – onde estavam os chamados “capitães de areia”, os malandros, as prostitutas, os marujos embragados e toda espécie de gente marginalizada –, a repressão não era tão necessária aos olhos da elite, pois ali os negros estavam na geografia do submundo ao qual foram relegados. Muitos capoeiras, como Mestres Bimba, Pastinha, Cobrinha Verde, Totonho de Maré, Livino, Amorzinho, Noronha, Gato Preto, Valdemar, Traíra, entre outros, se negaram a aceitar a limitação desses espaços marginalizados.

Embora criminalizados, seja pelo envolvimento direto em algum delito – que são, em sua maioria, de ordem econômica –, seja pelo flagrante forjado ou simplesmente pelos estereótipos e estigmas criados – condições que levam ao assassinato destes por forças armadas legais e ilegais nos sistemas vigentes em suas épocas –, esses homens-jovens-negros-pobres são pessoas que tiveram sua vida ceifada em muito pouco tempo de existência, sem ter a possibilidade de se dedicar aos seus verdadeiros anseios e sonhos, sem poder desenvolver plenamente suas potencialidades, impedidos de construir seu legado. Como nos lembra a cantiga:

Mataram Pedro Mineiro,
dentro da delegacia
para dar depoimento
de um caso que não sabia⁸¹

Até os dias atuais, essa população responde por consequências históricas do racismo e também de uma cultura machista que zela pela manutenção da virilidade violenta, cujo resultado, segundo o Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015), é o aumento, a cada ano, da mortalidade de homens-negros-jovens-pobres, numa “guerra fria” que mata mais que os conflitos étnicos em outros países. Afetando diretamente a vida das mulheres negras, desde os tempos de Besouro, amigos, filhos, maridos, parentes, conhecidos, pessoas importantes na vida familiar e comunitária. Como observa Reis:

Nós, as mulheres negras, nesta guerra que se faz em nosso cotidiano,
em nossas vidas, temos carregado as cicatrizes das balas desferidas

⁸¹ Pedro Mineiro foi um capoeira acusado injustamente de assassinato, morto violentamente numa delegacia de polícia. (DIAS, 2004).

contra a vida dos jovens-homens-negros, e que se espalham em nosso destino, como coletividade, como povo. O impacto dessas mortes em nossas vidas revela o drama de uma ampla parte da sociedade baiana e brasileira, sem direito a pensar o amanhã, pois nossos sonhos estão sendo sequestrados num mar de sangue. (REIS, 2005, p. 231).

Diante dessa realidade, a Capoeira deu força e autoestima a capoeiras, como Mestre Pinguim, de modo a mudar a postura diante da polícia. Ele, como muitos outros homens negros, capoeiras, sempre suspeito aos olhos dos “homens da lei”, conquistaram, ao decorrer da prática da Capoeira, uma postura ativa que passa uma mensagem aos policiais: “Melhor não mexer ali não”, sem que eles percebam. Nessa pegada, ele afirma que “Não vê mais autoridade na polícia” e “Anda de cabeça erguida”. Nessa levada, importa dizer que a esquiva é uma forma de defesa característica da Capoeira, diferente de outras lutas que utilizam o bloqueio de golpes com mais frequência. O contexto histórico de Mestre Gato estava mais propício para se evitar conflitos. Embora ainda houvesse repressão, não era mais como no tempo de Besouro. Essa condição foi elaborada não somente pelos esforços da população negra, mas também por movimentos de captura que visavam a escolarização, militarização, esportização e embranquecimento da Capoeira.

Esse movimento, iniciado por uma elite intelectual carioca a pedido de Getúlio Vargas, teve o objetivo de incluir elementos de uma ginástica brasileira na obrigatoriedade do ensino de educação física escolar, com vistas à docilização dos corpos (REIS, 1997). Mestre Bimba o abraçou, de modo a criar sua Luta Regional Baiana e, com ela, uma tradição baiana da Capoeira, em detrimento da história de diversas outras Capoeiras espalhadas pelo Brasil, como a Capoeira carioca, marcada pela presença das maltas⁸², a Capoeira paulista, conhecida como tiririca, brincada nas rodas de samba, ou a Capoeira pernambucana, que deu origem aos passos do frevo. Ademais, acreditamos que, nos tempos atuais, é necessário repensar esses movimentos de universalização da Capoeira. Buscando, nas filosofias mais profundas peculiarmente originárias dessa arte, a natureza educacional que é própria dela, para pensarmos numa educação a partir dos nossos próprios termos. Nesse sentido, identificamos, de pronto, que ideologias impregnadas na educação física escolar, ideologias libertárias de esquerda e pedagogismos universitários, têm sido

historicamente sobrepostos aos fundamentos originários da Capoeira, descaracterizando sua natureza e suas especificidades.

Causos de escola

Os relatos sobre a escola apresentam duas situações importantes para esta pesquisa: a dedicação à Capoeira como alternativa de estudo à evasão escolar, e a reação dos estudantes frente às posturas antiéticas de um professor. Em “**Continuo estudando**”, a Capoeira mostra implicitamente uma força capaz de dar caminhos para uma vida diferente daquela relegada à maioria dos alunos evadidos da escola. Já “**Onde há fumaça há fogo**” e “**Não foi desobediência**” mostram a organização de um grupo de estudantes que leva à expulsão do professor autoritário. Embora esta segunda parte não tenha uma relação direta com a Capoeira, nos importa este caso que aconteceu na vida de um dos Mestres pois, numa pesquisa de história oral de vida, ou autobiográfica⁸³, busca-se compreender os processos e contextos em que se desenrolaram estas histórias de vida, de modo a perceber como os narradores se relacionam com as questões sociais que se pretende compreender na pesquisa.

Continuo estudando

M. Pinguim: Na escola o problema era comigo mesmo. Matemática? Virgem Maria. Português? Virgem Maria. Mas eu fui passando por cima, é coisa de matéria. Minha relação com professores foram boas relações que eu tive. Fiz o primeiro, terminei o fundamental, até o certificado, o diploma do fundamental eu peguei.

Depois comecei fazer o primeiro, grau, aí já estava envolvido com Capoeira. Fui até a metade. Já não dava mais porque já estava envolvido com trabalho social precisava sobreviver aí parei. Depois tentei voltar de novo pagando pra estudar, mas em casa, fui estudando mas não dava, tentei de novo. Terminei o primeiro e parei.

Estou estudando a cultura o tempo todo, não consigo voltar pra escola. Aqui dentro da universidade, ah Pinguim vai estudar... eu estou estudando meu patrimônio cultural, se eu voltar pra escola, isso tudo o que foi construído... aí no encontro que teve, a aluna de uma Mestre de Capoeira: “Ah mas você não tem universidade?” “Não.” “Como

⁸³ De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Algo começa, se desenrola, chega a seu termo numa sucessão, superposição, empilhamento indefinido de episódios e peripécias, de provações e experiências. No cotidiano da existência, um grande número dessas operações de configuração tem uma dimensão de automaticidade e não solicita ativamente a consciência, por corresponder aos scripts repetitivos dos quadros sociais e culturais. Ainda assim, essas operações estão sempre presentes, assegurando a integração da experiência que advém na temporalidade e na historialidade próprias à existência singular. (DELLORY-MOMBERGUER, 2016).

conseguiu construir isso aqui?” “Não sei.” “Ah...?” “Não sei.” “Como construiu essa potência?”⁸⁴ “Não sei.” “Está acontecendo.”

Onde há fumaça, há fogo

M. Góes: Rapaz, olha, eu estudei dos meus, deixa eu ver... quatro, oito, doze anos, parei no primeiro ano científico. Já pra me matricular, eu ia fazer é... como é que chama isso? Trabalha com eletrônica... engenharia eletrônica. Acho que era isso, eu gosto muito da matemática também.

Então eu queria fazer isso, mas pô velho, durante esses doze anos, fiz o primário, o secundário, depois vinha o superior, até terminar o médio, eu não tive... só tive um professor. Eu só tive um professor e que a gente teve que excluir da sala. Foi na Edgar Santos, eu estava terminando o ginásio, era o Heloildo, não esqueço o nome dele, era o professor de geografia. E na geografia ele queria tudo, geologia, estatística..., queria tudo na geografia. Muito bom professor.

Mas, só que ele fumava durante a aula. Poxa...hahahahaha. Poxa menino, ninguém na sala fumando, a gente sentado na sala, passava os trabalhos todos, ele chegava sentava lá atrás, puxava a cadeira pra trás, cruzava as pernas e acendia o continental dele. Ah compadre, a gente ficava tudo naquela sala fechada... compadre ele fazia um corredor de fumaça na sala. Hahahaha, a rapaziada ficava irada.

O que que a gente vai fazer, o que que a gente vai fazer com ele? Quem gosta de sentir cheiro de cigarro? Ninguém gostava de sentir cheiro de cigarro. Vamos fazer o seguinte, vamos denunciar então, vamos denunciar ele. Eu sei que a gente foi, fez um abaixo assinado, eram 47 alunos na sala, todo mundo assinou. Era um professor pra cada matéria. Todo mundo assinou.

Mas e agora quem vai levar na secretaria? Quem vai levar pro Everaldo Boa Morte que era professor de matemática e também diretor do ginásio. Quem vai levar pro Everaldo? Pegaram logo os cdfs, eu, João Lacerda, Atalito, José João e Marinalva, nós cinco. “A gente vai ser os responsáveis pra levar. Chega lá a gente assina embaixo. Vamos levar? Vamos.” Foi a classe toda, todo mundo ficou na porta, entramos nós cinco. Hahahahahahahahaha.

Entramos nós cinco, aí o Everaldo era fortão, tem o lábio inferior caindo: “Bom dia, o que é que vocês vieram... o que que traz vocês aqui? Vocês nunca vieram aqui.”, “Não profes...”, “Não tem não nem sim, vieram fazer o que?”, “Viemos trazer aqui um abaixo assinado...”, “Pra quem? Por causa de quem?”, “É por causa do professor de geografia...”, “O Heloildo?”, “Sim... Sei quem é.” Entregamos pra ele e ele... “Eu vou tomar as providências. Podem ir.” Saímos e fomos na cantina, jogar ping-pong.

Daqui a pouco chega o Boa Morte: “Na aula de tarde eu vou visitar vocês.” Quando entrou na sala e falou assim: “Levanta Sinésio.”, hahahaha, o meu nome foi logo na cabeça hahaha, “Sinésio, Zé João, tal, tal, tal, tal, levantem, de pé.” Aí o professor, apontou o dedo pra gente e falou: “Vocês cinco são ordinários. Vocês são ordinários porque vocês fizeram uma coisa muito errada.”, “O que a gente fez de errado?” E o Boa Morte lá de pé com a lista pras costas. Hahahaha.

“Quer dizer que vocês me denunciaram ao professor? Me denunciaram à diretoria?”, “Não, a gente não denunciou você...”, “Não pedi pra nenhum de vocês falar.” O Boa Morte só olhando, depois deu

⁸⁴ Referindo-se ao espaço ocupado na USP, que se tornou sede do grupo de capoeira Angola “Guerreiros da Senzala”.

dois passos pra frente e falou: “Por favor sentem. Só fica José e João em pé. De quem foi a iniciativa de fazer isso aqui?” Com o papelzinho na mão...hahahaha. Aí ele botou os olhos e falou: “Ó a iniciativa foi de nós cinco que estava de pé.”, “Sim, mas tem um que tomou essa iniciativa. Foi o Zé Lacerda.” Zé Lacerda então disse que não foi só ele. “Foi eu, Sinésio, tal, tal, tal, tal, tal...”, “Tá bom”.

“Professor, o senhor está suspenso desta classe aqui!” Suspendeu ele da classe. Mas foi um processo, que a gente levou assim numa coletividade. Só que teve esses cinco representantes, mas todo mundo de esparadrapo na boca velho. Todo mundo caladinho, somente esperando, esperando, esperando... Velho quando saiu o diretor e o professor da sala... Poxa velho, foi urro, foi cadeira arrastando hahahaha. Aí sim, ali eu vi uma espécie de rebeldia mas, confraternizando velho.

Não foi desobediência

M. Góes: Eu não tomei como desobediência por que a gente não desobedeceu aquilo que ele nos impôs a fazer, ou pediu, ou colocou pra nós fazermos, porque nós “entendíamos”, entre aspas, o posicionamento do professor. Que o professor está ali como o responsável pelo ensinamento. E nós responsáveis pelo aprendizado. A gente tá aprendendo mediante aquilo o que ele está passando pra gente. A gente tinha consciência disso. Só que a gente estava começando a se sentir prejudicado.

O professor estava de um jeito que... ele tinha cinco aulas semanais, a gente tinha vinte aulas mensais, ele faltava uma aula, ele em vez de fazer uma recapitulação da aula anterior, ele aí seguia, ele seguia o cronograma dele. E quando um falava alguma coisa nesse sentido, ele falava: “Cale-se que eu sei o que faço.” Aí chegou o momento da gente dizer: “O senhor sabe o que faz mas, mediante o que o senhor sabe o que faz com seus erros, a gente é que perde o ano.” Porque na hora da prova, quem vai saber o que faz somos nós.” Hahahaha. “Não é o senhor não.”

E no teste oral... porque tinha um teste oral que ele alavancava. Então você tinha que sair da sala, direto pra biblioteca. Uma biblioteca muito boa. Aquele grupinho chegava lá e ó: “A aula hoje foi massa, foi legal, mas tem que estudar...” ele passava aqueles trabalhos com desenhos, com mais isso, com mais aquilo, você tinha que ser bom de geometria, para chegar lá e fazer tudo em mão livre, poxa velho, estatística. Isso e aquilo. A gente tinha que ó, dar pau.

E ele faltava na aula, quando ele chegava que ele não pedia uma recapitulação do que a gente tinha feito...” Por favor levantem-se e falem sobre a última aula.” Você já tinha esquecido tudo da última aula. Aí ficava um do lado... “Diga isso, diga aquilo...” hahaha. A gente queria seguir mas, ele com aquela onda de ficar fumando, e faltando as aulas velho. Pô, ele assinava o pontinho dele, batia o pontinho dele lá em baixo em cada aula. Mas ele batia o pontinho e saía lá pra frente, ia tomar uma, tomar uma cervejinha. A e a gente: “Aula vagaaa!!!”

A rapaziada toda gostava de aula vaga, mas depois que aguçava a consciência via que estava perdendo e aí não era legal. Então nós caímos pra cima. Quando foi a hora da comemoração, foi a cadeira arrastando, tinha sala de aula embaixo. Tinha sala de aula em cima e sala de aula embaixo hahahaha. O professor sentava lá no lugar dele: “Sentem-se por favor, não sei o que...” hahahaha. Foi super legal.

Desobediência assim eu não fiz tanta. Não é nem desobediência civil. Sim, isso aí é uma espécie de, como eu diria? É uma espécie de requerimento, de você requerer que entendam que o seu direito está em evidência. E a partir do momento que ele era o responsável, não somente pela matéria mas, pela classe... se a classe dele no final do ano é reprovada, de quarenta e sete alunos, vinte são reprovados, parte dessa culpa vai ficar pra ele.

4.3.2. *Entre a escola e o trabalho*

Esta é a encruzilhada da maioria dos jovens-negros-pobres, como Mestre Pinguim, na época em que sua família migrou para São Paulo – em meados da década de 1970. Diante disso, lembramos que o chamado “fracasso escolar” foi construído historicamente por políticas embasadas em ideias racistas e classistas desde o século XVIII (PATTO, 1997). Com o avanço das políticas de universalização da educação pública, uma educação para a cidadania, as condições sociais da maioria da população brasileira não avançaram, de modo que a meritocracia passou a ser argumento de justificativa para essa questão. Num jogo de lamento guerreiro, nos chama a atenção a fala de Mestre Pinguim: “Na escola o problema era comigo”, em que o mesmo assume a culpabilização do que seria seu “fracasso escolar”. No entanto:

O discurso hegemônico na educação brasileira que explica o fracasso escolar da infância e juventude negra por diferenças étnico-culturais, já que estas são predispostas ao fracasso por sua condição étnico-cultural, é contraposto pelos educadores e ativistas negros, cuja narrativa política afirma que é na própria escola que se constrói o fracasso escolar da infância e juventude negra, já que lá são reproduzidos mecanismos sociais que institui práticas de discriminação racial. O ativismo negro na educação tem, ainda, enfatizado que é necessário a sociedade brasileira repensar sobre a estrutura excludente da educação que gerou, já que diante de todos esses fatores, a escola tem produzido estudantes negros fracassados, repetentes e evadidos. (CARDOSO, 2006, p. 62).

Nesse gingado, a boa relação com os professores não foi suficiente para garantir a permanência escolar do Mestre Pinguim que, por sua vez, diante de todas as dificuldades, conseguiu concluir seu ensino fundamental. No entanto, não conseguiu prosseguir porque a subsistência emergente, através do trabalho, era prioridade em seu tempo escolar.

Diferente de M. Pinguim, M. Góes se considera um entre os alunos CDFs da sua turma na escola. Tinha certo gosto pelos estudos escolares, não era migrante

nordestino em São Paulo e sim um conterrâneo em sua terra natal, respaldado pela família. Na escola, seu professor se impunha a fazer o que bem entendesse sem se preocupar com as outras pessoas no espaço, sem considerar o bem estar e o aprendizado dos alunos. Diante disso, o processo de organização desses alunos foi espontâneo e desprovido de cartilhas de movimentos sociais. Perante a realidade, encontraram coletivamente um modo de reagir a uma situação de injustiça que estava lhes prejudicando.

Com a vitória, esperaram em silêncio, mas não se calaram. Eles se entreolhavam e se comunicavam. Aguardavam ansiosos, mas pacientes, o momento certo de soltar o grito entalado na garganta. Não bastavam as medidas burocráticas, como o abaixo assinado, o sapo tinha que sair da goela. Embora Mestre Góes não tenha considerado “desobediência civil”, afinal, não desobedeceram nenhuma ordem ou orientação do professor, vemos na expressão do grito dos alunos a manifestação de uma rebeldia que transgrediu a ordem silenciada das carteiras estáticas e frias.

Isso mostra-nos que, na trajetória desse Mestre, há experiências como essa, que, embora não tenha ocorrido no universo da capoeiragem, foi marcante em seu processo constitutivo. Esse “requerimento” tornou-se referência em sua história de vida de tal modo que influenciou em outros momentos críticos, nas relações sociais de poder, como veremos em seu relato sobre o trabalho. Ainda assim, entre o trabalho e a escola, os estudos acadêmicos foram deixados de lado, de modo que entregou-se ao estudo cultural e à experiência ontológica da aprendizagem, viajando pelo mundo.

Nessa encruzilhada, mesmo diante dos conflitos escolares, ambos os Mestres encontram na arte negra o respaldo para sua preparação intelectual. Mestre Pinguim, por exemplo, com quase 40 anos de estudo e prática da Capoeira, leciona há mais de 20 anos na Universidade de São Paulo, contribuindo para a formação acadêmica de dezenas de pessoas todos os anos.

Muitos estudantes universitários que adquiriram ensinanças e aprendências no Grupo de Capoeira Angola Guerreiros da Senzala, formaram-se em licenciaturas, bacharelados e pós-graduações. Alguns, como em nosso caso, desenvolveram pesquisas acadêmicas a partir dessa escola de cultura negra, e outros chegaram a ser professores universitários em diversas instituições, inclusive a USP, atuando em áreas de conhecimentos relacionadas à cultura e educação, com foco evidente em questões relacionadas às aprendências que receberam das mãos de Mestre Pinguim.

Ainda assim, passadas duas décadas, esse Mestre não tem o devido reconhecimento da universidade onde atua. Embora tenha recebido algumas homenagens, como o certificado de “Mestre de transmissão de saberes” da Faculdade de Antropologia da USP, acreditamos que sua atuação e relevância educacional não seja inferior à de qualquer catedrático detentor de títulos acadêmicos. Nossa atenção observa que não se trata apenas de reconhecimento moral, ou titulação, certificação ou qualquer ritualística burocrática. A valorização deste educador, Mestre da cultura popular e influente na formação acadêmica dos alunos da USP, merece, não por meritocracia, mas por legitimidade, não somente o título de Doutor Honoris Causa, mas estabilidade profissional e financeira, respaldada pela instituição acadêmica.

O mesmo dizemos a respeito de Mestre Góes, que acompanha e orienta Mestre Pinguim desde os primeiros anos do Grupo Guerreiros da Senzala na USP. Inicialmente acompanhando Mestre Gato Preto, M. Góes assumiu seu papel após o falecimento do pai. Vale ressaltar que, apesar da pouca escolaridade destes Mestres, Góes, por exemplo, além de toda a vivência cultural na Bahia – adquirida através da convivência, orientação e estudos com velhos Mestres da geração de seu pai –, teve a oportunidade de viver por 30 anos na Europa, conhecendo diversos países e culturas daquele e de outros continentes, onde aprendeu quatro línguas estrangeiras e divulgou a cultura afro-brasileira por onde passou. Nessa entoada, torna-se inegável o capital cultural e intelectual destes Mestres, educadores da cultura popular, e seu nível de preparo.

Causos do trabalho

Neste momento, os Mestres nos falam sobre as suas relações com o trabalho e com os patrões. Embora eles não tenham dado continuidade aos estudos escolares, seu preparo e relação com a Capoeira permitiram que trilhassem outros caminhos profissionais, o caminho das artes, distanciando-se dos subempregos comumente relegados à população negra com baixa escolarização, como atendentes, seguranças, pedreiros, etc. Vale ressaltar que consideramos estas profissões tão importantes como todas as outras, porém chamamos de subemprego pelo fato de serem desvalorizadas no mercado de trabalho e usadas como fonte de exploração de uma mão de obra barata, em que a *“carne mais barata do mercado é a carne negra”*.

Desse jeito, em **“Nunca tive patrão”**, Mestre Góes relata sua trajetória profissional como artista de uma companhia de arte negra, onde teve a oportunidade de viver na Europa por 30 anos, viajando por diversos países daquele e de outros continentes, adquirindo uma bagagem cultural incrível, além do domínio de quatro línguas estrangeiras e uma condição socioeconômica bem diferente da maioria dos Mestres de Capoeira. Contudo, observa que essa profissionalização, na condição de autônomo, não lhe deu a estabilidade e as previdências necessárias para sua aposentadoria.

Mestre Pinguim, por sua vez, enfatiza, em **“Passei por cima do racismo”**, que após passar por diversos trabalhos, sem condição de dar continuidade aos estudos, encontrou na Capoeira um meio de subsistência que lhe deu a possibilidade de estudar a sua cultura e vivenciar diversas experiências, bem como de construir um legado a partir dos ensinamentos de Mestre Gato Preto. Contudo, mostra que superou diversas dificuldades, como o racismo e o preconceito, sem *“saber o que era isso”*.

Nunca tive patrão

M. Góes: Esta conversa está muito boa, muito contundente com meu caminhar, velho. Com a minha estrada. Desde quando eu saí da academia, eu saí da academia eu estava... antes de sair da academia, há dois anos, eu estudava pela manhã, pela tarde e depois eu passei a estudar pela noite, *porque comecei a trabalhar*. Entrava no período da manhã, até cinco horas da tarde. Para você entender, trabalhava com linhas telefônicas. A gente fazia crédito. Eu trabalhava no escritório como um chefe de venda. Eu, Toninho e Everaldo, nós três. E ali tinha uma rapaziada ótima, pernambucanos, de uma empresa pernambucana, a galera pernambucana, uma rapaziada, os caras gerente, diretor, essa galera era gente muito boa. Tanto que a gente não tinha ordenado, nosso ordenado era distribuído em vales. Precisava de um vale hoje, precisava de um vale amanhã, a gente

pedia o vale: já estava na mão. Quando você não tinha nada pra receber pedia um vale: já foi.

E dali, dali estou falando de 1970/1971, eu vou para o grupo Olodumare, velho. Levado pelo berimbau que eu tocava, a Capoeira que eu jogava, o maculelê que eu batia, fui pra esse grupo e me tornei autônomo sem perceber que estava me tornando autônomo. Trabalhando com o quê? Já comecei a trabalhar com a cultura do teatro. E aí esse cara que foi o Edvaldo Carneiro, o Camisa Roxa, não sei se é falecido. Dizia o seguinte: eu só vou dar um contrato, vocês resolvem o que vocês fazem. E esse contrato justamente pra onde? Fizemos o Brasil todo, praticamente todo. E esse contrato surgiu como? Viajando pra Europa. Foi o primeiro contrato de trabalho oficial que eu assinei. Foi com essa viagem para a Europa que foi para dois anos...Hahaha, expiraram os dois anos. Nós estamos agora em março de 1973. Em fevereiro de 1975 a gente volta. Só que chegamos lá e tivemos a sorte de implantar esse trabalho lá com a abertura da copa em 1974 na Alemanha, a gente fez a última bola que era do Brasil, e abriu justamente com a minha companhia "Brasil tropical", pronto. E dali, de dois, foram 25 anos. Hahaha, de dois anos, foram 25 anos em cartaz. Então, eu não tive assim uns, tudo bem que a gente sempre tem uns debates bem apimentados, nós artistas, com a direção da companhia, mas nunca com empresários, com produtores, somente com a direção mesmo, com o diretor da companhia.

Uma vez eu saí da companhia, de uma hora pra outra ele mandou me chamar de novo, que isso e aquilo. Mas o foi único arranca rabo que eu tive com ele, a gente se entendia. Os dois capoeiristas, a gente se entendia. *Eu não desobedecia, mas tinha coisa que eu não aceitava. E você não aceitar não é você desobedecer.* Tinha coisas que eu não aceitava. Ele aí quando chegava sempre botava um paninho quente em cima. Quando chegava em novembro, em dezembro ele dizia: "Gato, turnê da Alemanha vai começar dia 16 de dezembro. A companhia, está te dando uma passagem pra você passar o ano novo no Brasil." Beleza, pegava aquela passagem, vinha, volta aberta, vinda marcada, mas a volta aberta, três meses a passagem. Chegava em Salvador ficava, porra... daqui a pouco precisava de mim, ligava. Eu pegava ó, e ia embora. Ou seja, não foi com o meu empregador, foi com meu parceiro de trabalho. Foi uma relação que eu tive que durou 28 anos. Uma relação muito boa.

Porque? Nós tínhamos também essa ideia de camarada de jogo, de brincadeira, de vadiagem. É que a rapaziada não está entendendo isso hoje mais. Mas aí, se você por exemplo é um empreendedor agora, se você agora é um empreendedor e aí chega tem o Pinguim como parceiro, aí vocês dois montam um trabalho com a cultura popular, aí a rapaziada vai começar: "Porra, agora o Marcio e o Pinguim são empresários, são produtores, são diretores...". Já mudou, ninguém mais ver Capoeira em vocês. Vão ver vocês agora como: "Os caras são diretores, a grana só chega neles." De uma hora pra outra começa um ir pra cá outro pra lá, outro pro outro lado, ninguém quer ficar colado com você e quando te encontram na roda, vai: "Pô, se eu puder dar uma pegada no Marcio, no Pinguim eu vou dar..." já começam esses... essas rusgas, que você não sabe por onde está andando... *Não tive, realmente não tive problema com absolutamente nenhum patrão, porque eu nunca tive nenhum.* A minha carteira do ministério nunca foi assinada compadre, tá lá virgem. Tá virgem em casa. E não vão assinar não. Se eu conseguir hoje uma

aposentadoria, e eu vou conseguir uma aposentadoria, mas não por tempo de trabalho, velho. Hahaha o pior é que trabalhei pra caramba.

Passei por cima do racismo

M. Pinguim: Patrão? Eu trabalhei na feira, trabalhei com uma japonesa a dona Lourdes que foi muito boa comigo, trabalhei com o Adalto foi muito bom comigo, Zé Baiano foi muito bom. Trabalhei aqui na prefeitura registrado. Trabalhei no colégio Maria Imaculada dando aula registrado, de Capoeira, fui bem tratado. Na companhia do seu Firmino Pitanga fui bem tratado. Pela minha postura do meu trabalho. Lá na companhia de dança ou treinava, ou treinava. Tinha um preconceito dos outros que olhava e não gostava. Foi. Cheguei na companhia de dança. “Ah, o Pinguim está suando!” E eu lá treinando porque chegava primeiro. Eu não tinha a mesma condição financeira. Eles chegavam todo mundo bonitão e o Pinguim lá suando. “Ah, o que o Pinguim tem?” Aé filhos da puta...

Quando fui trabalhar numa companhia de balé, um dos coordenadores disse: “Ah, o que esse pretinho vai fazer?” Esse pretinho? Você vai ver. Mostrei com trabalho. Todas essas conversas, se você for discutir sobre preconceito... não. Ô lá, mostrei com um cala boca desses caras. Quantas pessoas me subestimou, vou calar a boca desses caras. Aqui dentro mesmo, se eu fosse fazer o que alguns capoeiristas faziam, eu não estava mais aqui não. Porque já tinha entrado com um martelo na cara de um. Já tinha jogado um na parede, contra esse vidro. Já tinha... vou fazer isso? Não. Tsc tsc tsc. Vou embora tomar meu banho e acabou. Ah, tem que ser assim, não. Ah, tem que ser assim, não. Ah que tem que ter dois celular, ah que fulano comprou um negócio, ah que... eu lá quero saber rapaz? Ah que fulano tem carro. Deixa eu andar com minha bicicleta! Não me enchendo o saco... (balança os ombros). Eu não quero ser igual fulano, eu não quero ser igual a beltrano.

Não tive nada disso. Sempre trabalhei, quando vim pra cá trabalhei na feira, minha mãe colocou logo a gente para trabalhar, trabalhei vendendo doce, então não tinha tempo. Depois compramos um barraco aqui no São Domingos, zelou. Saía de manhã, voltava tarde, depois comecei a estudar de manhã e voltava para trabalhar. Então não teve tempo de ver racismo e preconceito em nada. Trabalhar, trabalhar e ver o que estava em casa, sábado e domingo, vender doce no Butantã, vender doce nos estádios, nossa casa foi feita assim.

Não teve tempo de ficar procurando: “Ah que ele me chamou de preto, ah que eu sofro bulling, ah...” Mamãe dizia: “Bora meu filho, o tabuleiro está aí, vai para a construção vender.” Comprava fiado, depois começamos a estudar, nem anotar eu não sabia, aí fui aprendendo e aprendendo, na feira fui trabalhei 10 anos, depois trabalhei na prefeitura da USP, depois parei, aí já estava envolvido com Capoeira e estou aí até hoje, e nunca... dificuldade? Eu passei por cima disso, sem saber o que era isso. Racismo? Se teve? Teve! Passei por cima disso. A universidade? Estou estudando, dentro da universidade. Estou dando aula num lugar que estou aprendendo mais do que ensino. Estou aprendendo coisas que... já se passaram quantos por aqui, já se formaram, eu estou aqui. Já escreveu um TCC, estou aqui. Já escreveram um Mestrado, estou aqui. Outros vieram da Europa, estou conversando, estou aqui. Meu papel vai ser esse. Na antropologia, me deram um certificado de Mestre de Transmissão de saberes. Aquilo ali é responsabilidade. Transmissão de saber. Então

estou transmitindo uma coisa que aconteceu a 300 anos, ainda tá em transformação, é uma narrativa, não estou resgatando, “Ah estou resgatando...” não estou resgatando não, estou contando uma história que se passou e que está se passando, num gingado. É isso. Você vai treinando, você não vê isso. Quando você vai treinando capoeira você entra num universo que a capoeira conversa com você. As coisas foram acontecendo. Você tem um cargo hoje, eu tenho um cargo que eu não pedi. Eu queria conhecer o candomblé, eu queria conhecer as coisas. Essa rebeldia é por maus-tratos, velho. Você só é rebelde quando a pessoa lhe maltrata. Aí você tem uma causa pra ser rebelde. E ele andava bonito, ele trabalhava, mas não gostava... o tempo era outro, não gostava dessas pessoas, se você sair daqui ver uma pessoa ser maltratada, ali: Mas, que porra...E aí mano o que é que tá acontecendo? AAAHhhh, per aí... Então era outro modo de tratar, outro tempo de ver as coisas, né. O tempo dele foi outro tempo, as coisas que estavam acontecendo era outro tempo, e as coisas que estavam acontecendo a gente não pode tá trazendo pra esse tempo agora. Tentar entender, o que tá acontecendo aí. E o que está acontecendo, tentar trazer pra cá algumas coisas, do que está acontecendo. A gente deu aula na FEBEM, a gente não gostava da... tentou fazer o melhor, você está fazendo o melhor na sua comunidade, eu estou tentando fazer o melhor aqui, é isso.

4.3.3. *Sobrevivência entre a cultura e o mercado de trabalho*

Historicamente, a maioria dos capoeiras negros da Bahia se sustentaram com subempregos, sem registro em carteira, sem estabilidade, sem direitos trabalhistas garantidos. Importa dizer que a profissionalização da Capoeira, enquanto modalidade de ofício, ocorre bem antes do século XX. Em meados do século XVIII, alguns Capoeiras já assumiam papéis de seguranças, leões de chácara ou capatazes, devido às suas habilidades físicas, como as Maltas no Rio de Janeiro, que assumiram o papel de defender alguns partidos políticos, de modo que haviam, entre capoeiristas, disputas provocadas pelo mercado. Porém, com a descriminalização da Capoeira:

Bimba fez da capoeira sua ocupação principal, fez dessa luta sua labuta do dia a dia, seu ganha pão. Seu exemplo não foi de imediato seguido pelos outros capoeiristas, conforme afirmou Jorge Amado em 1944. ‘O único profissional baiano da capoeira é mestre Bimba, um dos mais afamados da cidade. Todos os demais são amadores. O que não quer dizer que sejam inferiores, que não levem a sério a ‘arte’, que não possam derrubar com um golpe bem aplicado qualquer um de vós. Samuel é marítimo, joga capoeira por diversão, e no entanto sua fama é tão grande se não maior que a do mestre Bimba. (ABREU, 1999, p. 37).

Diferentemente dos alunos de Mestre Bimba, um grupo de estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia – hoje, muitos deles Mestres consagrados na

Capoeira Regional – teve sua formação acadêmica e profissionalização garantidas de modo a gozarem de suas gordas aposentadorias. Situação pela qual o próprio Mestre Bimba não desfrutou, de modo que faleceu na miséria, assim como Mestre Pastinha e tantos outros, sem ter nem mesmo o respaldo de seus alunos ricos.

Diante dessa situação precária, a opção para muitos Mestres foi sair do país e iniciar uma nova vida em terras estrangeiras, onde encontraram melhores possibilidades de trabalho, atuando em sua área artística. Tornaram-se autônomos. Nessa condição, Mestre Góes desenvolveu por três décadas um trabalho artístico-cultural em uma companhia de arte, chamada “Brasil tropical”, a partir dos anos 1970. Essa companhia era formada majoritariamente por capoeiristas, inclusive a direção.

Nesse contexto, Mestre Góes afirma que as relações de trabalho com os dirigentes da companhia se dava conforme os códigos capoeiranos do respeito e do diálogo. Ainda que houvessem “*debates apimentados com a direção*”, M. Góes afirma que não era desobediente às determinações da mesma. “*Não desobedecia, mas tinha coisas que não aceitava.*”

Nesses momentos de discordância, o diálogo se dava como num jogo de Capoeira, confrontando ideias e possibilidades, com senso de ética e respeito, dialogando, negociando, sem ataques pessoais, sem ferir os companheiros de trabalho, em conformidade aos princípios da vadiagem. Ainda assim, Mestre Góes chama atenção para a problemática das relações de poder a nível econômico.

Nesta tensão, a profissionalização e a mercantilização (ARAÚJO, 2004) da Capoeira modificaram as relações entre os capoeiras baianos e seus diversos grupos e linhagens. Além das divergências nas concepções de Capoeira que foram criadas desde o início do século XX, com tendências voltadas tanto para a esportização escolar quanto para desporto ou educação popular, esse século trouxe, nas suas duas últimas décadas, um acirramento da disputa por um mercado de trabalho específico da Capoeira, causando rixas entre grupos que vão além das diferenças ideológicas, mas estão no campo da disputa de mercado. Segundo Mestre Nestor Capoeira:

[...] na década de 1980, já existiam vários mestres que tinham mais de cem alunos, e uns dez outros professores filiados a seus grupos. Estes grandes grupos cresceram, e atualmente (década de 1990), alguns possuem mais de cem mestres e professores filiados (no Brasil e estrangeiro), num total de alguns milhares de alunos, pagando mensalidades equivalentes a umas quatro vezes o preço deste livro – são os tais megagrupos dos quais falei. Devem existir uns cinco destes, e mais uns dez grupos muito grandes, mas que não chegam

às mesmas dimensões. No entanto, a imensa maioria de mestres, professores e alunos ainda é constituída por milhares de grupos muito menores. Muitos acham que temos por volta de dez mil pessoas ensinando capoeira para um total de uns duzentos mil alunos. Outros acham que este número é muito maior, da ordem de um milhão. [...] É importante frisar que grande parte dos professores e mestres filiados a megagrupos não devem a estes, sua formação. Muitas vezes, são capoeiristas que, formados em outros lugares, já davam aulas, tendo um número pequeno ou médio de alunos, e que num determinado momento, ingressaram num megagrupo, adotando deste o método de ensino, a graduação, o uniforme, e aceitando a liderança do novo chefe. Isto é feito com o intuito de ganhar mais status, mais “nome”, e assim arranjar mais alunos. Sem falar na fascinação que os mestres, chefes destes megagrupos, exercem sobre o capoeirista médios. (ARAÚJO, 2008, p. 61).

Essa concorrência, típica do sistema capitalista, provocou rupturas com o princípio da vadiagem, promovendo outras ordens de rixas entre esses grandes grupos. Observamos, nisso, movimentos de capturas e esquivas. Os capoeiras encontram no ensino e prática da Capoeira a possibilidade de subsistência – esquivando-se dos subempregos e realizando a maioria das vezes, trabalhos como autônomos. Entretanto, são capturados pelo mercado, provocando, muitas vezes, alteração nas suas concepções filosóficas sobre a Capoeira e adequando seus discursos conforme a demanda do mercado – tanto o discurso da educação física escolar militarizada e disciplinatória, quanto o da educação para a cidadania, em espaços de educação formal, informal e não-formal.

Alguns Capoeiras conseguem separar as coisas. Atuam com profissionalismo exigido em seus ambientes de trabalho e preservam uma prática mais próxima das concepções originais da Capoeira como prática comunitária em seus territórios de origem, tanto quanto conseguem constituir redes de apoio, fortalecendo uns o trabalho dos outros.

A ética da capoeira é uma ética do corpo, um corpo que tem dono, que tem centro, que rejeita o estado de dominação e coloca em movimento uma dança contra hegemônica [...] Ai acontece aqui no Brasil essa lição de resistência dos oprimidos, produzindo uma alternativa ao discurso ocidental do controle e da instrumentalização. A capoeira trabalha na direção oposta, da autonomização e da formação de redes de cúmplices. (LIMA, 2008, p. 02. *apud* ARAÚJO, 2008, p 71.).

Ademais, vale ressaltar, aqui, a relação direta de Mestre Góes com os dirigentes da companhia de arte que atuou. Quando indagamos sobre a sua relação com os patrões, ele afirmou que não teve problema com eles, porque nunca teve um.

Afinal, a relação que estabeleciam era a de colegas de trabalho, sobretudo de *camarados*⁸⁵ capoeiras. Muito diferente dos tempos de Besouro, que em vários momentos precisou bater de frente com o patronato em defesa de seus direitos e dos colegas de trabalho.

Contudo, ainda que o trabalho autônomo no campo da arte tenha dado essas possibilidades a alguns capoeiras, a falta de registro em carteira, de estabilidade profissional e de previdência, são questões que resultam no fato de que esses Mestres não terão aposentadoria digna merecida depois de tanto trabalhar e enaltecer a cultura negra no Brasil e no mundo.

Outra questão importante para este estudo está no relato de Mestre Pinguim, no qual ele afirma que, através da sua postura profissional, rompeu barreiras do racismo e preconceito sem se desgastar com discussões e embates políticos. Segundo ele, *“passei por cima do racismo sem saber o que era isso.”* Entendemos que algumas necessidades emergentes, como garantir a alimentação e moradia, se sobrepuseram às outras questões que, talvez, para o Mestre pareciam estar desligadas, como a questão das desigualdades sociais e a ideologia do racismo. Mesmo assim, a estratégia de agir calado, com foco em conquistar certos objetivos, é uma característica do modo capoeira de agir diante de situações adversas, sem necessariamente discutir ou reivindicar.

Causos dos templos

Nesta parte da conversa, os Mestres apontam questões importantes sobre a relação com as instituições religiosas. No que diz respeito à própria religião, Mestre Pinguim chama a atenção às perseguições religiosas que sofremos desde os tempos da escravidão. Em **“Não é intolerância, é terrorismo”**, ele critica a ação criminosa de igrejas evangélicas na propagação do ódio com o discurso do racismo religioso, que muitas vezes resulta em invasões de terreiros e assassinatos de mães de santo. Por sua vez, Mestre Góes ensina capoeiranamente como se portar frente a autoridades religiosas e como se esquivar de embates dessa natureza em **“Controvérsias religiosas”**. Além disso, nos chama a atenção para problemas internos, sobretudo a falta de união das comunidades de terreiro.

Não é intolerância, é terrorismo

⁸⁵ Camarada, companheiro, parceiro.

Esse negócio de terreiro sendo tacado fogo, sei lá. Eu entrar na sua casa para tacar fogo? Quebrar uma coisa do preceito seu? Ou eu mato o cara e vou preso por causa disso, ou sei lá... Porque isso já não é nem mais intolerância não, isso é terrorismo. O cara entrar na sua casa, quebrar as coisas. Nunca lhe fiz mal, nunca lhe vi e você entra na minha casa e quebra minhas coisas porque você acha que aquilo ali é do demônio. Então, vamos respeitar isso. Nunca fiz mal pra essa gente, nunca tive nada com essa gente, então vamos parar com esse negócio.

Antônio Abujamra no “Provocações” o que é que ele fala? “Quem foi que fez mais mal pra humanidade? Os bancos, a igreja? Quem foi que fez mais mal? Ou a polícia?” Então a igreja agora tá aí, o pastor, o testemunha de Jeová, quando passa por outro cristão não se entendem, porque Jeová acha que não é, aí o da universal e diz que o problema é o nosso povo, diz que cultuamos o capeta. Aí, vem o budista e aceita todos eles, o candomblezeiro aceita todos eles, mas eles não aceitam, então quer dizer...

Porra, você vai numa casa de candomblé tem um crucifixo de Jesus. E por que se todo mundo está falando de uma coisa só, de Deus? Nós estamos lidando com o sagrado. O sagrado. Berimbau é sagrado... (toca algumas batidas pausadas no berimbau no ritmo de pancadas de um sino) Sagrado. Isso aqui é o quê? É o sino né. E quando você trabalha o sagrado você pensa diferente, você vê diferente, você respeita diferente, e as diferenças caem. Humildade. Senão, não vai embora pra frente. Cultura é chão, uma coisa que nasceu às margens, que nasceu na resistência, que nasceu na ânsia, que tomou conta do mundo, e aí? E o resultado disso? Já dando a hora já?

Controvérsias religiosas

Chega um momento... chega um momento que você vai sair dessa roda. Então... quando você entra na igreja, a primeira pessoa, a principal que você vê na igreja, quem é? O padre. O sacristão. Tal e tal, é o que você vê lá. São autoridades. *E quando a gente está em frente à autoridade, a gente se coloca a nossa autoridade. Simplesmente.* É pra você não ter, nem construir atrito com absolutamente ninguém.

E a Capoeira ensina isso. É o que eu não vejo hoje. Esse ensino de fundamentos pra vida, eu não estou vendo mais na capoeira. Estou quase ausente dela. Jogo, roda, estou quase ausente, sem desistência. Mas como lidar com isso? É muito difícil pra mim. Pra você conseguir professar, passar pra outras pessoas, é muito difícil. A não ser que você tenha aquele patrono, aquele cara que está lá de cima olhando assim (de cima pra baixo) e dizendo: “Cuidado menino, por ai não, o caminho é esse aqui.” Isso você não encontra mais. Eu vejo o trabalho do Pinguim, por exemplo, ele não consegue fazer as pessoas se desvencilhar do mundo lá de fora e entrar aqui. E você sabe disso melhor do que eu. De chegar aqui e fuuu, a rua já sumiu.

Então, quando você pensa que você vai entrar, que você vai chegar em qualquer lugar, qualquer que seja o meio social, e que você se lembra: não, mas lá na academia, na roda que o meu pai faz, na roda que o meu Mestre faz, na roda que o meu Contramestre faz, na roda que o meu Professor faz, na escola que eu estou, eu não preciso. Eu não preciso chegar e buscar o embate, mesmo que seja uma conversa com as controvérsias religiosas.

Pra você ter uma ideia, quando eu fui saber que meu pai tinha sido Ogan de Oxossi... seis anos depois do falecimento dele. Esse processo religioso e de religiosidade, eu fui ver Edinha (irmã) em 2000 agora, Mãe de Santo, lá em Santo Amaro. Eu não tinha conhecimento de absolutamente nada disso. Porque eu estava nesse universo lúdico velho, de não estar na busca dessas relações. Como você fala da religiosidade, aí eu volto lá pra ancestralidade, aí eu volto pra minha hereditariedade, aí eu me concentro na contemporaneidade como um processo de resgate da minha hereditariedade, entendeu? Se eu ganhei esse pensar, foi porque eu tive alguém que me induzisse a isso. Me colocasse nessa linha. Então eu vejo que dizem que o Brasil é um país laico, tá todo mundo cheio. Tá nas controvérsias.

E o que acontece com o povo do santo? Por que que eles não se unem? Por que que não há união? Então nós estamos nos desunindo, nós estamos nos distanciando um do outro, com um propósito: siga o que você pensa. Eu vou seguir o que eu penso. Isso nos afasta. E quando na roda de Capoeira era um pensar. Era isso o que a gente estava falando antes, era o pensar. O pensar era o quê? Vadiar. Agora não, agora o pensar é briga, é luta, é... aí eu não digo que isso seja errado, mas até certo ponto, não vale a pena. Não vale a pena. Isso nos afasta.

4.3.4. *Entre a cruz e o berimbau*

Diante de todas as mazelas às quais o povo negro foi submetido. bem como as consequências históricas resultantes delas, os focos de resistência negra que mais conseguiram manter a cosmovisão africana no Brasil e a garantir a sobrevivência de um povo e sua cultura, como os quilombos, as maltas e as comunidades de terreiro, foram, sem dúvida as que mais sofreram perseguições diretas e violentas. No Brasil, o Racismo e o terrorismo religioso foram intensificados com o crescimento das igrejas neopentecostais nas últimas décadas do século XX, que praticam insistentemente atos de propaganda e ataques racistas contra essas comunidades.

Muito mais que falta de respeito, os processos de demonização que começam com as primeiras invasões europeias, a mando da Igreja Católica no continente africano, são reforçados em nossos tempos, cotidianamente em templos cristãos e mídias de amplo alcance. Além dessas propagandas racistas e de evocação do ódio, que resultam em ações isoladas de fiéis fanáticos, há grupos militarizados no interior de grandes redes comerciais de igrejas neopentecostais, autointitulados de “exército de cristo”, que promovem ações violentas contra as comunidades de terreiro. Como se não bastasse, assistimos, hoje, à associação do tráfico organizado às igrejas. Em função disso, estão atacando terreiros, assassinando sacerdotes e lideranças

religiosas, e ainda expulsando o *povo do santo* dos seus locais de origem, que acabam perdendo suas terras, território e membros da comunidade.

Recentemente, ao se pronunciar sobre essas perseguições e agressões, a ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Luiza Bairros, afirmou “não se trata apenas de uma disputa religiosa, mas, evidentemente, de uma disputa por valores civilizatórios”. Assim, para nós, o crescimento das agressões às religiões afro-brasileiras pode ser visto como um dos elementos de um intrincado choque de civilizações, no qual percebemos a tentativa de imposição de uma nova cristandade neopentecostal contra os valores africanos e afro-brasileiros das comunidades religiosas tradicionais. (ARAÚJO, 2015a, p. 119).

Com isso, o questionamento de Abujamra, citado por Mestre Pinguim, é atual e pertinente. Afinal, quem fez mais mal à humanidade? Ousamos afirmar que as grandes igrejas e suas ideologias doutrinárias, os exércitos, os juízes, os empresários, os proprietários de terras e seus herdeiros são até hoje o câncer do mundo. A pequena parcela de famílias, podres de ricas, que dominam uma *necropolítica*⁸⁶ mundial, agem em comum acordo para manter a maioria esmagadora das pessoas na condição de exploradas. O Brasil – um país colonizado que ainda não se tornou independente de fato – tem, no poder, as famílias herdeiras dos colonizadores. Este fato pode ser facilmente constatado se observarmos quem são as pessoas detentoras dos poderes político, econômico e judiciário no país.

Frente a esses ataques, a postura das comunidades de terreiro tem tido a perspectiva de resistir, mantendo suas práticas e cosmovisão, vivenciando, em suas “zonas libertas”, outros modos de organização social, pautados na matrilinearidade (não-patriarcal), no comunitarismo (não individualismo) e na afetualidade (não contratual). Como diz M. Góes, “*Frente à autoridade, coloca a nossa autoridade.*” E é exatamente o que as mais sérias comunidades de terreiro têm feito.

Se, por um lado, as religiões cristãs, sobretudo as igrejas neopentecostais, repelem e atacam as comunidades de terreiro, por outro, essas comunidades respeitam e aceitam a coexistência com todos os seguimentos religiosos. O que não aceitamos é a violência diária a que somos submetidos, de modo que redes de articulação política têm se fortalecido, exigindo do poder público um posicionamento

⁸⁶ “Instrumentalização generalizada da existência humana e na destruição material de corpos humanos e populações.” (Mbembe, 2003, p. 14).

de defesa às comunidades de terreiro, a partir dos quadros políticos sensíveis a essa causa.

Capoeiranamente, aprendemos a evitar atritos. Ou, como diria Mestre Pastinha, “*O capoeira corre pra não matar.*”⁸⁷ Embora o desejo seja dar respostas imediatas e na mesma moeda dos ataques violentos, compreendemos que, no jogo das disputas de forças, precisamos buscar outros recursos que não esse, para podermos impedir estes ataques e não intensificá-los. Afinal, vivemos num país em que a culpabilização das vítimas está enraizada na cultura política e judiciária. Assim, as articulações políticas das comunidades de terreiro investem, também, em questões de fortalecimento interno, de formação de quadros políticos, de consolidação de uma união real que possa fortalecer o *povo do santo*.

Ademais, a existência e manutenção das comunidades tradicionais de terreiro são modos de resistência cultural/religiosa para a preservação de aspectos fundamentais da cosmovisão afro-ameríndia. Essa resistência pacífica afronta os planos etnocidas e abrem caminhos para a consolidação de uma epistemologia descolonial.

4.2. Conceito de desobediência

Agora, os Mestres passam a explicitar suas concepções de desobediência. Embora já tenhamos identificado algumas nuances dessa concepção em outras passagens, fomos surpreendidos com uma defesa enfática da obediência. Olhando com calma, percebemos que se trata de uma concepção de obediência muito diferente daquela que vínhamos elaborando ao decorrer da pesquisa. Portanto, a partir desse momento, a atenção foi redobrada para que a compreensão ampla dessa filosofia capoeirana seja possível. Ela se difere das concepções de desobediência no pensamento branco-ocidental-judaico-cristão.

Essas falas começam quando estávamos conversando sobre os velhos Mestres e a relação entre eles no círculo social da capoeiragem, um ambiente que havia respeito entre os camaradas de vadiação. Na primeira, “**A obediência é recíproca**”, Mestre Góes explica que os velhos Mestres se obedeciam mutuamente, se respeitavam. Em “**Não é rebeldia, é uma ânsia**”, Mestre Pinguim fala da ânsia

⁸⁷ Documentário: “Pastinha: uma vida pela capoeira”. 1998. Antônio Carlos Muricy. 52min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI>. Acesso em: 19 Ago. 2017.

por liberdade intrínseca à Capoeira. Já em “**Obediência x instintos**”, Mestre Góes discorre sobre autocontrole e, em seguida, continua em “**A obediência é reta e sana**”, proseando sobre as artimanhas das relações humanas e os jeitos e trejeitos matreiros de desobediência.

A obediência recíproca

M. Góes: Mas aí é que está, um não desobedecia o outro de jeito nenhum. Por isso que é brincadeira. Por isso a brincadeira era vadiada. Porque não havia a desobediência. E depois, não tinha um outro ponto: “Eu sou mais velho, jogo mais do que você, entendo mais, conheço mais e você tem que ficar como meu subalterno aqui.” Então nisso, um obedecia o outro. Era uma reciprocidade a obediência entre eles. Agora, quando chegava um estranho, que era um mandingueiro que conhecia mandingueiro, aí sim. Aí a coisa tomava outro rumo. “Não, eu não vou desobedecer o menino não. Eu não vou desobedecer o menino não, mas eu vou dar uma vadiada com ele. Eu vou dar uma vadiada com ele.” Mas dava para ele entender.

Sobre isso a gente falava muito. Porque quando Cobrinha falou com meu pai: “Acho que você já pode me substituir, você já pode ficar no meu lugar.” Ó, você JÁ pode. Não é você PODE! “Você JÁ pode ficar no meu lugar.” Então: “Como ficar no seu lugar? Fazendo o que?” Tocando o berimbau do jeito que tem que tocar, bem tocado. E tal tal tal, e Gato obedecia. Tinha que obedecer isso.

Por que tinha que obedecer isso? Não pelo poder hierárquico. Mas pelo respeito, pela admiração, pela consciência do aprendizado que ele estava, sob os fundamentos que ele estava absorvendo, com o Cobrinha. Porque o Cobrinha foi um dos expoentes da Capoeira. Só fala Pastinha e Bimba, Pastinha e Bimba, mas Cobrinha foi realmente... ele era impressionante. A calma, quando ele chegava em você, nunca falava de longe, chegava e só falava pertinho de você. Baixinho mas, só falava pertinho de você.

Não é rebeldia. É uma ânsia.

M. Pinguim: O capoeira novato não é obediente. Ele não sabe o que é obediente, ele não sabe o que é falso. Ele não sabe nada disso. É uma ânsia dentro de você. É uma ânsia dentro da gente. Que o cara que está ali, o Mestre que está ali tem que saber lidar com isso. Não é rebeldia. É uma ânsia, Capoeira é uma ânsia braba. A Capoeira é maldosa. E você ali naquela rebeldia você já vem com ela. Aí você vai lapidar essa... rebeldia não, essa ânsia. Você vai lapidar, educar isso. Pra você ser gente. Vai chegar num lugar sair brigando com um, sair brigando com outro, quando chegar pra ir embora... tsc tsc tsc.

Então você tem que se educar. Essa rebeldia sua que já vem com você, você educa ela. Você aprende o que é a rebeldia e o que é a maldade. Por isso a gente pratica, olha a maldade, ah percebe, oh você tá olhando aqui ó, aí vem um movimento e sai antes sem perceber e você ó... então essa rebeldia que você vem, talvez você não sabe mas ela vem pra lhe proteger.

Obediência x instintos

M. Góes: A obediência é você não colocar em primeiro plano os seus instintos. Você não colocar os seus instintos em primeiro plano.

Porque se eu coloco os meus instintos em primeiro plano eu não vou te obedecer nunca. Parametre isso. “Fulano, eu gostaria que você fizesse uma coisa. Fulano, eu QUERO que você faça alguma coisa.” Quando eu digo gostaria, você vai pensar em fazer, em concordar comigo. Mas quando eu digo eu QUERO, mesmo você querendo, o seu instinto desobediente entra em ação. Hahahahaha.

A sua vontade o seu querer, diz assim: “Pô porque ele está me dizendo que QUER, e se eu não fizer? E aí?” O Mestre diz: “Sua meia lua está desequilibrada. Eu quero que você busque seu raio, que você busque o raio de ação, que você busque, que você busque...” Aí o aluno diz assim: “Ele quer que eu faça isso? De propósito eu não vou fazer.” Aí o Mestre reclama pesado. O aluno faz? Não. Piorou a situação. Ele para e parte pra onde? Ele parte justamente para o universo da pirraça. “Eu sei o que ele está dizendo, eu estou entendendo o que ele está dizendo mas eu não vou fazer.”

E cada vez que o aluno disser isso, ele não está desobedecendo, ele está simplesmente fazendo o Mestre entender o que está exigindo dele, e ele não quer que o Mestre exija, ele quer que divida com ele. Esse dividir que vai eliminar a desobediência. Vai eliminar a desobediência porque Mestre e Discípulo vão buscar um equilíbrio, mental e espiritual. Vão buscar juntos um equilíbrio.

Aí você vai tirar ele desse universo, porque ele desobedece em casa, ele desobedece entre os amigos dele, entre os comparsas dele, ele desobedece. No universo dele ele desobedece. Mas quando ele chega, quando ele entra aqui por exemplo, você tá ali com o berimbau na mão, ele chega ali e fala: “Pô, tudo mudou aqui.” Sabe porque? Ele vai saber quem é o Mestre. “Ele é meu Mestre. Ele é meu pai também. Mas meu pai não é meu Mestre.” Ele tem o Mestre como um pai, mas o pai dele ele não tem como Mestre. Ele tem somente como pai. Porque o pai, aponta o dedo, é o indicador. É isso meu filho! Pra você achar que não é do seu jeito.

Mas aqui você não é isso. Aqui você vai vadiar com ele, você brinca com ele, aqui você escuta ele, aqui você põe música ao vivo pra ele escutar. Aqui você pega um berimbau, bota na mão dele, você pega um pandeiro..., ele tem um universo que circula ele de um jeito, que ele esquece de te desobedecer. Até porque, não tinha como a gente desobedecer nossos pais e superiores, superiores eram as pessoas adultas. A gente não tinha como desobedecer eles, porque eles não batiam, não maltratavam, reclamavam pouco. Chamavam perto e diziam simplesmente o seguinte: cuidado.

Mas se você chega e diz o seguinte, de forma arrogante: “Hoje vai ser toque de berimbau, ninguém vai cantar nada, eu quero ver esquentar o banho antes.” Ele pensa: “Poxa acho que o Mestre está ficando doido. O que deu na cabeça dele?” Ele não vai querer participar, aí você vai achar que ele está desobedecendo. É de imediato: “Porque que eu falei tal coisa e vocês não estão fazendo?” Ninguém vai te dar uma explicação. Cada qual vai escutar sua própria explicação mas, todas elas vão nessa direção: “A gente não tá desobedecendo, é o senhor que está exigindo da gente uma coisa que a gente não está em condições de fazer. Está todo mundo frio, está todo mundo isso, e aquilo.” Vão puxar um milhão de desculpas. Mas nesse tempo que deveriam estar fazendo, estão debatendo com você. É o jogo da inteligência também.

Mas o instinto⁸⁸, é o que está acontecendo na roda. Aí você vem porque o Bimba falou que capoeirista tinha que entrar e pegar, e quebrar e isso aquilo, Bimba não falou nada. Bimba não falou nada, são os caras que estão inventando essa parada. Bimba não falou nada disso. Eu não convivi com Mestre Bimba. Mas teve pessoas lá no Olodumaré, que o próprio Camisa Roxa foi aluno dele, foi discípulo dele, falou: “Não, o Mestre não instiga ninguém a brigar.”

A obediência é reta e sana

A desobediência já é premeditada. E a obediência, ela é reta e sana. Então o cara premedita para te desobedecer. Ele já chega hoje aqui, pô... o que o Mestre mandar fazer hoje eu não vou fazer não velho. Não vou fazer não. E não faz. Porque ele quer ver a sua reação, ele tá te experimentando, ele está jogando com você. Ele tá brincando com seu instinto. Aí você chega pra ele: a sequência é assim, vai passar por esse, por esse, por esse estágio. Ele deixa o primeiro, deixa o segundo, deixa o terceiro, finge que fez o quarto e pergunta pra você como é que foi o primeiro. Te desobedeceu? É do jogo isso. Há você de entender. Há você de entender. Porque tem as artimanhas, né velho. E o cara não vem aprender a artimanha só dentro da Capoeira não, ele tem a artimanha do mundo já. O universo onde ele vive. Quem circunda ele. Ele tem tudo isso. Então pra ele chegar pra você e dizer, Mestre o senhor é dez. Vai demorar pra caramba, ó. Você que não construa não pra você ver. Daqui a pouco ele vai voltar te desobedecendo. *Para desobedecer é simples. É fingir que não escutou.* Só fingir que não escutou. Pô mestre desculpe... mas essa desculpa é faceira. Está nele, está reverberando nele, mas ele dá a desculpa faceira. É do jogo. A treta. Hahahahaha ser humano, compadre. Então você tem que estar jogando com isso o tempo todo. Ser submisso não. É por isso que ela educa.

4.2.1. Pensando a desobediência com os Mestres

Após a escuta atenta às falas dos Mestres, faremos, agora, uma flexão sobre o tema central da pesquisa e seus objetivos. Em primeiro lugar, tentaremos conhecer a concepção de desobediência desses Mestres, indagando assim: é possível encontrar uma definição? Quais os pressupostos? Em que se baseiam? Entre outras questões.

Assim, percebemos, nos relatos dos Mestres ao se referirem à desobediência, que eles lidam com um significado peculiar e que em muito se diferencia das definições de desobediência que tivemos contato nas pré-leituras feitas para esta pesquisa. Embora esta seja uma pesquisa quilombista, sob o olhar da cosmovisão africana ou afro-ameríndia no Brasil, vimos a necessidade de fazer um pré-levantamento sobre a concepção de desobediência no pensamento branco-ocidental

⁸⁸ Se refere a instinto de agressividade, de negação do outro, talvez.

para dialogar e confrontar com essas concepções, já consagradas na academia. Isso se deve ao fato de termos sido colonizados e falarmos uma língua de origem latina, na qual os termos utilizados seguem uma lógica de construção de raciocínio europeu, elaborados, também, pela forte influência da cultura grega.

O primeiro passo foi verificar a definição de obediência e desobediência em dicionários. De um modo geral, os dicionários da língua portuguesa traduzem a palavra obediência por submissão, vassalagem, docilidade e sujeição (FERREIRA, 1989, HOUAISS, 2009). No entanto, encontramos a palavra em latim *oboedire*, que pode ser traduzida por “prestar atenção, ou escutar com seriedade”, de *ob*, “a”, + *audire*, “escutar”⁸⁹. A princípio, essa definição da palavra não manifesta nenhuma expressão de autoritarismo ou opressão. Talvez para as definições dicionárias, a palavra grega *hypakoē* esteja mais próxima, uma vez que é interpretada em português como obediência, complacência e submissão.

Nessa perspectiva, desde os escritos religiosos (ALCORÃO, 2010; BÍBLIA, 1956), míticos (HESÍODO, 1996; SÓFOCLES, 1988), passando pela filosofia antiga (PLATÃO, 1999; ARISTÓTOLES, 1991) e medieval (AGOSTINHO, 1998; AQUINO, 2016), até o iluminismo na filosofia moderna, dos autores burgueses (KANT, 1974; COMTE, 1978) aos anarquistas (BAKUNIN, 2000; PROUDHON, 1975; THOREAU, 2012) ou pós-estruturalistas (FOUCAULT, 1987), entre outros, as concepções de obediência que encontramos assemelham-se a um significado dicionário da submissão, servidão ou vassalagem. Logo, seu oposto seria contrário disso, desobediência = insubmissão, insurreição, rebeldia.

No entanto, as falas dos Mestres apresentam significados diferentes para a desobediência. Ao questioná-los sobre a concepção de desobediência, eles disseram, a princípio, duas coisas que viraram as teorias ocidentais que havíamos encontrado de cabeça para baixo. Uma é que a **obediência é recíproca**. Outra é que a **rebeldia é uma ânsia**. Assim, fica difícil pensar em obediência recíproca quando se está acostumado com o significado de *hypakoē*, que indica a dicotomia entre aqueles que mandam e aqueles que obedecem. Nesse sentido, como poderia ser recíproca? Então, qual seria essa concepção de desobediência dos Mestres, afinal?

⁸⁹ Origem da Palavra – Site de etimologia Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/origem-da-palavra-obedecer/>>. Acesso em: 10 Mai 2017.
2 *hypakoē*: Biblioteca bíblica, disponível em: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2013/04/obediencia-significado-grego-hebraico.html>>. Acesso em: 10 Mai. 2017.

3 Obede: Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/obede/>>. Acesso em: 10 Mai. 2017.

Mestre Góes fala que os velhos Mestres “*não desobedeciam um ao outro de jeito nenhum*”, por isso a obediência era recíproca. Ao mesmo tempo, ele afirma que não havia uma postura de dizer “*Eu sou mais velho, jogo mais do que você, entendo mais, conheço mais e você tem que ficar como meu subalterno aqui.*” Logo, fica explícito que sua concepção de obediência não se trata de submissão. Parece-nos que, entre os velhos Mestres, existiam preceitos, códigos e regras de convivência, atentamente ouvidas e respeitadas por todos, de forma mútua.

Nessa levada, retomamos a origem da palavra obediência do latim, pois o seu significado está mais coerente com esse sentido, ou seja, *oboedire* é traduzido como escuta atenta. Trata-se de um significado pouco explorado no pensamento branco-ocidental, uma vez que aquele encontrado na origem grega sobre a obediência é muito mais recorrente. Embora a língua portuguesa venha do latim vulgar, sabemos que a cultura romana sofreu fortes influências da cultura grega. Talvez por isso, a definição de um significado grego para uma palavra de uma língua que nasceu do latim.

Na ousadia de trilhar outro caminho etimológico, desta vez numa intencionalidade afrocêntrica – ou seja, retomando nossos próprios termos conforme a cosmovisão africana –, encontramos, na tradução de uma das línguas africanas difundidas no Brasil, a língua Yorubá, as seguintes palavras:

Gbọ̀ràn: Obedecer, acatar.

Sẹ̀gbọ̀ràn = obedecer.

Ìgbọ̀ràn: obediência

Àìgbọ̀ràn: desobediência, teimosia

Aláìgbọ̀ràn: desobediente

Àfọ̀ìgbọ̀, àfọ̀ògbọ̀: desobediência, petulância, atrevimento, descaramento, descomedimento, insolência e protêrvia.

Àwígbọ̀: desobediência. **Aquele que fala e não presta atenção.**⁹⁰

Nos chamou a atenção o radical presente em todas as palavras “gbọ̀”, então fomos informados que essa palavra significa “escuta”. Acessando o “google tradutor”, vimos que a palavra gbọ̀ràn, traduzida pelo nosso informante como obedecer e acatar, também pode ser traduzida como escuta. Isso nos faz entender que, na língua Yorubá, **obedecer é escutar**, curiosamente semelhante ao latim. Já a palavra designada para o verbo obedecer, sẹ̀gbọ̀ràn, acompanha o prefixo sẹ̀, que significa fazer, ou seja, sẹ̀g+boràn é fazer+escuta. Ao mesmo tempo, percebemos que a palavra usada para traduzir desobediente, aláìgbọ̀ràn, traz o prefixo aláì=não; ou seja,

⁹⁰ Estas palavras nos foram fornecidas pelo Olukó (professor) Orlandes Rosa, administrador do blog: <http://aulasdeyoruba.blogspot.com.br/>.

aláì+gboràn=não+escuta, e a mesma palavra designada para desobediência, petulância, atrevimento, descaramento, descomedimento e insolência, que seria àfòògbó, traz o prefixo àfòò=menos, então àfòò+gbó seria menos+escuta. Assim, a ideia de que obediência é fazer escuta e que não fazer escuta é desobediência, no sentido de petulância, atrevimento, etc.

Isto posto, pensaremos o significado de obediência e desobediência a partir dos significados presentes na língua Yorubá, tendo em vista a semelhança evidente com a etimologia latina da palavra obediência. Desse modo, também poderemos estabelecer relações entre os semelhantes aspectos entre a cultura nagô e bantu, como vimos na questão da força vital, elemento importante para ambas matrizes culturais. Nessa perspectiva, quando o Mestre Góes fala que entre os capoeiras a “obediência era recíproca”, ele está dizendo que os capoeiras se ouviam, se respeitavam, dialogavam e, logo, havia um equilíbrio nas relações humanas em seu círculo social.

Por isso, a Capoeira é brincadeira, diz o Mestre. Porque eles não desobedeciam um ao outro, não deixavam de fazer a escuta, a atenção. A brincadeira não era disputa, a vadiação era a brincadeira, o jogo. Como diz Vale (2012),

Uma brincadeira de criança. Dessa maneira, podemos sentir imagens desta fraternidade festeira em uma família estendida religada e remediada pelas partilhas iniciáticas, num modo mandingueiro de fazer-sabere e en-sinar as artes da proteção e da festa em uma comunidade de vida. (VALE, 2012, p. 324).

Partilhas. E não disputas de poder. Havia, sim, as artimanhas do jogo, do jogo na roda de Capoeira, na roda de conversa, na roda da vida. Com ética, com respeito. Essa era a malandragem da vivência que nada tinha a ver com se aproveitar do outro. As rasteiras, os golpes, as defesas do jogo, eram e ainda são jeitos e trejeitos de aprender a conviver, de se propor a lidar com as diferenças e desavenças, fazendo a escuta, obedecendo mutuamente. Também eram e são *ensinanças* de defesa e de fortalecimento do corpo do indivíduo e do corpo comunal.

Assim, Cobrinha Verde, um sábio Mestre apurado no conhecimento, “*falava baixinho e perto*”, com calma, com paciência, com seus jeitos e trejeitos. Sem gritar, sem impor, sem brigar. Por exemplo, quando M. Cobrinha Verde diz a M. Gato “*JÁ PODE ficar em meu lugar.*” E não “*PODE ficar no meu lugar*”, o primeiro jeito de falar é como entregar a responsabilidade nas mãos, já o segundo seria como jogar a

responsabilidade nas costas. *“Gato obedecia, tinha que obedecer”*, diz Mestre Góes. *“Pelo respeito, pela consideração, pela aprendizagem e não pelo poder hierárquico”*. Então ressaltamos que a hierarquia, na Capoeira, não é posição de poder, é local de fala e sobretudo de responsabilidade.

Ao se respeitar a ancestralidade, aprende-se também a respeitar os mais velhos, os iniciados e os que carregam as palavras e movimentos que abrem tramas. Os grupos que admitem hierarquias, guiados por pessoas que tecem há mais tempo as forças de resistência e de reelaboração da comunidade, podem também manter relações apuradas, afinadas, conflituosas e dinâmicas, garantindo expressões pessoais e a elaboração de uma identidade que não seja a estática, mumificada, que mofa em estereótipos ou nas leituras tacanhas, estereotipantes. (ROSA, 2013, p. 64).

Quando o Mestre diz que obediência é você não colocar os seus instintos em primeiro plano, tivemos o entendimento de que obedecer é fazer a escuta de algo que não seja seus instintos, suas vontades. Esse algo nos remete à ética. Fazer a escuta dos princípios éticos que nos norteiam. Para haver equilíbrio na convivência humana, é necessário que haja ética. E ética também tem a ver com alteridade, com escutar o outro, se pôr no lugar do outro. Ou ainda, como diz Rosa (2013) lendo Oliveira:

Eduardo Oliveira (2003) apresenta a ética africana não como normativa, nem como prescritiva. E sim educativa. Erótica, estética, é uma ética que visa manter a forma cultural e não normatizar a liberdade. A singularidade é efetivada, desejada. É a ética que se desenvolve em uma atitude perante o outro, frente à comunidade. Entende-se mais a existência de princípios, do que de normas (que variam por comunidade) em uma regulação da vida social busca garantir a inclusão, a diversidade, a complementaridade e o bem-estar do grupo. (ROSA, 2013, p. 41).

Nesta entoada, quando se priorizam os próprios instintos, sobretudo os da agressividade, da vaidade, das vontades e necessidades pessoais em detrimento do outro, há a falta de escuta, a desobediência, a falta de ética. Mas me parece que nem todos os instintos devem ser desobedecidos. A depender da hora e da situação, os instintos de defesa, de sobrevivência e de afetividade devem ser obedecidos, mas numa obediência recíproca que se atenta à alteridade.

Mestre Góes apresenta outra situação importante de ser refletida. O “Universo da pirraça”, que é diferente da desobediência. Se, por um lado, desobediência é a falta de escuta, por outro, a pirraça é a escuta ignorada. É quando se ouve uma ordem e se nega a fazer. *“Eu ouvi o que ele disse, entendi o que quis dizer, mas eu não vou*

fazer”. Diz o Mestre que a pirraça transmite uma mensagem que se opõe a uma exigência ou imposição e reivindica a partilha.

Pensamos que, talvez, o professor que está exigindo do aluno pode estar querendo dividir parte do seu conhecimento com o aluno, e o faz assim porque foi a forma como aprendeu. Porém, muitas vezes, essa forma é impositiva, depositativa, ou bancária, como diria Paulo Freire (1996). Quando o professor impõe o conhecimento, o aluno passa a ser objeto da educação e não sujeito (VIEIRA PINTO, 1994). O professor passa uma mensagem de que ele é o dono do processo e que esse processo é de única via, portanto, não há partilha. A falta de partilha ocasiona a falta de interesse. Oposto a isso, se há a partilha: se o conhecimento é dividido, construído conjuntamente, se o aprendente atua como sujeito de seu processo, a desobediência é eliminada. A falta de escuta, a falta de interesse, a falta de atenção deixam de existir. Ao despertar a escuta, a atenção, o desejo, o interesse, o aprendente se esquece de desobedecer porque está envolto ao processo.

Mestre Pastinha popularizou um conceito de Capoeira como “Mandinga de escravo em ânsia por liberdade.” A palavra mandinga se refere a um dos maiores grupos étnicos do continente africano. Muitos deles foram trazidos para as américas no tráfico escravagista. No Brasil, criou-se o mito de serem perigosos feiticeiros e, por isso, a palavra mandinga foi, por muito tempo, usada pejorativamente para designar feitiço, assim como se faz o mal uso da palavra macumba⁹¹. Na cultura afro-brasileira, principalmente na capoeiragem, mandinga tomou o significado de inteligência, astúcia, manha. Ou seja, a Capoeira é a inteligência dos escravos em ânsia por liberdade. Nasceu dos jeitos e trejeitos que os negros escravizados desenvolveram para se libertar.

Mestre Pinguim diz que o que se chama de rebeldia, na verdade, é uma ânsia. Diz ele que a capoeira é rebelde, é uma ânsia maldosa que precisa ser educada. Por isso, nas aulas de capoeira, treinamos o domínio das maldades do corpo, sem separar a mente dele. A mandinga do capoeira, a sua inteligência, educa as diversas ânsias – por liberdade, por prazer, por amor, por sentir o sangue ferver nas veias, entre outras ânsias. A capoeira educa para que essa ânsia não se transforme em instintos agressivos, vaidosos, egocêntricos. Nessa entoada, ele afirma que a “rebeldia [ânsia]

⁹¹ Macumba, do bantu, significa festa. É também o nome de um instrumento de percussão. Comumente usado de forma pejorativa para designar o mal, magia maléfica, feitiço do mal, etc.

que você tem, talvez você não sabe, mas ela vem pra lhe proteger”, quer dizer, desde que ela seja treinada, lapidada, educada.

Mestre Góes chama a atenção para a diferença da postura de um Mestre de Capoeira em relação aos pais e outros educadores. Segundo ele, um Mestre não impõe o conhecimento, ele divide o conhecimento, en-sina brincando, estabelece uma relação paterna com o discípulo, sem perder essa característica de Mestre. O educando, aprendente ou discípulo desobediente, aprende, através da convivência com o Mestre, a ouvir, a respeitar, a considerar. O Mestre divide seu conhecimento vadiando, brincando, sem bater, sem gritar, sem reclamar muito e orientando um princípio básico: o cuidado.

Embora ele relacione a desobediência aos instintos que precisam ser educados, parece atribuir à desobediência um caráter mais racional, quando diz que ela é premeditada. Nosso entendimento é que, ao receber uma ordem que não lhe faz sentido, o aprendente instintivamente se incomoda. Esse incômodo é colocado em primeiro plano, lhe causa ânsia, e ele não sabe lidar com ela, precisa aprender, precisa treinar isso. Por ainda não estar preparado para compreender essas vertigens, ele “escolhe” desobedecer, ou seja, não ouvir a ordem dada. A sua desobediência é premeditada. Porém, mal sabe ele que pode estar se submetendo aos instintos de vaidade, de arrogância e de falta de humildade que o atrapalha no entendimento da ordem dada. Ao contrário disso, a “obediência é reta e sana” porque nela está o ato de ouvir o ensinamento, antes de ouvir o instinto e se dispor a aprender.

O aprendente ansioso pode vir a pirracear e brincar com o instinto do educador. Para desobedecer, ele finge que não ouviu, e depois pede uma desculpa faceira. Provoca e testa sua paciência. Ambos precisam aprender a jogar com isso, com essas artimanhas que não são exclusivas da Capoeira, estão no mundo. Por isso, a Capoeira educa. Porque ensina a jogar com essas relações de poder, com os instintos, com as contradições e controvérsias presentes nas relações humanas.

4.5. Capoeira, desobediência e educação

Enfim, os Mestres soltaram a mandinga pro lado de cá num jogo de compadre entre eles. Foi como trazer a criança ao centro da roda. Mostrar os primeiros passos. Fazer a devida atenção à partilha, cientes de que eu já estava preparado para receber

uma rasteira de batizado⁹², aquela rasteira de leve, um pequeno desequilibrante para balancear e voltar pro eixo. Afinal, suas concepções extrapolaram nossas ideias iniciais sobre uma desobediência, e também sobre Capoeira e educação. Tiraram nosso chão. Mas foi na queda que o reencontramos.

Em **“A Capoeira en-sina a ser obediente”**, Mestre Góes ressalta o caráter da obediência como escuta e como o modo dos velhos Mestres dividirem o conhecimento. Já Mestre Pinguim vai dizer que a Capoeira é uma ânsia brava que precisa ser educada, caso contrário, ela pode se voltar contra si. Em **“O caminho da sobrevivência”**, Mestre Góes reforça que **“É o caminho da vadiagem”** o modo como se dão as relações éticas entre as pessoas. Em **“Ver, ouvir e analisar”**, ele aprofunda a filosofia capoeirana deixada por seu pai, assim como em **“Desobedecer não é só dizer não”**, **“Fundamento do jogo”** e **“Educação escolar e Educação capoeirana”**.

A Capoeira en-sina a ser obediente

M. Góes: A Capoeira ensina a ser obediente. A Capoeira ensina ao interessado nela, obedecer a ela. Então, a Capoeira ensina a ser obediente. Você é obediente. E parte dessa obediência você teve que parar para entender e você começou a treinar isso. Estou dando esse exemplo, esse exemplo você toma pra você. Consciência, na abrangência da sua visão, dentro desse aprendizado. E vai muito, como se diz...? Esse ponto é muito bom. Quem vai influenciar muito é quem está passando esses conhecimentos pra você. A conduta dessa pessoa que está passando esses ensinamentos pra você.

Por isso que eu falo sobre o professor, uma parte dessa desobediência, dessa não tomada de consciência, dessa não tomada de reconhecer a sua identidade, vai calhar na culpa, na culpabilização da pessoa que está na ponta.⁹³ Porque se você tem um Mestre, que se auto define Mestre, ele tem que entender o seguinte: *“Eu não estou ensinando pra ele, eu estou dividindo com ele.”* Então, está parte dele com você. Se esse Mestre te influencia a fazer certas coisas que você ainda não tem a consciência, mas que ele faz e ele te influencia a fazer. Ele não está te ensinando. Ele está te influenciando a agir dessa forma.

Então quando você chega pra um professor e fala pra ele: “Eu não estou entendendo a sua forma de ensinar.” O que que você quis dizer pra ele: “Eu não estou conseguindo aprender o que você está passando pra mim.” Está certo? Isso matéria, escolar. Isso matéria que você tem lá tudo escrito, tudo né... Com a Capoeira o ensinamento é diferente. É mais espiritual, é mais visualização, é mais prática do que didática, mais prática do que teoria, é mais aberto do que fechado, porque o livro também depois que você fecha ele, ele para de existir.

⁹² Estamos fazendo alusão ao batizado de Capoeira, uma prática da Capoeira Regional em que é feito um rito de passagem para os alunos que irão receber uma graduação. Estes passam por uma avaliação, da qual o ápice é o jogo da Capoeira e receberão uma rasteira de um Mestre para consagrar o seu batismo.

⁹³ Pessoa que está na ponta: na frente do barco.

Já a Capoeira, ela está aberta em você. Ela está no seu mundo, ela está te circuncidando o tempo inteiro. Então quando você diz: “Eu estou realmente satisfeito.” Sabe por que? Porque tudo está chegando a você de boa vontade. É aí que a Capoeira ensina. Na música, na percussão. Além disso a música já é educativa, para começo de assunto ela é educativa.

No momento que você está pensando em fazer alguma coisa ruim, que você lembra do seu berimbau, você deixa de fazer aquilo, se desvencilha e pega pra tocar o seu berimbau. Olha o exemplo que você estava me dando dos meninos na escola. Tá claro. Isso é claríssimo. Eu faria a mesmíssima coisa. O que você estava falando pra mim lá dentro. Eu faria a mesmíssima coisa. Era só pegar o berimbau, chegar na frente dele e tondomdom dindomdom domdindomdom, e parar.

É uma chamada, é uma chamada de atenção, que vai te reanimar e vai te trazer de volta pra o seu centro. E é justamente aí nessa volta pro seu centro que você se auto define, aonde você quer estar, aonde está realmente te fazendo bem. O que está te fazendo bem? Você vai deixar o que tá te fazendo o bem, que você sabe que está te construindo, que você sabe que está fazendo parte de você, que você sabe que está te embalando, que está te ninando, que está te fazendo aquele bem legal, pra você sair e dar uma pedrada no cara ali na esquina? Não. Não vai. Não vai...

Esse é um dos pontos menino, é um dos pontos. Eu tive a glória e todos os dias eu agradeço a Deus pela existência do meu pai. Porque ele chegava e dizia: “Quando não tiver o que fazer, não faça nada. Pare e analise em silêncio. Pare e analise em silêncio.” Isso te traz um equilíbrio interno, sabe? Te traz um equilíbrio. Então quando chegava na hora da gente brincar na roda, ele dizia: “Olhe, quero ver jogar viu.” Pronto, chegava lá no ângulo (no canto do salão) e se agachava lá, quando ele via qualquer coisa que não estava dentro dos eixos, ele dizia: “Chama aí Marrom. Toca o berimbau. Dan dan dan dan dan dan dan...” “Eu não vou mandar todo mundo pra casa não, mas vamos mudar esse negócio aí.” Não era reclamação, não era imposição, era uma chamada de atenção pra você refletir: “Porque que o Mestre tá dizendo que não tá legal, né?” Então ela te educa velho. Ela te educa. Só que educar, é coisa que você tem que construir. Não é ele o Mestre, não é ele o professor, não é ele o pai, não é ela a mãe. É você que tem que construir. Aí diz assim: “Não, porque ele é rebelde, porque esse menino não tem jeito meu Deus do céu. Esse menino...” dá força pra ele. Não diga que ele é rebelde. Senta com ele, converse com ele qualquer outra coisa, menos sobre a rebeldia. Se não você ainda era aquele moleque rebelde.

O caminho da sobrevivência

M. Pinguim: Com a rebeldia dos alunos podemos aprender a sobrevivência. Você vai ensinar ele a sobreviver. A rebeldia agora está com esses meninos aí ó, todo mundo de moto, brumbrumbrum, porque? Não tem Capoeira lá. Não quer mais conta com a escola. A escola está um saco. As meninas cresceram. Tem que andar bonito. Tem que andar com dinheiro. E não estão nem aí não meu filho. Foi pra FEBEM. Ficou dois três anos lá. Quando volta, já volta cheio no seu linguajar. “E aí parça. É nós que tá parça. Tamos junto parça.” Porque não aprendeu Capoeira, se fosse aprender Capoeira ele ia saber pelo menos conversar.

Você trabalhou na FEBEM. Isso aí, essa pedagogia, a *Capoeira é pedagogia*. Quando a gente estava lá, não tinha pedagogia certa. A pedagogia foi a gente. A pedagogia foi isso aqui ó. Berimbau, canto, pandeiro, a pedagogia nossa foi essa. Dentro da FEBEM. E a pirâmide ficou lá. A pirâmide era teatro, dança de rua, depois Capoeira, a gente fez assim ó, Capoeira, dança de rua e depois teatro. Invertemos. É isso? Então que pedagogia fizemos lá? Que pedagogia que aquele ex-aluno nosso tem? Ele fez educação física, está fazendo agora free lance aí. Que pedagogia você teve na FEBEM? Que pedagogia que eu tive? A gente botou quanto lá? “Vá com Deus senhor, até amanhã senhor... tudo bem?” Minhas memórias boas de lá velho. Aprendi pra zorra a lidar com eles, nunca saí falando gíria, mas estou lá no bairro, escuto: “E ai parça? Qual é? E aí? Nós que tá. E tal.” Vamos ver...

As instituições brasileiras não querem Capoeira nas escolas. Porque você pensa. A Capoeira faz você pensar. E quando faz você pensar, você tem condições de melhorar suas condições. De procurar pessoas para lhe ajudar. Esse é o papel da Capoeira. Esse moleque aí, esse novo aluno é problemático. Se encontrou aqui na Capoeira. Se agarrou com um aqui. Se agarrou, formou bochicho com outro hahahaha. Ele gosta daqui. Vou mandar ele embora? Eu não escolhi ele. Não fui eu quem escolhi ele. Ele veio. E tá aí. Quem tá disciplinando ele? Pergunte aí. Mandou bomba na torcida organizada. Pegaram ele com bomba. Quando o São Paulo joga aqui ele tem que ir lá, e tá lá, não pode. Tem um filho, trouxe o rapazinho ai. Tem cara de liderança. Ele não sabe, mas é líder. Qual é sua causa pra essa sua desobediência?

E a Capoeira lhe dá isso, essa liderança. Porque a Capoeira é rebelde, ela quer horizonte meu irmão, ela quer horizonte, ela quer enxergar o horizonte dela. E você é rebelde, eu fui rebelde, você foi. E-du-ca-ção! Se você não tiver... ir com rebeldia lá fora, alguém mete bala em você. Chegar num boteco lá: “Ah eu sou isso e aquilo, é?... Ah... pá-pá-pum!!!” Sua rebeldia morreu e você não se educou, não existe essa de arte marcial, arte marcial é para lhe educar. Cultura é para educar. Educação é pra você ter o que? Sua leitura, você se alfabetizar. E a cultura vem para lhe disciplinar. Você respeitar a pessoa.

Estamos lidando com o ser humano. Ontem eu vi um amigo seu: “Estou estudando Pinguim.” Quem viu ele, quem viu você, e os outros. Os caras hoje, pô velho, têm uma cabeça. E você está aí, então veio pra universidade, deu aula, continua treinando, já estava vivendo de aula, mas teve outro desafio: “Vou fazer universidade, eu quero fazer isso.” Está aí, está fazendo outro desafio, está fora de São Paulo, fez universidade, está ensinando Capoeira, está estudando Capoeira é isso, vai chegar aonde isso? (Encara e aponta para a câmera) Se não vai ficar mais um mais um e mais um. Mais um tá cheio. Rodinha. Tudo *inho*. Treininho. Joguinho. Toquinho. Textinho. Mestradinho. Zorra nenhuma, vá pra lá com isso! Nós estamos lidando com fundamento.

É o caminho da vadiagem

M. Gato Góes: O Pinguim por exemplo, quando eu cheguei da Europa, meu pai me falando quem era Pinguim aqui em São Paulo, brigando aqui nas rodas da Praça da República, isso aquilo, e aquilo outro... como é Pinguim hoje velho? Pinguim consegue absorver velho, pô cada coisa que Pinguim absorve aqui, que não é brincadeira. Já recebeu até dedo aqui. Pra depois não chegar e sair catando em qualquer outra roda aí e tá tátátátá, batendo em aluno.

Porque ele tá refletindo, ela tá assim ó, a Capoeira tá assim na cabeça dele, girando em torno da cabeça dele e dizendo: “Peraí, o caminho não é esse, é o caminho da vadiagem, é o caminho da brincadeira, do se sentir bem, é o caminho da socialização.” Ele tá falando aqui agora, sobre ressocialização do adulto. É o que? Reeducação. Porque o adulto não está conseguindo se educar. Você está trabalhando como educador.

O seu filho por exemplo, ó, se você não tem esse equilíbrio, como é que você estaria agora pensando em cuidar do seu filho com esse mundo cão que está aí. E esse equilíbrio que está aí dentro, está vindo de onde? Tá vindo de onde ele? De uma sociedade péssima, podre, que a gente tem hoje aí? Como é que a gente consegue? Então a Capoeira tem esse poder de fazer você refletir sobre você mesmo. Porque se você não tiver... é você que se apronta para entrar numa roda de Capoeira, não é o Mestre não, é você que se apronta para entrar numa roda, é você que se apronta pra sair de uma roda, é você que se apronta pra estar nesse círculo social, olhando todo mundo, vendo todo mundo, sem encarar ninguém.

E quando a gente se encara, chega na frente do espelho, aí você diz: “Poxa velho, eu estou ficando diferente.” Mas só você sabe onde é que você está ficando diferente. É coisa sua isso. Quando você chega aqui na roda e você vê fulano ou beltrano, que seja desafeto seu, chega pra gente e diz, “Poxa acho que daqui a pouco eu vou tirar o corpo fora...” Já aconteceu com você várias vezes. Ela educa. Mas, vai precisar muito que esse professor, esse Mestre, esse docente tenha consciência que ele não é esse pancadeiro...

E é claro que a gente pode aprender alguma coisa com esses alunos desobedientes, é automático isso, é recíproco. Aí está a reciprocidade. Chega um moleque e te faz uma pergunta, poxa velho uma pessoa com cinquenta anos de idade nunca fez uma pergunta dessa, chega um moleque e me faz essa pergunta. O que é que você responde pra ele? Você inventa uma resposta? Ou você vai buscar um fato contundente a pergunta dele, que satisfaça ele e que também deixe você satisfeito com a tua resposta? Aí é que tá o negócio.

Aí está o ponto, aí está justamente esse ponto que você pergunta aí. Se podemos aprender alguma coisa com alunos desobedientes? Sim. Tudo parte do docente, tudo parte desse aprendizado que você teve ou está tendo, está passando pra frente, esta envolvendo outras pessoas e aí quando o aluno chega, hoje aluno, que o discípulo desapareceu do mapa. O aluno chega pra você e faz uma pergunta, é você chegar pra ele e dizer: “Hoje eu não tenho uma resposta contundente para te dar, mas pode ficar tranquilo que em breve a gente vai conversar sobre isso”.

Você vai deixar ele a vontade, velho. Você vai deixar ele te abraçando, abraçando a tua aura. Na hora que você chegar pra ele e disser assim: “No outro dia você me fez tal pergunta não foi? Vamos conversar sobre isso.” Digo, não vou responder, eu vou conversar sobre isso com você. É diferente, porque a pergunta, ela precisa de uma resposta exata, de acordo com uma hipótese que concorde, mas quando você abre espaço para conversar com ele você está abrindo uma república pra conversar com essa rapaziada.

Eles vão começar a entender que eu não sou a mesa quente nem a tabula quadrada, eu não sou. Eu quero simplesmente que eles continuem dentro desse universo, porque eu sou um ponto de referência pra eles, se eles me procurarem eu vou estar aqui pra estar

ajudando, não somente ensinando, mas eu estou o ajudando e amanhã ele vai ajudar outras pessoas também.

Pode até passar por um processo hereditário, então ele vai ficar com você. Essas crianças que você está trabalhando lá, quando te vêem, corre e pega nas suas pernas e te abraça, porque não pode te abraçar aqui em cima, te abraça aqui, nas tuas pernas. Entende? Isso é o que velho? Isso é um retorno ímpar. Isso é um retorno ímpar.

Então esse choque que vem acontecendo entre professores e estudantes, vamos tirar o aluno, professores e estudantes, é aquilo. Professor em cima, estudante embaixo. Capoeira não, Capoeira é a colcha desse equilíbrio, é colcha desse equilíbrio. Por isso que é vadiagem, aí que está o termo vadiagem. Eu estou brincando com você, estou vadiando com você, eu estou participando do seu mundo dentro de um processo lúdico. Você está entendendo bem melhor o que está acontecendo do que o que eu quero ensinar.

Eu querer ensinar eu estou querendo impor. Eu querendo dividir eu estou querendo fazer o que? Ponderar. Estou dividindo com você, estou ponderando. Então ela educa em todos os sentidos. A Capoeira educa em todos os sentidos. Em todos os sentidos, seja no social, seja no cultural, até no econômico e financeiro a Capoeira tá educando. Hahahahaha.

Ver, ouvir e analisar

M. Góes: Rapaz, a gente tinha uma relação... e o tempo que eu passei na academia foi o tempo que, não foi somente uma academia de Capoeira não, foi academia pra vida mesmo sabe. Para você construir sua conduta, como você se conduzir nos locais que você chegar. Porque meu pai dizia sempre o seguinte: *“Em vez de entrar, antes, primeiro, você veja onde você vai. Em vez de chegar e ir entrando. Antes, você vê onde você vai.”* É o exemplo da roda de Capoeira. Você chega na roda, você chegou na roda. Você está na roda. A roda é de Capoeira. Mas você não é capoeirista. Você não vai chegar e pegar um berimbau só porque você gosta de tocar. Você está o tempo todo com o berimbau na academia. Não é porque você gosta de jogar... você vai entrar na roda e vai ó... (junta as mãos e sacode) não tá fingindo não. Você está ali ó, é isso aqui ó, de braço cruzado e a mão no queixo, olhando tudo o que está a sua volta e o que está acontecendo na roda.

Desobedecer não é só dizer não

M. Góes: Agora, bota linha de cintura⁹⁴ é dentro. E é dentro uma Capoeira positiva. É bobeou, cai. Tá errado? Não. Correto. Agora, ele não disse que tem que pegar, que tem que derrubar de cabeça, que tem que fazer... não tem que nada. Tem que jogar, tem que vadiar, tem que jogar. Tá errado? Não. Mas tem uns falando assim, meu mestre falou que Capoeira é para homem, e se é para homem pronto... daqui a pouco chega um cara cantando: Capoeira é para homem, menino e mulher. E aí? Foi o Bimba que falou isso? Então tem essas controvérsias, que te leva a desobediência, mas porque que falou isso? Porque teve alguém que obedeceu. Mas eu não vou obedecer não. Ele é desobediente? Não. Clareza.

Eu vou obedecer porquê de uma hora pra outra, alguém vai se dar mal. Quem? Eu. Quando você fala em desobedecer, não é somente

⁹⁴ Refere-se a um dos cortes do jogo da Capoeira na linhagem de Mestre Gato Preto, jogo na linha de cintura, jogo de São Bento Grande.

dizer não que está desobedecendo. Porque há o não positivo. Vamos buscar a positividade onde está desse seu não. Mas, é um não que você está se eximindo de praticar aquela ação. Mas chega uma hora que você diz: “Pô velho, eu me eximi naquele momento, mas seria melhor se eu tivesse feito. Ó... é arrependimento? Não. Você vai se preparar pra próxima. Mas você não vai de cabeça quente. Então quando o cara diz, eu sou eu. Você é você. E você quem é? Eu não sou você. Só isso, a resposta é essa, eu não sou você. A gente não pode ser o outro nunca. Mas a gente pode se entender. Aí sim, aí estão na vadiagem. Porque o diálogo é silencioso, mas você entende. Agora tem que tá preparado para esse entendimento. Você vai vadiar com um camarado é uma coisa, vai vadiar com o Mestre, mudou. Qualquer outro que você vai vadiar, cada um é um. Essa é a realidade da vida. E isso que a gente tem que colocar no cotidiano. Pra que não tenha os embates, as desclassificações, aquele que diz que se vier jogar comigo vou eliminar logo. Vou criar situação. Já é premeditada.

Fundamento do jogo

M. Góes: Educa como? Vamos ser silenciosos. Fazemos de conta que estamos jogando. O tempo está moroso. O tempo está lento. Está um tempo de estudo do jogo, como a gente pratica, está num momento de estudo do jogo, está um estudando o outro, escutando bem o que tá sendo cantado e se o berimbau está bem tocado... bom, o que é que eu vou omitir nesse jogo? Nessa brincadeira, nessa vadiagem... o que é que eu vou omitir? O que é que eu vou colocar em prática? Qual é o fator que é preponderante? Visualização, jeito, formação (gingando sentado), as informações da linha do gingado, quando sobe, quando desce, quando vai, quando volta, quando fingiu, quando não fingiu, quando veio, quando disse que não veio mas está chegando. Isso é uma conversação. Isso é um diálogo.

Agora, quando eu estou fazendo toda a atenção em você, será que eu estou fazendo toda a atenção em mim? Ou será que eu já me dispersei e estou tão somente fazendo a atenção em você? Eu tenho que prestar a atenção em mim e em você também. Então eu divido as atenções. Divido as minhas atenções com o seu fazer e com o meu receber. Já que é uma espécie de contenda. Pergunta e resposta. Eu nunca... ou nem sempre eu respondo perguntando. Mas uma vez ou outra eu nem respondo, PÁ, eu pergunto também. Você está entendendo as controvérsias que tem, que são normais, pra vida?

Tem coisa que você não responde sabendo a resposta. E tem coisas que você nem sabe a resposta, mas dá uma qualquer porque você tem que responder. Aí é que está esse fator que você está falando. Como que eu vou respeitar isso? Como que eu vou buscar o entendimento para lidar com isso? Com você é de uma forma, com o Mestre é outra, comigo é outra. A vida. E quando o cara sai dessa diversidade, o cara vai sair não, vai sempre interagir com ela, a brincadeira do jogo. Então é na interação que a gente vai entender bem o que o outro quer dizer. Estou de volta no jogo.

O que, que o outro quer dizer? Você fingiu aqui, qualquer repentezinho que você dá já estou aguçando meu reflexo, porque eu não sei o que vem de lá pra cá. E como eu vou responder? Como eu dou uma resposta se eu não sei a pergunta qual que é? É justamente nesse processo aí que precisa da habilidade, da sensibilidade e da energização, pra você se energizar e estar ali ligado, ligado... ligado,

ligado, ligado, ligado, ligado... sem tirar os olhos dos olhos. Aí sim, é a conversa franca.

Mas agora os caras tão ligando como velho? Como é que os caras tão ligando? Ninguém nem ginga praticamente mais. É vu-va-vu-va-vu-va-vu-va-vu ufa cansou. Outro vem e tira. Não tem mais essa conversa. E a gente tem que continuar professando isso. Para na hora que você precisar do reflexo, você não pensar nele. Você simplesmente foi. Porque você não pensa na hora de você sair. Um pé que entra de uma hora pra outra e você... (paralisa) entre no chão velho, faça um buraco no chão aí e entre, se enterre e volte, é a sua defesa, mas não deixe pegar. Não vá contra, é sempre a favor. Você sabe disso. A meia lua sai aqui, você não vai sair pra cá, é negativa a saída.

É um pouco complicado, é um tanto complicado para as pessoas entrarem nesse circuito, é um pouco complicado. É por isso que ela está assim automática papapumdeguereguidampumpem. Porque são as pessoas se desvencilhando dessa demanda, como você vai brincar com o outro no escuro? Você está lidando com ele no escuro, vadiando com ele mas está no escuro. No escuro que você está, você não sabe o que é que vem de lá. Então como você vai estar, sobressaltado, contraído, com medo? Não, não, não. Se solte, simplesmente deixe, deixe, deixe sua ... te levar. Agora quando você parte pra intuição, entra em outra dimensão. Você parte pra intuição entra em outra dimensão. É vasto, por isso que eu falei que é uma conversa.

Educação escolar e educação capoeirana

Como eu vou me sentir livre se eu estou preso a um aprendizado que não me edifica. Onde é que eu vou me livrar? Quando eu vou conseguir me livrar dessa corrente? Eu estou preso a um aprendizado que não me edifica. O que eu faço com esse aprendizado? Abomino ele. Então eu vou dizer assim, é... eu queria tanto, eu queria tanto, só que tem uma coisa que eu não consigo obter a resposta. Será que a culpa é de quem está me passando os ensinamentos ou é eu que não estou conseguindo entender. E para parametrar isso é muito difícil.

E tem pessoas que desistem logo. Tem pessoas que são tão alvoroçadas, que desistem logo. Eu comecei a aprender mas não dá mais não, vou parar por aqui. Mas lá na frente chega um "vírus" que diz assim, volta lá. Veja se você consegue obter a leitura daquilo que você não conseguiu antes. Ela volta. Em vez de vir para praticar, técnica, teoria e didática, ele vem pra prática. Aí diz assim, eu me enganei. O que que aconteceu que eu voltei a praticar isso? O que que aconteceu? Foi o tempo que precisou. Foi o tempo que precisou, a saudade que deu, a vontade que não morreu, foi o espírito que esta energizado com aquilo. Aí você diz assim, o que foi que aconteceu que você está voltando? Não sabe te dizer. Vai ficar sem a resposta. Mas ele vai te mostrar que ele está mais contundente, está mais interessado e esse interesse se deu por causa da pausa que ele teve. Tempo de se dizer "Ó, isso vai te fazer bem, vai nos fazer bem. Você precisar estar. Você está perdendo, volta lá." E fica assim fustigando. Chega um momento que ele não aguenta. Aí te encontra na rua. Pô Mestre, é eu estava lá e tal... aconteceu com você isso velho. Já aconteceu. Com todos nós acontece isso, é normal. Só que a gente não quer assumir esse processo identitário. Isso se identifica comigo porque? Porque está em mim. É só, é fácil. É muito fácil.

Eu não estou jogando Capoeira já a mais de quinze anos que eu não estou jogando Capoeira. Peguei para fazer uma brincadeira assim rápida foi com Mestre Adó lá em Santo Amaro. Mas velho, quando eu vejo vocês jogando, eu jogo junto. Posso estar tocando berimbau, posso estar cantando, posso estar tocando pandeiro, eu estou presente, eu jogo junto. E depois, quando eu saio, eu levo todos os jogos na cabeça. Está aqui assim ó, está tudo rolando aqui em cima. Então é um meio que não é meu, mas me pertence. Por que eu pertenço a esse meio. Então esse sentimento de pertença é que a rapaziada tem que ter. Precisa do sentimento de pertença. Eu pertenço a isso, não que isso me pertença, mas eu pertenço a isso. Como que eu pertenço a isso? Ah, quando eu escuto alguém tocar, quando eu escuto alguém cantar...

Não é somente quando você escuta, você está ouvindo isso periodicamente todos os dias, você está aí e de uma hora pra outra (um estalo) de uma hora pra outra (outro estalo) você se lembra daquela roda, você se lembra daquilo, porque está aqui velho, está tudo rolando aqui, está tudo em provisão aqui em cima, então você se ausenta, entre aspas, mas tá presente em você. Você volta. A mesma coisa o candomblé, a mesma coisa o samba de roda, a mesma coisa o maculelê, tudo o que você... tudo o que está na sua ancestralidade velho, tá presente em você. É você que finge. Um excelente ator...

“Não, não estou mais vadiando não, não estou mais jogando não, não estou mais brincando não, já faz tempo que não entro numa roda.” Você tá na roda o tempo todo. Você só fala aqui, mas aqui em cima é que tá o segredo. Então, como que eu vou contribuir de maneira *suigeneris* para educar? Só se eu tiver... vamos lá? Vamos pro eixo? Só se eu tiver tido, obtido, uma educação dentro disso. Aí eu tenho a capacidade de dizer, eu sou capaz de educar uma pessoa com Capoeira. Se você não tiver obtido isso, aí velho você vai começar tudo de novo. Porque se não Pinguim não estava aí desse jeito educado, você não estaria desse jeito educado. Quando é que você entra numa roda? Todos os dias? Toda hora? Toda semana? Não. E nem em todo lugar.

Mesmo com a intuição, com a vontade de estar, você consegue driblar essa situação. Agora, você tem um monte de moleques, sete, oito, dez anos de idade. Pô velho, é mais difícil você lidar com adulto, do que você lidar com a criança. Porque o que a criança pede? A criança está no seu mundo egocêntrico. Então você quer o melhor pra elas, claro, até porque você quer o melhor pra si mesmo. Mas esse melhor não chega nelas como o que você quer melhor, se não chega nelas como uma imposição de ensinamento.

Algumas vão dizer, ah eu não quero fazer não. Outra fala, eu vou fazer mas eu não sei. Então quanto mais você chega nelas cum processo lúdico, num processo de ludicidade...você brinca assim, o lelê você é feio... ela canta, mas depois você pergunta pra ela, quem é feio? Ah, o senhor que cantou assim. Porque você não direcionou o canto pra uma. Mas ela quer brincar com aquela outra, então fala que ele que é feio. Aí você pergunta porque ele é feio? Ah o senhor cantou assim você que sabe. Te joga numa fogueira arretada. Hahahaha. Entendeu é uma brincadeira lúdica de uma hora pra outra vira bulling.

O que é que você cria? É a reflexão, a sensibilidade, de como lidar com essa rapaziada. Nesse chão de aprendizado. Que é o mais difícil de tudo velho, é o chão. É a base que o Pinguim fala o tempo todo. Bote o pezinho aqui, tire daqui, bote aqui. Agora o outro, tire daqui bote

aqui. Agora o outro, tire daqui bote aqui. Agora o outro, tire daqui bote aqui. Abriu as pernas, é para ficar com as pernas fechadas, “Ah eu entendi professor, entendi.” Mas continua fazendo a mesma coisa. É pirraça? Não. A coordenação motora não chegou nele ainda.

Então, ele vai entrando no seu ensinamento do jeito que ele está absorvendo. E quando você diz, o pé está errado. Ele diz, o que é que está certo? Aí te joga pro buraco de novo. É um negócio, não é que seja complicado. É você ter, não só a experiência, mas ter a perspicácia. A perspicácia de você chegar e dizer pra você mesmo, eu estou educando o pessoal, mas eu quero ensinar educadamente.

Educadamente? Educando a mente. Eu quero ensinar assim, mas como é que eu faço isso? Você começa a se perguntar, como é que eu faço isso, será que eles vão aderir? Será que eles vão conseguir? Será que eles vão entender? Será que eles vão entrar? Será que eles vão pensar comigo? Se eu estivesse ensinando Capoeira, eu estaria com um mundo inteiro. Eu estaria com ela com um mundo inteiro. Dentro de todos os universos eu estaria com a Capoeira. Todos os universos. Partindo lá do ancestral, da ancestralidade das pessoas, partindo desse sentimento de pertença, tal tal tal tal, partindo daí.

Estaria trabalhando desse jeito porque, eu já construí muita experiência nesse sentido. De fazer essa abrangência, de fazer... você vai começar hoje, amanhã vou te dar uma beriba⁹⁵. Mas ele só tem oito anos... amanhã eu vou sentar com ele e vou falar sobre a beriba, foi o que eu fiz com uma criança aqui, filho de uma aluna, saiu daqui louquinho comigo, velho. Se picou pra casa, chegou em casa e contou tudo todos os detalhes do que eu fiz com ele aqui ele contou pro irmão em casa velho. Ele viu eu bater o couro, para botar a coroa, lixou a cabaça, eu cortei a cabaça explicando pra ele e tal. Ou seja, eu abri um espaço pra ele que ele jamais imaginou que seria aberto.

E isso fica aqui, velho. (Na cabeça) Vai travar aqui em cima que não vai sair de jeito nenhum da cabeça dele. Amanhã, eu vou perguntar pra ele: Menino, o que foi que você fez quando você veio fazer o berimbau comigo? Você fez isso, isso, isso, e isso. Eu só não fiz isso, isso, isso e aquilo. Esse que você não fez, você vai fazer ainda. Vamos levar com o tempo. Eu ensinando e ele absorvendo o ensinamento, ele está pura e simplesmente construindo o saber. Está construindo um saber, uma experiência.

Amanhã, chega você e pergunta: “Menino, você sabe fazer um berimbau?” E ele: “Ah, eu não sei não mas eu fiz um lá com o Mestre Hugo.” Ó: “Eu não sei não mas eu fiz um lá com o Mestre Hugo...” ele quer saber como é que você faz. Aí se você começa a fazer com ele, se você faz algo diferente, que não está errado, aí ele vai dizer: “Ah, mas com o Mestre Hugo eu fiz diferente.” Já é a consciência que ele já construiu.

Então, é isso o que resulta o educar a mente, educar. Ele vai educar a mente nas descobertas. Porque está nesse processo de descobrir. E você está contribuindo pra ele poder descobrir. Mas chego eu, chega o Pinguim com algo diferente, ele não conhece ainda essa diversidade. Existe essa diversidade de ensinamento porque é muito amplo. Aí, cada qual pega e coloca do seu jeito, quando chega ele e diz: “Eu estou ficando doido já, o mestre falou uma coisa, o Marcio falou outra, o Pinguim chegou e falou outra, e o que é que eu faço? Eu quero aprender, mas eu não estou conseguindo.” E aí o que a gente

⁹⁵Madeira utilizada para a confecção do berimbau.

faz? Como é que a gente desmistifica isso? É simplesmente informando que a diversidade é bem ampla, que tem outras pessoas que fazem diferente mas o resultado vai dar no mesmo. Que não está errado.

Se ele pegar as primeiras informações, está construindo a base, ele pergunta se ele pode incluir aquilo ou aquilo outro. Se na hora de colocar o arame, que tipo de arame ele vai colocar, aí ele tem a ideia de que ele pode colocar outros tipos, que não tá errado. Que ele pode colocar outra cabaça, que não está errado. Que ele pode pegar a envergadura, mais dura ou mais mole que não está errado. Nada está errado, ele tem que entender isso. Quando ele começar a entender isso, aí ele vai dizer: “Ah então eu vou criar o meu. Daqui a pouco ele aparece com um berimbau. Com é que você fez isso aí? Não tenho como explicar, eu só sei que tá pronto. Hahahaha então educa sim. Educa.

Se você teve um aprendizado direcionado, velho. Não tem quem vai tirar isso de você. Que a sua edificação está. Agora se o cara chega e diz assim: eu sou aluno de fulano, e fulano ensina desse jeito, eu aprendi desse jeito e acho que tá certo. Quebrou tudo, porque você nunca mais vai conseguir desdobrar isso. Deixa ele assim, ele quer ficar assim, deixa ele lá. Agora, tem exemplos que você vai dar que ele vai pensar: “Ah espera lá... mas e esse aqui? E esse aqui? Vai balançar a edificação dele. Mas começando a se moldar. Aí é a tomada de consciência do ser, próprio na Capoeira, velho. Do ser próprio.

Porque ele vai dizer assim: “Agora eu tenho mais chances de me reedificar. Estou aprendendo outras coisas, que eu não aprendi antes, e ninguém me deu esses exemplos.” Aí ele vai absorvendo, mas o que está na base fica lá. Tá registrado lá. E ele não vai fingir: “Isso aqui foi umas coisas que eu aprendi com o Márcio, a uns vinte anos atrás...” Que eu aprendi (estalo). Porque ele aprendeu? Porque caiu no jeito dele. O que não cai no nosso jeito a gente joga fora, só lembra que existe.

Então, aí está esse processo de e-du-ca-da-men-te, educando a mente, você ver, assimilar e se adequar aquilo. Se você ver e não assimilar, você não vai se adequar, e quando você se adequa, é do seu jeito. De qualquer forma essa é uma das linhas que você pode, não alienar, nem sistematizar, mas você pode sim passar a informação para que sirva de edificação pra pessoa e se ela acolher você sabe que será o Mestre para o resto da vida. Você pode falecer. Pode falar todo mundo aí mas, o meu Mestre foi aquele cara lá. Isso eu falo do meu pai.

Eu aprendo com você, eu aprendo com o Pinguim eu aprendo com todo mundo. Porque a gente tem que estar aberto para o aprendizado. Mas o meu Mestre é aquele que está dormindo na eternidade. Por isso que eu fiz a minha cantiga:

La ilê, lá lá lá lá ilê
La ilê, lá lá ilê yá

O mestre sempre dizia,
Vá com calma menino
Pra quê tanta agonia?
Eu também tô aprendendo...

Foi assim, foi pensando nele... bateu assim na cabeça que (estalo) eu fiz aquilo lá... do jeito que ele cantava. E isso virou assim o meu mantra. Tem hora que bate assim na cabeça e as lágrimas escorrem. Não é brincadeira não. Porque me arremete, a tudo isso. Todos esses exemplos. Ele dizia: “Rapaz, se você não está bem pra ir pra academia, pelo amor de Deus, entenda que a academia está lá. É física, está em pé lá. Também não saia para lugar nenhum, fica em casa.” Também, não sai para lugar nenhum, ponto. Eu ficava em casa, velho. Quando ele voltava, ele perguntava pra mim assim ó: “E ai Hugo, você saiu?” Mas não a título de cobrar se eu tivesse saído. Somente para dizer: “Olha, eu não esqueci que você disse que não estava legal pra ir pra academia, mas ia ficar em casa. Você saiu?” – “Não não, não, não fui pra lugar nenhum não.” Você vê como educa, velho? Não é cobrar, não é impor, é você dividir. “Eu fui pensando em você que você não estava com vontade de ir pra academia, alguma coisa estava acontecendo com você, você também não me falou o que que era. Mas eu acreditei.” Aí sim, começa a construir uma confiabilidade. E por aí vai, educa sim. Tem uns pontos que são cruciais, coisas que são cruciais. É o lidar e se dar com aquilo. Eu lido com você mas eu me dou com aquilo que a gente lida. A gente interage. Eu não sou o cara (estalo). Porque a baixo de mim não tem ninguém. Tem. Tem sim. Eu mesmo. A baixo de mim só eu mesmo. Porque eu não vejo ninguém a baixo de mim, só eu mesmo. Na hora que eu estou fuuu... com o Pinguim fala fuuuuu fú... (suspirando forte e assoprando como quem põe as agonias pra fora) eu estou pra baixo, mas eu estou comigo mesmo. O que a gente precisa muito professorar, manter, nos nossos ditos, “ensinamentos”, é aquilo o que a gente vem refletindo de cá, não é o que a gente vai mandar pra lá não, é o que a gente vem refletindo de cá. Aí sim, eu te encontro, a gente tem um papo gostoso desses, conversa legal, não estou falando somente sobre mim, estou falando sobre Capoeira e seu universo, nós estamos falando sobre isso.

4.5.1. Desobediência e educação Capoeirana

A capoeira exige certo misticismo, lealdade com os companheiros de “jogo” e obediência absoluta às regras que o presidem.
– PASTINHA, 1988, p. 25.

Pensando na relação entre Capoeira, desobediência e educação, é importante frisar que o conceito de obediência que os Mestres participantes da pesquisa trazem é o da escuta, da reciprocidade nos percursos de *ensinança* e *aprendença* ancestral. Está mais ligada às relações humanas interpessoais e comunais do que em relação a um sistema opressor ou contexto de opressão.

Isto posto, relembremos a fala de M. Góes: “*Capoeira ensina a obedecer. Capoeira ensina o interessado nela a obedecer a ela*” A mensagem que me chega é que a Capoeira en-sina a ser ouvida, ela nos toca. En-sina. Mostra o nosso próprio

caminho dentro desse universo. Um universo regido por uma complementaridade que não pode ser enquadrada nas gavetas das categorias positivistas. Obediência e desobediência são, portanto, complementares entre si, e entre outras relações que se estabelecem entre as pessoas.

Complementação está, desde sempre, presente e viva nas formas afro-ameríndias de ensinar e fazer-saber, e assim, na poesia filosófica da alma-força-palavra da Capoeira. Nessa levada, a matriz afro-ameríndia toma o conhecimento como força vital menos cerebrinas, abstratas e racionais, e mais materiais, corporais, vivas e relacionais. (VALE, 2012, p. 136).

O entendimento dos jeitos e trejeitos de se fazer essa escuta, da necessidade dessa obediência à Capoeira, requer uma prática diária. Através dessa prática, você apreende, absorve, incorpora as *ensinanças e aprendenças*. Ensinar, no sentido tradicionalista, diz respeito a doutrinar. Doutrinar são formas de enquadrar o aluno numa realidade que está dada. Diferente disso, o princípio da vadiagem, no jogo da Capoeira – que é o de jogar com e não contra –, moram as infinitas possibilidades de se pensar uma ideia de educação capoeirana, sem a necessidade de emprestar teorias exteriores a ela e que parta dos fundamentos peculiares da Capoeira, como sugere Vale (2012):

Esta feição *comunitária, coletiva e afetual-naturalista afro-ameríndia* nos abre caminhos para perceber uma *partilha capoeira* de conhecimentos, concebendo pessoas-capoeiras, famílias-capoeiras, linhagens-capoeiras e palavras-capoeiras. Em intimidade profunda e misteriosa com a ancestralidade, com o tempo-espço circular e com a matéria. Neste traço não oligárquico, não individualista e não contratualista podemos perceber a priorização às forças vitais - da saúde e alegria de viver. Primeiramente, com relação à Mãe-Capoeira e Mãe-terra, à ambiência, e somente depois, às pessoas, começando pelas anciãs e anciãos, crianças e adolescentes, e por último, os adultos. (VALE, 2012, p. 47).

Quanto a isso, Mestre Góes nos apresenta esse conceito de obediência como uma escuta, e contragolpeia o entendimento do senso comum e uma larga produção de conhecimento branco-ocidental, tanto entre os que defendem, quanto os que atacam a obediência no sentido de submissão. M. Góes defende que a obediência é uma tomada de consciência em vias do reconhecimento da sua identidade. É fazer atenção às suas origens. Com isso, ele enfatiza uma concepção de educação capoeirana em que o dividir conhecimento é diferente de ensinar, em seu sentido

tradicional. Ou seja, o conceito escolar tradicionalista é aquele doutrinário, impositivo. Já numa visão capoeirana, os velhos Mestres propunham e dividiam seus conhecimentos com os discípulos sem necessariamente teorizar ou verbalizar. Segundo Sodré (2002),

Ele criava as condições de aprendizagem formando a roda de Capoeira e assistindo a ela. Era um processo sem qualquer intelectualização, como no zen, em que se buscava um reflexo corporal, comandado não pelo cérebro, mas por alguma coisa resultante da sua integração com o corpo. (SODRÉ, 2002, p. 38).

Durante uma das várias conversas que tivemos, eu contei ao Mestre que, trabalhando na educação infantil, fui orientado a chamar a atenção das crianças. Um dia, levei o berimbau para a sala. Entre uma atividade e outra, elas começaram a correr de um lado para o outro e gritar. Peguei o berimbau que estava escondido e comecei a tocar. Todos prestaram atenção. Várias vezes fui criticado por ter alunos barulhentos. O curioso é que, nas salas dos alunos “comportados” – ou melhor, “dominados” –, são as professoras que gritam.

Apontamos no *ser angoleiro* e no acreditar na Capoeira Angola um campo propício ao entendimento do um novo saber educativo, e que se distingue dos modelos oficiais, sobretudo porque unem num mesmo processo de conhecimento a ser desenvolvido e preservado, educador (Mestre) e educador (discípulo) numa cumplicidade de vida. Isto orienta a nossa aproximação do que simplesmente denominam “filosofia de vida”. (ARAÚJO, 2004, p. 25).

O que é chamar a atenção na escola? Geralmente é gritar, dar bronca, brigar. Se o objetivo é chamar a atenção, ou seja, tirar a atenção de um foco para outro, a música pode ser uma ótima opção, pois provoca um deslocamento das atenções sem agredir ninguém, preenche o ambiente, passa a fazer parte de todo o ambiente e de todo o contexto. A criança deixa de prestar a atenção no que quer que seja que está fazendo ou deixando de fazer, pois recebe um chamado e passa a se atentar à música. A música vai chamá-la para o centro das suas atenções e vai trazer equilíbrio para o ambiente. O importante é curtir a música nesse momento, que seja verdadeiro e não apenas uma forma de enganar a criança para que o professor possa falar o que quer.

Nesse sentido, a *força-alma-voz* do Gunga, *cavucando* a carne e constituindo pessoas e famílias, permite tomarmos a “música, como

exemplar obra de arte que nos atesta sua inconclusão enquanto *arte em obra*, contínua abertura muito próxima da própria construção da *pessoa*.” Desse modo, podemos dizer que, num materialismo afro-ameríndio, a *filosofia de vida capoeira* concebe que “a arte é um prolongamento da vida por estar impregnada por uma vida que lhe é própria”. (BALOGUM, 1997 *apud* VALE, 2012, p. 355).

Outra característica do en-sinar capoeirano é a presença do silêncio. O silêncio é aquele do momento da escuta, da observação e da reflexão. O silêncio muito diz. E também en-sina. Por exemplo, Mestre Gato não corrigia, ele indicava que tinha algo que não estava legal e que precisava ser revisto, repensado, reconstruído. Resguardando segredos, instigando a busca por conhecimento nos interstícios do mistério e da elucidação.

Neste sentido material de ancestralidade que cria, protege, alimenta e orienta nesta ginga de revelar e esconder mistérios que percebemos os sentidos da Capoeira como uma força material afro-ameríndia visceralmente ligada à ancestralidade. E nesta víscera que pulsa, percebemos a vida artista desta filosofia ancestral que em-sina na poesia do silêncio, das metáforas, da dança, da rima e da prosa poética. (VALE, 2012, p. 86).

A conversa é outra forma de chamada de atenção quando ela passa a ser uma prática cotidiana e não um momento de dar sermão. Quando há o hábito de conversar, você entra no jogo da vadiação, da brincadeira, e no jogo você não precisa dar a resposta imediata. Faz parte do jogo esperar um momento oportuno para que a partilha seja mais significativa, mais positiva. Conversa franca, elucidativa, acolhedora, en-sinante, como as prosas comunais cotidianas, como no tempo dos ancestrais:

Mestre Góes: O meu avô, ou os nossos avós, de duas etnias, **negra** e **indígena**, um dizia pro outro: “- *A gente não sabe como é que a gente se entende. A gente cunvelsa*” - como eles mesmos falavam, não era conversa, era *cunvelsa* – “- *A gente fica olhando um pro outro, escutando o outro falar, como que diz: eu num tô entendendo nada.*” Mas estavam entendendo tudo! E nunca dizia: “- *Pare de falar disso!*”. Nunca estava enjoado daquilo, quer dizer: “- *Ele sempre falava, ele sempre falava, ele sempre falava, ele sempre falava e eu sempre escutava, eu sempre escutava, eu sempre escutava, eu sempre escutava e nada dizia.*” De onde veio isso? Das senzalas. (...) E agora a gente fugiu deles e a gente tem a nossa casa ali. Então, aqui a gente pode dizer tudo! A gente pode fazer tudo! A gente pode saltar, a gente

pode sapatear, [suspira] a gente pode fazer tudo! Porque o corpo do *capoeira* é formado de todas essas artimanhas.⁹⁶

Era conversando que Mestre Gato Preto partilhava seus conhecimentos, como quando dizia: *“quando não tem o que fazer, não faça nada. Pare e analise em silêncio”*. Estas sábias palavras são uma chamada de atenção para a consciência dos atos. Pois, se não há, de fato, algo de necessário, importante, significativo e verdadeiro para fazer, é melhor não fazer nada. É melhor o exercício da reflexão, do pensamento, da meditação.

As artimanhas da Capoeira “amansam burro brabo”. Muitos valentões não sabiam direcionar sua ânsia de liberdade. Essa ânsia se tornava uma revolta sem direcionamento que, às vezes, se voltava contra a própria comunidade. Brigavam em vão. A Capoeira, através do princípio da vadiagem, mostrou que a valentia dava mais prejuízo do que benefício. Que a esquivada é mais defensiva do que o bloqueio de um golpe. Que o gingado é mais estável que a base fixa, pois um é flexível e o outro pode ser quebrado conforme a brutalidade da própria rigidez.

Assim, na relação com os alunos considerados “problemáticos”, “rebeldes”, “terríveis” ou “desobedientes”, a orientação é que não se deve tratá-lo como se fosse a encarnação dos seus erros. Chamar um aprendente disso ou daquilo é reforçar em sua autoestima seus aspectos negativos, ou seja, o estigma de uma pessoa que não tem qualidades, apenas defeitos. Por isso, Mestre Góes orienta, *“Converse sobre tudo menos sobre o erro dele”*.

Por sua vez, Mestre Pinguim sugere que, com a “rebeldia” dos alunos, podemos aprender sobre a sobrevivência. Ele parte do princípio de que a Capoeira é uma ânsia. Uma ânsia braba, que busca horizontes. E que, contudo, precisa ser educada. Como uma pedra bruta de diamante que precisa ser lapidada. Não se trata de *“podar a planta em crescimento”*, como rezavam as cartilhas da educação tradicionalista, mas de encontrar no âmago do aprendente o que há de melhor, mais belo e rico nele, seu próprio brilho.

Por isso, esse Mestre afirma que *“as instituições brasileiras não querem Capoeira nas escolas. Porque te faz pensar. E quando você pensa, você tem condições melhores de melhorar suas condições.”* Neste sentido que Capoeira é

⁹⁶ Trecho da transcrição da entrevista com Mestre Gato Góes, realizada no ano de 2009, durante as pesquisas no *Projeto Beabá do Berimbau*. O depoimento do mestre foi colhido e registrado por Marciano Ventura na cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia. (VALE, 2012, p.140).

pedagogia. Semelhante ao posicionamento de Freire (1967), a Capoeira apresenta uma pedagogia que se mostra como uma práxis da liberdade e que apresenta recursos aos aprendentes para transformar a sua realidade.

Por outro lado, lembramos que houve um movimento de escolarização da Capoeira, moldando-a ao viés de uma educação autoritária, militarista, no campo da educação física escolar, em prol de uma disciplina de docilização dos corpos. Ou, como é mais comum, uma educação para a cidadania. Jargão generalizado no campo da educação. Observamos, nisso, a insistente tentativa de utilitarização da arte, como se a mesma não tivesse suas funções peculiares. Capoeira para disciplina, capoeira para educar, capoeira para o esporte, capoeira para isso ou aquilo. Nesse sentido, reforçamos o entendimento de que Capoeira é filosofia de vida e pode trilhar caminhos diversos em campos diferentes de atuação. Por isso, seu caráter transversal. No entanto, nos preocupamos quando, ao adentrar em um destes campos, ela passa a ser tratada objetivamente como uma utilidade daquele campo, limitando-a e perdendo seus significados mais profundos.

Interessa-nos os aspectos educacionais da Capoeira, não como uma forma de fazer educação, mas como um estilo de vida que en-sina o tempo todo, das mais variadas maneiras, em diálogo permanente com a vida. Ela transforma o indivíduo, que passa a se enxergar como parte de uma coletividade comum. Ajuda as pessoas a encontrar seu centro de equilíbrio, para que as mesmas possam fazer escolhas e tomar decisões, a partir de uma autodeterminação consciente. E, em momentos críticos, não agir por impulso, de forma agressiva, que possa prejudicar a si e aos outros. Ou seja, o princípio da alteridade passa a ser condição fundamental para a tomada de uma decisão ética.

Devido a esses ensinamentos que não se encontram nas escolas – pelo menos, não do modo que a Capoeira originalmente os apresenta, em processos de ensinança e aprendizagem viscerais, corpóreos, intimistas, afetuais, comunalistas e matriais –, é primordialmente na vivência e prática da Capoeira, uma Capoeira não escolarizada, que isso se vive. Nesse sentido, Mestre Pinguim tem sugerido a reflexão sobre a “Ressocialização do adulto”. Trata-se da necessidade de estas pessoas, já formadas pela escola, família e meio social, reverem seus conceitos e reformulá-los sob os princípios filosóficos capoeiranos aqui apresentados.

Por isso, os Mestres enfatizam a necessidade do preparo do educador. Nesse caso, do Mestre de Capoeira, de modo a ter domínio desses princípios filosóficos.

Esse domínio se refere ao domínio de si mesmo, das suas impulsões, a auto chamada de atenção e de consciência constante, para a manutenção do equilíbrio pessoal. Essa personalidade diz respeito às questões que não podem ser relegadas ao coletivo. Afinal, “na roda de Capoeira só entram dois”: você e a outra pessoa que irá confrontá-lo.

A coletividade da roda, por sua vez, está presente com a musicalidade e cantoria, emanando axé de encorajamento e apoio a ambos os jogadores. Ela também pode emanar o contrário, para testar a capacidade de cada um de gingar com os desafios, adversidades e suas próprias limitações. Assim, em momentos críticos, como numa rasteira recebida, somente a pessoa que caiu pode levantar, ainda que em um jogo limpo de camaradagem o parceiro de jogo se disponha a dar-lhe a mão. O esforço para firmar as pernas e continuar gingando com consciência é de quem foi ao chão.

Esse gingar com consciência, na vadiagem do com-fronto – ou seja, dos corpos que se encaram de frente –, evita o conflito, o embate e sobretudo a agressividade destrutiva. Afinal, “*A agressividade é sinônimo de covardia*”. Valoriza-se a sapiência do equilíbrio emocional e mental, que se expressam na corporeidade e que não estão de forma alguma separados dela. Esse com-frontar também se dá no cotidiano das relações humanas e no campo das ideias. São confrontantes os questionamentos “inocentes” dos iniciantes. Deles aparecem, muitas vezes, questionamentos inesperados, de modo que o Mestre, ainda que resguarde alguns segredos, jamais deixará de compartilhar seus saberes.

Nesse sentido, M. Góes sugere que convide o aprendente para o diálogo – segundo ele, é mais interessante que a resposta exata conforme a questão posta. Uma resposta precisa pode limitar ou não a aprendizagem. Já a conversa, expande a questão inicial para outros questionamentos e as elucidações são construídas dialogicamente, em conjunto.

Ensinar, em sua acepção tradicionalista, soa aos Mestres como uma imposição. Dividir conhecimento é a ponderação entre o que se sabe e o que se busca aprender. É a partilha de alimento para a alma. É o princípio da brincadeira, da vadiagem. Onde não se joga contra, se joga com. Não se disputa habilidades, se troca conhecimento. Conhecimento necessário para a vida e não para a profissionalização e/ou especialização em um determinado campo de conhecimento. Conhecimento vivo

no corpo-alma-mente, que não se separa, que não se engaveta, que pulsa a vida criativa e a aprendizagem constante na busca dos mistérios que ela proporciona.

Mas não nos iludamos: a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista”. Na maioria das vezes é um “generalizador”. Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a “ciência das terras” (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a “ciência das águas”, a astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática. E quando falamos de ciências “iniciatórias” ou “ocultas”, termos que podem confundir o leitor racionalista, trata-se sempre, para a África tradicional, de uma ciência eminentemente prática que consiste em saber como entrar em relação apropriada com forças que sustentam o mundo visível e podem ser colocadas a serviço da vida. (HAMPATÉ BÁ, 1979, p. 176).

5. A SAGA DO CAPOEIRA NA UNIVERSIDADE, EM: REFLEXÕES DERRADEIRAS DE UM BOM MENINO

“A saga do Capoeira na universidade”
já foi escrita em outros momentos,
durante a graduação em pedagogia,
fizemos esse movimento
de escrever em literatura de cordel
academicamente nossos argumentos.

Parece até atrevimento,
mas é só busca por uma escrita
que melhor expresse nossas ideias
de modo que não fiquem restritas
ao linguajar e à norma culta
exigência academicista.

Este cordel capoeirista
de gosto dos velhos Mestres
floreia com as palavras ditas
como se faz lá no nordeste
é preciso licença poética
para escrever um texto deste.

E um trabalho como este
de pesquisa qualitativa⁹⁷
não se chega a conclusões
com respostas objetivas.
Prosseguiremos aqui e agora
numa ginga reflexiva.

⁹⁷BOGDAN (1994).

A Capoeira tem esquivas,
é um jogo de pergunta e resposta,
neste jogo que é uma conversa
procuramos ver o que não se mostra:
os segredos e as entrelinhas
é da Capoeira essa proposta.

E não deve ser imposta
o ensino desta ciência.⁹⁸
Nossos mestres foram enfáticos
explicaram com consciência
e nos ajudaram a refletir sobre:
Capoeira, educação e desobediência.

Apesar das aparências
a qual estamos acostumados,
o conceito de desobediência
que nos foi apresentado
pelos mestres da atualidade
tem outro significado.

Já havíamos pesquisado
e no dicionário diz assim:
Obediência é submissão.
Vem do grego, não do latim.
Não foi isso o que ensinaram
Mestre Góes e Mestre Pinguim.

⁹⁸ Numa passagem do livro **Feijoada no Paraíso**, o personagem Besouro diz: “O mestre reinava na **ciência** do ser vento quando não tinha vela, e também na de ser vela quando o mundo era do vento. Mas ninguém que ele assim não quisesse não via ele. Tio Alípio me ensinou”. (CARVALHO, 2002). Referimo-nos à Capoeira como ciência na mesma acepção de Hampaté Bá ao falar sobre a tradição oral africana. Ele diz que: “É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação de ofício, história, divertimento e recreação, e cada minúcia sempre pode ajudar a remontar à Unidade primordial”. (HAMPATÉ BÁ, 1979, p. 17).

A diferença aqui enfim
vai contra uma construção ocidental
Aristóteles e Platão diziam que
a obediência era algo natural⁹⁹,
como se uns nascessem para obedecer
e outros ocupar o *status* patronal.

Já no período medieval
um africano de mente colonizada
chamado Agostinho de Hipona,
com uma leitura aprofundada
em seus estudos platônicos e bíblicos
a defesa da obediência foi enfatizada.¹⁰⁰

Tomás de Aquino elaborava
sua filosofia em outra pegada.
Em estudos aristotélicos
suas ideias foram pensadas
e uma concepção de desobediência
era hierarquizada.¹⁰¹

⁹⁹ “Pertence também ao desígnio da natureza que comande quem pode, por sua inteligência, tudo prover e, pelo contrário, que obedeça quem não possa contribuir para a prosperidade comum a não ser pelo trabalho de seu corpo. Esta partilha é salutar para o senhor e para o escravo”. (ARISTÓTELES, 1991, p. 2); “Não é apenas necessário, mas também vantajoso que haja mando por um lado e obediência por outro; e todos os seres, desde o primeiro instante do nascimento, são, por assim dizer, marcados pela natureza, uns para comandar, outros para obedecer”. (ARISTÓTELES, 1991, p. 11).

¹⁰⁰ “Mas quando ordenas, algo insólito e imprevisto, mesmo que o tenhas proibido uma vez, mesmo que escondas por algumas razões do teu mandamento, mesmo que seja contra as convenções de alguns homens da sociedade, quem pode duvidar de que se há de obedecer, sendo que só é justa a sociedade humana que te obedece? Felizes dos que sabem o que tu ordenaste, porque os que te servem fazem tudo o que mandas, ou porque assim o exige o tempo presente, ou para preparar o futuro”. (AGOSTINHO, 1998, p. 253).

¹⁰¹ Nem toda desobediência constitui igualmente pecado, pois uma pode ser mais grave que outra, de dois modos. Primeiro, relativamente a quem manda, porque, embora todos devamos cuidar de obedecer aos nossos superiores, devemos obedecer antes a uma autoridade superior que a uma inferior; e a prova está em que devemos desobedecer à ordem do inferior quando contrária à do superior. Por onde e conseqüentemente, quanto maior for a autoridade do superior que nos manda, tanto mais grave será desobedecer-lhe. E assim, é mais grave desobedecer a Deus que ao homem. Segundo, relativamente ao que é mandado. Pois, quem manda, não quer que se lhe cumpram todas as ordens igualmente; quer mais o fim e o que lhe está mais próximo. Por onde, a desobediência será tanto mais grave quanto mais estiver na intenção de quem manda a ordem preterida. E quanto aos preceitos de Deus, é claro que quanto mais importante for a matéria sobre que eles versam, tanto mais grave será a desobediência. Porque, a vontade de Deus, tendo essencialmente por objeto o bem,

Esta filosofia que o clero estudava
durante a medieval idade,
foi contestada por iluministas
na era da modernidade
após a revolução francesa
que pregava a liberdade.

Não é bem essa a verdade
o discurso burguês é tendencioso
se por um lado derrubaram a nobreza,
por outro exploraram o povo.
Pois a intelectualidade da época
produziu um discurso perigoso.

Desfrutando do gozo
dos privilégios econômicos e sociais
um cara chamado Kant¹⁰²,
e outros intelectuais
produziram uma ideologia
que rege a política dos tempos atuais.

quanto melhor for um ato tanto mais Deus quer que ele seja praticado. Por onde, quem desobedecer ao mandamento de amor a Deus peca mais gravemente que quem desobedecer ao de amar ao próximo. (AQUINO, 2016, p. 239).

¹⁰² Kant (1974) foi um divisor de águas na cultura ocidental ao romper, em alguns aspectos, com o pensamento antigo grego e medieval cristão. Se, por um lado, Aristóteles defendia as virtualidades naturais, por outro, Kant vai defender o descolamento da natureza a partir da razão. Se por um lado Agostinho de Hipona e Tomas de Aquino vão defender a obediência a Deus, por outro, Kant vai defender a obediência à razão, ao dever da boa vontade. E que esta, por sua vez, deva ser o fundamento legislador das regras que todos devam obedecer, não por inclinação, ou desejo, mas por dever moral.

Tudo isso contraria nossas filosofias ancestrais¹⁰³.

A diferença está na concepção do conceito.

Obedecer, para nós, é ouvir, fazer a escuta
e para a Capoeira é um preceito.

Já que a oralidade é fundamental
para as partilhas de conhecimento.

Quanto a este ensinamento
somos meninos obedientes,
ouvimos as palavras sagradas
que os Mestres partilharam com a gente.
Para desconstruir essa epistemologia
que coloniza nossas mentes.

Este fundamento faz com que nos atente
aos processos educativos.
De ensinanças e aprendenças
do negro que não é mais cativo
buscando na afrocentricidade
o que nos é constitutivo.

Seremos mais explicativos:
fizemos uma busca descolonial
para nos libertarmos de conceitos
da ideologia colonialista-patronal.
Identificando termos originários
da tradição africana¹⁰⁴ ancestral.

¹⁰³ Ao desenvolver uma epistemologia descolonial baseada em conhecimentos originários de povos indígenas dos Andes, Mignolo (2008) faz uma crítica à colonialidade do pensamento ocidental: “A esse respeito, ela se desconecta e se afasta da universidade do Renascimento e da Kantiana-Humboldtiana que, direta ou indiretamente, contribuíram para a colonialidade do conhecimento e dos seres”. (MIGNOLO, 2008, p. 323).

¹⁰⁴ HAMPATÉ BÂ (1979).

Para isso foi fundamental
o desfrute da cosmovisão africanista
e/ou cosmovisão afro-ameríndia:
Matrilineal, comunal, afetiva e coletivista
não patriarcal, não oligárquica,
não individualista e não contratualista¹⁰⁵.

Entenda o ponto de vista
o fundamento vem da ancestralidade,
enraizado em processos iniciáticos
construindo a hereditariedade
que é a apreensão do legado cultural
pela vivência e oralidade.

A presença da religiosidade
no que se chama tradição africana,
está fundamentalmente associada
à força vital que emana
dos modos de ser, de viver, de aprender,
desde o passado à vida cotidiana.

Numa visão capoeirana
sobre seus modos de educação¹⁰⁶,
aprendemos que os mestres partilham
conhecimentos sem imposição.
A obediência, como escuta e atenção
é necessária para se aprender a lição.

¹⁰⁵ FERREIRA-SANTOS (2005).

¹⁰⁶ 'O Mestre não precisa estar dando explicação, o aluno vai aprendendo à medida do possível, ele vai (re)descobrir, a partir do aprendizado integrado, as diversas linguagens estéticas (teatro, dança, música, arte marcial, o lúdico e a poesia). A relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fossem segredo, com certo grau de intimidade'. (ABREU, 1998 *apud* COSTA JÚNIOR, 2004, p. 150).

Isto não é submissão
é um modo de educação ancestral.
Que faz a partilha de conhecimento
na vivência e na tradição oral.
Conhecimento que não se categoriza
eis o princípio da unidade primordial.

Numa relação temporal
onde o tempo não é linear,
é constitutivo de idas e vindas
num movimento circular
onde a novas gerações
para o passado devem olhar.

Este modo de estudar
buscando os aprendizados do passado
é para que não se repita erros
e se preserve o legado.
Nesse sentido o entendimento de morte
não quer dizer que está tudo acabado.

O ensinamento dos antepassados
vivem em nosso corpo/alma/mente.
Que não se separa na unidade primordial
se relaciona intergeracionalmente.
O que os antigos ensinaram
é estudado no presente.

Para se plantar uma semente
é preciso fertilizar a terra.
Na matrilinearidade africana
o princípio do patriarcado se encerra:
sua relação com a propriedade

e a obsessão em promover guerra.

Por isso a relação com a terra

é uma relação congênita.

Mãe África vive no peito

de toda a gente preta

no continente ou na diáspora

um elo que não se arrebenta.

Assim, uma escuta atenta,

princípio da obediência,

é necessária para compreender

os modos africanos de fazer ciência.

Onde zelamos por uma razão sensível

Na ampliação da consciência.

Não se pode julgar pela aparência.

É necessário vivenciar.

Mergulhar profundo na cultura

e para isso tem que aprender a nadar.

Esta aprendizagem gradual¹⁰⁷

é para o aprendente não se afogar.

Também é preciso respirar

sentindo as fragrâncias, os cheiros.

Tornando intenso o aprendizado,

que seja significativo verdadeiro.

Que nos tome de corpo/mente/alma

não em partes, por inteiro.

¹⁰⁷ “O tempo de revelação não é padronizado para todos os aprendizes; cada um tem o seu próprio momento. Cabe ao mestre, na sua sutileza, iniciar o aprendiz nos ensinamentos mais secretos. São formas legítimas oriundas da tradição africano-brasileira que não obedecem à lógica formalista da racionalidade do mundo eurocêntrico”. (JUNIOR, 2004, p. 151).

Os jeitos e trejeitos matreiros
dos mestres velhos ensinar
difere-se das pedagogias
que tudo querem explicar.
Para aprender Capoeira
é preciso praticar.

Significa que o filosofar¹⁰⁸
está intrínseco à prática.
A relação ensinaça/aprendença
é dinâmica e não estática.
Por isso não há formação
como numa visão escolástica.

É muito mais uma relação erótica
intimista, naturalista e afetual;
do que compromissos decretado
num modelo contratual.
Típicos da escolarização
conhecido por educação formal.

Entre o informal e o não-formal
tem sambado a educação popular,
que por não ser institucionalizada
há quem queira inferiorizar.
Não reconhecem que há formalidades
em seus preceitos no ato de en-sinar.

¹⁰⁸ “[...] valorizam tosa uma produção cultural constituída no universo da capoeira que consiste em respeitar o companheiro independente da idade, do sexo e do *ethos*, afirmam a importância de conhecer o ritual enquanto conhecimento transmitido pelos seus antecessores e de valorizar uma tradição cultural que produz uma certa identidade, enfatizando também a importância de aprender a manusear os instrumentos que compõem uma roda de capoeira, bem como os cânticos. Enfim, incorporar a capoeira enquanto filosofia de vida”. (JUNIOR, 2004, p. 80).

A cultura escolar
impregna o campo da educação.
Se põe como modelo hegemônico
e insiste numa tradicionalista concepção,
impositiva e bancária¹⁰⁹
embora progressista na documentação.

Provoca traumatização,
as crianças e adultos adoecem,
sem falar nas condições de trabalho
que muitas vezes só aparecem
para quem está no chão das escolas
sentindo no pele o que acontece.¹¹⁰

O que nos parece
É que se fala muito em autonomia,¹¹¹
mas não conseguem lidar
com as traquinagens e alegrias
da movimentação corporal
que as crianças expressam dia a dia.

¹⁰⁹ “Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores”. (FREIRE, 1996).

¹¹⁰ “Neste movimento, temos imagens dolentes de uma asfixia afro-ameríndia, de uma população sufocada pelo abraço triplo e apertadinho entre: o poder estatal de ordem militarizante; o moralismo cristão; e o racismo dos diagnósticos e prescrições científicas. De modo a manterem, juntos, a hegemonia do poder branco-patriarcal, submetendo mulheres, crianças e famílias a um processo escolarizatório insidioso e amordaçador”. (VALE, 2012, p. 65).

¹¹¹ “Deste modo, temos imagens do golpe aparelhado desta tríade racista e adultocêntrica quando ouvimos em profundidade aquele ‘adeus escola, meu mano’. Nessa entoada, recordamos do fato de que, embora os discursos institucionais e da legislação considerem as crianças enquanto ‘atores sociais’ e ‘sujeitos de direitos’, a visão de infância, como ainda propagada pela cultura escolar e pelo poder da orientação política das organizações multilaterais, ainda expressam a encrustada acepção dos Moralistas, da Psicologia e das Ciências Médicas. Acepção que localiza nas crianças e nas famílias a ‘falta’, a ‘carência’, a ‘incompletude’, que as toma como seres portadores dos germes da epidemia das patologias sociais que deveriam ser erradicadas. (VALE, 2012, p. 57).

E caem por terra as teorias
esquecem a produção da ciência.
Autonomia deixa de ser importante
e passa a ser a obediência.
Em seu sentido de submissão
que se aprende desde a infância.

Aí está a discordância¹¹²
dos jeitos e trejeitos capoeiranos,
que educa para a liberdade do corpo
sem ficar docilizando.
Nossa disciplina fortalece o espírito
e en-sina a ser livre, movimentando.

O movimento que estou falando
é da dinâmica das relações
entre ensinante e aprendente
em que as mediações
feitas pelos Mestres
têm suas próprias concepções.

Em meio a estas tensões
entre a teoria e a prática,
há também uma proposta
que na educação foi enfática:
A práxis é praticar a teoria
e fazer da teoria sua prática.¹¹³

¹¹² “E, nessas dores e cortes temos imagens do lamento matril afro-ameríndio sofrendo da predação patriarcal branco-ocidental com seus recalques escolarizatórios de insensibilizações de corpos e ambiências”. (VALE, 2012, p. 52).

¹¹³ “O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia dos homens em processo de permanente libertação”. (FREIRE, 1987, p. 41).

E a Capoeira que já tem suas táticas
muito a isso é semelhante.
Primeiro pratica, depois aprende,
nem sempre explicado pelo ensinante.
Os Mestres reservam segredo
que são revelados adiante.

Seus jeitos e trejeitos de ser,
zela por uma ordem e disciplina.
É pela ordem natural das coisas
e ser pleno se si, é o que se en-sina.
Num jeito afrocêntrico de conceber
a educação capoeirana que é nossa sina.

Assim os mestres nos fizeram ver
que o princípio da liberdade
deve ser encarado com ética
em respeito à alteridade.
Fazer a escuta do outro
sem individualistas vaidades.

Respeitar a senioridade
porque tudo na terra tem dono.
Não no sentido da propriedade
imposta pela visão do colono,
E sim no sentido de pertença
como as folhas pertencem ao outono¹¹⁴.

¹¹⁴ “**Tata Quejessi**: “Pelo fato de os ocidentais eurocêtricos terem uma noção de propriedade diferente da nossa, eles acham que podem comprar o que querem. E aí, se esquecem, ou não se dão conta, de que as coisas pertencem a alguém antes de ser uma pretensa propriedade privada. A matriz africana trabalha com essa lógica: a mata pertence a alguém, a algum vodum ou alguns voduns, aos caboclos... Se eu for entrar na mata eu devo respeito e reverência. Eu devo me valer da mata de forma a manter aquele ciclo em estado harmônico. A mesma coisa é sobre a terra, a água, o vento, as folhas, o orvalho, os mares, os oceanos... Se nós vivêssemos com a lógica de respeitar esse pertencimento esse mundo seria outro. Nossa! Que maravilha seria esse mundo! Mas essa lógica é muito complicada pra o eurocêntrico entender. Pra ele, só existe um dono, e o dono é o capital. E quem detém o capital se

E para não cair no sono
ouvimos os donos/donas da Capoeira.
O grito de lamento na senzala
e todas as lembranças derradeiras,
que trouxeram de mãe África na memória
e permitiu a criação dessa brincadeira.

Ela é uma vadiação arteira
com infinitas inspirações criativas.
Precisa escutar os Mestres e Mestras
que permanecem até hoje na ativa
e aqueles que já se foram da terra.
Obedecer é ouvir suas assertivas.

Esta é a noção educativa
que identificamos aqui neste estudo.
A obediência como escuta é recíproca
não é para infantilizar, deixar mudo.
É saber ter leitura de mundo
ouvir as vozes que estão em tudo.

É preciso perceber, contudo,
que aqui não se defende a submissão.
Capoeira é uma arte que nasceu
da ânsia por libertação.
Fortaleceu os negros nas senzalas
foi arma para fazer rebelião.

torna dono, mas só durante aquele tempo que ele tem o capital. Olha só que coisa terrível: o dono tem vida curta, o mando tem tempo estabelecido. O pertencimento não! Ele é eterno, transcende e transpassa as gerações, e quanto mais ancestral você fica mais maestria você tem naquilo. Isso é muito sério, não é como dinheiro que hoje você tem amanhã pode acabar.” Trecho da transcrição da conversa entre Elis, Márcio Folha e Pai Quejessi, realizada em 2011 no Sítio Quilombo Anastácia – Ilê Axé de Yansã, em Araras – interior de São Paulo”. (VALE, 2012, p. 88).

Pensando em educação
dentro ou fora da escola,
seria interessante os educadores
aprender com a capoeira angola,
o princípio da brincadeira, da vadiagem,
e a práxis que daí se desenrola.

A colonização que nos assola
deve sim ser combatida.
A questão está nos modos
que a liberdade será obtida.
Entre esquivas e enfrentamentos
a estratégia deve ser refletida.

É por o dedo na ferida
falar da colonização no Brasil.
Quem teve seus privilégios
e a opressão não sentiu,
diz que é mera choradeira
de quem a luta assumiu.

Cheio de pólvora está o barril
que é esse nosso país.
Lamento-guerra-festa andam junto
Assim como Vale (2012) nos diz.¹¹⁵
Para que a chama da vida não cesse
E traga esperança ao novo aprendiz.

¹¹⁵ “Aplicadas as esquivas numa ginga sorrateira, primamos aqui pela re-cursividade *lamento-guerra-festa*, caminhando juntinhas numa mesma passada, numa mesma carne”. (VALE, 2012, p. 162).

A filosofia capoeirana de africana matriz
nos diz que é muito bom vadiar,
quando a agressão é eminente
é melhor se esquivar.
Mas se apertar o capoeira
ele vai se esparramar.

Obedecer não é ter que concordar.
É ouvir para entender,
absorver as informações,
refletir e pensar no que fazer.
A tempo de se esquivar
daquilo que pode te esmorecer.

Este jeito capoeirano de ser
importante para educação.
En-sina e divide os saberes
fundamentais para a constituição
de pessoas autônomas e livres
que não aceitam a submissão.

E também faz a atenção
para as estratégias tomadas
questiona-se a atitude
se é realmente adequada
a cada situação adversa
que está apresentada.

Seguindo esta entoada,
o problema não é um problema.
Pode ser situação inusitada,
pode até causar dilema,
mas vivencia-se plenamente,
“deixa a vida me levar” é meu lema.

A teimosia da vida que pulsa, acende a chama
que ilumina e aquece.

Questiona a forma tradicionalista
que na escola ainda aparece.

Propõe seus jeitos e trejeitos
e reeduca pais e mestres.

Assim, a ideia que se tece
também pode questionar
as práticas de movimentos
de luta política, social e popular.

Pensando nas estratégias
que comumente não se tomam.

Existem modos de atuar
que parecem estar defasados.
É verdade que foram importantes
e tiveram conquistas no passado.
Porém perderam sua força
talvez por terem sido cooptados.

O que a Capoeira tem ensinado
é que as estratégias de luta
não podem ser enferrujadas,
é preciso lubrificar as juntas.
É treinando, praticando e jogando
que as estratégias se transmutam.

Vejo em discurso dos *trutas*¹¹⁶
uma certa alienação,
por estratégias legalistas
e formas burocratizadas de organização.
Deixam de lado nosso modos
peculiares de atuação.

Pensamos nesta reflexão,
que a obediência como ato de ouvir
pode en-sinar aos movimentos
quem sabe um outro devir,
mais potente na mobilização
que é preciso construir.

Já cansamos de assistir
a decadência desses movimentos.
Entre eles posso citar
uma parcela do movimento negro.
Que se burocratizou de tal forma
a distanciar-se do povo preto.

Embora tenham seus acertos
e conquistas importantes,
parecem capturados pela burocracia
e estabilidade profissionalizante.
Se a luta no campo legal era um meio,
tornou-se um fim ter cargo importante.¹¹⁷

¹¹⁶ Companheiros, camaradas, colegas, etc.

¹¹⁷ “Em 10 anos a Campanha Reaja escreveu a teoria geral do fracasso: Porque, se sucesso é fazer Promoção da Igualdade, se sucesso é sentar com o inimigo diante do sangue do nosso Povo, se sucesso é ficar fazendo essa política que se tem feito em nome de negros e negras nesse país. Nós preferimos o fracasso de enfrentar o terror nas ruas” (Dr. Hamilton Borges Walê, em pronunciamento no ato de 10 anos da Campanha “Reaja ou será Mortalo”).

E se esquecem como antes
o movimento era comunal.
Nasceu do chão da comunidade
desde o tempo do ancestral.
Que constituíram seus quilombos
sem depender da via legal.

O modo organizacional
da proposta quilombista
me lembra antigas estratégias
de legiões capoeiristas
que se fecharam em comunidades
negando a imposição colonialista.

Não podemos perder de vista,
que a integração social
foi estratégia importante
para se chegar ao ponto atual,
de conquistas do povo preto
inclusive no campo educacional.

De um modo geral,
se vê o crescimento da entrada
de jovens negros nas universidades
trilhando uma nova estrada.
Uma nova geração de intelectuais
que também precisa ser questionada.

Que fique bem entendido essa levada
que estamos problematizando
a quem servirá o conhecimento
que nossa geração está elaborando?
Ou o objetivo maior
é obter o diploma no fim do ano?

O princípio capoeirano
de olhar e ouvir a comunidade,
implica num compromisso
na luta por liberdade
e erradicação do racismo
de toda a sociedade.

Em nome da ancestralidade,
nossos modos organizacionais,
nossos termos africanos
nossas filosofias originais,
são a base e o norte
para se conquistar mais.

As ensinanças dos ancestrais
nos pede o compromisso.
De um retorno constante
ao nosso povo ainda aflito.
Por uma construção real
como propõe o quilombismo

Ou seja, resumindo
fazer a escuta é considerar a alteridade.
Obedecer os ensinamentos
para fortalecer a comunidade.
Agir com princípios éticos
sem se esquecer da ancestralidade.

Acreditamos de verdade
que para isso é fundamental,
uma práxis libertadora
no campo educacional.
É o que a capoeira ensina
em sua base ancestral.

Me lembro daquele pessoal
que lutou contra a escravidão.
Muitas vezes sofreram calados
e beijavam a mão do patrão.
Daí nasceu um golpe violento.
A sola do pé no peito, se chama: Benção.

Aqui faço a atenção:
Ficar calado não é ficar quieto.
Suportar às chibatadas nas costas
também é resistência, é certo.
O plano se faz na surdina
com o inimigo sob o mesmo teto.

Um ataque direto
pode expor o atacante.
É melhor se aproximar do inimigo
quando ele nos quiser distantes.
Malemolência pra lá e pra cá,
esperando o melhor instante.

Outra coisa importante
é que o contra-ataque
nem sempre precisa ser na hora
em que receber o baque.
Melhor ter calma e paciência,
preparar para abrir o seu leque.

Ouvir o som do atabaque
pedir força aos ancestrais.
Não é só ato religioso
é ato político e muito mais.
A resistência das nossas comunidades
atravessou o tempo até os dias atuais.

Acontece que a matança está demais
e o revide é urgente, na hora.

Agimos na precariedade
sempre buscando melhora,
por isso acreditamos numa educação
capoeirana, dentro e fora da escola.

Falo do fundamento da Capoeira Angola
que en-sina a resistir e lutar
e a se preparar para a guerra,
estudando e praticando sem parar.
Pois “quem não pode com a mandinga
não carrega o patuá”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro. **Memórias do Recôncavo: Besouro e outros capoeiras**. Direção de Pedro Abib; Doc Doma Filmes; Bahia, 2006.

ABREU, Frederico José de. Capoeiras. – **Bahia, séc. XIX: imaginário e documentação**. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005. v. 1.

ALCORÃO. Português. **Alcorão sagrado** /coordenação e organização: Folha de S. Paulo ; tradução: Samir El Hayek. - São Paulo : Folha de S. Paulo, 2010.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, pp. 95-103, jul./dez. 2013

ANJOS, Mestre Paulo dos. **Capoeira Da Bahia**. Vinil. LP. Manaus. Sonopress Ritmos da Amazônia. 1991.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX**. [dissertação]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

ARAÚJO, Paulo Coêlho de. **Capoeira : novos estudos (abordagens sócio-antropológicas) 1956-2005**. Juiz de Fora : Notas & Letras. 2005.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu Mestre! A Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa**. Tese de doutoramento. São Paulo. Faculdade de Educação da USP, 2004.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **É Preta Kalunga: A Capoeira Angola como Prática Política entre os Angoleiros Baianos – Anos 80-90** – Salvador. Fundação Gregório de Mattos. 2015.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1983.

ARISTÓTELES. Roberto Leal Ferreira. **A política**. Martins Fontes. São Paulo. 1991.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade – A teoria da mudança social**. Afrocentricity International. Trad. Ana Monteiro-Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia. 2014.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig & PEÇANHA, Cinésio Feliciano. A dança da zebra. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 3. N. 30. Março. Páginas 14 – 21. Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. 2008.

BAKUNIN, Mikhail Alexandrovitch. 1814-1876. **Deus e o Estado**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. - São Paulo : Imaginário, 2000.

BÍBLIA. **A Bíblia sagrada: contendo o Velho e o Novo testamento**. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, Utah, EUA. 2015.

Disponível em:

<https://www.lids.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

BIKO, Stephen Bantu. **Eu Escrevo o Que Eu Quero**. Rio de Janeiro. Editora: Ática. 1990

BOGDAN, Robert C. **Pesquisa qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal. Editora Porto. 1994.

BRASIL. LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> acesso em: 20 nov. 2016.

BRETAS, Marcos Luiz. “O império da navalha e da rasteira: a República e os capoeiras”. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro, n. 20, 1991.

BURLAMAQUI, Aníbal. **Ginástica nacional (capoeiragem) metodizada e regrada**. Rio de Janeiro: Ed. do autor. 1928

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. **Caderno de criação ano VI**, nº19, agosto - porto velho 1999. Disponível em: <<http://www.albertolinscaldas.unir.br/transcriacao.html>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

CANJQUINHA, Mestre. **Canjiquinha – Eu sou a alegria da Capoeira**. Editora A Rasteira. Salvador. 1989.

CARDOSO, Cristina. Mestre Gato: um berimbau de ouro. Fotos de José Cavalcanti. In: **Diário de notícia**. Salvador. 1970. Disponível em: <<http://velhosMestres.com/br/gato-1970-1>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARDOSO, Nadia. **Movimento Negro pós-70: a educação como arma contra o Racismo In: Juventude Negra Mobilizando-se por Políticas de Afirmação dos Negros no Ensino Superior**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Da Bahia, Salvador, 2006.

CARNEIRO, Édison. **Negros Bantus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1937.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado em Filosofia da Educação, USP, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos** vol.9 no.19 Universidade Luterana do Brasil – Brasil. Porto Alegre July 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100012>>. Acesso em: 10 out. 2016

CARVALHO, Marco. **Feijoada no paraíso: a saga de Besouro, o capoeira**. Record. Rio de Janeiro. 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore Brasileiro**. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 1967.

COUTINHO, Daniel. **O ABC da capoeira Angola. Os manuscritos de Mestre Noronha**. Brasília: Defer. 1993.

CUNHA, Pedro Figueiredo Alves da. **Capoeiras e Valentões na história de São Paulo (1830-1930)**. São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Universidade de Paris. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira Revisão técnica de Fernando Scheibe. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

DIAS, Adriana Albert. **Mandinga,manha & malícia – uma história sobre os capoeiras na cidade da Bahia (1910/1925)**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2004.

DIAS, João Carlos N. de S. N. **Corpo e gestualidade: o jogo da capoeira e os jogos do conhecimento**. São Paulo: Annablume, 2012.

DIOP, Cheick Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.) **História Geral da África, vol. II: A África Antiga**. São Paulo: Ática; Unesco, 1983.

Disponível em:

<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratic_a_liberdade.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. “Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku”. In: SECAD/MEC. (Org.) **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.o 10.639/03**. 1 ed. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO - Coleção Educação para Todos, v. 1, 2005.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Arqueofilia: o vestígio na prática arqueológica e junguiana**. In: Marcos Callia; Marcos Fleury de Oliveira. (Orgs.). Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique. São Paulo: Paulus, p. 125-182, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. pp.57-76. 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e terra. Rio de Janeiro. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GARCIA, Victor Alvim Itahim. **Histórias e Bravuras de Besouro o valente capoeira**. Abadá Edições. Rio de Janeiro. 2006.

GOMES, Fabio José Cardias. **O pulo do gato preto: estudo de três dimensões educacionais das artes-caminhos marciais em uma linhagem de capoeira angola**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HAMA, Boubou & KI-ZERBO, Joseph. **Tempo mítico e tempo histórico na África**. In: O Correio da UNESCO, ano 7(10/11):12-16, Rio de Janeiro, 1979.

HAMA, Boubou & KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África, I. Metodologia e Pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/this-office/single-view/news/general-history-of-africa-collection-in-portuguese-pdf-only> > acesso em: 1 mai 2017

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A palavra, memória viva na África**. In: O Correio da Unesco, ano 7(10/11):17-23, Rio de Janeiro, 1979.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. África um continente artístico. In: **Correio da Unesco**, ano 5. Rio de Janeiro. 1977.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os dias**. Tradução: Mary de Camargo Neves Lafer. Ed. Iluminuras. São Paulo. 1996.

HOUAISS, Antônio, 1915-1999. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2009. Disponível em: <<https://soundcloud.com/dorado-cajueiro/entrevistas-sobre-a-vida-do-1>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumba no Pará republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 187-206, julho/1999 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

MACHADO, Vanda. **Àqueles que têm na pele a cor da noite: ensinâncias e aprendizagens com o pensamento africano recriado na diáspora**. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Tese de doutorado, 2006.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **Anais VI ENECULT. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura** - 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MANDELA, Nelson. **Habla Nelson Mandela**. Ciudad de la Habana, Cuba. Editora Política. 1987.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 2004, Bauru. A

pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: ESC, 2004. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2016.

MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008.

MORAIS FILHO, Alexandre José de Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Salvador. 1901.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto. 1988.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, (Coleção Viver, Aprender) 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O negro revoltado**. Org. e Apres. Abdias do Nascimento. 2ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo – Documentos de uma militância pan-africanista**. Ed. Vozes. Petrópolis. 1980.

NEGRO, Antônio L. SOUZA, Evergton S., BELLINI, Lígia. **Tecendo histórias; espaço, política e identidade**. EDUFBA. Salvador. 2009.

N'KRUMAH, Kwame. **A luta de classes em África**. Lisboa. Livraria Sá de Costa Editora. 1977.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente**. 3.ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2003. 188 disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/164472017/Cosmovisao-Africana-no-Brasil>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afrobrasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

PASSOS, João Luis Uchoa de Figueiredo. Música, corpo e jogo na performance da capoeira brasileira. Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, Brasil Performa – **Conferência Internacional em Estudos em Performance Universidade de Aveiro**. 2009. Disponível em: <http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2009/26_Jo%C3%A3o_Luis_Uchoa.pdf>. Acesso em: 30 de ago. 2017.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Os Manuscritos do Mestre Pastinha**. Disponível em: <<https://portalcapoeira.com/download/os-manuscritos-do-mestre-pastinha/>> Acesso em 16 abr. 2016

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**. Salvador: Fundação cultural do Estado da Bahia. 3ª ed. 1988.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa perspectiva historiográfica. **Cadernos de pesquisa**. N. 114, pp. 179-195. Novembro/2001.

PIRES, António Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá. Três personagens da capoeira baiana**. Goiânia/Tocantins: UFT, 2002.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. O capoeira Besouro Mangangá: Alguns aspectos culturais do recôncavo da Bahia. In: **Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade**. Org. GODINHO, Luís Flávio R. SANTOS, Fábio Josué S. BRANDÃO, Maria de Azevedo. Ed. CIAN. Amargosa. 2007.

PLATÃO. **Diálogos; Eutífron, ou, Da religiosidade ; Apologia de Sócrates ; Críton, ou, Do dever ; Fédon, ou, Da alma**. Platão. - São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PROUDHON, Pierre Joseph. **O que é propriedade**. 2ª Ed. Lisboa. Editorial Estampa, 1975. Disponível em: <<https://anarquismopiracicabaeregiao.files.wordpress.com/2010/02/proudhon-o-que-e-a-propriedade.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2016.

QUERINO, Manuel. **A Bahia d'outrora**. Salvador: Progresso, 1916.

REGO, Valdeolir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio Etnográfico**. ("Coleção Baiana"). Salvador: Editora Itapoã, 1968.

REIS, Letícia Vidor. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil. 1997.

REIS, Vilma. **Atucaiados pelo Estado: As políticas de Segurança Pública Implementadas nos Bairros Populares de Salvador e as Representações dos Gestores sobre Jovens-Homens-Negros, 1991- 2001**. Dissertação de Mestrado. Salvador, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da FFCH/UFBA, dezembro de 2005.

ROSA, Allan da. **Pedagoginga, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANKOFA - **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política** – Número XII, Ano VI, Dezembro. São Paulo, NEACP, 2013
Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sankofa/issue/view/6859/1691>> Acesso em: 20 nov. 2017

SANTOS, Marcelino dos. **Capoeira e mandingas: Cobrinha verde**. Salvador. A rasteira. Salvador. 1991.

SANTOS, Teobaldo. Maculelê, capoeira e samba de Mestre Gato. In: **Correio Braziliense**, Brasília. 23 de março, 1969. Disponível em: <<http://velhosMestres.com/br/gato-1969-1>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Os eternos valores culturais da África. In: **Salve 13 de maio?** Grupo de trabalho para assuntos afro brasileiros. São Paulo. Secretaria da Educação, 1988.

SILVA, Eusébio Lôbo de. **O corpo na capoeira: breve panorama: estória e história da capoeira**. Campinas: Unicamp, 2008.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações da família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial (1850-1890)**. Rio de Janeiro: Access. 1999.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988a.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati. 2002.

SÓFOCLES. **Édipo Rei – texto completo**. Série: Biblioteca de ouro da literatura universal ; v. 9. Santiago : Sociedade Comercial y Editorial Santiago : Ed. América do Sul. 1988.

SPINDOLA, Thelma e SANTOS, Rosangela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisadora **Rev. Esc. Enferm. USP**. São Paulo. 2003; 37(2):119-26. São Paulo: Imaginário, 2001.

SPOCK, Roger. Mestre Gato Preto, a voz da experiência. In: **Revista Capoeira** n. 04, ano II. Entrevista: PÁGINAS 08 A 11, s/d. 1999.

THOREAU, Henry David. **Desobediência Civil**. São Paulo. Pinguim e Companhia das letras. 2012.

TORAL, André Amaral de. **A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai**. Estudos Avançados [online]. 1995, vol.9, n.24. pp.287-296. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 fev. 2017

VALE, Elis Regina Feitosa do. **Capoeira em verso e prosa: imagens da força matrial afro-ameríndia em literaturas da capoeira angola**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. USP.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro Cordão de Ouro: o capoeira justiceiro. Fortaleza**. Edições UFC, 2009.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. **FILOSOFIA UBUNTU**. In: LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, p. 100-112, mar./ ago. 2017. 103. Disponível em: <
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:RVs0uDd3klQJ:revista.ibict.br/fiinf/article/download/3841/3181+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acesso em: 20 nov. 2017

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de jovens e adultos**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Disponível em: <
https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em: 25 mar. 2016

ANEXO IINSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Capoeira, desobediência e educação

Pesquisador: MARCIO CUSTODIO DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61867016.8.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.867.297

Apresentação do Projeto:

Trata-se da pesquisa de mestrado do aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Márcio Custódio de Oliveira, sob orientação da Profª Drª Débora Cristina Fonseca, intitulada: "Capoeira, desobediência e educação".

Objetivo da Pesquisa:

Segundo as IBP e o projeto de pesquisa, o objetivo do mesmo é:

"Analisar o que é desobediência e seu potencial educativo, na visão de mestres de Capoeira da atualidade".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com IBP:

"Riscos:

Possível constrangimento a partir de alguma pergunta ao participante devido ao fato de se tratar de relatos da trajetória de vida e poder suscitar lembranças desagradáveis. Outro risco se refere ao possível constrangimento diante da filmagem das entrevistas para registrar as falas e gestos. Porém, caso o participante não aceite essa forma de registro outra opção pode ser por anotações feitas pelo pesquisador e/ou um (a) auxiliar,

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.867.297

quando necessário. As entrevistas poderão ser realizadas em ambiente de escolha própria do participante, onde se sinta mais a vontade.

Benefícios:

Essa pesquisa mostra-se importante para contribuir com: a difusão de conhecimentos construídos e preservados pelos mestres de Capoeira, que muitas vezes ficam restritos aos praticantes desta arte. Deste modo, trazer para o campo acadêmico as vozes daqueles que cumprem um papel de educadores da cultura afro-brasileira é reconhecer e valorizar estas pessoas que ao longo da história de nosso país foram excluídos dos espaços formais de produção de conhecimento, e que ainda assim, conseguiram consolidar uma prática cultural e educacional que hoje está difundida em mais de cem países, em todo o mundo".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Procedimentos metodológicos indicados nas IBP:

"A primeira etapa será um levantamento revisão bibliográfica onde buscaremos ampliar nossas fontes teóricas e nos aprofundar no entendimento dos conceitos de desobediência, educação emancipadora e, fundamentalmente, paradigmas teóricos da cosmovisão africana no Brasil, que será a base de pensamento deste estudo. A segunda etapa será a coleta de dados dividida em dois momentos, o levantamento documental e as entrevistas. À princípio, faremos um levantamento de diversos materiais que contenham narrativas ancestrais sobre lendários capoeiras, estes materiais são documentos informais como livros literários em verso e prosa, cantigas de Capoeira e músicas brasileiras, teatros e filmes. Nesta sequência, o segundo momento da 2ª etapa da pesquisa consistirá na realização de entrevistas com os mestres da atualidade questionando as possíveis influências dos atos de desobediência dos lendários capoeiras em sua formação e em sua trajetória enquanto educadores da cultura popular, a fim de compreender os significados que eles atribuem as questões ligadas a desobediência, nas relações com as instituições e as autoridades. Portanto, faremos uma entrevista semi-estruturada fenomenológica, ou seja, será dada ênfase às descrições do fenômeno, neste caso, as práticas e situações de desobediência na trajetória dos mestre da atualidade que entrarão em diálogo com as narrativas ancestrais".

- Participantes: 4 mestres de capoeira

- A coleta de dados prevista de abril a junho de 2017.

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.867.297

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sobre o TCLE:

- a) Apresenta o objetivo da pesquisa, nome e RG do pesquisador e da orientadora;
- b) Apresenta os riscos da pesquisa, bem como o que será feito para minimizá-los;
- c) Indica os benefícios da pesquisa;
- d) Indica como acontecerá a coleta de dados, filmagem e apresenta uma opção para o registro da entrevista caso o participante não aceite a filmagem;
- e) Garante o sigilo da identidade do participante, assegura o direito do mesmo em desistir da pesquisa sem nenhuma penalidade;
- f) Indica que o participante não terá despesas nem remuneração para participar da pesquisa;
- g) Finaliza o TCLE convidando o participante a assinar duas vias, indicando que uma ficará com ele e a outra com os pesquisador;
- h) Apresenta os dados de contato do pesquisador, da orientadora e do CEP.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP REFERENDA O PARECER DO RELATOR:

"Sugiro aprovação pelo CEP".

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO
CLARO/UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.867.297

pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_817784.pdf	09/11/2016 17:27:22		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	09/11/2016 17:17:35	MARCIO CUSTODIO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	roteiro.doc	09/11/2016 17:10:57	MARCIO CUSTODIO DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	09/11/2016 17:09:18	MARCIO CUSTODIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	09/11/2016 17:08:56	MARCIO CUSTODIO DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 14 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Flávio Soares Alves
(Coordenador)

Endereço: Av.24-A n.º 1515

Bairro: Bela Vista

CEP: 13.506-900

UF: SP

Município: RIO CLARO

Telefone: (19)3526-9678

Fax: (19)3534-0009

E-mail: cepib@rc.unesp.br

ANEXO II

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

Eu, Marcio Custódio de Oliveira, na condição de aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (UNESP-Rio Claro), RG 32.109.350-1 – SSP/SP, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, venho por meio deste documento convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: “Capoeira, desobediência e educação”.

Esta pesquisa tem como principal objetivo: Analisar o que é desobediência e seu potencial educativo, na visão de mestres de *Capoeira* da atualidade.

Sua participação nesta pesquisa acontecerá por meio de entrevistas. Estas entrevistas serão feitas a partir de um diálogo sobre sua trajetória de vida, sua vivência no universo da capoeira e sobre os lendários capoeiras, referencias para todos os praticantes desta arte. Assim, abordaremos algumas questões referentes a figuras como Besouro Mangangá, Cobrinha Verde e outros, sobre as rebeldias destes personagens, e sobre a temática da desobediência, de como ela aparece na sua trajetória. Pretendemos filmar estas entrevistas para registrar as falas e gestos. Porém, caso você não aceite essa forma de registro outra opção pode ser por anotações feitas pelo pesquisador e/ou um (a) auxiliar, quando necessário. As entrevistas poderão ser realizadas em ambiente de sua própria escolha, onde se sinta mais à vontade para termos esta conversa.

Os riscos para o participante desta pesquisa são mínimos, caso ocorra situações em que você se sinta desconfortável ou incomodado diante de alguma pergunta, pedimos que manifeste seu incomodo de modo que possamos reverter esta situação. Em todo caso, você poderá deixar de responder qualquer questão, bem como, desistir de sua participação a qualquer momento sem prejuízo algum. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

Essa pesquisa mostra-se importante para contribuir com: a difusão de conhecimentos construídos e preservados pelos mestres de *Capoeira*, que muitas vezes ficam restritos aos praticantes desta arte. Deste modo, trazer para o campo acadêmico as vozes daqueles que cumprem um papel de educadores da cultura afro-brasileira é reconhecer e valorizar estas pessoas que ao longo da história de nosso país foram excluídos dos espaços formais de produção de conhecimento, e que ainda assim, conseguiram consolidar uma prática cultural e educacional que hoje está difundida em mais de cem países, em todo o mundo.

Novamente reforçamos que é seu direito desistir da participação nesta pesquisa em qualquer etapa e por qualquer motivo sem qualquer prejuízo.

Informamos e asseguramos que caso deseje sua identidade será mantida sob sigilo e os resultados construídos serão utilizados apenas para atingir objetivos científicos. Em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo você será identificado. Por outro lado, se for de seu interesse poderemos referenciá-lo todas as vezes que trechos de sua entrevista forem publicados, conforme assegura a resolução 510/2016 do CNS. Caso você tenha dúvidas, poderá obter maiores esclarecimentos com o pesquisador nos dados de contato abaixo informados. Os dados estarão disponíveis no final do documento.

Destaca-se que você não receberá remuneração para contribuir com esta pesquisa, bem como não terá despesas.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Local/data _____, ____/____/_____.

Assinatura do Pesquisador Assinatura do participante da pesquisa e
Responsável RG

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “Capoeira, desobediência e educação”.

Pesquisador Responsável: Marcio Custódio de Oliveira.

Cargo/função: aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Rua Oswaldo Cruz, n. 265 – CEP: 13.601-252

Bom Jesus do Pirapora – Araras – SP

Dados para Contato: fone (19) 997650753 - e-mail: marcio7folhas@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento _____ de

Identidade: _____

Sexo: _____

Data de Nascimento: ____/____/_____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO III

Questões para a entrevista

- I. Poderia falar um pouco sobre sua trajetória como mestre de Capoeira?
- II. O que a Capoeira significa na sua vida?
- III. Qual o papel dos velhos mestres e *lendários capoeiras* na sua trajetória?
- IV. Nesta perspectiva, poderia falar especificamente de Besouro Mangangá?
- V. Pode-se dizer especificamente que as rebeldias e desobediências destes *capoeiras* do passado, no tempo da escravidão e período pós-abolição, refletem na sua formação de mestre? Como?
- VI. Como foi sua relação com as instituições (polícia, igreja, emprego, escola, família) e autoridades (policia, padre, patrão, professor, pais) ao longo da sua vida?
- VII. O aluno de Capoeira deve ser obediente? Como lidar com alunos desobedientes?
- VIII. Podemos aprender algo com esses alunos?
- IX. O que é desobediência? Qual o significado da desobediência na sua opinião e o que ela representou na sua trajetória?
- X. É possível dizer que a desobediência pode contribuir na formação de uma pessoa com opinião crítica? Ou melhor, podemos dizer que através da desobediência podemos promover uma educação emancipadora?